Lêdo Ivo



Confissões de um Poeta



[Aca]demia Brasileira de Letras



TOPBOOKS

Publicado pela primeira vez em 1979, *Confissões de um poeta*, de Lêdo Ivo, é, sob muitos aspectos, um livro único na literatura brasileira, embora nos remeta a duas outras obras que não se diriam propriamente congêneres, mas que de certa forma se tangenciam do ponto de vista da genealogia espiritual: o *Itinerário de Pasárgada* (1954), de Manuel Bandeira, e a *Biographia Literaria* (1817), de Samuel Taylor Coleridge. É bom lembrar, todavia, que, neste último caso, o que ocupa a cena é antes uma meditação de ordem teórica e filosófica sobre os fundamentos conceituais da criação literária. Mistura heterodoxa e arbitrária de memorialismo, poesia, prosa de ficção e pensamento aforismático, *Confissões de um poeta*, deste poeta que celebra agora oitenta anos de vida e quase outros tantos de poesia, é uma obra que nos instiga a compreender e avaliar não apenas o ambiente literário em que se desenvolveu o processo de criação do autor, mas também boa parte do que se escreveu entre nós durante toda a segunda metade do século passado, ainda que filtrado pela ótica pessoal, transgressora e irreverente do poeta, que aqui se define não tanto como alguém que escreve uma obra, mas como aquele que é escrito por ela.

Há duas coisas, em particular, que nos interessam mais de perto nestas *Confissões*. Primeiro, a extraordinária nitidez das lembranças que guardou o autor de sua infância em Maceió, cujos episódios são narrados com espantosa e microscópica riqueza de detalhes, e não raro com agudo lirismo e vívida malícia. Não sei de escritor que se recorde tanto, e com tanta minudência, de sua distante e enevoada infância quanto Lêdo Ivo. Qualquer acontecimento, por ínfimo que seja, salta dessas páginas como se ocorrido ontem. Na verdade, o poeta cumulou um tesouro inestimável, ou seja, o dos mais remotos e indeléveis estratos de sua formação como ser humano, e é dessa matriz que se nutre o homem de letras Teseu do Carmo, esse alterego a cujo olhar atento e penetrante nada escapa, seja um mendigo do Central Park, um cego das ruas de Chicago ou os velhos bêbedos dos bares imundos da Bowery, seja uma gaivota que sobrevoa o farol ou um louva-deus que ele encontrou entre a porta de seu apartamento e o elevador. E tais minúsculos episódios ou criaturas anônimas, que em si nada têm senão de incidentais, é que lhe fornecem a matéria-prima para suas digressões, ora líricas, ora mordazes, sobre a condição humana, a vida literária, a arte, a poesia, o estilo, a linguagem, as doutrinas estéticas, as glórias e as misérias desse "bicho da terra tão pequeno", como um dia o chamou Camões.

CONFISSÕES DE UM POETA

1ª edição: 1979

Revisão técnica e Caderno de fotos
Christine Ajuz

Revisão
Daniela Ferrari

Editoração e fotolitos
Eduardo Santos

Capa
Adriana Moreno

TOPBOOKS EDITORA E DISTRIBUIDORA DE LIVROS LTDA.
Rua Visconde de Inhaúma, 58 / gr. 203 — Rio de Janeiro — RJ
CEP: 20091-000 Telefax: (21) 2233-8718 e 2283-1039
www.topbooks.com.br / topbooks@topbooks.com.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

Il aborda l'île qu'on rencontre parfois ne la cherchant point et
qu'on ne peut jamais trouver la cherchant...

VICTOR HUGO

I

O VENTO VAGABUNDO

Não estimo os analistas, psicanalistas e todos aqueles que, movidos por intenções terapêuticas, se debruçam sobre os males das almas, despojando as criaturas do que elas possuem de mais secreto e substancial, que são as suas neuroses e obsessões, sonhos e pertinácias, e reduzindo-as a piscinas vazias. Mas, naquela noite em Portland, no Oregon, a conversação, na acolhedora casa estrangeira, enobrecia-se de observações e confidências a respeito da avariada natureza humana. Um vento vindo do Alasca me farejava como um cão glacial. Então, contei a um especialista atento o sonho que me segue, ou persegue, desde a infância.

Contei o meu sonho com a ressalva inicial de ignorar se nascera da realidade ou transvagara do sono para a vida aberta. Nesse sonho, que se repete sob incontáveis variações, como o motivo condutor de uma composição musical, sou uma criança ou um homem à procura de algo que jamais será encontrado, uma vez que desperto sempre nos arredores da descoberta. Um episódio da meninice, decerto real, nutre-o: aquela noite em que, numa feira, me perdi de meu pai e, em prantos, vivi minutos de aflição, enquanto à minha volta os carrosséis corriam e as luzes da roda-gigante fulguravam entre lágrimas. O instante dramático se multiplica, na memória adúltera que guarda e reinventa. Menino, mais uma vez me encontro perdido na festa

ruidosa, entre rostos permutáveis que me fixam ou passam sem me dar atenção. Estou num jato, sobrevoando Nova Iorque, mas Nova Iorque não existe. Vagueio entre ruas barrocas; contemplo palácios de vidro que protegem os gestos infalíveis de burocratas diáfanos; acerco-me dos navios apodrecidos nas alagoas natais, sob a imprecação das gaivotas perturbadas pela minha curiosidade; subo escadas em espiral que me conduzem à torre troncônica do farol que iluminou minha infância. Mas quando presumo estar prestes a atingir o que busco — um lugar, uma mulher, uma concha, a metáfora que consagra a abolição da morte — minha mão levantada é a de alguém que acorda, no gesto desconsolado de afastar a treva prematura.

O doutor em almas humanas acolheu o meu sonho e me surpreendeu com o seu diagnóstico. Ao contrário de eventuais passantes, sempre inclinados a interpretá-lo como um parto reiterado da incerteza e da insegurança, viu nele a obsessiva nota íntima de uma busca.

O meu sonho significava a luta de um homem à procura de sua própria personalidade. A seu ver, eu não era uma criatura perdida ou insegura, ou extraviada do Pai Celestial (hipótese de um amigo católico), e sim o ser que se busca a si mesmo. A sentença, exata ou falaz, esclarecia um dos problemas que mais me perturbaram, desde a adolescência até a maturidade: o dos meus limites.

Ao chegar ao Recife, para as primeiras aventuras literárias, o que mais me impressionou foi a limpidez das divisas estéticas de um iniciante que haveria de ser um dos grandes poetas de nossa língua. João Cabral de Melo Neto começava e terminava nitidamente. Tudo, nele, ostentava a clareza e a exatidão de uma faca. Decerto na *faca só lâmina* de sua lucidez contundente havia o brilho de uma insânia mallarmaica, que o obrigou, certa feita, a um isolamento de onde contemplava "jardins enfurecidos". (É estranhável, aliás, que os seus incontáveis críticos e exegetas não se tenham detido, ainda, diante dessa face visionária do poeta que celebrou "a serventia das idéias fixas", preferindo singrar só uma de suas *duas águas*). Mas voltemos ao

momento daquele primeiro encontro de dois jovens poetas que, precisamente porque eram diferentes e antagônicos, com as suas estéticas que se repeliam e se desencontravam, podiam caminhar juntos. Enquanto João Cabral mantinha as suas alucinações sob o controle de um alvo sol de aspirina, dosava-se a si mesmo, e conhecia a extensão de seus tesouros, produzindo poemas como o cata-vento produz água, eu era todo incerteza e turbilhão, abundância e desperdício, seqüestrado por um turbilhonante mim mesmo desprovido de setas e contornos.

Eu temia que os meus dons eventuais me extraviassem. À minha roda, não eram poucos os que me estampilhavam de *derramado* e viam com mau olho o meu futuro poético. Era preciso contestar o canto matinal, vigiar o importuno visitante nativo, represando as águas tumultuosas da vocação e convertendo a torrente em usina — ou mesmo, quem sabe?, numa estação central.

Hoje, costumo perguntar-me se o consegui, já que os críticos mais judiciosos, semelhantes aos exploradores que se contentam com a ponta do aicebergue, amam aludir em mim ao virtuosismo e à perícia formal. E me interrogo também se essa façanha — talvez guiada menos pela vontade sequiosa de afirmação do que pelo instinto criador que, ao longo da vida, vai mudando o abstrato em concreto — não terá erradicado alguns segmentos valiosos ou, estancando fontes vivas, imposto silêncio a uma alta verdade que só poderia ser dita através do abuso e do excesso. Penso, às vezes, que na flor invisível que seguro faltam algumas pétalas, que eu não soube proteger da intempérie. Tenho saudades do que não fui, do que deixei de ser.

Minha ambição, na manhã dos primeiros versos tortos e da prosa gaguejante, era criar um recipiente formal que me contivesse por inteiro, em uma melodia durável. Eu era conclamado a estabelecer o espaço de minha inteireza sem o sacrifício das máscaras desejosas de exibir-se, de todos os eus que se sucedem com as suas imprecisões prestigiosas e metafísicas engendradas pela brisa, de todas as letras do amor e da alegria.

Terei cumprido a minha promessa? É o que pergunto às estátuas da noite, ao vento vagabundo e às colinas, aos emble-

mas do dia, à vaga transgressora que desafia a desordem belíssima do mar.

Em vez de acalmar-me, com as suas perguntas, a vida me juncou de interrogações. Assim, não pertenço à linhagem dos que têm resposta para os seus semelhantes. Antes, sou da família espiritual dos que só têm perguntas e, com a sua constelação de incertezas íntimas, só sabem indagar e semear dúvidas.

Na festa rumorosa das letras e da vida, sou de novo o menino perdido e reencontrado, que se procura a si mesmo entre rostos indiferentes, certo de que só essa busca terá o poder de transformá-lo em linguagem.

II

O MENINO REENCONTRADO

De manhã, vou andando por um caminho, entre pequenas árvores e touças de capim. Sou invisível; leva-me um vento que não sinto soprar. De repente, encontro um menino, e nele me reconheço, em seus cabelos castanhos, no rosto moreno e nos olhos cheios de lágrimas. E todo esse passado que ora ressurge cabe dentro de uma dessas pequenas lágrimas perdidas, que o vento azul da manhã de há muito secou, como se fosse vento de salina, alado artesão de cristalografias. Habituado por ofício a sonhar a realidade, vou atrás dessa lágrima e desse sonho. Ao pranto sem amargura do menino, presa de uma decepção momentânea, contraponho — eu, o espectador da brisa, o testemunho inafastável — o tempo então vindouro e sucessivo, em que nenhum orvalho de lágrimas seria necessário para anunciar o sabor dos dias.

O menino chorava porque, indo para a escola, pisara, inadvertidamente, num montículo indesejável, pois o caminho era marchetado pelos excrementos de bois e vacas que ali pastavam como plácidas figuras de sua própria cartilha escolar. Seus olhos castanhos, contemplando os sapatos sujos, enchiam-se de lágrimas. Debalde Ana tentava consolá-lo. Não concebendo o acaso, e talvez achando que o mundo deveria ser uma imensa harmonia, ele jogava contra a manhã o seu protesto.

Esta é uma das primeiras lembranças de minha infância. Junta-se, no perdido baralho da memória, a outros episódios.

Estou subindo a uma árvore, no jardim da casa em que nasci, e envolve-me uma confusa sensação de queda; num anoitecer, estou sentado no oitão, e Ana me conta a história da mocinha enterrada pela perversa madrasta, e canta *Jardineiro do meu pai*... E agora, neste instante, vem-me a certeza de que esta cena em que ouço uma história é a mais remota de minha meninice e, acompanhando-me pela existência afora, se tornou o misterioso símbolo crepuscular de que a vida é uma história que, viventes, vamos contando a nós mesmos e aos outros. Decerto, na história da moça enterrada, e cujos cabelos verdes brotaram da terra como uma planta, testemunhando crime e injustiça, está a raiz fantástica desse amor e dessa curiosidade pela fabulação que me vieram seguindo (como o vento segue a gente na praia), e fizeram de mim um reiterado consumidor de tudo quanto era relato, enredo e intriga, insaciável devorador das histórias da carochinha, dos contos de fada, das aventuras dos piratas. E esse mágico papel impresso me levava aos países imaginários — os únicos que, castamente deitados sobre o mapa eternamente desdobrável, jamais nos decepcionam.

Do mais fundo de minha infância, vem esse largo e irrejeitável horizonte feito pela imaginação. Bastava-me construir, num dia de chuva, alguns navios de papel, para vê-los partir rumo a terras maravilhosas. Bastava-me conseguir um livro qualquer e nele me refugiar para que outro tempo, jamais caseiro, me jungisse ao seu claro reino. À noite, antes de dormir, eu arquitetava as minhas histórias. Das sobras do dia gasto, dos retalhos refugiados pelo varejo dos instantes, eu ia extraindo os fios de que carecia para tecer o meu tapete ilusório. E dirigia vidas e destinos, dava à realidade banal um colorido faustoso, sentia-me o senhor absoluto de um império íntimo, até que o sono vinha e, com a sua borracha invisível, apagava os borrões canhestros e ambiciosos da criação, e me fazia de novo participante de outro mundo caprichoso e ilógico.

Foi assim toda a minha meninice, tem sido assim toda a minha vida: uma luta perpétua entre a terra da realidade e o mar de sonho, um litígio incessante entre a razão e a imagi-

nação. E ambos esses elementos avançam um contra o outro, conquistando praias provisórias, fincando colônias precárias. Para evadir-me de um, busco o outro; e, para fugir deste, recorro ao primeiro; e chega o momento em que ambos se interpenetram e confundem um bloco maciço e perfeito, milagrosa harmonia que se nutre simultaneamente do resplendor do sol a pino e do silêncio das estrelas.

Eu deveria ter cinco anos quando fui levado pela primeira vez a uma escola. Era um colégio protestante, onde já estudavam os meus dois irmãos mais velhos. Meu pai era maçom e minha mãe católica — e a escolha desse colégio se devera decerto a conveniência de local, pois não era longe da casa em que morávamos, no Farol. Bastava atravessar aquele caminho, onde havia bois e vacas, orlas de mato rastiço, e uma touça de capim escondia a injuriosa surpresa... Desse tempo de escola, guardo apenas a lembrança dos sapatos desacatados pelo acaso do caminho e de uma alta manhã em que, numa sala de aulas, eu olhava para o recreio vazio. E recordo-me ainda de que o seu diretor se chamava Mister Bee.

Todas as reminiscências afloram no mesmo instante, como os inumeráveis brotos de uma floresta surgem na primavera instantânea. Pelas minhas narinas sobe de novo o cheiro cálido do ninho que colhi certa vez numa árvore, e onde cintilavam dois ovos de passarinho. E ainda hoje penso no pássaro burlado que, ao anoitecer, procuraria inutilmente o seu ninho roubado. E, como a noite baixa — não sei se agora ou antigamente — outro cheiro me rodeia: é o das fogueiras de São João que ardem, resinosas, numa crepitação de madeiras transformadas em fulgurações e sinuosas iridiscências que desafiam o rápido esplendor dos beijos-de-moça e outros artefatos juninos. Ouço vozes: chamam-me para comer canjica, pamonha e milho assado. Ouço vozes: vencendo a morte e a distância, vencendo tudo o que, no tempo e no espaço, é duro e invencível, elas reedificam, entre as lágrimas provocadas pela fumaça das fogueiras e as lágrimas arrancadas pela fumaça da vida, o pequeno mundo de troncos, galhos, ramos e folhas verdes lambidos pelas chamas

— essa terra antiga que à noite acendia fogueiras e soltava balões, criando na escuridão uma linguagem hieroglífica que talvez as estrelas entendessem. E, de manhã, quando acordávamos, íamos procurar pelo sítio algum balão que tivesse caído durante a madrugada. Quase sempre o encontrávamos, a bucha apagada, intacta, e úmido do orvalho. E, à noite, ele subia de novo, já agora tornado nosso e jamais intruso graças à familiaridade de um dia inteiro de expectativa.

No dia inacabado, vou por um caminho e encontro um menino.

III

UM MURO RODEADO DE SONHOS

Sou um solitário, embora os outros me acompanhem até o covil em que me refugio para o poema e o sonho. Como todos os solitários, prefiro os panoramas e situações em que não me sinta isolado, e a evidência ou proximidade de outras presenças tenha o poder de proclamar a minha singularidade. Um velho vendedor de selos num parque, um fotógrafo ambulante, um cão, uma prostituta, ou mesmo o homem atarefado que passa sobraçando a pasta que guarda a caminhada de viver — eis algumas figuras ou referências indispensáveis à consciência e usufruto de minha solidão como, em certos jardins, as estátuas graciosas que representam as estações dignificam o silêncio.

Nas batalhas
da escumalha
literária
as medalhas
são migalhas.

Esta bela passagem das *Conversações* de Confúcio: "Quando o Sábio se achava em perigo no país de K'uang, Yen Yuan permanecia na retaguarda e demorava a vir ao seu encontro. Finalmente, à sua chegada, o Sábio lhe disse: "Eu pensava que já estivesses morto". Ao que Yen Yuan replicou: "Como ousaria eu morrer, Mestre, enquanto estiverdes vivo?".

Em minha infância, as caranguejeiras se escondiam sob as camas, nos caibros do telhado, no carvão da cozinha. Eram negras e peludas. E quando vi, pela primeira vez, o sexo de uma mulher, pensei, espantado, que ela estava carregando entre as pernas uma caranguejeira.

A noite petrifica as minhas palavras. Sou um mudo, rodeado de sonhos que jamais se poderão converter em matéria verbal — a matéria do meu universo semântico, que bebe nas fontes das correspondências e analogias.

Há um certo tipo de talento que só gostamos de admirar nos outros, e jamais desejaríamos para nós.

Autor, o Tempo também escreve as obras, ao depositar nelas o seu emblema. Envelhece o texto núbil e facundo, rejuvenesce o edentado ou arcaico, obscurece o que era límpido, torna claro o obscuro, valoriza o desprezível, enxota o que deslumbrou uma época, muda o louro em cinza.

Tempo, co-autor de minhas obras, no presente e no futuro, aqui estou para proclamar que conheço as tuas manhas e caprichos, teu movimento pendular que ora projeta na claridade e na fanfarra os escritores mergulhados na noite, ora cobre de escuridão os que ofuscavam os seus leitores com o sol de seu dia. E quando, no comércio literário, ouço as frases consuetudinárias dos profetas de livraria ("Fulano está injustamente esquecido", "Sicrano não ficará", "Beltrano será lido sempre"), como se a história da criação artística fosse um sistema rígido de nomes esquecidos, efêmeros e permanentes, olho para o relógio. Na fração do tempo irrecorrível, as glórias estão mudando como os ponteiros, os esquecidos estão sendo desenterrados pelos coveiros da vida, mais de uma fama está sendo imperceptivelmente avariada pelo humor dos dias, e estes são "incertos muito mais que ao vento as naves", como diz o grande poeta que, diante do sol grande, cantou a mudança incessante do mundo.

Entre a cópula e a oração, estende-se todo o caminho do homem.

Os mortos gritam meu nome. À noite, enquanto durmo, eles me envolvem com as suas vozes de ondas e rostos de alga, como o oceano rodeava, na praia, os meus pés de menino.

Teseu do Carmo escrevia demasiadamente bem para ser um escritor profissional. Por isso, jamais se distanciava de sua condição de amador.

Teoria da justiça literária: o verdadeiro discípulo é o inimigo futuro. "Tu me louvaste, por isso eu te condeno".

Emissário da fetidez terrestre, o fedor amoniacal subia até as galáxias.

Nenhuma noite é bela como o dia.

IV

OS SÍTIOS HIPOTECADOS

Pensa na chuva, caindo sobre os sítios hipotecados.

Neste verso de *Ode e Elegia*, mais de um leitor soletrou o mistério de minha paixão poética, o longo ressoar de minha singularidade; e mais de um crítico foi induzido, por ele, a promulgar a minha maneira. Quando, aos 16 anos, ousei enviar a Manuel Bandeira alguns versos, dele recebi um cartão em que dizia: "Há muita magia verbal nos seus poemas", observação que durante meses ficou repercutindo dentro de mim, com um timbre igual ao das ondas que me rodeavam, e uma clareza de sol grande. De longe, um olhar e um ouvido experimentados, discernindo as minhas tentativas iniciais, chegavam ao mais perto de mim mesmo — e isto era para mim, ou para o outro que emergia de minha vocação pessoal, uma operação semelhante à do médico que, diante do corpo do doente, escolhe o lugar magnético de sua aflição, aquele espaço onde se oculta um fragmento infinitesimal da morte. Tal o martelo que alcança o coração da pedra, assim Manuel Bandeira acertava em mim. Muitos anos depois, João Gaspar Simões haveria de esclarecer ainda mais essa identificação, ao afirmar que eu era um verbal, jamais um verboso, proclamando, assim, a existência em mim da tensão que enxota os excessos.

Por mais longo que fosse o meu verso, e mais afeiçoada fosse a minha prosa às pulsações e encantos da retórica (como uma

mangueira carregada de frutos sustenta a conta certa e renovada de sua fecundidade), eu não me evadia de mim mesmo nem me desperdiçava. A propósito de *Ode e Elegia*, Álvaro Lins aludiu à minha forma de construção: "versos longos, sonoros, desdobrados como ondas". (E ainda agora Rubem Braga falava de meus "versos imensos"). Minha poesia se aparelhava da contabilidade do oceano, desse ir e vir das vagas que escandem na areia a migração do tempo. E não eram poucos os que, naquele umbral de estímulos e equívocos, me interrogavam sobre a história de alguns versos e poemas, como se estes possuíssem uma biografia discernível e não fossem, no rigor de sua ambigüidade ou em seu eventual desafio à desordem, a própria anti-história, a vida escamoteada, a compensação das palavras aliciadas para substituir o vazio e o tédio, a busca turbulenta de felicidade.

Eu capitulava à curiosidade do leitor decidido a saciar a sua sede de informação e obter a gratificação de uma exegese, e contava a história daquele verso longo e pluvial. Durante parte da infância, morávamos num sítio longe da cidade. Lá, terminavam as janelas das casas que eram celeiros de criaturas condenadas a vida inteira a uma só paisagem, e começava o campo, horizonte de pássaros. Ao anoitecer, descíamos no ponto final do bonde e vínhamos caminhando por uma estrada que serpejava entre sítios e palhoças; e, nesse andar sincopado de silêncios e palavras, risos e cansaços, a cor do mundo mudava, e o sol poente se fazia substituir por uma lua imensa e langorosa, que se esfarinhava entre arbustos aleijados e estrelas que jamais haveriam de confundir-se com as vacilantes luzes terrestres. Meu pai já estudava Direito e, em sua conversa conosco, sucediam-se as palavras de teor cartorário. Uma vez, quando passávamos diante de um sítio perto daquele em que morávamos, ele nos disse, como se tivéssemos algum interesse em saber das vicissitudes e contendas dos adultos: "Este sítio está hipotecado". Talvez ele tenha, em seguida, trocado em miúdos o seu glossário tabelionáceo, instruindo-nos a respeito da situação legal da propriedade cheia de mangueiras que, com as suas frondes fartas,

escondiam portas e janelas fechadas, vedando aos curiosos o espetáculo de algumas fisionomias temerosas. Ou talvez ele nada tenha acrescentado — a nós, crianças, bastavam o peso e a densidade de uma palavra, com o seu h que parecia uma forca de cabeça para baixo plantada no próprio coração da linguagem, para que nos inteirássemos da situação daquele sítio.

Nos meus passeios aos domingos, eu procurava identificar outras propriedades semelhantes. Sítios hipotecados!, eles possuíam um sortilégio intransferível, uma tocante dignidade mesmo quando esborralhados pelo abandono. Eram como os impérios esboroados e as civilizações perdidas, reduzidos a uma ilustração nos livros escolares. A cancela avariada deixava passagem para as visitas furtivas e invasões; os morcegos ocultavam na sombra dos caibros dos telhados a maldição dos sonos diurnos; e ervas loucas avançavam em direção a degraus derruídos... Menino, eu já sabia refletir sobre as fatalidades que degradam a vida. A morte, com as suas promessas insensatas, a destruição, o litígio do tempo armado de rugas, musgo, mofo, capim e ferrugem — tudo o que nega a eternidade do homem e das coisas dentro da vida me perturbava, era como um sinal de injustiça escancarado no escândalo do mundo. (Um dia, eu haveria de ler nos monumentos destroçados da Magna Grécia e nos cemitérios de automóveis entre Washington e Filadélfia a cartilha de um universo que os séculos convertem em sucata).

Sítios hipotecados! Então, as chuvas caíam, grossas e melodiosas, mas não apagavam a visão das propriedades insultadas. O acréscimo de água lhes aumentava, porém, a desolação, o desterro, o silêncio.

Muitos anos depois, numa elegia didática, eu haveria de voltar o meu pensamento para as chuvas que desabavam sobre as copas das árvores e os telhados dos sítios condenados. E eram chuvas em gerúndio — continuam caindo, agora e sempre, nesses sítios hipotecados que, registrados no cartório da memória e incluídos na enumeração do mundo, jamais serão destruídos, mesmo que entre as árvores derrubadas e os morcegos enxotados os homens construam ruas e casas, garagens e jardins — na

cidade que sempre muda, e de tal modo que, nela, só as ondas do mar e a miséria do povo permanecem intocáveis.

Chuvas, águas, fragmento, ritual, clamor de um tempo que se recusa a ser bebido pela terra; passado que, tocado pela ambição insensata de ser um eterno presente, se refugia no galpão da linguagem — chuvas castas e grandes, que transportam em suas bátegas toda a inocência do mundo, elas continuam caindo e, certas noites, mesmo quando o céu que me cobre está pesado da alvura das estrelas, ousam molhar o meu lençol e despertar-me. Semelhantes aos navios que danificam meu sono e indicam, no coração das trevas, o ponto de partida da evasão ora impossível, elas, as chuvas, não se contentam em regular os meus passos perdidos — como se a infância fosse uma cicatriz vulnerável em minha pele tornada tempo — mas ocupam todo o silêncio da vida sob a forma de uma advertência reiterada. E, no pequeno espaço em que me movo neste mundo ambíguo, dividido ou desperdiçado entre a realidade e a imaginação, a vigília e o sono, as chuvas longas me confidenciam que haverei de estar vivo enquanto me mantiver fiel a essas águas primordiais e esses navios enferrujados, a esses sapos que martelam a noite sob a indiferença das estrelas, a esses besouros e borboletas que todas as noites entram em minha casa e me perturbam com uma pertinácia comparável à insistência dos sonhos.

V

TEXTOS SEM NOME

Se há uma evidência que me ronda, nesta etapa de minha vida em que já ouço o rumor da tarde, é a das mudanças estéticas transcorridas dentro e fora de mim, à medida que me fui realizando como poeta e escritor. Poesia, romance, ensaio, drama — os gêneros literários que, no início de minha carreira, pareciam exibir uma autonomia inofuscável, tiveram as suas linhas de demarcação avariadas pelas transformações sociais e econômicas tão visíveis neste tempo em que a História não esconde de ninguém, nem mesmo dos que se querem cegos, surdos e mudos, a sua inabalável determinação de fazer História. Novas formas, agenéricas, foram acentuando o seu perfil e procurando aliciar-nos para aventuras antes insuspeitadas, e dispostas a vencer o que é, em nós, o estar parado do hábito e da convenção, da fadiga e até do medo.

Este livro sem nome, que posso interromper a qualquer hora, talvez seja o marco individual da crise que estou vivendo — pelo menos serve para que guarde nele certo material que jamais poderia ser encartuchado numa obra desejosa de refletir a sua fidelidade a um gênero preclaro. É um documentário pessoal. Cuido que, ao lado dos documentários políticos e econômicos, e elaborados numa prosa em que a reportagem esposa o romance e a História, para versar sobre as guerras e as crises do mundo, as paisagens e as alegrias do tempo, os povos e as figuras planetárias, há lugar para narrativas confessionais como esta.

Memórias de um poeta, como as classifico, estas minhas prosas (se é que o são) bebem simultaneamente na fonte da verdade cronológica e da poesia, e essa dupla origem existencial já levanta o problema de uma veracidade que a flecha da invenção alveja. Evidentemente, o rótulo há de servir apenas para orientar ou atrair o leitor ainda não devidamente advertido sobre o emergir dessas formas ou gêneros novos — aliás, nem sequer reconhecidos pela quase totalidade dos confrades, envolvidos em pregoar a permanência do romance e do poema como artefatos imutáveis e sujeitos a certas regras fixas, num mundo atingido pelas mudanças mais espantosas, e no qual os jornais, o cinema, o rádio e a televisão estabeleceram um novo sistema de relações recreativas e informacionais com as criaturas humanas.

Seja dito em meu favor: cercado de tantas convicções endurecidas sobre a perenidade dos gêneros literários outrora florescentes, sinto que os nomes dos navios devem ser mudados. Ou estão sendo mudados à nossa revelia, entre a maré da tarde e o vento da aurora. Cai aqui a propósito lembrar que, quando escrevi *Ninho de Cobras*, não ousei chamá-lo de romance. Preferi apontá-lo como *uma história mal contada* — e na verdade o é, já que escolhi um caminho inverso à clareza narracional dos grandes mestres do romance do século XIX, como se a minha ficção, fragmentária e esquiva, estivesse fluindo da boca de um cigano ou de um ladrão de cavalos.

Ao aceitar e reconhecer a verdade da aparição de gêneros ainda sem nome — gêneros abrangentes, e que fundem em seu perfil textual a identidade e a virtude das produções clássicas — isto não significa que me curve à falácia de que as intenções estéticas contidas num poema, num romance ou num ensaio morreram. Palcos de metamorfoses, os gêneros ameaçados ou condenados estão procurando outros meios e condutos de expressão e permanência, que lhes permitam continuar veiculando o discurso metafórico da existência humana.

Meus textos não se conformam em habitar os escaninhos onde os venho guardando desde que comecei a escrever. Rebelados, e munidos do propósito de despaisar os meus even-

tuais leitores, exigem de mim a liberdade de transitar em qualquer página em branco, em qualquer livro projetado; e, nessa subversão textual, não aceitam mais que eu lhes chame prosa e verso. Intimam-me a que encontre para eles a exatidão dos nomes liberadores, ou os abandone no seu matinal anonimato. Para eles, o rótulo classificatório é como o portaló do navio, serve apenas como degrau para a viagem. E, tendo preparado a minha vida intelectual para o exercício do verso e da prosa, e o trânsito desembaraçado em territórios que me permitissem usar o meu ser, não posso deixar de reconhecer que a festa terminou. Encontro todavia em mim, no longo aprendizado destinado a levar-me por um caminho tornado inexistente, a força necessária para me continuar instigado e ativado pelo desafio das palavras, frases, metáforas, imagens e espaços-em-branco que ora me incitam a tentar ser — a tornar-me o que sou.

Sou sonhado pelo meu sonho.
Sou contemplado pelo que contemplo.
O que escrevo me escreve.

VI

ESCREVER NÃO É VIVER

Sou um poeta e escritor. Vivo escrevendo. Mas o trágico de tudo isso é que escrever não é viver. Como invejo, certas horas, as vidas vividas longe da arte, distanciadas das palavras e matérias que engendram a criação poética, e concentradas apenas na própria forma da vida!

Minha simpatia se volta para os seres que dispensam o uso da linguagem para proclamar o que são, ou o que julgam ou fingem ser — já que uma luz de impostura ilumina todas as vidas. Criaturas sem linguagem, e que usam o silêncio como um escudo levantado para o amor, o tédio e a morte, como vos invejo!

Os meus vazios me enchem. Os meus espaços em branco fazem parte da escrita intelectual que me narra. São, também, uma das muitas linguagens em que procuram recitar-me.

E se eu, em meus livros, nada dissesse? Penso na eficácia de uma linguagem que fosse a majestosa e límpida celebração do nada.

A poesia terminou por se impor em mim como uma operação verbal destinada a ocultar a vida pessoal, gerando uma mitologia particular que substitui a verdade trivial da existência.

Cada vez mais sinto que é a minha obra que me cria. Sou uma invenção de minhas palavras. O mitógrafo em mim fala a minha verdade. E não deixa de ser um dos mistérios da arte a

circunstância de os leitores procurarem, num romance, num poema, numa pintura ou numa composição musical — isto é, em invenções e mitografias — as provas da realidade.

A ti, caro leitor, só posso oferecer a minha mentira. Se, para ti, ela se torna verdade, isto é lá contigo. Trata-se de uma operação criadora, que faz de cada leitor um autor invisível.

Minha luz momentânea ilumina os meus precursores imaginários — poetas e prosadores que saem da sombra e do esquecimento e, tornados contemporâneos graças a uma certa dicção, formam uma linhagem caprichosa, na qual me insiro, para me dissolver nela amanhã, e ser reinventado pelo tempo. A verdadeira tradição de um poeta entranha-se nessa relação que o olhar didático raramente observa.

Eis a poesia deste entardecer, na estreita rua colonial de uma cidade que ainda guarda tantos segredos. É uma tabuleta: "Pensão Avelaneda. Refeições *avulças*".

O insólito *ç* dá à palavra gasta, roída pelo uso, uma dignidade nova, um toque mágico que ilumina a tarde imprensada entre os telhados velhos e o vidro faiscante dos arranha-céus.

Assim é a poesia: a aparente cedilha de um erro no corpo degradado da vida.

As concisões e incisões da prosa, as luzes brancas que iluminam as consoantes em seus casulos metafóricos, a noite prosódica do texto, estrelada como uma dália, o sumo dos frutos que escorrem das vogais e semelham coágulos metafísicos, as transgressões e fraturas convertidas em lei, um estilo que transmudou todo o seu peso e gravidade em salto e leveza, as vírgulas entre as frases como insetos na espessura de uma sebe, as palavras que acendem e apagam como o sistema semiótico dos aeroportos, a fauna e a flora dos vocábulos, uma riqueza verbal que brinca de economia e se diverte na relva sempre verde da linguagem, o permanente domingo estilístico dos que amam as palavras como se elas fossem mulheres nuas, as gavetas semân-

ticas do armário gráfico que guarda sonhos e nostalgias, hesitações e opacidades, certezas e dúvidas, as letras que nos espiam hieráticas nas sílabas que cantam, os parágrafos de água e pedra no dia dilatado pelo calor da hipérbole, a sintaxe do absoluto...

Desde a infância, M. costuma sonhar que está morto e vai ser enterrado. No momento em que lhe jogam a primeira pá de terra, levanta a mão para proteger o rosto, e acorda.

Com os tempos, esse gesto último tornou-se maquinal. Ao sonhar, M. já sabe, de antemão, que vai levantar o braço e despertar, salvando-se da morte.

Clube de golfe. Movendo-se na ondulada paisagem verde, os jogadores plagiam uma cena de romance inglês. Mas os *caddies* são negrinhos maltrapilhos.

Um dos característicos fundamentais da chamada cultura de massas (nos rádios, televisões, cinemas, charges dos jornais e revistas) é que se empenha em fazer o povo rir. O riso é agora o ópio do povo.

Na rua apinhada do centro da cidade, vejo o cão leproso. Nos seus olhos quase cegos e raiados de sangue leio uma passividade mesclada de irritação, como se algo nele se revoltasse contra as chagas que o ultrajam.

Alguns dias depois, numa visita, observo um velho cão cego que, chocando-se contra os móveis e as paredes, não compreende o mistério da maldição que o atingiu.

O deus dos cães é tão impiedoso como o deus dos homens.

A fronteira não é um limite, mas um convite à travessia.

Olho-o pela última vez no ataúde. Em seu rosto não leio serenidade, mas a humilhação de estar morto.

É mais difícil ser um escritor do que ser um grande escritor.

A propósito do infindável desencontro entre o escritor e o editor — especialmente do escritor dotado de poucas qualidades comerciais, e que vai conquistando palmo a palmo o território do leitor, como tem sido o meu caso — evoco a observação de Chesterton, numa carta ao seu agente literário, sobre a singularidade da mercadoria literária. ("There are perfectly sensible reasons why a man who writes books should not be the best person to negotiate them"). O vendedor de uma casa pode proclamar as suas atrações, a vastidão da paisagem que a cerca, a comodidade das salas e quartos — mas que autor poderia declarar ao eventual editor que o seu romance é um dos mais brilhantes e espirituosos que jamais se escreveram, ou o seu poema é um épico soberbo?

Talvez a melhor solução para essa impossibilidade até moral de vender o meu produto (embora haja autores suficientemente simplórios ou astutos que não a levam em consideração) seria recorrer a um agente literário. Mas onde achá-lo, se ele é gerado por um sistema cultural sedimentado, em que a produção intelectual possui um valor econômico nítido, e tem a sustentá-la uma clientela sensível ao apelo da novidade e aos caprichos da especulação?

Que a morte só venha quando eu estiver esvaziado de mim mesmo.

Rogo ao deus dos poetas e escritores: livrai-me da perfeição. Tenho medo dela. Muitas vezes, parece-me que ela é a voz melodiosa que me conduz à beira de um abismo. Que a perfeição se afaste de mim, saia do meu pêlo e me permita vagar em direção aos erros fecundos, às negligências felizes, às tolerâncias que são os umbrais das surpresas e descobertas, ao risco da aventura formal, ao texto dignificado pela significação reveladora e incômoda.

Se há algo que um poeta ou prosador deve temer é a perfeição, esta radiosa sepultura do amanhã. Que a minha obra tenha a imperfeição da terra — seja o domínio incompleto do homem e da vida, o discurso do mundo.

Naquela pequena cidade de província, varrida pelo vento do mar, nada acontecia, a não ser os assassinatos, os suicídios, os adultérios e o tédio que roía as vidas.

Minha realidade me rói.

Ao sair do cinema, Teseu do Carmo viu o Estrangeiro, que fixou nele os seus olhos de amianto. Resolveu segui-lo. Ele ia impassível. Junto ao Monumento aos Mortos da Guerra, gaivotas voavam. Sem pressa, o Estrangeiro atravessou a esplanada vazia, entrou por um portão lateral do aeroporto e dirigiu-se para o seu engenho, grande camélia sobre a relva. Teseu viu-o desaparecer, num vôo vertical, no céu ainda azul.

Já não estávamos sozinhos. Na noite crescente, a Terra vinha sendo metodicamente ocupada pelos habitantes dos outros planetas. O monopólio humano terminara.

Se escrevesse um romance de ficção científica, usaria, como epígrafe, a exclamação de Pascal: "Que de royaumes nous ignorent!".

O anoitecer. Essa aurora às avessas é o momento mais belo do mundo, que se torna ao mesmo tempo luminoso e obscuro. Ainda é dia, com a sua claridade, e já é noite, com a escuridão.

O anoitecer tem a majestade radiosa das coisas cumpridas e complexas. Pode a noite vir — já vivi o meu dia. Pode a morte chegar — já vivi minha vida.

Como o universo, também quero anoitecer um dia, sentir em mim esse litígio entre a luz e a escuridão.

Um quarto de paredes nuas (com uma pequena ogiva de onde se veja o mar ou o campo), uma cama e uma mesa — eis o verdadeiro palácio do homem.

O espírito dança — logo está acordado.

Muro feito do que sou, a minha realidade pessoal me protege das outras realidades. Dentro dos meus sonhos e palavras, sinto-me indevassável e indevassado. O meu próprio silêncio me defende, como se fosse um escudo. E a linguagem me esconde.

Os sonhos são os prefácios da realidade.

Sobre a colina, o farol branco e, diante dele, o mar azul e os navios. Esta é a primeira paisagem que vi, quando menino, e será decerto a última coisa que contemplarei, na hora da morte.

O início sempre está no fim.

Convenção? Transgressão?
Em tua arte poética
tudo é constelação.

O caranguejo desaparece na lama negra e viscosa do mangue, esconde-se na noite profunda que o protege e guarda tudo o que ele possui de íntegro.

Os sonhos são criações poéticas. Os enredos e figuras da realidade fundem-se com as invenções e inverossimilhanças e fazem com que o lado fantástico da vida imponha a sua verdade intocável.

Mais uma vez sonho com lugares onde nunca estive e jamais encontrarei nos livros. São ficções impenetravelmente minhas, construções pessoais de meu sono, constelações semânticas, cidades góticas, águas da represa que se abre em meu espírito quando, adormecido, me confio às leis do repouso e da libertação.

Protagonista dessas fábulas tecidas com o que, em mim, é excesso ou carência, semelhança e desencontro, ambigüidade ou repressão, nelas encontro o sabor de uma contemporaneidade ou de uma urgência que mais me instiga e intriga.

Comparado a esses eus insólitos que formigam nos sonhos, o eu às vezes extenuado de minha vida acordada é mera invenção do cotidiano, imposta pelos modelos coletivos da realidade dos outros.

Os sonhos são poemas sem palavras, como se estas já tivessem reconhecido a sua desnecessidade ao atingir o nível das imagens e visões. E a retórica da Noite fornece as leis que os regulam, e sustentam a mutável e precária edificação de um universo proposto a reconstituir, com as sobras da vida real, aquela realidade mais verdadeira buscada pelos poetas.

Stendhal, na *Histoire de la Peinture en Italie:* "J'aime mieux un ennemi qu'un ennuyeux".

Da morte ao nascimento, é o mesmo caminho.
O passado é o futuro: está à nossa frente.

Dar um sentido à vida e uma forma à realidade — eis os dois deveres essenciais do poeta.

A intenção de Machado de Assis, em *Dom Casmurro*, foi produzir uma obra aberta, dotada de ambigüidade. Assim, é esteticamente irrevelante a interrogação sobre a culpa ou inocência de Capitu.

Na minha opinião pessoal de leitor, ela cometeu adultério com Escobar; mas esse amor secreto não frutificou, e Ezequiel é filho de Bentinho.

VII

O MAR PERTO

Vou por uma rua torta. Sinto um cheiro de açúcar, juntamente com o do mar perto. Gaivotas voam sobre os negros trapiches fincados sobre as águas. O oceano que eu sempre via longe, quando o bonde dobrava a curva do Farol, está agora perto de mim. Olho as fachadas dos sobrados, a pintura das janelas descascadas pela maresia e aguaceiros. Nos emblemas do pequeno mundo alfandegário, onde tantas criaturas trabalham em função das estivas e dos dinheiros trazidos pelos navios, minha cidade proclama a sua vocação oceânica. Os gordos e gosmentos sacos de açúcar à espera dos cargueiros anunciam uma viagem, indicam que Maceió é uma das incontáveis portas do universo.

Quem nasce aqui, e respira desde a infância um aroma de açúcar, vento, peixe e maresia, sente que o oceano próximo cola em todas as coisas e seres um transparente selo azul. Os que quiserem ficar passarão a vida inteira movendo-se nas ruas cegas de sol ou atrás dos balcões que guardam réstias de cebolas e fardos de algodão. Mas os que quiserem partir têm sempre, ao seu dispor, os navios e o vento do mar. E o mar, luminoso e sonoro, — o "surdo mar" cantado por Camões — inscreve no escudo invisível de cada vida o emblema da viagem e da aventura. E a língua do mar, grande e esponjosa, lambe todos os sonhos.

No alto da colina, o branco farol da minha terra vai iluminar a noite, quando esta vier esconder as aranhas e lacraias, e os sonhos e os segredos dos homens. Luz branca. Eclipse. Luz encarnada.

Os feixes do farol clareiam os telhados enegrecidos pelas chuvas, as ladeiras, os coqueirais que cantam e dançam na noite longa, os mangues onde água e terra se dissolvem, os cajueiros floridos. No universo redondo, entre os goiamuns ocultos na lama negra das lagoas e as constelações, entre os fogos de santelmo e os cantos dos galos, o farol de Maceió guia os navios e os homens.

Lugar de permanência e de evasão, minha cidade surgiu dos maceiós. Por isso, ressoam em sua topografia os nomes de água: Levada, Trapiche da Barra, Ponta da Terra, Vergel do Lago, Bebedouro, Poço, Riacho Doce, Pontal da Barra, Bica da Pedra, Volta d'Água.

E, vencendo o sono e a distância, os sonhos e a desolação da noite, vem sempre úmida de orvalho, como um ramo de flor, a cantiga memorável:

A sempre-viva é uma fulô misteriosa,
ela é cheirosa, mas porém não tem perfume.
Mandei fazer um broqué pra minha amada,
mas sendo ele da bonina disfarçada
tinha o brilho da estrela matutina.
Adeus, menina, sereno da madrugada...

O dia termina, apagando os homens que conversam no meio das ruas ou nas portas dos cartórios e das casas de ferragens. A noite se esvai, dissolvendo as dunas errantes. O trem da Great Western apita, perto e longe ao mesmo tempo. As tanajuras pousam docemente nas ilhas visguentas. O Tempo é um artesão: tece a sua própria toalha de renda de labirinto. E, embora forje novos desenhos da vida, que a memória infiel vai alterando através dos dias e das noites, jamais conseguirá separar o barulho do mar de todos esses incontáveis rumores terrestres. Em Maceió, entre as ilhas inacabadas e os navios enferrujados, nunca aprenderemos a separar o que é da água e o que é da terra.

Vou por uma rua torta. Venho por uma rua torta. Já não sei se é dia ou noite, se caminho junto ao mar odorante ou se

afundo os pés na lama negra da lagoa devassada pelos pescadores de sururu. Acima e além da claridade solar e da luz do farol, num território intocável, Maceió é, ao mesmo tempo, porto e porta, permanência e travessia, lugar de partida e de chegada, silêncio e melodia.

VIII

O MAR LONGE

Sou um homem de muitas perguntas e quase nenhuma resposta. Talvez as minhas perguntas sejam as minhas respostas.

P. trabalha o dia inteiro num grande salão envidraçado aberto para a baía e o aeroporto. Da manhã ao anoitecer, assiste ao espetáculo dos navios e aviões que chegam e partem, ao viandar dos outros.

Aprisionado numa jaula de vidro, P. sente o sabor de sua alienação. A verdadeira vida está ausente de sua existência, é um privilégio dos viajantes anônimos e sem rosto que, nos trens, navios, ônibus e aviões, estão sempre em qualquer parte — isto é, nessa nenhuma parte que deveria ser o lugar legítimo do homem.

Recolhido a uma casa de saúde, para uma operação de hemorróidas, X. fez-se notícia. Conseguiu que, nas colunas sociais e literárias dos jornais, fosse estampada a informação de que iria ser submetido a uma ligeira intervenção cirúrgica.

Assim são os que amam as fanfarras: transformam em notinhas para os jornais até as vicissitudes de seus próprios traseiros!

Velório de Manuel Bandeira. Para que alguém pudesse fotografar o rosto do poeta, retiraram o lenço que o cobria. Sem os óculos e o sorriso, nele tão familiares, surgiu aos meus olhos quase irreconhecível: algo gelatinoso e esverdeado. E como seu nariz aquilino parecia ter crescido!

Diante daquela vida ofendida pela morte, lembrei-me do verso de Valéry, decerto o grito mais patético que um poeta jamais proferiu, inconformado com o aniquilamento final: *O recompense après une pensée!* Ali estava a nossa recompensa.

E que morte, a que Manuel Bandeira trazia dentro de si... Sofreu e penou meses seguidos e, nos últimos dias, tendo fraturado uma perna ao cair da cama, gemia baixinho, ele, o místico ateu: "Ai meu Deus!" *Mas Jesus Cristinho nem se incomodou,* como no seu poema "Conto Cruel".

Bandeira, que tanto sofreu nos dias finais de sua vida, costumava dizer-me que queria morrer como um passarinho, muito embora tivesse assistido à agonia de passarinhos que morriam sofrendo como os homens.

A palavra camélia é mais bela que a flor.

IX

ENTRE PIRATAS E CANIBAIS

A região dos meus antepassados maternos está presente na *Notícia do Brasil*, de Gabriel Soares de Sousa que, na descrição de nossa costa, alude a dois portos dos Franceses, o Velho e o Novo, "onde eles costumam ancorar com as suas naus e resgatar com o gentio". Com efeito, mesmo antes da descoberta do Brasil pelos portugueses, os piratas normandos, procedentes de Dieppe, La Rochelle e Honfleur, freqüentavam o litoral alagoano, comerciando com os caetés. Trocavam facas, espelhos, pentes, machados e tesouras por pau-brasil, papagaios, araras, macacos e algodão. Embora Gabriel Soares de Sousa aluda a dois portos, na verdade eram três: o Porto Velho e o Porto Novo dos Franceses, perto da foz do rio São Miguel, e o Porto dos Franceses localizado na enseada do rio Coruripe.

Enquanto as madeiras eram derrubadas e carregadas para o bojo dos navios, os piratas ficavam em terra, aventuravam-se em passeios exploratórios, viam com aqueles olhos que o mar havia de comer os costumes dos selvagens e as singularidades de uma flora e uma fauna que, convertidas em narrações, intrigavam os humanistas do Renascimento. A existência desses portos, pontos fixos na geografia corsária, indica o grau de confiança e amistosidade que unia os franceses aos índios. Não será uma fantasia reconhecer que os primeiros mamelucos alagoanos — filhos da indolência e do mormaço — foram mistura de pirata francês e canibal caeté.

E, um dia, ao visitar a proustiana Honfleur, ainda senti no ar azul e branco o soprar do vento aventureiro que, enfunando velas e almas, conduzia as naus francesas para as minhas nativas paragens selvagens. E me veio à memória que ali não fora apenas o lugar de partida dos piratas, mas também o de chegada dos muitos índios que eles trouxeram para o conhecimento de uma Europa sedenta de revelações sobre as terras novas da Terra. Entre os selvagens que desciam na Normandia estavam os meus ancestrais. Os normandos e caetés não se limitavam ao comércio das coisas; suas trocas incluíam também os índios inimigos, aprisionados nas guerras incessantes que dividiam e ensangüentavam as tribos. Assim, incontáveis escravos foram trazidos do Brasil para a Europa; e vieram também índios livres, estimulados pelo desejo de viajar em navios grandes e conhecer as cortes dos homens vestidos e barbados. Muitos deles se tornaram europeus; outros voltaram para contar aos seus companheiros de tabas a história das tribos fulgurantes que obedeciam a um rei-menino, e que jogavam os hereges em fogueiras. Dos selvagens que, em 1550, participaram da famosa festa brasileira de Ruão, em homenagem ao rei Henrique II e sua mulher Catarina de Médicis — e que Ferdinand Denis descreve num livro clássico — não poucos haveriam de ser caetés, inimigos declarados dos portugueses e assim aparelhados para, em terras de França, divulgar a sua hostilidade. As minhas Alagoas contribuíram, pois, para nutrir um dos temas mais instigantes do Renascimento, presente na imaginação utópica de Rabelais, Erasmo e Thomas Morus e na reflexão de Montaigne, e que, em sua escalada filosófica, suscitando meditações e controvérsias sobre a diversidade cultural do mundo e as várias formas de governo dos homens e dos povos, iria encontrar a sua plenitude na doutrina do bom selvagem de Rousseau. Comendo os seus semelhantes, dormindo em redes, tomando banho diariamente, sabendo conservar o peixe pelo processo da defumação, ignorando a propriedade privada, desconhecendo Deus e as religiões, vivendo uma liberdade sexual de fazer inveja às mais licenciosas cortes européias, o índio alagoano contribuiu para que Montaigne proclamasse serem as

leis da consciência geradas pelo costume, e não pela natureza. "Les loix de la conscience, que nos disons naistre de nature, naissent de la coustume; chacun ayant en veneration interne les opinions et les moeurs approuvées et receuës autor de luy, ne s'en peut desprendre sans remors, ny s'y appliquer sans applaudissement".

Foram decerto os piratas normandos que, tratando cortesmente os caetés, lhes ensinaram a odiar os navegadores portugueses, especialmente quando estes se dispuseram a "alimpar a costa toda destes ladrões e fazer pazes com os mais dos índios", como diz frei Vicente do Salvador. De fato, houve um tempo, no raiar de nossa descoberta, em que a presença dos flibusteiros normandos era tão intensa nas costas brasileiras — e eles, nas travessias, perseguiam as naus portuguesas, saqueando-as e pondo-as a pique — que a Coroa lusitana reconheceu a necessidade de ocupar sem demora as terras novas, pois corria o risco de perdê-las. As expedições de combate à pirataria e ao contrabando de pau-brasil e a fundação de feitorias e atalaias respondem a essa decisão colonizadora, consolidada em 1534, quando d. João II implanta o sistema feudal da divisão do Brasil em capitanias hereditárias. Incluído na Capitania de Pernambuco, ou Nova Lusitânia, que abrangia 60 léguas de costa, de Iguaraçu à barra do rio São Francisco, o território das Alagoas é inscrito na geografia econômica dos colonizadores. E não estava longe o tempo em que o autor dos *Diálogos das Grandezas do Brasil* haveria de proclamar a sua riqueza em terras, águas e matas: "as três cousas consistem em ter muitas terras e boas para a planta dos cannaviaes, água bastante que não falte para a moenda e lenha em grandes matas também em cantidade".

Presente desde o momento inicial no processo espiritual e material da revelação da redondeza da Terra, e cenário do episódio da expansão comercial e marítima da Europa, Alagoas chegou até a ser apontada como lugar de nascimento do Brasil. Alexander von Humboldt, baseado no clássico quinhentista João de Barros, sustenta terem sido alagoanas as primeiras terras avistadas por Cabral, a 10 graus de latitude austral — tese infelizmente não nutrida pela leitura da Carta de Pero Vaz de

Caminha. Entretanto, é certo que a nau despachada por Cabral a Lisboa, comunicando a descoberta, costeou enseadas, montes, bocas de rios e outros acidentes da geografia alagoana. Um ano depois, a expedição de Américo Vespúcio, e da qual resultou a descoberta do rio *de* São Francisco (porque ocorrida a 14 de outubro, dia do santo), atingiu as terras em que nasci.

Nascido no Brasil Velho, ainda hoje não inteiramente liberto de sua carga medieval, onde mesmo a língua do povo conserva um sabor quinhentista e a etnia procede dos estoques básicos — português, negro, índio — da formação colonial (pois, ao contrário do Sul, não recebemos, durante o Império, os grandes contingentes de colonos alemães e italianos que tanto contribuíram para a nossa langorosa modernização social e econômica), sinto em mim, naquele território obscuro em que a inteligência se dilui, acossada pela força da ancestralidade e dos instintos, a imensa herança do passado, enraizada até nos sonhos.

X

A RESPOSTA

Seu nome era Serafim Costa.

Mas nome de quem, ou de quê? Na cidade pequena, decerto a sua figura deveria ter-se cruzado, muitas vezes, com a do menino fardado de camisa branca e curtas calças azuis extraídas das velhas casimiras paternas. Ele, o comerciante abastado, talvez comendador, não conhecia o garoto. E este jamais poderia ligar o nome à pessoa. E assim, Serafim Costa era apenas um nome — a belíssima sonoridade de um estilhaço de mitologia, uma flor aérea que, em vez de pétalas, possuia sílabas.

Ele morava no Farol, exatamente onde o bonde fazia a última curva. Os muros brancos, que cercavam o quarteirão, semiescondiam a casa, também branca, além do jardim que aparecia entre as grades, e em cujos canteiros florejavam espessuras e certas musguentas flores amarelas, e um imenso besouro zoava. A casa era um palacete de dois andares, crivado de sacadas e cegas janelas, e que parecia desabitado. Possivelmente essa incorrigível falsária, a Memória, a pintou, sem tirte nem garte, com a sua branca tinta adúltera, substituindo a verdade nativa, feita de alvorentes azulejos pintalgados de azul, por alguma caprichosa arquitetura rococó. De qualquer modo, do outro lado do muro reto, sem dúvida encimado por afiados cacos de garrafas para impedir o salto dos ladrões, a gente via as copas das mangueiras, cajueiros, palmeiras e outras árvores sob as quais alguns cães esperavam, impacientes, que a rotina bocejante do

dia se esfarelasse para que eles pudessem latir, na noite raiada de estrelas, como que lembrando a Serafim Costa — que interromperia por meio minuto o seu sono tranqüilo e patriarcal — as suas presenças vigilantes.

Aqui mora Serafim Costa — devia ter-me dito meu pai, num daqueles crepúsculos em que, de bonde, voltávamos para casa, ele com a sua velha pasta que, inexplicavelmente, não o acompanhou ao túmulo (o que talvez não o fizesse ser de pronto reconhecido no Paraíso), e nós ainda guardando nos ouvidos o bulício vesperal do instante em que, aberta a porta do grupo escolar, as crianças escoavam para a praça e se perdiam nas escurentas ruas tortuosas.

O palacete branco vulgava riqueza, luxo, secreto esplendor. Além das portas fechadas, das presumíveis estatuetas de mármore, do aroma das dálias, do fino palor dos azulejos, das mudas venezianas, havia decerto um universo de opulência, que a nossa fantasia de meninos pobres mal podia imaginar. A tarde transcurecia; o portão fechado validava-se como o brasão de uma existência que, terminados os diálogos inevitáveis de seu ofício de grande comerciante sempre atarefado e vigilante, suspendia qualquer tráfico com as mesquinharias diurnas, igual a um navio que, após todo o baixo ritual da estiva, readquire a sua dignidade perdida sulcando o mar sem amarras.

Era o palácio de Serafim Costa. E o nome, a magia desse nome que ocupou toda a minha infância, e era o preâmbulo mágico das encantações, demorava-se em mim, solfejando-se no ar eternamente perfumado pelo Oceano. Meu pai, então guarda-livros de um armazém de tecidos, conhecia Serafim Costa, e nos mostrava a sua residência. "Aqui, mora Serafim Costa". Não nos nomeava uma forma definida de casa (sobrado, bangalô, palacete); e certo aquela moradia, uma das mais luxuosas da pequena cidade, refugia às denominações irreversíveis.

Ignoro se Serafim Costa era alagoano ou um dos muitos imigrantes portugueses que, estabelecidos em Maceió, enriqueceram em tecidos ou em secos e molhados e terminaram

comendadores — mas em seu palacete, na exuberância do jardim equatorial, no chão assombrado de árvores enlanguecidas pelo mormaço, havia algo que era a fusão improfundável dos mais faustosos elementos nativos com uma substância remota e avoengueira, como que a reprodução de antiga planta deixada do outro lado do mar e tacitamente reconstruída pela poupança e ambição do imigrante afortunado. Por isso, meu pai dizia "aqui", querendo assim significar tudo o que era o império de Serafim Costa: as grades do jardim, os sinuosos canteiros colmeados de folhas e flores, os calangros e insetos, a água espatifada de uma fonte, os familiares que não apareciam nas janelas, talvez para não confundir a visão de todos os que, como eu, o imaginavam reinando solitário em sua mansão, sem quinhoar ostensivamente com ninguém o resultado de sua vida vitoriosa, feita de zelo e siso.

Embora eu não tivesse conhecido Serafim Costa, tornou-se-me familiar aos olhos um dos empregados do seu armazém. Era um velho corcunda, de fiapos brancos na cabeça calva, e devoto. Alguns anos depois, quando já tínhamos deixado de morar no sítio e passáramos a habitar numa rua do centro da cidade, estávamos todos, no sótão, assistindo à passagem de uma procissão que enchia a monotonia da tarde de domingo. Súbito, identifiquei na multidão o corcunda velho e devoto, e exclamei:

— Olhe o Serafim Costa!

A exclamação fez espécie a meu pai, que se virou para mim, surpreendido com a notícia. Seu ar era mais do que de dúvida — decerto eu dissera uma heresia, que reclamava pronta corrigenda ou a aura de uma prova irretocável. Com o dedo, apontei o velho corcunda que, de casimira preta na tarde de sol fugidiço, vencia, na aglomeração, os paralelepípedos da rua. Meu pai reconheceu o empregado de Serafim Costa e exclamou, de bom rosto:

— Não é o Serafim Costa — e achou engraçado que eu confundisse o empregado humilde e devoto com o poderoso e mitológico patrão.

E assim ele ficou sendo, para mim, sempre e eternamente, um nome, inatingível figura do ar. Muitas vezes, passeando

sozinho pelo sítio ou junto ao mar lampejante, eu repetia esse nome, despetalava-o na brisa como se ele fosse um malmequer, juntava de novo as pétalas das sílabas que cantavam mesmo momentaneamente esquartejadas. Serafim Costa!, dizia eu alto, para que os costados dos navios pudessem devolver-me, em forma de eco, essa primeira lição de poesia, essa infindável soletração do absoluto.

Muitos anos depois, desintegrada a infância, e já envolto numa névoa de estrangeiro, voltei à curva do bonde. Era ali que morava Serafim Costa — o portão fechado era sinal de que ele estava lá dentro, movendo-se possivelmente entre frutas maduras, gatos sonolentos e bojudas porcelanas azuis. Trinta anos se tinham passado desde os dias em que o bonde, na volta da escola, nos fazia ver a misteriosa morada, o universo branco e verde estriado de agudas grades negras e manchas róseas. O invisível Serafim Costa já deveria estar morando, e de há muito, em outra alvacenta morada... Mas parei diante do portão cerrado, espiei o jardim silencioso, os vasos de azulejos, as escadarias de mármore, as altas janelas que pareciam sotéias. E chamei: Serafim Costa!

Chamei a quem, a quê? E ocorreu o milagre. O nome ficou suspenso no jardim onde se ocultava uma cobra papa-ovo, depois voou pelos ares, como um pássaro; chocou-se contra os costados dos cargueiros que, no destempo hirto, desembarcavam em Maceió os caixotes das mercadorias encomendadas, do outro lado do oceano, pelo valimento comercial de Serafim Costa; e, metamorfoseado em eco, voltou de novo aos meus ouvidos, já agora na soberba hierarquia de um nome que não precisa mais de figura ou de anedota, e se tornou para sempre algo sonoro e puro, deslumbrante e enxuto.

E, assim, obtive a resposta.

XI

ÁLBUM DE FAMÍLIA

Minha avó materna, Laudicéia de Araújo Plácido, descendia dos índios caetés que, na alvorada da nossa civilização, haviam comido o bispo dom Pero Fernandes Sardinha. Minha mãe contava que, quando moça, a "velha Laudicéia" (como nós, os meninos, a chamávamos) desnastrava os cabelos, uma vasta cabeleira de índia que, cobrindo-a da cabeça aos pés, ia até o chão.

Aprendi muito tempo depois que, como decorrência do fabuloso banquete antropofágico ocorrido na minha terra natal, e que estarrecera a Europa Renascentista, os caetés haviam sido excomungados pelo papa e condenados ao extermínio pelo rei de Portugal. Mas, evidentemente, isto de canibalismo era coisa do passado. A condenação se dissolvera, ao longo dos séculos, nos mestiçamentos incessantes que, contudo, jamais apagavam a indolência e a sensualidade daquele paraíso belicoso, perturbado um dia pela chegada do intruso vindo do Mar Oceano. Minha avó era católica praticante: um catolicismo ortodoxo, jamais baianizado. Ia à missa quase todos os dias, vestida de preto como todas as velhas viúvas da província. Antes de dormir, sempre rezava o terço. Um dos seus sonhos era ter um neto padre — e durante certo tempo financiou, com doces e alguns tostões, a discutível vocação sacerdotal de meu irmão Zeno, que terminou por decepcioná-la fundamente, preferindo ser engenheiro.

Apesar de seu notório sentimento religioso, Laudicéia Plácido era tida como uma senhora irascível e até desbocada. Segundo a parentela, o marido, o "velho Plácido" (que não conheci pessoalmente), sofrera o diabo em suas mãos. A família morava num sobrado na rua do Comércio. No andar térreo, era a alfaiataria, uma das melhores da cidade. Pelo que se dizia, a velha Laudicéia, então uma jovem formosa e cheia de vontades e exigências, mandara furar, às escondidas, o piso de madeira do primeiro andar, a fim de fiscalizar o marido durante o trabalho, embora fosse lana caprina que ele, artesão exemplar, só a traía com a agulha e a tesoura. Perdera o marido cedo; e, não satisfeita em levá-lo, a Morte voltara, anos depois, para buscar-lhe o mais promissor dos filhos, Armando, para o qual ela sonhava o destino radioso de ser um dia governador das Alagoas. E havia, na família, razão para sonho de tal envergadura. Um dos primos de minha avó, Albuquerque Lins, realizara em São Paulo uma brilhante carreira política. Secretário da Fazenda do governador Jorge Tibiriçá, fora por este escolhido, em 1907, para ser seu sucessor; e, na convenção do PRP, encarnando os interesses da burguesia cafeeira e do Tratado de Taubaté, chegou a derrotar Campos Sales, lançado como seu competidor. No governo de São Paulo, Albuquerque Lins foi candidato a vice-presidente da República, na derrotada chapa civilista em que Ruy Barbosa enfrentou o marechal Hermes da Fonseca, um gaúcho de sangue alagoano, pois era sobrinho do marechal Deodoro da Fonseca.

Desse parente que, em longes terras, alcançara as culminâncias políticas, a velha Laudicéia não tinha bom conceito, e o juncava de adjetivos vexatórios. Fora um ingrato: uma vez ela lhe escrevera, pedindo-lhe um favor qualquer, e ele nem sequer respondera, esquecido dos anos que haviam passado juntos. Quanto aos seus dois outros filhos varões, nenhum tivera um destino que, mesmo de longe, confirmasse as ambições maternas. O tio Zeca, também cogitado para governador, terminara carteiro; e o tio Quincas não passava de um humilde bancário.

Quando passamos a morar na rua do Massena, no centro da cidade, era tio Zeca que entregava as nossas cartas. Vinha

sempre na meia-tarde. Entrava e, sentado numa cadeira de vime, tomava um lanche reforçado. Minha avó e minha mãe o cercavam, para a conversa prolongada, fendida pelo suceder dos risos. A vida de Maceió era passada em revista, o que equivalia dizer que assistíamos a um esplêndido desfile de ladrões, assassinos, adúlteras e cabrões. Nem mesmo os padres eram poupados, o que muito me espantava, pois costumava aliar o sacerdócio ao recato e à castidade. Com o seu riso sarcástico, tio Zeca acusava certos padres de viver amancebados, e minha avó, apesar de sua notória religiosidade, lhe dava plena razão — entre a Igreja e o filho, ficava com o fruto de suas entranhas, que não mentia; e acreditava, piamente, naquelas histórias de barregania. Certas expressões bastante livres circulavam durante a conversação. Assim, um sujeito que vivia adulando os poderosos era chamado, desenvoltamente, de "cheira-cu". Com uma frase do mesmo jaez licencioso se designava o lugar em que todos mandavam ou penetravam: "Aquilo é cu de Mãe Joana". A aspiração matrimonial de um rapaz, ansioso em casar-se com uma das moças da vizinhança, era lapidarmente comentada por minha avó: "Ele quer é o que ela tem entre as pernas" — no que, aliás, não lhe falecia razão, já que a conquista desse tesouro feminino integra o elenco das motivações nupciais. E, diante de certas colisões entre o querer e o poder, a velha Laudicéia desferia a sentença lúcida: "Quem tem catarro carrega lenço".

Carteiro, tio Zeca portava sempre um saco cheio de envelopes e impressos. Quando comecei a me interessar por livros, e minha avó, diante dos meus êxitos escolares, garantia que eu haveria de ser um novo Ruy Barbosa, tive nele um fiel fornecedor. Mergulhava a mão no saco e dizia, os óculos escorregando pelo nariz: "Vou ver se tenho algum livro para você". Com a maior desenvoltura, e que se casava com o uso do verbo possessivo, extraía um pacote, rasgava a embalagem e me entregava um volume qualquer. Certa ocasião, fui contemplado com uma obra de Allan Kardec, decerto encomendada por algum espírita. Tio Zeca formava um péssimo conceito da comunidade alagoana. Asserções desabridas saltavam de sua boca a serviço

da verdade e da justiça. Assim, sonegando livros e revistas aos seus destinatários — naquele tempo em que a própria repartição postal era, também, um cu de Mãe Joana — e confiando-os ao sobrinho ávido de leitura, esse alagoano de boa lei corrigia injustiças e desacertos de má organização do mundo, e escolhia o leitor certo para a obra incerta, romance ou almanaque.

Guardo ainda de tio Zeca outra lembrança. Numa de minhas visitas a Maceió, resolvi recompensá-lo com um presente. Mamãe me aconselhou a dar-lhe óculos novos — os que usava não correspondiam mais ao seu grau de miopia, embora os olhos avermelhados ainda soubessem ler, num envelope, a prova caligráfica de uma cobrança ou um adultério. Com base numa receita atualizada, providenciei, assim que voltei para o Rio, a dádiva que haveria de testemunhar o meu reconhecimento. Mas ocorreu que os óculos remetidos por mim tinham algo de aristocrático ou de sofisticado que não se ajustava ao seu rosto e uniforme de carteiro. (Talvez se destinassem ao governador que ele não tinha sido). O contraste gerou comentários e propostas. E tio Zeca não resistiu a uma oferta gorda: vendeu os óculos novos e restabeleceu a sua antiga imagem fisionômica e moral.

Também éramos distinguidos, quase diariamente, com a visita de tio Quincas no meio da tarde. Esse ex-futuro governador das Alagoas era alto, de ombros arqueados, tuberculoso, e todo carnaval saía fantasiado, segurando um penico cheio de doces e guloseimas — o que suscitava leve censura de meu pai. Como o irmão carteiro, não tinha em boa conta o gênero humano. "São uns ladrões". "Um corno manso". "Vive com uma rapariga". "Deu um desfalque". "A mulher dele freqüenta um recurso, lá no Poço". Eu, menino, sorvia a beberagem forte e vinagrosa de suas palavras. A variedade do elenco humano me atraía e deliciava; diante de tão vasta galeria de destinos e temperamentos, não haveria de sentir tédio, pela vida inteira. Os meus semelhantes fariam de minha existência uma festa incessante, para meu exemplo e divertimento. Era como se todos fossem personagens de romance, à espera de minha longínqua mas inevitável maturidade literária.

Tio Quincas também merendava lá em casa. Mas, sendo tuberculoso, tinha um copo especial. A propósito desse cuidado lembra-me que nós, meninos, éramos aconselhados a evitar, enquanto estivessem quentes, as cadeiras em que vovó Laudicéia se sentava. Ela sofria de hemorróidas, e minha mãe achava que essa doença era transmissível pela quentura. Recordo-me de, às vezes, ter sido incumbido de ir a uma farmácia, para comprar a pomada que ela terá usado até ficar quase centenária, pois morreu acima dos noventa anos — numa idade que a tornara sem idade, de tão engelhada. Também não me esquece que, em certas ocasiões, o seu queixo caía, e corríamos à cata de um médico.

Outro fruto das entranhas de minha avó que não tinha sido cumulado por um destino venturoso era tia Flora. Ficara viúva nos primeiros anos de casada e com um filho, Benedito, que era todo o seu orgulho e ambição. Convocado, durante a guerra, Biu (tal era o seu apelido) contraiu uma tuberculose galopante e morreu pouco depois; já estava casado, e deixou uma filha. Tia Flora — que morreu, à porta dos oitenta anos, neste ano de 1976 — se ajuntava, em sua casta viuvidade, ao coro das vozes familiares que condenavam a injustiça do mundo, a crueldade da vida e os inescrutáveis cochilos de Deus, que, às vezes, dá nozes a quem não tem dentes. Durante certa época, ela morou num sítio cheio de cajueiros e pitangueiras, e margeado pelo rio Salgadinho. Costumávamos ir lá — eu e meus irmãos Floriano, Napoleão, Zeno e José Aldo, e ainda Aníbal, filho do tio Quincas. Um de nossos divertimentos favoritos era caçar os gordos e peludos goiamuns que se escondiam entre as locas ou fugiam na lama negra dos mangues. Outra era brincar de bandido. Procurávamos parodiar os filmes de faroeste. Os cinemas se chamavam Odeon, Delícia, Floriano e Capitólio. E para a paisagem de sombras e mormaços, e aguaredos, procurávamos transplantar as imagens às vezes trêmulas em que se revezavam Tom Mix, Wallace Beery (pronunciávamos Valace Berri) e o cachorro Rin-Tin-Tin. Quando descobríamos o inimigo escondido atrás da mangueira ou encarapitado

no florido pé de cajarana, exclamávamos, na intimação triunfante: "Entregue-se!".

O convívio da parentagem não significava, porém, que fôssemos sempre unidos. As divergências familiares fraturavam, de quando em quando, as freqüentações diárias, as visitas e as confidências excessivas. Assim, quando ainda morávamos no sítio do Farol, uma misteriosa fímbria de desentendimento transpareceu numa observação de meu pai. A velha Laudicéia e a tia Flora costumavam passar o domingo conosco. Eu ia esperar a minha avó no portão — e, de repente, ela surgia no começo da estrada, a roupa escura, o guarda-sol aberto, e caminhando entre vacas e burros erradios. Um dia, meu pai anunciou que iríamos receber a visita de um personagem chamado Lucas. Era um barbeiro que, depois de alguns anos de permanência no Recife, voltara à terra natal. Ignoro que incidente encrespara as relações entre esse Lucas e o conjunto familiar formado por minha avó, tia Flora e talvez os tios Zeca e Quincas, mas meu pai fez uma recomendação especial, para que as cinzas de uma intriga ou mal-entendido, já dispersas pela ventania, não tornassem a ajuntar-se.

Num domingo de sol, Lucas veio cortar o cabelo de toda a família. Uma cadeira foi colocada debaixo de uma mangueira, e foi assim, ao ar livre, que ele exercitou o seu ofício, que meu pai considerava impecável, tanto que, na noite de segunda-feira, ao voltar do trabalho, contou à família reunida em torno à mesa que, tendo passado por uma barbearia, um barbeiro havia concentrado em seu corte de cabelo — obra prodigiosa do misterioso Lucas, que era baixinho e sarcástico, e se abria num riso escarninho de consumado intrigante — um olhar cheio de espanto e inveja. "Nenhum barbeiro em Maceió corta tão bem como o Lucas", asseverava meu pai, que, aliás, já nesse tempo era meio calvo. Desse Lucas que, numa grande fieira de domingos, vinha cortar os nossos cabelos, sob as mangueiras sombrosas, guardei uma observação surpreendente. De uma vez, aplicando em minha cabeça os seus profundos e inigualáveis conhecimentos capilares, fez uma observação que ao mesmo tempo me envaideceu e

preocupou: "Esse menino já teve mais cabelo". Eu poderia ter, no máximo, seis anos. Alvejado pelo reparo daquele invejado e invejável fígaro de província, temi ficar inteiramente calvo antes da adolescência. Mas um dia o fabuloso Lucas deixou de cortar nossos cabelos. Decerto nos cansou a sua perfeição; ou ele terá voltado a emigrar, em busca de novos triunfos em longes terras, ou o engoliu o nevoeiro de alguma escura intriga.

Outro fato dessa época que se entranhou em mim, numa franja de perplexidade, foi o não querer meu pai aceitar a decisão da natureza que lhe dera um filho canhoto. Nas visitas e apresentações, Napoleão estendia a mão esquerda, gesto que tinha o dom de irritar meu pai e até de encolerizá-lo. Estava ainda longe o tempo em que o destino, numa vingança graciosa, haveria de brindá-lo com uma neta canhota — minha filha Maria da Graça — e a esse capricho da hereditariedade ele concedeu o sorriso tolerante negado ao filho. Aliás, o inconformismo e a hostilidade dos adultos diante de crianças canhotas turvam incontáveis infâncias. Contou-me Sábato Magaldi que a intolerância de um professor, que o apontava à zombaria da classe e chegava a bater com uma régua em seus dedos de menino canhoto, levou-o a tornar-se ambidestro.

Ainda morávamos no sítio quando outro episódio chamou a minha atenção para a variedade da galeria humana. A campainha do portão bateu. Acompanhada da mãe, uma menina vinha pedir a bênção ao tio Floriano. Creio que meu pai a deu contrafeito, ou mesmo não a deu, sob a alegação de que só reconhecia os sobrinhos legítimos. Aquela menina sarará e de olhos de um azul verdejado pertencia ao ramo dos Ivos ilegítimos, que a atividade genesíaca de seu irmão Gabriel (ou seria outro, na família juncada de mulherengos?) ameaçava converter em verdadeira árvore genealógica. Por alguns dias, essa visita foi versada pela família, entre risos e observações maldosas. Tio Zeca e tio Quincas, machucados pelo destino despiedoso que os tratava a pão e água — obrigando um a testemunhar a ilícita riqueza alheia entesourada num banco, e o outro a entregar, de porta em porta, a correspondência de ladrões, assassinos, cornos

e adúlteras — não perderam vaza de censurar aquele meu tio paterno que, no interior pernambucano, se devotava a tão censurável ação adâmica. Aliás, os comentários sobre os transtornos e desgraças que as mulheres ocasionavam aos homens, e estes a elas, rondavam boa parte das palestras familiares. Nessa pauta ainda misteriosa para mim, uma notícia houve que me impressionou bastante. Meu pai a contou logo após ter chegado do trabalho: envolvido num caso amoroso, o poeta e médico Jorge de Lima, uma das glórias da literatura local, tinha escapado de morrer no momento em que se encaminhava para o Liceu Alagoano, onde ensinava. Não o alcançara nenhum dos vários tiros disparados por mão notoriamente adestrada. Dizia-se que o autor de "Essa Nega Fulô" atribuíra a salvação de sua vida a um verdadeiro milagre e, encontrando-se então em fase de conversão religiosa, assegurava: "Foi o Anjo da Guarda quem me salvou".

A hipótese de que um anjo descera de suas paragens celestiais, para evitar que o notável lírico alagoano fosse comido de tiros, tinha o dom de quase enfurecer o ateu Graciliano Ramos quando ele, muitos anos depois, conversando comigo em seu calorento apartamento da Tijuca, se ocupava do episódio — ocasião em que exprimia toda a sua desestima pelo grande poeta de sua própria terra, tão avara no produzir figuras literárias de teor excepcional, ou capazes de projetar-se na metrópole. Durante os meus primeiros tempos de Rio, freqüentei assiduamente o consultório de Jorge de Lima, um dos meus introdutores na vida literária carioca; entretanto, apesar da intimidade que nos ligava, jamais toquei no acontecimento que o levara a deixar Maceió. De qualquer modo, é curioso que as duas maiores expressões intelectuais geradas pelas Alagoas na era do Modernismo tenham deixado a terra natal de forma insólita. Jorge de Lima emigrou na bruma de um mistério sentimental quase marcado pela morte. E, quanto a Graciliano Ramos, lançado num porão de navio e, de cabeça raspada, nos cárceres da ditadura Vargas, ele mesmo costumava dizer: "Emigraram-me". Ainda a propósito de Jorge de Lima e Graciliano Ramos, desejo dizer que, ao dar os meus primeiros passos literários e

jornalísticos, verifiquei que os confrades provincianos não os tinham em boa conta. A inconfundível projeção intelectual por ambos alcançada no Rio parecia incomodar ou mesmo tornar incrédulos os que haviam ficado vegetando nos dias escorridos que lhes prometiam apenas o cair da noite, umbral de sonhos rancorosos. Uma baba de inveja e ressentimento descia de algumas bocas, quando se falava do sucesso de *A Túnica Inconsútil* ou de *Angústia* e *Vidas Secas*.

Suspendo esta divagação da memória errante e volto à infância. Não estamos mais no sítio. Já havia soado, para nós, a hora de dizer adeus às mangueiras e lagartixas e ao brincar de manja. Moramos agora numa casa alugada, na rua do Massena, no centro da cidade. Ainda hoje costumo sonhar com ela. Era uma casa de uma porta e duas janelas. Estas se abriam na sala de visitas, onde, alguns anos após nossa mudança, a grande atração seria o piano Essenfelder que meu pai comprou para minha irmã Maria. (Os carregadores, que o trouxeram, vieram cantando. O negro alto puxava a cantoria com um solo: "O que vem lá na barra?" E os outros sete, em coro, respondiam: "É um navio". Dizia-se que o canto se destinava a evitar que o piano desafinasse durante o transporte. Entretanto, era evidente que a toada de apenas dois versos media a marcha dos carregadores, harmonizando-lhes os passos e impedindo-os de tropeçar nas pedras da rua. Tratava-se, pois, de uma canção de trabalho.)

Da porta da entrada, o corredor se estendia até a sala de jantar, atravessando a sala de visitas e três quartos. No primeiro destes, meu pai instalara o seu escritório, que compreendia, além de uma escrivaninha dotada de numerosas e complicadas gavetas, e que se fechava como uma sanfona, uma máquina de escrever Underwood e ainda um *psyché*. No segundo quarto, uma escada conduzia ao sótão, e nele não dormia ninguém, a não ser os santos e anjos do oratório de minha mãe, os quais jamais dormem: passam a vida inteira ouvindo as queixas e súplicas das criaturas humanas. No terceiro quarto dormiam meus pais, naquela grande cama de casal onde dona Eurídice deu a luz a doze filhos, já que, naquele tempo, as crianças nasci-

am em casa e não nas maternidades, e as velhas parteiras provincianas ainda não haviam sido enxotadas de seus lugares pelos médicos. Grande era também a mesa da sala de jantar para caber a todos nós — e o tempo lhe conferiu uma imensidão bíblica. O velho relógio de parede, semelhante a um 8, marcava as horas — especialmente essas horas que não estão refugiadas nos mostradores, mas vibram dentro de nós, iguais às marés — e chegava mesmo a suscitar polêmicas gramaticais caseiras. Assim, uma vez em que Ana, ouvindo-o cantar as horas (ou seria outro relógio da cidade, ou algum sino atento ao fluir letárgico do dia?), proclamou: "Já são meio-dia", fomos advertidos por mamãe de que estávamos diante de um erro de gramática. A sala de jantar se abria para uma fatia de quintal, onde minha mãe teimava em cultivar algumas flores do antigo sítio, inclusive uns tinhorões desbotados. Outros cômodos continuavam a casa. Havia a saleta, onde costumávamos fazer os nossos trabalhos escolares (e onde, aos treze anos, li, ajudado por um dicionário, o meu primeiro livro em francês, *Bel-Ami*, de Maupassant). Uma despensa guardava as provisões, na casa de tantas bocas e tantas fomes. Na cozinha, o fogo de carvão vegetal, comprado em sacos, ficava aceso da manhã à noite. O banheiro e a privada eram separados, embora comunicantes; e, no fundo do quintal, a latrina das empregadas hierarquizava o sigilo fisiológico dos ocupantes da casa. O sótão comportava quatro quartos. O da frente se abria para a rua. A cama e o oratório de minha avó ocupavam o segundo aposento. Todas as noites ela rezava o terço. Não precisava ir à igreja para trocar idéias com Deus e conversar com os anjos do Paraíso. Minha avó Laudicéia Plácido de Araújo (ou de Araújo Plácido, como figura em algumas certidões) tinha Deus em seu quarto, em seu coração. E diante do oratório iluminado por uma lamparina ela desfiava as suas orações, fazia promessas, cochichava esses segredos que ninguém tem o direito de ouvir, exceto a divindade. Na hora de subir para o nosso quarto, gritávamos: "Bença, papai, bença, mamãe". Pertencíamos àquele universo, hoje esvaído, em que os filhos tratavam o pai de *senhor* e a mãe de *senhora*, e um olhar ríspido era a véspera da palmatória ou da surra de cinturão.

Um traço característico da arquitetura colonial que imperou, durante séculos, no Nordeste era a inexistência de janelas nos quartos de dormir, que se abriam habitualmente para o corredor das casas longas e escuras, embora pintadas a cal. Não havia janelas nos quartos de minha infância e adolescência — a primeira vez em que pude dispor de um aposento aberto para a paisagem foi na pensão do Recife, velho sobrado de onde se descortinava um nunca acabar de telhados. Mas, dormindo em quartos abafados, e tendo por único horizonte um céu de caibros e telhas às vezes transitado por um rato, eu de nada precisava, a não ser de meu próprio sonho, *pour bâtir dans la nuit mes feériques palais*. Refugiado em mim mesmo, eu arquitetava romances e poemas, numa linguagem que, cristalizada em imagens sucessivas ligadas por uma melodia ininterrupta, estava além das palavras. Antes mesmo de saber que a Poesia existia, e presumindo que ela se reduzia a um segredo pessoal, a uma mensagem intransmissível, eu era poeta. Da realidade do dia consumido, eu fazia o que bem quisesse, guiado pela imaginação. Transformava acontecimentos, mudava o destino e a fisionomia moral das pessoas, alterava a geografia, voava através dos tempos, encolhia e espichava o tempo ao meu bel prazer. Rival da vida e do mundo, o meu universo pessoal impunha, no silêncio de mim mesmo, a sua verdade irresgatável. E eu dormia, tranqüilo e confiante. Sabia que a vida jamais haveria de deformar-me. Eu pertencia à linhagem dos seres dotados do escudo invisível de sua própria e múltipla verdade.

No sótão havia ainda um vasto quarto onde se guardavam os trastes domésticos: móveis velhos, roupas antigas, livros rasgados, chaves perdidas (ou seriam chaves reencontradas), calvas bonecas amputadas, toda uma parafernália que nem podia ser conservada nas cômodas e armários abertos ao dia-a-dia, nem também podia ser jogada fora, já que nela vibrava a memória da família, presente no mofo, no cheiro de alfazema, no *biscuit* quebrado, na bacia de prata, no *cachepot* tornado venerável. Lembro-me de uma bengala de castão dourado, usada por meu pai nos primeiros anos do casamento, e também de um fraque.

Numa grande mala, minha mãe guardava, entre olorosos *sachets*, o seu vestido de noiva — esperava que uma de suas filhas, Maria, Nisa ou Inaiá voltasse a usá-lo. Havia também fotografias em medalhões, castiçais, restos do enxoval. E ao aspirar, agora e sempre, o perfume dos *sachets* incumbidos de proteger as rendas e bordados de minha mãe, livrando-os das traças e do mofo, e salvando-os da corrupção da morte e do olvido, observo que alguns móveis de nossa casa tinham nomes franceses, como *étagère* (aparador) e *psyché*, o grande espelho sobre duas colunas, e cuja base, dotada de gavetas para a guarda de escovas e pentes, inclusive os pentes finos que nos livravam dos piolhos, formava um assento onde eu costumava refugiar-me, para ler em paz os meus clássicos — isto é, *Song-Kay, o Pirata* e *A Toutinegra do Moinho*. A Segunda Grande Guerra não eclodira ainda, trazendo em seu bojo a sedução, para o Brasil, de norte-americanizar-se. A rotina alfandegária de Maceió era quase a mesma daquele 1808 em que d. João VI decretara a abertura dos portos. Nos navios ancorados, a bandeira inglesa proclamava aos ventos e aos homens o monopólio da exportação. Para Lisboa, Londres, Antuérpia, Alexandria, Boston e outros grandes portos do mundo, eram levadas as matérias-primas alagoanas: açúcar, algodão, madeiras, fumo. E, em troca, Alagoas recebia casimiras e linhos ingleses, cambraias belgas, azeite português, vinho do Porto, sedas e frascos de cheiro franceses. Até a lata de manteiga (uma manteiga às vezes rançosa, como se tivesse vindo da despensa de algum navio pirata) e os alfinetes procediam da Inglaterra, o mesmo acontecendo com muitos dos pianos, Broadwood ou Studard, que alegravam as manhãs indígenas, em intermináveis solfejos. Meu pai só vestia roupas de casimira e linho ingleses; e desta consagradora nacionalidade era também a cambraia de suas camisas. Aliás, o doutor Floriano Ivo não se limitava a cobrir-se de tecidos britânicos. Era, ainda, antigo professor de inglês, e alguns dos livros por ele utilizados em seu magistério juvenil estão hoje em minhas estantes.

A mudança para a cidade significava, para meu pai, a conquista de um novo *status*. Após quase vinte anos de trabalho,

lidando com os negros livros de contabilidade de um armazém de tecidos, o Lima & Silva, resolvera deixar de ser um assalariado e iniciar a sua carreira de profissional liberal. Abriu um escritório. Embora ainda não estivesse formado, já atuava no foro, como advogado provisionado. O antigo patrão, um português enriquecido no comércio de panos, destinara-lhe, quando de sua despedida, o equivalente a um mês de salário — reconhecimento da firma aos seus bons e longos serviços. Meu pai se recusou a receber os duzentos ou trezentos mil réis. E, trabalhando às vezes até altas horas, passou a enfrentar, quarentão, a realidade de uma nova existência, num trajeto diário que incluía varas cíveis, cartórios e o Tribunal de Apelação. Sua experiência de guarda-livros o avantajava para cuidar de falências e concordatas. Arranjou clientes no interior. Eu era quase sempre o escolhido para acompanhá-lo em pequenas viagens que não dispensavam certos ritos. Ele portava uma dessas maletas do tipo sanfona, com um segredo para abrir-se. E, entre os objetos indispensáveis, figurava uma saboneteira, com um sabonete especial para a ocasião, marca Fidalgo, e que avultava a meus olhos como o sinal de uma estranha magnificência.

De todas essas pequenas viagens, feitas habitualmente em sacolejantes fords-de-bigode alugados, a que mais se engastou em minha memória dispensou a poeira dos caminhos. Foi a que nos levou à velha cidade de Alagoas, antiga capital do Estado, hoje chamada de Deodoro. Saímos num domingo de manhã, numa barca que partiu do Trapiche da Barra e, sulcando as águas grossas e amarelentas da lagoa Mundaú, logo de início fez convergir a minha atenção deslumbrada para os restos dos navios afundados. Eram resíduos de um passado em que mesmo paquetes de bom porte navegavam por toda a bacia lacustre. Em 1859, quando d. Pedro II visitou as Alagoas, seu brigue-escuna não só cruzou a barra larga onde as águas das duas lagoas, a Mundaú e a Manguaba, se misturam ao oceano, como passeou airosamente pela bacia, levando o monarca a pisar o chão mole das cidadezinhas entre coqueirais que, mais de um século depois, continuam ostentando o mesmo ar pobre, caiado e carente,

com o tifo e a esquistossomose escondidos nas águas deletérias e a fome e a opilação empinando as barrigas de homens e crianças buchudos como se estivessem grávidos — e na verdade o estão sempre, grávidos da morte.

Eu, menino, não via a miséria. Começara a enxergá-la quando os meus olhos se haviam aberto para o mundo; e isto significava não a ver, de tal modo ela estava entranhada nas coisas e nas criaturas, na luz do dia e no morcego da noite, e era algo inseparável da própria vida e da própria morte, consubstanciado na essência do mundo, no assoprar do vento que circundava as palhoças dos pescadores de sururu, no anil das lavadeiras, na elefantíase que monumentalizava as pernas dos mendigos estendidos junto à calçada do Cinema Floriano, quando íamos rir-nos das comédias de Carlitos e Mack Sennett ou gritar de alegria no momento em que o cavalo de Buck Jones saltava o abismo formidável entre dois penhascos. Muitas vezes, quando morávamos no sítio, mulheres da vizinhança vinham pedir à família do "doutor" Floriano um auxílio, para poder enterrar um desses anjinhos que iam para o paraíso das covas rasas com as bochechas pintadas de ruge.

Na província estratificada, que desde a colonização vivia praticamente do açúcar — cujos sacos gosmentos se acumulavam nos armazéns à beira-mar, à espera dos navios — a miséria hereditária e multissecular não era apenas uma realidade. Era, isto sim, a realidade da realidade: a figura primeira, que tanto envolvia o povo miserável como, pela lei dos contrastes, um daqueles usineiros ou senhores-de-engenho que pareciam passar o dia inteiro nas barbearias da rua do Comércio, tão desapressado era o seu cortar o cabelo ou fazer a barba.

Naquela viagem de barca, vi os apanhadores de sururu, mergulhados até a cintura na lama negra e nutriz, arrancando os molhos também negros e peganhentos. Debrucei-me para olhar os pescadores nas canoas cheias de tainhas, carapebas, camorins, gordos bagres do Pilar, aratus que traziam para o sol o negror de suas tocas. Meu pai me apontou a Ilha de Santa Rita. Era a primeira ilha que eu contemplava em minha vida. Mais do

que a breve palavra insulada em sua própria magia, ela emergia ao meu encontro como uma paisagem completa, com os coqueirais domados pelo vento e as mangueiras e jaqueiras gordas como goiamuns monstruosos. E, no viscoso horizonte de baronesas, coroas ilhotas em que, molengas, a água e a terra não se desgrudavam, numa fervilhação miasmática de começo do mundo, fiquei a ver a *minha ilha* sumir. Na velha cidade desolada e fantasmagórica em que nasceu o marechal Deodoro da Fonseca, o proclamador da República — e onde também foi nascido o meu avô materno — meus olhos se levantaram para a fachada dos velhos palácios degradados. A miséria comia o passado faustoso de minha terra: almoçava os anjos bochechudos e os púlpitos de jacarandá das igrejas e conventos, jantava as meiáguas esborcinadas pelos aguaceiros e pelo vento que, vindo das imensidões atlânticas, quebrava telhas e calhas. Era uma miséria barroca, em que o pormenor dominava a totalidade — como uma elefantíase, uma barriga d'água, um bócio, uma macrocefalia. Mas eu não sabia ou podia enxergá-la — só muitos anos depois, longe e já quase estrangeiro, eu veria a miséria de minha terra correr ao meu encontro, como um visitante sem palavras na boca desdentada. À noite, quando voltamos, minha mãe aludiu à beleza da paisagem. No grupo escolar, a professora assegurou, no dia seguinte, que eu visitara um dos lugares mais bonitos do mundo. A dose leonina de ufanismo que nos era servida, em casa e na escola, afastava a miséria, ou a tornava a manifestação imperativa da vontade de um Deus que, em sua imensa sabedoria, resolvera dividir o mundo entre os ricos, os remediados (classe a que presumíamos pertencer) e os pobres e miseráveis.

Presente na morte e nas necessidades que sustentavam os altos interesses do mundo, o mistério da obscuridade e da miséria humana me intrigava. E eu o sentia pousado no meu ombro, como um pássaro.

Menino de cidade praieira, eu ia, aos poucos, pisando a terra firme que rompia além das lagoas e tabuleiros — aquela terra preta de massapê, que fizera das Alagoas o mais verde e radioso

de todos os Nordestes, levando a cana-de-açúcar a devorar a antiga paisagem florestal e impor-se como uma paisagem que, às vezes, não respeitava nem o sertão, e espalhava engenhos rapadureiros até na caatinga.

As pequenas viagens tinham para mim o poder incomparável de desvendar mundos novos, cumulando-me com uma sucessão de dias aproveitados. Mesmo quando ia para perto, era como se fosse para muito longe, levado nas fubicas de rodas airosas e nos trens da Great Western — trens poeirentos e resfolegantes que, em certas ocasiões, paravam apenas para que as balduínas mortas de sede pudessem beber água. Diante dos meus olhos, surgiam velhos circos de toldos remendados; cemitérios caiados, como se a morte fosse uma coisa branca; igrejinhas tão humildes que elas próprias pareciam ajoelhadas, pedindo perdão à paisagem, casas-de-farinha; molecas quase nuas tomando banho de rio; árvores tronchas; lavadeiras acocoradas, ensaboando os panos sujos da vida. Meu pai chamava a minha atenção para um engenho de fogo morto; e meus olhos de menino, que amavam sorver o pormenor, reduto de universos escondidos, iam descobrir, naquela estampa defunta, o cabriolé desmantelado. Da janela do trem parado na estação de paredes encardidas, detinha-me a escutar a cantoria dos cegos — carinhosamente chamados de ceguinhos, mesmo que eles fossem altos e troncudos — que estendiam aos viajantes as suas cuias de lata, enquanto os ouvidos contabilizavam o cair dos vinténs. Vendedores de passarinhos apregoavam os tesouros ruflantes cativos nas gaiolas: galos-de-campina, xexéus, papa-capins, curiós e canários que eram verdadeiros mestres na arte do gorjeio. Havia quem oferecesse galos de briga que só conheciam o sabor sangrento das vitórias, e até a raridade estupenda de galos-músicos, que cantavam ao comprido. O trem apitava. Os trilhos avançavam entre canaviais. A cada apito, a cada curva à beira do rio já degradado pela tiborna das usinas, a cada parada, voltava ao meu encontro o Nordeste sensual e dengoso, musical e raparigueiro, bíblico e messiânico, meigo e bárbaro, que haveria de colar-se para sempre à minha identidade.

Na plataforma da estação igual às outras, esse Nordeste musical e grudento se universalizava na pretidão quase roxa das molecas piolhentas, nos ciganos que atravessavam a paisagem como se carregassem os molambos de um antigo reino destroçado, nos passos inquietos dos cachaceiros e jogadores de bozó atraídos pelas viagens alheias, nos dentes podres dos caixeiros vestidos de branco, na música dos pifeiros, nos cegos e aleijados que garantiam a toda cidadezinha cochilosa a sua medieval corte de milagres, no espanto dos mal-assombramentos, nos tabuleiros de beijus de tapioca, nos foguetes e zabumbas que rasgavam festivamente o silêncio. Eu olhava, observava, ouvia as zoadas da vida. No fim da viagem, ao entardecer, uma nuvem de tanajuras caía sobre a terra e me envolvia. *Cai, cai, tanajura/na panela da gordura.* (Eu aprendia, então, que o meu povo gostava de comer tanajura torrada). E em roda de mim e de meu cansaço de pequeno viajante que vira coisas demasiadas num só dia, toda a minha terra natal cantava — embora fosse às vezes um canto triste do ceguinho de feira, uma história de cortar coração, narrada pelos que não tinham voz e nem sequer direito à esperança.

Um dia, como perguntasse a minha mãe se meu pai era rico, ela respondeu, enigmática: "Rico de filhos!". Com efeito, formávamos uma escada apreciável. E dispúnhamos de três empregadas. Uma delas, Ana, fora mucama de todos os doze filhos que dona Eurídice pôs no mundo. Destes, dois morreram logo ao nascer, sendo que um deles, antes de mim, se chamou Lêdo — nome dado por meu padrinho, Aurino Maciel, escritor provinciano que publicou um livro sobre Gonçalves Ledo; e um terceiro, Éber, morreu de tifo.

Um fato singular se liga ao meu nascimento: tive uma irmã de leite, chamada Maria Anunciada. Perturbada por uma tragédia familiar — creio que o assassinato de seu marido — uma amiga de minha mãe, que dera à luz na mesma época, ficou impossibilitada de amamentar. Assim, nos primeiros dias de minha vida uma doce presença feminina esteve ao meu lado, sugando comigo as mesmas fontes nutrizes da vida. Fui convívio e partilha desde o instante inicial de minha existência.

A família numerosa e sempre crescente não podia prescindir de médicos e dentistas. Sarampo, catapora, papeira, tosse de cachorro — todas as doenças da infância vinham visitar-nos. O vizinho da casa em que nasci, na rua das Verduras, no Farol, era o doutor Manuel Brandão, que morava num belo palacete ajardinado. Com a sua medicina, ele ocupou toda a nossa infância. Pertencia à fabulosa linhagem dos alagoanos que possuíam automóvel. Quando íamos de bonde para a escola, e o víamos no assento traseiro do rebrilhante carro negro, ele respondia às nossas saudações com um gesto lento e largo. Tinha consultório na farmácia de que era o proprietário. Íamos lá aos bandos, para a consulta rumorosa e gratuita. "Mostre a língua". Ditosos tempos aqueles em que uma língua, vermelha ou saburrosa, era o espelho do corpo, assim como os olhos são as pascalianas janelas da alma. Em casos mais graves, contentava-se em nos apalpar o baço. Saíamos cheios de amostras grátis.

Foi o doutor Brandão o personagem de uma história que não sei se verdadeira ou criação anedótica de meu irmão Lou. Um dia, minha mãe levou Ana para uma consulta. Após pedir-lhe que mostrasse a língua, o velho médico, decerto um dos maiores clínicos que a nossa província já produziu (era pai do também médico e folclorista Théo Brandão) lhe perguntou se ela estava obrando com regularidade. A pergunta a desnorteou: era incompreensível como latim de Igreja. Para se fazer entendido, o doutor Brandão quis saber se ela defecava diariamente. Novo silêncio. Então, certo de que a clareza é uma virtude indispensável ao seu ofício, o doutor Brandão recorreu ao português mais castiço, à velha língua medieva. E a interrogou com a mais vibrante austeridade: "A senhora tem cagado bem?"

Até hoje o episódio me delicia. Fiel à língua do meu povo, ao falar seminal das bocas que ainda guardam, tantos séculos corridos, a rude e rica maneira de ser e exprimir-se dos homens bons, degredados e mulheres erradas que colonizaram o Nordeste, encontro um frescor e uma louçania extraordinários nesses termos essenciais que os eufemismos hipócritas foram expulsando do corpo do idioma, e costumam ser afiançados de

chulos pelos estilistas delicados ou desfibrados. Entretanto, nenhum verbo exprime com tanta propriedade a ação de descomer como aquele que o austero doutor Brandão desenterrou de seu glossário escondido para poder comunicar-se com a humílima cliente que só conhecia as palavras grandes da vida. E já que estamos versando sobre esses verbos incomparáveis que alvorejaram nas bocas lusíadas, nenhum outro traduz com tanta exatidão e fervor genesíaco o ato sexual como aquele verbo duro e baixo. Aliás, essa guerra santa às palavras-chave do universo vital e fisiológico não ocorre apenas na nossa velha língua de frades e freiras libertinos e guerreiros façanhudos. À medida que os idiomas se apuram, abertos ao pensamento abstrato, à manifestação das sutilezas psicológicas e às formas corteses de expressão, vão perdendo a frescura original. O inglês de agora está longe de possuir o vigor da língua de feira usada por Shakespeare e Fielding; e o francês, polido e aristocratizado por séculos de salões, aulas na Sorbonne e sessões da Academia, não passa na verdade de uma pálida, elegante e graciosa contrafação da língua de Villon, Rabelais e Montaigne — língua de um poeta ladrão e assassino, de um frade que conta as suas aventuras descabeladas e do grande e respeitável senhor que, na torre do castelo de Montaigne, narra honradamente a sua cólica matinal. E em tal elenco ilustre e desbocado merece acolhida a admirável Madame de Sévigné que, escrevendo a sua filha, a preciosa e não-me-toques Madame de Grignan, alude àquele mensageiro que lhe veio ao encontro "*crotté jusqu'au cul*".

Ao levar-me para as suas pequenas viagens, meu pai recompensava o comportamento satisfatório de um menino estudioso e dado às leituras. Mas os menores deslizes eram implacavelmente punidos. Ele acreditava na eficácia dos castigos corporais. De vez em quando o seu cinturão latejava nas nossas costas, e nossas mãos culpadas eram obrigadas a estender-se para receber a dúzia de bolos desferida por uma escova de roupa ingloriamente erigida à indignidade de palmatória familiar. Entre o louvor e a punição, terminei por aprender que certas faltas, quando enormes, dispensam e até enxotam os castigos, exigindo um

novo critério de apreciação e julgamento. Lou e Napoleão estudavam num colégio pago, o Diocesano, dos irmãos maristas. Aluno relapso, Lou conhecia todo fim de semana, quando trazia as notas, o peso do braço paterno, mas não se emendava — inclusive porque, sendo míope, ainda não lhe tinham sido dados os óculos que lhe permitissem deter-se nos textos escolares.

No intervalo das surras e lágrimas, passei a ouvir rumores, cochichos. E, um dia, a notícia explodiu: Lou havia fugido de casa, em companhia de um colega, um menino da família Vilas Boas, tão relapso quanto ele (e que, rapazinho, se suicidou). Meu pai se movimentou para localizar os fujões. Recorreu ao telégrafo. Naquela mesma tarde eles foram tirados de um vagão de segunda classe do trem da Great Western que os levava para as lonjuras de um universo sempre horizontal (e não redondo, como lhes ensinavam no colégio) e ficaram detidos numa estação. Meu pai já me havia incumbido de alugar um carro — de qualquer modo, era uma pequena viagem! — quando um dos colegas de foro e compadre se ofereceu para apanhar os fujões em seu próprio automóvel. Fomos, avançando contra o fim da tarde que se dissolvia no meio dos arbustos aleijados do tabuleiro. Num quarto escuro da estação de Lourenço de Albuquerque, estavam os dois fugitivos, entre desapontados e temerosos. Na viagem de volta, nenhum dos dois falou: cumulava-os o silêncio da aventura interrompida. A porta do mundo mal fora aberta, para logo se fechar na noite grande e escura. Assim que chegamos, os braços de minha mãe se abriram, entre lágrimas e palavras de amor ferido, como "meu filho adorado"; e sua aflição coroou, patética, a volta do filho pródigo. A censura paterna cedeu lugar a um carinho canhestro que não deixava de ser uma forma reservada de amor.

Um amigo de meu pai lhe sugeriu pôr o Lou na Marinha, que haveria de endireitá-lo. Mas ele preferiu mandá-lo estudar, juntamente com Napoleão, no Colégio Salesiano, do Recife, onde estivera quando adolescente. Assim, a falta formidável de meu irmão mais velho era recompensada com um prêmio fabuloso: aluno interno num colégio da capital pernambucana! Os

enxovais começaram a ser feitos e guardados em duas grandes malas. Quando, no começo do ano seguinte, ambos embarcaram no trem da Great Western (meu pai envergava o guarda-pó branco que a viagem haveria de enegrecer), minha mãe proclamou, orgulhosa: "Eles estão levando um enxoval de príncipe de Gales". Até a escultura rococó dos bolos chilenos preparados por minha avó fazia parte da matalotagem.

Desde que nos mudamos para o centro da cidade, apoderou-se de mim uma devoradora fome de leitura, só comparável à fome propriamente dita dos nordestinos bem sucedidos que, fugindo à miséria hereditária, passam a comer por si e pelos seus desnutridos ancestrais. Eu lia tudo o que me caía às mãos: *Tico-Tico, O Malho, Almanaque do Biotônico Fontoura, Eu Sei Tudo,* os exemplares d'*A Noite Ilustrada* que reproduziam as imagens da revolução constitucionalista de S. Paulo, as espertezas de Nick Carter. Foi por esse tempo que acompanhei, no *Jornal do Comércio,* do Recife (que chegava à noite, trazido pelos trens) o folhetim *A Toutinegra do Moinho,* de Émile Richebourg. Era o mundo do romance, da ficção larga e desatada, e dotada de uma rica textura de surpresas e incidentes, e de enredos só desenredados nos capítulos finais, que se abria para mim como um leque de incontáveis varetas.

Eu descobria, enfim, que a realidade não vive apenas de e em si mesma; não é um monumento que se possa contemplar no meio de uma praça, mas um labirinto onde nos perdemos; e uma secreta energia a leva a gerar outros universos, que a relatam ou interpretam, mesmo sob as tintas da fantasia e da inverossimilhança.

Muitas dessas leituras eram à noite, no escritório de meu pai, num sobrado da cidade. Solicitado por algumas causas trabalhosas, era obrigado a fazer serão, e me levava para uma companhia que varava horas. Graças à sua formação de guarda-livros, conhecia todos os meandros da contabilidade e as artimanhas do comércio, o que lhe permitia atuar com o maior desembaraço nas ações de falência e nas concordatas. Às vezes, parava de escrever ou de examinar papéis e quebrava o silêncio

com uma observação de cunho judiciário, como se eu, menino de dez ou onze anos, fosse um dos seus parelhos, e não o leitor esfaimado de *Os Três Mosqueteiros* ou de *Robinson Crusoe*. A sua reflexão sobre a derrocada de um dos grandes do comércio local ecoava em mim; e eu pensava sobre o destino da vida, que oculta derrotas na mesma embriaguez dos triunfos, esconde o vexame da escassez no fundo dos celeiros mais providos, e surpreende com a amargura e o isolamento os que se julgam mais a salvo das estocadas da infelicidade.

Advogado de falências, meu pai — que só teve na vida a ambição de educar seus numerosos filhos — me ensinava que o viver é surpresa e mudança, mesmo nos panoramas imóveis. Quase meia-noite, suspendia o trabalho — aquele trabalho que jamais o enriqueceu, muito embora chegasse a alcançar até os domingos. De volta para casa, a alguns quarteirões, eu respirava o mais que podia, como se fosse a essência do vento do mar incógnito entre as pedras da rua e as constelações, o mistério rasgado da noite alagoana. Curvado sobre tacos, em atitudes convizinhas de uma complicada ginástica, homens jogavam bilhar. Em torno do Relógio Oficial, alguns grupos linguarazes estavam longe de exibir a mais mínima fadiga no comentário da vida alheia; e esse falar tresnoitado os fazia esquecer suas próprias vidas tediosas e malignas. Na Helvética, em mesas congestionadas por grandes rodas de garrafas de cerveja, outros grupos se preparavam, impacientes e ruidosos, para exigir da noite o mais que ela lhes pudesse dar, em estúrdias e delícias; e os pés desses notívagos insaciáveis se agitavam, sob as mesas, prelibando o prazer que haveriam de sentir, quando subissem os degraus que os conduziriam aos prostíbulos mais respeitados da cidade. Numa esquina, cruzava por nós um vulto evasivo — e naquela solidão de lobisomem, que vinha e se sumia como se fosse o alimento da escuridão, a minha imaginação de criança fazia proliferarem fábulas. Mas a presença de meu pai me protegia dos abantesmas. Cumulava-me o silêncio noturno de Maceió, só fendido pelo rumor populaceiro das mesas descaradas ou por algum passo equívoco. Ao chegar em casa,

mamãe nos esperava com um chocolate ou um prato de aveia. E depois vinha o sono, borracha que apagava todas as inscrições do dia, mesmo as contabilidades que multiplicavam as tribulações dos homens.

Nessa época em que me tornei um leitor pertinaz se encrava um episódio que diz bem de meu amor pelas palavras. Foi quando fiz a primeira comunhão, juntamente com Lou e Napoleão. Meu pai era antigo maçom, e por várias vezes, quando ainda morávamos no sítio, anunciou o meu batismo pela maçonaria, jamais efetivado. Minha mãe, católica fervorosa, rezava diariamente, embora só raramente fosse à missa; o que-fazer doméstico a requisitava mesmo nas manhãs de domingo, e além do mais não era de bom-tom sair desacompanhada do marido, mesmo para as cerimônias religiosas. Mas, para compensá-la da não freqüentação das igrejas, ela possuía um oratório, no qual se destacavam algumas imagens trazidas por meu pai de uma viagem à Bahia. Assim como os engenhos tinham as suas igrejas e capelas, as casas citadinas não dispensavam um oratório, testemunho da fé religiosa tradicional, presente mesmo em famílias notoriamente sanguinárias. As promessas aos santos faziam parte da rotina cotidiana de minha mãe. Quando minha avó veio morar conosco, trouxe, além da cama e da cômoda, o seu oratório particular onde, habitualmente, uma lamparina acesa indicava as suas devoções ou precisões, já que aos santos era entregue a solução de sinuosos negócios terrestres.

Apesar das convicções de meu pai — que costumava afirmar ser o mesmo o povo que se divertia no carnaval e se compungia nas procissões — fazíamos o curso secundário em colégios religiosos. Talvez ele não confiasse nos estabelecimentos públicos, no caso o Liceu Alagoano. Essa freqüentação didática, somada à religiosidade de minha mãe, conduziu-nos a todos à primeira comunhão. Uma velha beata, dona Marocas, incumbiu-se de ensinar-nos o catecismo, e com tão contagiante fervor que, por algum tempo, roxos escapulários pendiam de nossos peitos. Na véspera da confissão, fui aconselhado a escrever, numa folha de papel, a lista de meus pecados, para não esquecê-

los. Entre eles, incluí a luxúria. Meu pai, vendo-me aplicado na operação redentora, quis ver a quantas andava a condição humana de seu rebento. E me interpelou: "Você sabe o que é luxúria?". Na verdade, não o sabia, apenas me rendera ao sortilégio de uma palavra flexuosa e sombria. Com algum desapontamento, fui obrigado a retirar a luxúria do repertório de minhas fraquezas infantis.

Durante uns três anos fui católico praticante, confessando-me e comungando com freqüência, e confiando a Deus as minhas inquietações e sobroços, entre os quais figurava o temor de encontrar, à noite, algum papa-figo ou de ser raptado pelos ciganos que, de vez em quando, surgiam em Maceió. Uma missão de capuchinhos, que apareceu no Colégio Diocesano à cata de vocações religiosas, chegou a atrair-me. Mas minha mãe, apesar de seu entranhado catolicismo, advertiu-me de que a condição de frade franciscano não pertencia ao elenco dos destinos que meu pai me reservava. Recordo que, entre os capuchinhos, havia um, alto, gordo e barbudo, que se distinguia pelo irradiante desembaraço. Para ele, a religião era uma coisa alegre e sadia. Ao evocar esse frade que amava a vida e o vinho, e falava dos índios e das selvas amazônicas, penso na observação de Melville, de que Cristo deveria ter nascido no Taiti, e não na árida Jerusalém.

Aluno de um colégio católico, eu era obrigado a acompanhar as procissões, compungido e fardado. Ainda alcancei o tempo em que as festas religiosas transfiguravam a comunidade maceioense. Padres paramentados, coroinhas, seminaristas, senhores de opa, filhas de Maria, meninos vestidos de anjo, e chusmas de mendigos davam à cidade um fervilhante ar medievo. As pedras do calçamento da rua do Rosário, perto da Catedral bimbalhante, desapareciam sob um tapete de folhas de pitangueira e até de pétalas de rosas, mandadas esparzir pelas famílias mais penhoradas em exprimir a sua religiosidade ou ostentar a sua fortuna. Em muitas janelas, almofadas fofas impediam que beatas e matronas fatigassem os braços e os bustos na espera murmurante, enquanto não vinha o Santíssimo. E não só de devoção, de sinos e foguetes, cânticos e andores, terços e

rezas, do fervor de criaturas ajoelhadas, vivia o alagoano, na grande tarde azul e branca, roxa e negra. A festa da religião triunfante, naquela praça onde a cidade nascera, no começo do século XVII, à beira do riacho *Massayó* (a princípio um engenho de açúcar, com uma capela sob a invocação de Nossa Senhora dos Prazeres, e depois se fora irradiando, mudando-se em burgo e, graças à sua enseada, sendo elevada à categoria de cidade e sede do governo provincial) abria os apetites. Em cada canto das ruas e praças, vielas e becos, tabuleiros aquietavam fomes e sedes, oferecendo quebra-queixos, pés-de-moleque enrolados em folhas de bananeira, amendoim cozido ou torrado, pamonha, beijus, milho verde e outras guloseimas irresistíveis, apenas superadas pelos sorvetes de mangaba, caju e pitanga. Na Porta do Sol e na Helvética, ateus e cépticos comemoravam o dia santo bebendo cerveja Fratelli Vita, que vinha da Bahia, e um traçado de cachaça vernácula e conhaque de longes terras, e ocupados em assuntos terrestres: os integralistas que haviam chegado do Recife e expeliam vibrantes anauês quando cruzavam com os seus comparsas alagoanos; o último filme de Buster Keaton; o jogo entre o CRB (pronuncie-se *cerrebê*) e o CSA (*cessiá*), as candidaturas de José Américo de Almeida e Armando de Sales Oliveira à presidência da República. Um dos interlocutores argumentava que o desconcerto multissecular do Brasil só seria corrigido se o general Pedro Aurélio de Góis Monteiro assumisse o poder, com carta branca — isto é, como um ditador esclarecido — tornando afinal realidade o sonho de outro alagoano, o marechal Floriano Peixoto, o qual, em seu governo convulsionado pela guerra civil, e enfrentando o saudosismo dos monarquistas e a sanha dos bacharéis frenéticos e jornalistas financiados pelos banqueiros de Londres e Lisboa, não pudera fazer de nossa pátria um grande país. No embaralhado das conversas, Alagoas reclamava a grandeza perdida. A Terra dos Marechais, que produzira os dois primeiros presidentes da República, e ainda se fizera presente no marechal Hermes da Fonseca (que, embora gaúcho, era sobrinho de Deodoro), experimentava, em suas entranhas, o ressentimento formidável de ter sido esqueci-

da pela História. E o mesmo sonho obsessivo preenchia o silêncio ou as palavras dos freqüentadores do Ponto Certo, que ficava perto do Teatro Deodoro, e onde o prato mais apetecido era um munguzá, chave-de-ouro das noitadas eruditas e boêmias.

Muitos dos incréus costumavam ir às igrejas, nas missas de domingo e novenas — ou porque os templos fossem lugar de namoro e mesmo de adultério, ou porque a isso os forçava a cidade sem diversões, a um tiro de pistola do tédio. Às vezes, a presença de um pregador famoso, de passagem pelas Alagoas, levava à Igreja do Livramento o que Maceió custodiava de mais fino e letrado: os desembargadores e juízes-de-direito que liam Clóvis Bevilacqua e Ponson du Terrail, o chefe-de-polícia, os membros da Academia Alagoana de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico, os médicos e advogados, os comendadores portugueses, os professores do Liceu Alagoano. Mas, no caso, essa afluência ilustre se devia a motivos que extrapolavam da religião. Na voz cachoante vinda do púlpito de jacarandá, os freqüentadores austeros e bissextos pretendiam colher apenas as flores da retórica — as metáforas, os hipérbatos, os suarabáctis, as hipálages, as silepses, as diéreses, as sinéreses, as catacreses, as harmonias imitativas, toda a esplendorosa catadupa verbal, mais envolvente que o incenso dos turíbulos e mais fulgente que a luz dos candelabros. Não era raro que um anacoluto viesse tisnar, traiçoeiro, a pulcritude da trovejante oração sacra, talvez mandado pelo Demônio, invejoso de tanto fulgor verbal, ou mesmo pelo próprio Deus, interessado em mostrar aos fiéis que os emissários divinos também são falíveis, e só Ele é a perfeição absoluta.

Nos dias seguintes, o sermão era debatido, criticado e louvado nos lugares mais vários da cidade, desde o Tribunal de Apelação e a Recebedoria até a porta do Bar Colombo; e mesmo os bordéis não eram tão desapiedados que não permitissem que, entre rodadas de cerveja, seus freqüentadores, voltados para cuidados graves, aplaudissem a originalidade de uma antítese do pregador emérito ou lhe censurassem uma epítese demasiadamente arrojada. Mas, naqueles tempos em que os submarinos de Hitler já freqüentavam os mares nordestinos e, no Catete,

Vargas via a sua mudança para São Borja com o constrangimento natural dos governantes autoritários e providenciais, alguns alagoanos invocavam as mais recentes conquistas da Ciência para fulminar os argumentos teológicos do pregador. E, baseados em Darwin e Spencer, sustentavam que o homem vinha do macaco, tese também sujeita a refutações acirradas, por não serem poucos os estróinas que não abriam mão de sua procedência divina.

Na Páscoa de 1939 — lembro-me bem, neste preamar da memória — com a minha fé já bastante danificada pelas leituras e talvez pelas conversas com os livres-pensadores que juncavam as ruas de Maceió, decidi não comparecer ao confessionário. Interpelado por um dos irmãos maristas, meu professor, mantive a decisão. E desde esse dia longínquo os meus pecados acumulados como a areia das dunas se foram convertendo em vivências. Confessionário aberto a todos os perdões, a máquina de escrever acolhe as minhas culpas, muitas vezes sob formas sibilinas e metafóricas. Alguns dos pecados que, na minha infância, eram apenas palavras de catecismo, a vida os converteu em verdades intorcíveis, no "homem feito de carne e de sentidos» averbado por Camões. Mas as perguntas da infância continuam sendo as da maturidade. Ao vento pergunto por que estou aqui e não lá, e vivo e respiro a vida agora e não ontem ou amanhã. Diante dos navios que passam, indago por que estou no porto e não no tombadilho dos viajantes. Interrogo-me, a mim e ao universo. Ambos eles são o mesmo interlocutor. E nenhum me dá resposta. Só o que pergunto se responde.

Tocado pelo vício impune da Leitura, como o celebrou o poeta inglês Logan Pearsall Smith, passei a recorrer, na cidade então sem biblioteca pública, aos empréstimos de amigos e colegas, e cheguei mesmo a entrar em algumas congregações religiosas, para ter direito aos seus livros nem sempre piedosos. A Coleção Terramarear abriu para mim as suas imensas portas de maresia; e os piratas e as pirogas me levavam, por entre ondas altas, às paragens onde o mundo ao mesmo tempo começava com o seu sol ofuscante e findava no cortejo de suas

estrelas. Romances? Apesar da dignidade desta palavra, prefiro compará-los aos astros da mais bela constelação que jamais pousou sobre uma infância sedenta de aventuras. Seja-me permitido mencionar, da relação ditosa, *A Vingança do Iroquês, Song-Kay, o Pirata* e *Os Caminhos do Pacífico*, de Emilio Salgari; *Os Náufragos de Bornéu*, de Mayne Reid; *A Ilha de Coral*, de R. M. Ballantine. A brisa da viagem e da evasão que eu, na adolescência e no pórtico da juventude, haveria de buscar em Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé e Valéry, foi nessas páginas aventurosas que começou a soprar. (Na portentosa *Storia della Letteratura Italiana*, de Francesco Flora, procuro inutilmente o nome de Emilio Salgari. No oceano de nomes acumulados nos três volumes, poucos têm significação para mim. E, entretanto, o renomado historiador omitiu o antigo capitão de navio mercante que, não sei por que motivo, se suicidou, em Turim, aos 48 anos de idade. Por sua vez, Albert Thibaudet exclui em sua *Histoire de la Littérature Française* o folhetinesco Richebourg. É por estas e outras que não faço muita fé nos cartapácios das histórias de literatura: seus autores, que amam as traças mas não amam o vento que sopra nas velas dos navios perdidos, ignoram que o hábito da leitura começa na infância, não sendo um privilégio dos doutos e exigentes. O autor de *A Vingança do Iroquês* tem tanto poder de mudar destinos como Shakespeare e Cervantes. Basta uma paisagem tropical, vista da bitácula de um navio de piratas, ou o tesouro enterrado numa ilha do Pacífico, para deflagrar, num menino provinciano, um processo de invenção e busca da verdade escondida do universo que terá o tamanho e a duração de sua própria vida.)

De leitura em leitura, fui descobrindo *O Vigário de Wakefield*, de Goldsmith, e *Recordações da Casa dos Mortos*, de Dostoievski, ambos em volumes gordos e minúsculos da Coleção Sip, que me revelou ainda alguns romances de Tolstoi. Depois, numa noite em que acompanhara meu pai a um serão no escritório, li *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, e pensei: o Brasil é como a Rússia, o sol é a nossa neve. Numa tradução de Monteiro Lobato, caiu-

me entre as mãos *A Ponte de San Luis Rey*, de Thornton Wilder, que, segundo julga Franklin de Oliveira, haveria de repercutir no meu *Ninho de Cobras*, do qual ele foi o primeiro leitor. Eu lia de tudo. Uma vez, adquirindo volumes jurídicos numa livraria, meu pai disse ao livreiro: "Meu filho é capaz de devorar esta livraria toda".

Nos jornais, nada dispensava ou me escapava, de tal modo que, um dia, descobri na coluna de telegramas retidos o nome de minha avó. Meu irmão Floriano foi incumbido de ir buscá-lo. Tendo-o aberto, já voltou com a notícia triste: tinha morrido, no Rio, a filha mais velha de minha avó, Alice, que vivia separada do marido. A morte fora semanas ou meses antes, pois o telegrama estava destinado ao endereço antigo, o sítio da rua da Paraíba (hoje rua Floriano Ivo, homenagem da província tardiamente sempre grata ao pernambucano de Garanhuns que escolheu Maceió para cenário de sua vida). Lou disse, ao entrar em casa: "Tia Alice faleceu". Este verbo, no telegrama, era preferido ao outro, mais direto, em que a morte está irrecorrivelmente presente, com toda a sua evidência. Para mim, era como se essa tia longínqua e desconhecida não houvesse morrido. Faltava-me uma ponte, uma ligação que me conduzisse do verbo antigo e de uso largo e diverso, mas que parecia escamotear a sua desaparição, até aquele que, sem circunlóquios ou atavios, a confiava aos vermes da terra.

Creio que foi por esse tempo que a Morte passou a me preocupar. Assisti a um dos meus irmãos, recém-nascido, ser levado por ela — e a vi, então, uma coisa pequena e breve, reduzida a um arquejo ou suspiro, igual a uma nota de música no velho piano que minha avó, ao vir morar conosco, terminara vendendo. Na cidade pobre e suja — e abalada por convulsões políticas periódicas, naqueles tempos em que desavindos irmãos da família Góis Monteiro lideravam e açulavam partidos e facções — a ausência de esgotos e a má qualidade da água geravam epidemias. De vez em quando, o tifo surgia, devastador; e, numa de suas sinistras aparições, levou meu irmão Éber, de onze anos, além de ter atingido Zeno e Nisa.

Além da péssima situação sanitária da cidade, os ódios acumulados, as tramas armadas na treva e as rivalidades, e mesmo os motivos mais fúteis, ceifavam existências, ora no meio da rua e em pleno sol, ou no interior das casas e restaurantes, ora nas tocaias na calada da noite. Meu pai, que gravitava no pequeno universo da Justiça e dos cartórios, falava no Sindicato da Morte, o misterioso responsável pelo sacrifício de tantas vidas — na verdade, um tribunal acima de todos os outros e ungido do poder formidável de decretar quais os alagoanos que tinham o direito de viver na cidade de ruas tortas e aspirações entortecidas. Interessado pela Morte, eu acompanhava enterros, ia aos cemitérios, lia os epitáfios, conseguia entrar no necrotério e ver os corpos desolados dos assassinados (lembro-me de que, uma vez, vi uma moça suicida), parava diante de uma loja mortuária e ficava a assistir ao preparo de um daqueles ataúdes forrados de pano negro, e com uma cruz roxa, que faziam da morte algo muito mais solene do que os esquifes de madeira envernizada hoje adotados. Na cidade pequena, a passagem da morte era uma ocorrência grande e real. O dobre dos sinos advertia os alagoanos de que eles não eram imortais. Nas portas e janelas das casas que ela visitava, cortinas negras tremiam ao vento que soprava a vida matinal das dunas e do mar eternamente azul; o cheiro enjoativo da cera e das velas colidia com o breve perfume das flores vindas de quintais distantes; e o carro funerário, com a sua sereia lamentosa e fatídica, penachos e cortinas, era um autêntico barco de Caronte, dotado de quatro rodas. Uma dessas mortes que me acompanharam longamente foi a de uma antiga namorada minha, Maria Emília, que se suicidou com um veneno desviado da farmácia das tias com quem morava. Maceió dos suicidas! Até o vento cercava as criaturas, como uma jaula feita de ar.

Da morte dos outros, passei a refletir sobre a minha morte. Logo que entrei para o Colégio Diocesano, dos irmãos maristas, para fazer o curso secundário — e a verdade biográfica exige que eu diga, aqui, que tirei o primeiro lugar no exame de admissão, e haveria de ser o primeiro da aula por dois anos

seguidos, até que o demônio da literatura me fizesse desinteressado dos triunfos escolares — comecei a emagrecer e a sofrer de crises de impaludismo, contornadas pelo uso de pílulas de quinino. Conheci tremores e fraquezas convizinhos da morte. Salteava-me a imaginação o temor de uma vida curta. Aquilo que eu trazia dentro de mim — algo ainda caótico, letras e sílabas de uma frase que só no sucedimento dos anos teria condições de converter-se na leitura interminável — aquele rascunho de dicção que era o segredo de minha adolescência seria apagado pela morte. O curioso é que, estoicamente, eu aceitava a fatalidade de minha morte. Mesmo antes de ter lido Montaigne, eu já aprendera a morrer, apesar de meu inabalável amor pela vida, que foi e continua sendo o maior dos meus amores. Mas meu pai resolveu mandar-me, nas férias grandes, passar uma temporada em Garanhuns. Estava certo de que o clima de sua cidade natal, portentosamente cognominada a Suíça Pernambucana, me curaria. Em Garanhuns, vi a cadeia em que, durante uma convulsão política municipal (a chamada Hecatombe, de 1917), meu tio Sátiro Ivo, o pai do romancista Luís Jardim e vários outros expoentes da cidade se haviam refugiado, para ali morrer assassinados. Era perto da casa de minha tia Júlia, irmã de meu pai, casada com um português que amava as anedotas pornográficas e costumava despejar nos ouvidos das filhas e da mulher, nas discussões habitualmente ocasionadas pelos namoros contrariados das moças, um surpreendente catálogo de expressões chalaçudas.

Voltei curado. O frio, o ar seco e alto, as comidas e o carinho da fanhosa tia Júlia levantaram, em torno de mim, a barreira de que eu necessitava para rir das investidas da morte. Eu tinha treze anos de idade: estava na hora de começar a minha carreira literária. Uma vez ou outra conseguia que um jornal de Maceió ou do Recife publicasse uma pequena história de minha autoria. Alguns dos meus contos foram mandados para o Rio e premiados no concurso permanente de contos mantido pela revista *Carioca*, dirigida por R. Magalhães Júnior, a quem considero o meu primeiro descobridor literário. Minhas relações se foram

ampliando. Freqüentava bares, sebos e redações de jornal, em convivências escusas que iam dos austeros aos glutões e frascários. Meu pai via com mau olho a febril atividade que me ia afastando dos estudos e me levava a ouvir, numa roda do Relógio Oficial, um dos mais notórios ociosos da cidade dizer gravemente: "Nós, os intelectuais".

O sonho de meu pai era que eu me tornasse um advogado — não um causídico de província, como ele, mas um grande advogado que, num centro maior, como o Recife ou o Rio, tivesse oportunidade de afirmar-se e expandir-se, ganhasse rios de dinheiro. A malta literária que transitava pelas ruas e bares, censurando com tanta severidade a literatura metropolitana, não lhe inspirava a menor confiança. Um exemplo sempre invocado, para me afastar do caminho arriscado e traiçoeiro que desconvinha aos seus desejos e ambições, era o do poeta oficial de Alagoas, o malogrado Carlos Paurílio. Era um fiapo de gente que, entre os risos cruelíssimos e os olhos de comiseração dos seus conterrâneos, arrastava pela cidade o andar bambo de uma vida devastada pela cachaça. Mas, desviando-me das advertências paternas, eu prosseguia em minha exuberante atividade literária. Aos quinze anos, já era autor de dois romances, *Madrugada* e *O sol nasce para todos*, cujos originais, sem cópia, foram mandados para um concurso de romance promovido em 1939, no Rio, pelo semanário *Dom Casmurro* e sumiram para sempre, depois de competentemente desclassificados. Ousei até escrever ao editor José Olympio uma carta (que ele guarda até hoje) propondo-lhe publicar um livro de contos. Em resposta, ele sugeriu que eu concorresse ao Prêmio Humberto de Campos que, anos antes, havia aliás revelado Luís Jardim, amigo de meu pai. Concorri e perdi: a hora dos prêmios e recompensas imaginárias ainda não tremia no horizonte.

Eu já não estava sozinho. Encontrara o amigo exemplar, o confidente que, ao cair da noite, recolhia os sonhos do dia. Era Haydn Goulart que, até a morte, haveria de ser o leitor de todos os livros do mundo. Foi ele que, no início de 1940, quando fui estudar no Recife, me levou a Willy Lewin, que também pertencia à sua rara linhagem.

Alguns dos companheiros de vida literária se preocupavam menos com o meu destino intelectual do que com o fato de, aos 14 anos, eu ainda ser donzelo. Um deles tomou a iniciativa de apagar de minha existência a mancha intolerável, que aliava à prática dos prazeres solitários — que, aliás, são apenas um. Levou-me a vários prostíbulos, oferecendo as minhas primícias a algumas mulheres de sua absoluta confiança — isto é, mulheres limpas, que as gonorréias e os cancros moles e duros ainda não haviam devastado. "Muito menino!", dizia uma. "Mas é uma criança", ponderava outra. Uma delas se limitou a dar-me um beijo no pescoço — e esse beijo, ao mesmo tempo carinhoso e antecipador de volúpias futuras, tinha um gosto inconfundível, como se guardasse em si mesmo, no roçar dos lábios na minha carne, na umidade da saliva e na presença do corpo inclinado junto ao meu, a marca registrada de todos os bordéis do universo. Por maiores que fossem os esforços desse devotado companheiro de andanças prostibulares (era um advogado, que andava sempre armado), as putas de minha terra não se interessaram em colher a flor de minha pucelagem.

Foi algum tempo depois, numa segunda viagem a Garanhuns, que me tornei homem. Uma tarde, no parque da cidade, conheci uma moça que estava aprendendo a andar de bicicleta. Dispus-me a ajudá-la. Da vez em quando, ela se amparava em mim, em suas quedas e vacilações, e o seu busto me roçava o peito. Terminou por marcar um encontro, à noite, perto de um descampado, num lugar chamado Arraial. Ao descobri-la, sentada num calçadão, em companhia de um menino de dois ou três anos, eu não poderia imaginar que aquela seria a minha primeira noite de amor. Fomos andando. Ela deixou a criança, que era seu filho, e fruto de uma aventura qualquer, sentado numa clareira, recomendando-lhe que não saísse dali. Avançamos mais. Num chão macio que cheirava a capim ela se deitou e, levantando a roupa até o pescoço, ofereceu-me, talvez em silêncio, um corpo de seios pequenos e pentelhos exatos. O meu amor foi rápido e triunfal como o dos galos. Ao levantar-me, o céu estava todo constelado. Ela se ergueu tam-

bém e, baixando a roupa, beijou-me no rosto — um beijo mudo e quase casto, que encerrava, para mim, a descoberta do êxtase.

De volta a Maceió, o mistério de minha vocação literária continuou intrigando meu pai — embora ele só quase aos 40 anos tivesse resolvido mudar de vida, deixando de ser guarda-livros num armazém de tecidos para se formar pela Faculdade de Direito do Recife, aonde ia apenas fazer as provas, pois a sua condição de pai de família numerosa e também, segundo ele, a de pernambucano lograra a simpatia de mestres insignes ciosos da freqüência às aulas. (Seus jovens colegas consideravam-no o vovô da turma, quando de suas aparições periódicas para os exames.) Por que um de seus filhos queria ser poeta e escritor? Meu pai conhecera, de vista e de chapéu, alguns escritores, como os alagoanos Jorge de Lima e Graciliano Ramos, e ainda José Lins do Rego e Rachel de Queiroz, que haviam morado alguns anos em Maceió. Mas, para ele, essa gente pertencia a um outro universo. Em sua família de pequenos fazendeiros e negociantes não havia nenhum caso parecido; os mais letrados se voltavam para a advocacia, como era o caso dele e de um sobrinho, Sátiro Ivo Junior, o Ivinho.

Anos atrás, consultando o *Curso de História da Literatura Portuguesa*, de Teófilo Braga, descobri que, entre os inumeráveis poetas, hoje completamente esquecidos, que formavam, no século XVII, a Arcádia Ulissiponense, um havia, chamado Miguel Tibério Piedegache Brandão Ivo. Seria meu ancestral? Teria eu herdado desse árcade obscuríssimo a minha vocação poética? Estaria nesse sangue longínquo e todavia presente, transmitido de geração em geração, o meu amor pelas velhas formas clássicas da língua, como o soneto, a balada, a ode e a elegia? O sobrenome Ivo, abrangendo velho tronco espalhado em vários estados do Nordeste — e centralizado em Pernambuco, de onde saiu, montado em seu cavalo branco, o guerrilheiro Pedro Ivo, cantado por Castro Alves e Álvares de Azevedo — deita as suas raízes na mais arcaica genealogia peninsular. Mas cabe esclarecer aos escoliastas de porta-de-livraria que o escritor português Pedro Ivo (1842-1905), autor de livros ainda hoje lidos e apreciados, como *O Selo da Roda*, *Contos* e

Serões de Inverno (que podem ser encontrados nos sebos cariocas, pois gozou de grande favor dos leitores brasileiros e da colônia portuguesa), não pertence a essa família tão grande e de sobrenome tão pequeno. Pedro Ivo era pseudônimo, sendo Carlos Lopes o seu nome verdadeiro.

A ser verdade que descendo do poeta português Miguel Tibério Piedegache Brandão Ivo, esta é a segunda vez que um integrante da família, desafiando as forças da obscuridade e do esquecimento, entoa a sua lira na língua ao mesmo tempo dura e maviosa, arestosa e belíssima, em que Camões celebrou o fragor formidando das tempestades e as pungências da dor-de-cotovelo. Mas, daqui a alguns séculos, o Ivo de agora será apenas um nome, citado de roldão na história literária de um novo Teófilo Braga; ou, esquecido e não notado pelos futuros Fidelino de Figueiredo, Antônio José Saraiva e Oscar Lopes, Aubrey Bell e outros mestres todavia atentos ao que a criação artística possui de mais efêmero e fugidio, não será nada. Como as ondas, que apagam os nossos passos na areia, e o vento, que suprime o sinal de nossa escalada nas dunas, e a morte, que nos esconde, como um escudo, do amor, do ódio e da indiferença, o tempo é um grande ladrão de nomes. Todavia, enquanto ele não chega para despojar-me de mim mesmo, curvo-me diante desse passado que freme na fronteira do possível ou do imaginário. E por um momento me sinto vivo e completo, fruto consumado do conúbio do arcadismo português com a antropofagia dos caetés alagoanos que, ao comer o bispo dom Pero Fernandes Sardinha, na verdade queriam assimilar toda a Europa.

XII

FANFARRA

Professores me escrevem.
Virei autor didático,
narração de apostila.
Estou sendo adotado
nas universidades!
Leitores compulsórios,
alunos me dissecam.
Poesia é anatomia?
Sou poeta vivo ou morto?
Não quero ser navio
que apodrece no porto!
Venha o leitor comum,
ponha-me na sua mesa
— e migalha de pão,
luz e calor, palavra
na boca muda eu seja.

Na literatura brasileira, ninguém caça, ninguém pesca, ninguém ama, ninguém vive. É uma literatura livresca, que só sabe respirar o ar abafado dos livros. Nos suplementos, acumulam-se os artigos sobre as novidades literárias, numa fatigante e melancólica uniformidade só interrompida pela ilha negra do artigo a respeito de algum confrade morto. A experiência pessoal não figura nessa literatura que, assentada na paráfrase e na paródia, ignora a vida e a realidade não-livresca, não sabe fazer a leitura do mundo.

O menino passeia com o pai na manhã de domingo. Súbito, queixa-se:

— Caiu um bicho no meu olho.

O pai observa-lhe o olho, vê que nada o ofendeu, tranqüiliza-o:

— Não está vermelho, não foi bicho nenhum.

O menino:

— Então foi uma flor.

Visita à cidade natal: a professora desesperadamente amada na infância é agora uma ruína.

Viver é fundar aos poucos um Egito pessoal, juncado de múmias.

Bastava-lhe fechar os olhos para sentir, imediatamente, a mudança de temperatura. O ambiente se tornava mais quente. Era como se começasse a envolvê-lo o fogo do Inferno prometido a todos os pecadores.

A noite desce sobre as coisas imundas mas não as redime.

Manuel Bandeira e eu conversamos sobre os versos mais belos de nossa poesia. Ele cita um, de Orestes Barbosa: "Tu pisavas nos astros, distraída", pelo qual tem uma preferência especial. Recito o primeiro quarteto do seu "Soneto inglês nº 1":

Quando a morte cerrar meus olhos duros
— Duros de tantos vãos padecimentos,
Que pensarão teus peitos imaturos
Da minha dor de todos os momentos?

e saliento que só um poeta viril e carnal poderia ter engastado, nele, esses "peitos imaturos" que estabelecem, de um lado, a linha de perplexidade e contraste entre o sentimento da morte e o sofrimento inútil dos homens, do outro, a beleza e santidade da carne sem pecado e sem memória.

Quanto aos versos mais feios da língua, cito-lhe dois, de um tal de Manuel Bandeira:

Se ela vier, mando matar
Uma galinha.

Numa conversa de livraria, o mitômano A., que nunca saiu do Brasil, me diz:

— Quando eu estudava na Universidade de Heidelberg...

Atalho-o:

— Mas como, se você não sabia alemão?

Ele, grave e explicativo:

— Não precisava. O curso era em Latim.

Vivemos numa civilização deslumbrante e imunda. As montanhas de lixo roçam as constelações.

O sentimento do universal está ligado em mim às fontes nativas — ao antigo farol branco que, do alto da colina, iluminava o caminho dos navios; à cioba na praia; ao pequeno estaleiro apodrecido; aos trapiches; ao cheiro do mar e açúcar entranhado nas pedras das ruas tortuosas de Maceió.

Atordoado pela fanfarra literária, invejo os poetas obscuros, que tiveram a felicidade de esquivar-se ao rumor e, enquanto vivos, praticaram a solidão e permaneceram inabordáveis e intactos.

Nenhum clarim vale a obscuridade que protege o canto dos poetas.

Na vida, precisamos sempre usar máscaras, pois ninguém nos reconheceria se nos apresentássemos de rosto nu.

Certas palavras desuetas, em português velho e relho, parecem moças que, debruçadas nas janelas, namoram os passantes e lhes pedem com os olhos que as levem com eles.

Junto ao mar silencioso as montanhas cantavam.

A lasciva Z. confidencia-me que o escritor X., com quem manteve acidentado comércio amoroso, é péssimo na cama.

— Falta-lhe estilo — diz-me ela.

É o mesmo defeito de sua prosa pobre e suada.

Este delicioso poema, "Um desejo para meu filho", do poeta chinês Sun Tong-Po (1036-1101):

Todos queremos ter um filho inteligente.
Contudo, a inteligência me fez perder a vida.
Agora quero um filho ignorante e estúpido.
Sem dificuldades chegará a ministro.

E, do poeta Wu Sseu-Tao (século (XIV), "Os cavalos comem grão":

Os cavalos comem grão.
No quartel há mais de duzentos
e de cada vez comem duzentas medidas.
No ano passado houve uma grande seca, e os homens agora sofrem fome
e comem raízes de árvores e cascas.
As autoridades requisitam o grão, temem que falte comida aos cavalos.
Como os cavalos são preciosos, como os homem são pouca coisa!
O coração dos homens não se atreve a ter-lhes rancor,
alegra-se porque os cavalos do Estado estão gordos.
Se os cavalos do Estado estão gordos poderão correr como o vento.
O Norte e o Sul estão inquietos.
O general precisa de ginetes para dispersar os bandidos.

Como somos insensatos! Passamos a vida inteira subindo a escadaria do Nada e, a cada degrau, esperamos encontrar o que de antemão sabemos não existir.

Quem morre, mata a morte.

Minha vida de papel. Minha vida devorada diariamente pelo papel dos livros que leio ou pelo papel que se vai enegre-

cendo com as minhas palavras. Temo estar dando uma importância demasiada à letra, quando só a vida *de fato* me interessa.

É para a vida que me volto. Quisera ser como o lixeiro, que considera imprestáveis todos os papéis que recolhe.

Verão de 1953. Naquela tarde de domingo, no Jardim das Plantas, em Paris, duas tartarugas gigantescas copulavam. As crianças e adolescentes que, junto aos adultos silenciosos, assistiam à cena, tinham um ar ao mesmo tempo sábio e divertido. Era como se estivessem recebendo, no mesmo instante, uma lição de zoologia e uma inconfidência sobre certos ritos ou segredos familiares.

Precisamos ser indulgentes com os que erraram — e mais indulgentes ainda com os que não tiveram a coragem de errar.

Devemos estar presentes em cada linha do nosso texto. Não apenas usar vírgulas, mas ser as vírgulas que usamos. Não só descrever uma rua, mas ser a rua que descrevemos, com os seus passantes e tabuletas, pedras e fachadas.

Debruçado à janela, fico a olhar as pessoas que passam. E, concentrado em minha condição de observador, termino esquecendo que a miséria humana, em desfile, é a minha miséria.

XIII

O VENTO EM SALEM

Ventava em Salem. Era o mesmo vento universal que Nathaniel Hawthorne ouvia nas suas tardes escuras de fiscal aduaneiro ou quando, junto à lareira acesa, escrevia pacientemente as histórias de sua cidade sufocante. Era o vento que trouxera os pistilos do Demônio e os deixara cair nos corações das mulheres de Salem, transformando-as em feiticeiras. Era o vento que insultara as velas dos baleeiros, cuspira na cara dos marujos e vomitara injúrias nos ouvidos dos capitães dos cargueiros abarrotados de tudo o que antigamente o Oriente possuía de mais leve, gentil e perfumado.

Senti sobre a minha cabeça esse escuro vento de Salem, esse velho vento das bruxarias, esse vento incorrigível e talvez surpreendido com a minha presença ali, naquele litoral da velha Nova Inglaterra. Na hora empenhada em recolher os fundos segredos de uma desolação perdida, as gaivotas grasnavam loucamente no céu frio.

Fora na minha pequena cidade à beira do mar, e que, através do branco farol, da alfândega e dos trapiches, sabia cumprir zelosamente os seus deveres para com o mar e os navios, que eu lera pela primeira vez *A Letra Escarlate*. E agora, contemplando o belo pórtico da Custom House de Salem, era como se ouvisse, apesar do vento roufenho, o crepitar sobre o papel da pena que Hawthorne segurava, escrevendo, nas horas

de ócio, aquela história de ultraje e redenção que abrira, para o seu país, as portas da universalidade literária. A cidade terrível levantara um monumento ao filho ilustre que, portador de um sobrenome amaldiçoado pelas bruxas, parecia querer resgatar-se em sua ascese e no próprio ato de apontar a sua cidade natal como um dos portos preferidos pelo Diabo. 27 Union Street — aqui ele nasceu. Mais adiante, na Crimshawe House, brincou, menino, com Sophia Amelia Peabody, que depois se tornaria o seu amor e sua mulher.

Seguido pelo vento que zombeteava, anavalhando-me o sobretudo, enveredei pela Charter Street, atingi o Burying Point. Entre estes túmulos — inclusive o de Richard Moore, morto em 1692, e o único conhecido dos peregrinos do "Mayflower" — Nathaniel Hawthorne passeava, e seu coração fechado pesava, como os dois pratos de uma balança, o mistério e a realidade, a inocência e a culpa. E a eventual sombra ao longe do opulento cidadão que morava numa das mansões cercadas de árvores da Chestnut Street não se projetava apenas contra a tangível supremacia marítima daquele instante de fausto. Ela haveria de espalhar-se, como um pouco de cinza, pelas páginas brancas que, espelhos, souberam refletir, para sempre, os *doorways* da cidade próspera e maldita, ninho das almas calcinadas pelo calvinismo. Na pena do romancista de gênio, o mais local e regional se intemporalizava e se universalizava. A etnografia dos regionalistas irmanava-se à metafísica dos grandes poetas dramáticos.

Surpreendendo-me a sair da Mall Street House, onde Hawthorne escreveu *A Casa das Sete Torres*, ou entrando na própria mansão fantástica transformada em rendosa e singela indústria turística, o vento me vaiava. Como dizer àquelas interjeições de sal que não se tratava de uma embasbacada excursão turística — muito embora eu tivesse visto a réplica do Arabella e de outros navios eminentes! — e sim de uma santa peregrinação? Deixá-lo vaiar. Às gaivotas enrouquecidas pelos séculos que timbravam em apregoar, no ar de um azul quase lívido, a inanidade daquele domingo efêmero, o obscurís-

simo passante opunha o milagre do acaso formidável que o trouxera ali.

Adolescente, ao ler *A Letra Escarlate*, eu compensava com os panoramas da realidade as omissões daquela dura e pura e gótica ficção de Massachusetts. O mar, os navios, a alfândega, as persianas cinzentas da hipocrisia, as coifas da histeria e do adultério, as casas onde puritanos vestidos de escuro levavam existências de aranhas ou de víboras, os negros armazéns grávidos de mercadorias, tudo era como a minha cidade natal, que lavava no vento e nas águas do mesmo oceano o sangue de seus crimes e a fuligem de seus erros.

Entrando na Alfândega de Salem, parei diante da alta mesa onde se sentava Hawthorne, nos três anos em que exerceu os seus misteres de *surveyor of customs*. Dali, Nathaniel via os navios que entravam e saíam. Dali via também os homens. E mesmo quando o afastaram daquele emprego que o obrigava a analisar carregamentos de carvão e ele se mandou para outras paragens — e um presidente da República, seu amigo de infância, o nomeou cônsul em Liverpool, o que o levou a conhecer Roma — aquela visão marítima o acompanhava, limite extremo de todas as paisagens do pecado e da danação, contraforte de um mar a palpitar eternamente nas trevas.

Um lugar de onde o romancista possa ver os homens e os navios, eis a imposição da utilitária estética. Uma mesa alta, papel e tinta, apenas isto bastara, em certa época, para que esse Nathaniel Hawthorne (em cujas veias corria, ao lado do sangue de um magistrado que condenara bruxas, o próprio sangue das feiticeiras e endemoniadas) visse o mundo e o eternizasse. Romance: arte de ver.

Ventava em Salem.

O meu demônio interior, eu o quero preso por uma coleira como se fosse um cão.

Em Roma, naquele anoitecer de 1953, a velha dama da sociedade paulista sustentava, diante de mim e de Sérgio Buarque

de Holanda, a tese de que a inquietação estética e a inconstância amorosa e matrimonial do poeta decorriam de um complexo criado pelas exíguas proporções de seus órgãos genitais.

E como um de nós, para melhor averiguar a procedência da revelação, lhe perguntasse se comprovara ao vivo esse aspecto lamentável da vida pessoal do agitado poeta e panfletário, ela respondeu, com uma fria malícia entremeada pela nostalgia de tantos frêmitos esvaídos:

— Não me afogo em cálices de licor.

Haverei de recordar sempre aquela tarde em que, caminhando ao seu lado — e diria melhor seguindo-a, já que ela parecia guiar-me através da multidão — me senti por um instante depositário de minha verdadeira vida, despojado de todos os mal-entendidos e equívocos, seqüestrado de tudo o que em mim é rumor, agitação e desperdício.

Eu estava, inteiro e perpétuo, naquela *ilha de mim* que, subitamente, nascia do vão oceano de minha vida rotineira e automática.

O sentimento da posteridade está abolido em mim e em tudo o que escrevo. O leitor que imagino é sempre necessariamente um contemporâneo. Em prosa ou em verso, endereço-me a este hoje-em-dia que me nutre e abastece.

A projeção de minha obra numa dimensão de posteridade, ocasionada pela sua própria trajetória no futuro ou por um ideal estético diferente, mudará (caso ocorra) uma regra fundamental do meu jogo. Serei como esses vinhos que, exportados, têm o seu aroma e sabor alterados quando o navio que os transporta atravessa a linha do Equador. Não serei o mesmo poeta nem o mesmo prosador de agora.

Isto não significa que eu negue à minha obra o emblema da durabilidade. Mas este empenho em permanecer, sendo uma virtude nativa de meus textos, está dirigido ao aqui e agora. Não o guardo para o leitor futuro. Ofereço-o ao passante de hoje.

O que sobra
é a obra.
O resto soçobra.

O poeta cria o que contempla.

Radiguet, agonizante: "Vou ser fuzilado pelos soldados de Deus".

Os inimigos do escritor são os inimigos do homem: o excesso ou a ausência de amor; a solidão; as aglomerações; o álcool; a abstinência de bebidas; as viagens; o não-viajar; os pequenos e grandes vícios; a falta de vícios; o trabalho; a ociosidade; o conforto e o excesso de dinheiro; o desconforto e a falta de dinheiro.

Tudo conspira contra o escritor: o que ele ama ou odeia, possui ou não tem; seu espírito erradio ou humor sedentário; a vida conjugal e familiar; as heterodoxias sexuais; o isolamento ou o convívio.

A própria felicidade, se possível, haveria de prejudicá-lo, já que só a infelicidade é criadora e tem o poder de abrir as bocas fechadas para a voz, o grito, o canto ou o lamento.

Dois dos meus versos mais autobiográficos estão em "A Contemplação" (*Cântico*):

É somente no artifício
que a eternidade nos tece.

Desde o início eu tinha a consciência de que o poema é um artefato, o produto de um determinado artifício; e a durabilidade ou posteridade do poeta depende de um agenciamento de sons, figuras, ritmos, rimas, cadências, imagens, música, significações geradas pelo encontro ou choque de palavras. O *eu* do poema não é o eu da vida, mas um eu criado pelo uso especial de uma linguagem em que, mallarmeanamente, damos *um sentido mais puro às palavras da tribo*, graças a uma retórica própria.

Este drama da poesia ocupa a minha vida inteira. Sou uma criação das palavras. O "Soneto Espatifado", de *Linguagem*, alude a essa situação:

e em palavras mudado, nada tenho
que sirva à fome de humano da morte.

Num poeta ou artista, a autobiografia estética elide a biografia armada pelo que temos de humano, cronológico e histórico.

A pesca é universal, a caça é regional.

Para fundar a sua Igreja, Cristo escolheu um pescador, São Pedro, e não um caçador.

Não gosto de ver os mortos. Parece-me que eles se evadiram de seus despojos. Contudo, apesar da convicção íntima de que os mortos não estão mais em seus cadáveres, passei pela Academia e me detive alguns momentos diante do corpo de Guimarães Rosa, fulminado por um enfarte três dias após a noite triunfal de sua posse. Envergando o fardão, Guimarães Rosa estava de óculos. Um defunto de óculos! Para ver o quê?

Assim como não temos um corpo (somos o nosso corpo) a poesia não tem uma forma. É a sua forma.

Nós, criaturas humanas, somos os esgotos de Deus.

No degrau
o dragão
símbolo do sim
no mundo do não

Não acho que o jornalismo seja uma profissão fatal ou nociva aos escritores. Ele lhes possibilita um conhecimento invejável da natureza humana — principalmente da baixeza humana. E isto sem falar na lição de estilo da técnica de comunicação jor-

nalística, que reclama exatidão, precisão e clareza, repelindo os excessos e ambigüidades e prestigiando a economia e eficácia dos meios verbais.

Creio mesmo que, ao lado da medicina e da prostituição, o jornalismo é a carreira que melhor familiariza a criatura humana com as misérias de sua condição, que é a do "bicho vil da terra e tão pequeno" verberado por Camões.

De repente, como numa iluminação, sinto que não sou eu que faço a minha obra. É a minha obra que me faz. O que inventei passou a inventar-me, impõe-me o seu ritmo e mitologia, não permite que me evada de sua órbita. Transformei-me, aos poucos, numa criação de minha própria criação.

Onde estou? Para onde vou? Quem sou? Ao cair da noite, bebo o vinho de minha ambigüidade e jogo a taça no horizonte indeciso, feito de mar e terra.

Para nos iludir, a morte usa sempre a máscara da vida.

A. tem a mania de grandeza. Imagina-se morto, mas num catafalco.

Carioca e antigo moleque do morro, penosamente aristocratizado pela ascensão social, Machado de Assis não captou, em sua obra, um dos característicos essenciais do Rio: o seu aspecto tropical e que, mais do que um aspecto, é na verdade uma substância, a envolver tudo, as paisagens, as ruas e casas, as gentes, a luz do dia, as estrelas e insetos da noite. A visão da metrópole tropical e florida, com os seus verdes exuberantes, seu mar azul, os bairros que sarjeiam as montanhas, falta em sua obra tão carente de colorido — na verdade uma obra em preto-e-branco, sem os verdes e azuis, brancos e amarelos, rosas e azuis, que vibram e se derramam nas páginas largas de Alencar e na prosa imagística do romance poemático de Pompéia.

Nos romances e contos de Machado de Assis, e mesmo em suas crônicas extraídas da realidade chã dos dias que passam e

dos episódios que se esvaem com as horas, não está colado o selo tropical do microuniverso carioca, que tantos estrangeiros — como Spix e Martius, Canstatt e o Herman Melville de *White-Jacket*, para quem o Rio "is the Bay of all Beauties" — e mesmo brasileiros de outras paragens (como o cearense Alencar e o maranhense Graça Aranha do maravilhoso *A Viagem Maravilhosa*, tão caluniado por certos paspalhões de porta ou fundo de livraria) souberam reconhecer na mais nacional de nossas cidades. Falta o mormaço carioca às ficções do velho céptico que, com o seu comportamento e gestos de caramujo ou de tatu, sabia enxergar o que há de subterrâneo nas almas e nas coisas, mas fechava os olhos de míope às luminosidades estridentes e às colorações excessivas da paisagem nativa. Sem dúvida Machado de Assis não sentia calor quando vestido nos fraques de casimira inglesa que o protegiam do passado indesejável e transfigurado. A disciplina moral e estética, comunitária e burocrática, que o levara a abolir o passado, e até a empenhar-se a fundo na relusitanização de uma língua já tropicalizada pelo seu antecessor José de Alencar e pelo seu contemporâneo Pompéia, aboliu nele a noção de mormaço e calor. E, por outro lado, também não há aguaceiros e temporais em seus livros: as chuvas são fininhas e européias.

A vida sexual de Machado de Assis — eis um tema sedutor e que me admira não tenha ainda sido abordado, nestes tempos de pornochanchada e até de pornocrítica. O Machado que tinha ciúmes dos braços roliços de sua alva Carolina — que, discreta e eficaz professora de cama e mesa, o levou, pelo aliciante caminho dos lençóis e da arrumação de casa, a adotar uma sintaxe portuguesa em seu discurso literário, e também o induziu a livrar-se de seu incômodo passado tropical — esse Machado cauto e ciumento, reservado e ambíguo, e em cuja obra ocupa um espaço tão surpreendente a preocupação pelo adultério feminino, a atenção concedida às mulheres que traem os maridos ou dotadas de uma propensão psicológica para traí-los mesmo quando fiéis, como não enxergá-lo dentro do fraque de outro Machado ático e subeuropeu, ostensivamente antitelúrico, indiferente ao calor da cidade e cético quanto ao calor dos homens?

Imagino que Machado de Assis teria tido um destino literário bem diferente (talvez melhor, talvez pior) se ele se tivesse casado com uma brasileira, em lugar de ter confiado o seu coração de gago e o seu segredo de epiléptico a Carolina. Na cama de casado do autor de *Dom Casmurro* não se produziu o estímulo de uma parceira sexual que tivesse vindo não do frio e das neves européias, mas do ofuscante e mormaceiro sol dos trópicos. E essa falta de uma esposa dengosa e mestiça no universo sexual e conjugal do mulato Machado de Assis se refletiu em seu universo estético, projetando-se sobre a literatura brasileira.

Nos papéis póstumos de Diderot, foi achada esta reflexão: "La terre absorbe également le vice et la vertu. Il faut être heureux suivant le penchant de sa nature. Voilà toute ma morale". É nessa indiferença da terra acolhedora que penso, quando os coveiros, embaixadores do nada, vão escondendo dos meus olhos os despojos de X. Lembro o alto juízo que ele fazia de si mesmo, de suas virtudes e qualidades, e ainda a intolerância com que aludia aos vícios alheios.

A felicidade está além do medo e da conveniência: X. não foi feliz. E agora a terra, numa decepção póstuma, torna-o igual àqueles que ele censurava ou desprezava.

A campainha toca. Será o padeiro? O rapaz da enceradeira? O oficial de justiça? O homem de vermelho? O chefe de polícia? O estafeta da Western? O anjo da vingança? O anjo da guarda?

Ou é a call-girl *sem nome*
que veio sem ser chamada
com bolsa pele-de-onça
e sua blusa encarnada?

"...le corps un trésor à prodiguer" — este verso de Rimbaud, que me persegue desde a adolescência, ocupa a minha lembrança enquanto ela está diante de mim. Como é bela! É um animal de luxo, prazer e beleza, uma máquina de volúpia. Seu corpo é um tesouro prodigalizado aos outros, tanto aos que o usufruem como aos que apenas o adivinham através do vestido.

Assim como há um deus da alma, há um deus do corpo. Ambos são terríveis e querem ser adorados.

Há certos escritores que criam como os pescadores de arrastão — destruindo as faunas e floras do espírito.

Na tarde rumorosa, ele atravessa a rua. Vai sozinho, apenas com a sua ambição.

De X., que, em seus romances, tenta imitar os grandes romancistas nordestinos da década de 30, dizia-me J. L. R. que ele lhe recordava as bananas artificialmente amadurecidas por luz de carboreto: amarelas por fora mas verdes por dentro.

À medida que amadureço (ou envelheço?) mais detesto os conformistas. Só me seduz o que é protesto, rebelião, aventura de espírito que não prescinde da transgressão para se impor ou se exprimir.

XIV

AS ILHAS ERRANTES

Nascido numa cidade situada entre o mar e a lagoa, e numa região que tira o seu nome das águas, provenho, pelo lado materno, de criaturas habituadas a ouvir o barulho das ondas e a afundar os pés na terra viscosa da boca dos rios e nas dunas que andam como se fossem ciganos. Embora chamados pelas vagas e visitados pelo vento, esses meus ancestrais quase nunca emigravam. Era como se o massapê, grudado aos seus pés e às suas almas, os impedisse de partir, tornando-os cativos do horizonte azul e peganhento. Em suas veias corria o sangue dos caetés e decerto o sentimento de que já estavam ali antes que a frota de Cabral tivesse sulcado o mar alagoano, na aventura da Descoberta, aquentava, como um fogo escondido, a vocação da permanência e a fidelidade à paisagem nativa, fimbrada de mangues e coqueirais e de ilhas errantes, e tão consubstancial a suas vidas lentas como os peixes, os camarões, caranguejos, goiamuns, uçás e o sururu sempre encontradiços em suas mesas que eram dependências do oceano pródigo e das lagunas amarelentas.

Ao contrário dos sertanejos, cujas mesas ascéticas se contentam com o feijão, a carne seca, a rapadura e a farinha, os nordestinos de que descendo eram afeiçoados ao comer vário e farto, e não se davam por satisfeitos apenas com a profusão de frutos do mar. Após o sal, era a vez do açúcar. Receitas guardadas nas memórias florejavam nas brasas do forno. Os

ponches e as doçarias caprichosas, e os bolos de formas tão barrocas quanto as das igrejas encerravam as refeições lentas e rumorosas, entremeadas de conversas sobre os troncos e as raízes dos comilões, as quais incluíam até a parenta cabulosa que usava jóias nos dedos dos pés. E, nas fruteiras, mangas rosa e espada, sapotis, mangabas, cajás, cajus reboludos e até mesmo pitangas e jacas não estavam a salvo do apetite retardatário de algum dos convivas, o qual poderia também optar por um licor de genipapo feito por tia Flora.

Quando, casado com uma mineira de Montes Claros, a levei para conhecer a minha terra natal, uma das coisas que mais a impressionaram foi o rito familiar da mesa farta. O almoço, começado pouco depois do meio-dia, prolongava-se por várias horas, e muitas vezes o sol de despedida do cair da tarde vinha iluminar a grande terrina que abrigara a galinha ao molho pardo e os pratos onde as espinhas dos camorins, xaréus, carapebas, bagres do Pilar e das reputadas tainhas de olho amarelo confirmavam, em toda a sua glória, o brasão que Maurício de Nassau conferira à minha terra de águas e terras misturadas, e no qual três tainhas a proclamam rica em pescado. Desde a infância o ritual estava entranhado em mim, como se a mesa que reunia a família tivesse uma significação metafísica. As galinhas gordas, desmembradas por cozinheiras atentas às regras da anatomia, boiavam num mar entre escuro e dourado; e cada um dos pedaços tinha um dono. A meu pai cabiam a moela e aquela parte, suculenta e sucinta, deliciosamente chamada de sobrecu. Quando tia Flora estava conosco, era dela o fígado de um amarelo esverdeado. Havia mesmo quem, por uma tradição já inexplicável, tivesse sempre direito à gema do ovo engastado num lombo ou à ova esquiva de uma cioba. Minha avó Laudicéia estimava os refrescos e manifestava as suas escolhas numa pauta lingüística visivelmente heterodoxa, ao reclamar uma "limonada de limão", uma "limonada de laranja", uma "limonada de caju"; ou então quando, diante da doçaria disponível, fazia o seu paladar inclinar-se por uma "goiabada de goiaba", uma "goiabada de banana" ou mesmo uma "goiabada de marmelada".

Como já foi observado, ao longo dos séculos, pelos viajantes estrangeiros, os nordestinos não gostam de verduras. Entendem que o comer folhas não se ajusta à dignidade desse estranho animal que é o homem; mas na verdade o temor de certas doenças estimula tal procedimento. Era o nosso caso. Lembro que um jovem poeta alagoano, tendo ido numa excursão de estudantes a Buenos Aires, voltou vegetariano. Mas a morte estava escondida nas saladas, e o tifo cortou sua lírica existência em flor.

Certas festas, como o Natal e a Semana Santa, eram para todos nós menos acontecimentos religiosos — apesar das missas, procissões e folguedos nos quais ainda escorria o riquíssimo folclore nativo, como o reisado, a chegança, o pastoril, o bumba-meu-boi — do que fastos culinários, que transformavam a cozinha no verdadeiro centro da casa. Uma das atrações da mesa, pelo Natal, era um queijo-do-reino. Diziam-nos que não deveríamos comer a casca, pois perderíamos a memória. Ignoro a razão dessa crendice, mas em vários lugares do Nordeste a expressão "comer queijo" equivale a esquecer-se ou perder a memória.

Por algum tempo, meu pai manteve um escritório de representações, e passamos a beber vinho aos domingos — ou melhor, uma cautelosa sangria. Mas devo dizer que nem sempre a mesa familiar ostentou fartura. Houve épocas em que o dinheiro ganho por meu pai na advocacia, e reforçado por trabalhos de contabilidade, não chegava para a manutenção da família numerosa que, segundo minha mãe, tinha nascido para comer e gastar solas de sapatos. As dívidas se acumulavam. Durante a epidemia de tifo que devastou Maceió entre 1939 e 1940, e que terminou por levar meu irmão Éber, vivemos dias de aflição, em que uma sopa substituía o jantar a que estávamos imemorialmente habituados. Meu pai não teve dinheiro para pagar as minhas mensalidades no Colégio Diocesano; e os pragmáticos irmãos maristas cortaram o mal pela raiz, impedindo-me de freqüentar as aulas.

Por vários meses pude dispor de tempo, sem qualquer preocupação de ordem didática. Da manhã à noite, o universo da

leitura se inclinava sobre mim, com as suas constelações. Li *A Estrela Sobe*, de Marques Rebelo. Costumava andar sozinho por toda a cidade — a minha cidade peninsular, nascida entre águas. Assim como a fachada de azulejos evoca o palácio iluminado para o baile latifundiário, certas ruas recitavam para mim o passado imperial e escravocrata. Ruas Barão de Alagoas, Barão de Maceió, Barão de Penedo, Barão de Anadia, Barão de Atalaia, Barão de Jaraguá, Praça Visconde de Sinimbu! E, contrastando com esses nomes hirsutos e suntuosos, dissolvidos pela morte, comidos pelo vento, surgiam, humildes, a rua do Arame, a rua dos Operários, a rua do Rato, o Sovaco da Ovelha. A rua do Reguinho, com o seu diminutivo, parecia pedir desculpas aos passantes por ter um nome. Outras, como a rua Retiro Saudoso ou a rua do Sossego, tinham o poder de promulgar climas particulares, quietudes, refúgios. A rua Íris Alagoense me intrigava; dir-se-ia possuir uma dicção estrangeira, como a inscrição *Mortuis mortures* no portão do cemitério novo. Seria nome de mulher? de sereia? de bicho enobrecido pela linguagem? Muito tempo depois, o mistério se desvendou. *Íris Alagoense* fora o primeiro jornal a surgir em Maceió, em 1831. Durara apenas uns seis meses, o suficiente para ter direito à eternidade das placas de rua.

E, entre placas e pedras, taipas e biqueiras, rumores e rótulos, silvos das locomotivas da Great Western e o dançar dos bondes nos trilhos, eu rumava para a Praça Calabar. No quartel, tocava uma corneta, ou talvez apenas repercutisse o eco de uma corneta tocada muito tempo antes, em dias belicosos e fratricidas. Uma areia fofa e escura, igual àquela que os coveiros cavavam no cemitério próximo, entrava pelos meus sapatos. (E eu temia pegar um bicho-do-pé, que só as negras da cozinha sabiam extrair, com um alfinete fervido.) Perto, o mar fremia como um lustre; e meu olhar jamais poderia perceber a lenta ondulação das dunas que, como o tempo, mudam imperceptivelmente de posição, no universo aparentemente imóvel.

Eu ia avançando num horizonte de cachorros esfomeados que varejavam a maresia; de vozes que escorriam das persianas das casas em cujo interior jaziam sonhos e objetos de porcelana;

de gotas d'água que pingavam das roupas quaradas nos fundos dos quintais; de quiosques que vendiam cachaça, caldo de cana e cigarro Iolanda Azul; e résteas de cebola pendiam da parede de uma venda, e moscas importunavam o burro atrelado à carroça guinchante que carregava carvão em sacos de aniagem; e soldados de chumbo se perfilavam, numa sala de visitas desvendada pela minha passagem, como sobras formidáveis das batalhas entre a infância e o tempo; e as casas secretavam certa umidade, tão espessa e material como as cartas e as medalhas que haviam sobrevivido às promessas e devoções; e arquipélagos de nuvens tornavam o céu evasivo e insular como a própria terra; e na poeiragem surgia, de repente, em sinal de naufrágio, a nudez assexuada de uma boneca de celulóide.

Eu me aproximava e via, no Asilo de Santa Leopoldina, os loucos entre as grades. Uns faziam gestos espalhafatosos ou obscenos, outros grunhiam; alguns passavam horas contemplando o mundo, como se este fosse uma paisagem ocupada por um vazio universal, e dentro dele nada existisse, nem sequer o menino curioso que interrogava o mistério de seres extraviados, paralisados num langor repelente. A corneta chiava, era manhã, era tarde, era o crepúsculo no dia que não lograra apazigüar o coração insensato dos homens, e eu não encontrava resposta para a minha pergunta. Nenhum sol a iluminava. Nenhuma palavra, no perto ou no longe, vinha esclarecer o enigma de um mundo que, em sua soberba imparcialidade, ousava reservar em seus domínios um espaço para aquelas criaturas caricaturais. No tribunal do vento, eu acusava o mundo pela sua impiedade. Meus olhos se enchiam de lágrimas gratuitas. Para esquecer essa revelação da miséria humana, eu me deixava levar até as lavadeiras do Reginaldo ou aos canoeiros, pescadores de sururu e meninos comedores de barro que moravam nas palhoças entre coqueiros, nas beiradas da lagoa. Estes, pelo menos, sabiam sorrir, com as suas caras amarelas e bocas desdentadas.

Nestas peregrinações, eu me comprazia em observar os outros: o avarento em cuja casa, segundo línguas malvadas, os ratos morriam de fome; o padre que, quando bebia, descia evan-

gelicamente a rua do Capim, abençoando as prostitutas; a adúltera de olhos esverdeados, toda de branco vestida, como se cada encontro culpado fosse uma nova noite de núpcias; ociosos e facadistas como Guabiraba, sempre dispostos a marcar uma conversa com o friso de uma chalaça.

Numa de suas generalizações geniais, Euclides da Cunha contrapõe ao sertanejo, "antes de tudo um forte", "os mestiços neurastênicos do litoral". Talvez o autor d'*Os Sertões* tenha pensado, no momento em que registrou essa antítese, num espécime produzido pelas terras moles em que nasci: Floriano Peixoto. O caudilho taciturno que atravessou a vida de Euclides, e que ele viu, certa noite, a espreitar a escuridão sublevada da baía de Guanabara, possivelmente o conduziu a uma generalização que, talhando seres em pedra, exclui as variedades e singularidades dos agrupamentos humanos que povoam os nossos litorais, e que Frei Vicente do Salvador, o nosso primeiro historiador, comparou a caranguejos. Mas os mestiços litorâneos das Alagoas nada tinham ou têm de neurastênicos. Amantes da vida e a ela aferrados, mulherengos e até piranhudos, vassalos infatigáveis dos prazeres de uma boa mesa e de uma melhor cama, comunicativos como se o existir não passasse de longa conversa só interrompida pelo sono e pela morte, irônicos e todavia calorosos, os mestiços alagoanos estão longe de ajustar-se ao rígido figurino psicossociológico de Euclides da Cunha. Em contraste com outros povos nordestinos marcados pela maldição dos êxodos, não costumam evadir-se de suas úmidas fronteiras. Agora, como sempre, Alagoas é país dos alagoanos. Mais de 93% de seus habitantes ali nasceram, ali vivem e ali vão morrer — e muitos, como os meus mortos, repousando em cemitérios junto ao mar, continuarão cercados pelo rumor das ondas intervaladas e pelo hálito salobro das lagunas apodrecidas.

Criatura do litoral, nascida num Brasil anfíbio em que a geografia guarda sempre os sinais da luta ou da aliança das águas com a terra, não pertenço à raça dos nordestinos que emigram, mas dos que permanecem dentro de suas casas, como aranhas, e ficam horas debruçados às janelas, assistindo à passagem

do tempo que não passa, e reconhecendo em cada dia o sósia monótono do dia anterior.

Emigrei, é certo, mas carreguei comigo a minha paisagem — uma paisagem que, hoje, só a mim pertence, entranhada no meu universo pessoal, vagas de um mar que apenas eu escuto, estrelas que, semelhantes a insetos, vêm pousar no meu papel em branco no instante preciso em que a noite cai. E nesta plataforma da memória o passado está à minha frente, igual ao futuro. O tiro de canhão que, na infância de minha avó, anunciava, do farol, a chegada dos navios, ainda repercute em mim. E o semáforo que o substitui continua, em minha lembrança, a antecipar o meu próprio desembarque na terra perdida.

Nesse retorno, haverão de voltar, devolvidos à paisagem devastada pelos anos e pelos homens, e hoje reduzida à custódia de minha memória fiel, os meus navios, as minhas dunas, a brisa que me seguia mesmo quando eu me afastava da beira do mar.

Esta reflexão sobre o meu enraizamento à terra perdida me faz evocar a noite em que conheci pessoalmente Érico Veríssimo, alguns anos após minha chegada ao Rio. No bar de um hotel em Copacabana, passamos muitas horas conversando sobre literatura — uma conversa que convergiu, o tempo quase inteiro, para o moderno romance inglês e norte-americano. Falamos de Sinclair Lewis, Dreiser, Steinbeck, Bromfield, Caldwell, John dos Passos (com quem eu haveria de almoçar no Rio, em 1958, sustentando uma longa palestra que deliciou Macedo Miranda, o terceiro da mesa), Faulkner, Hemingway, Truman Capote; e ainda nos ocupamos de Joyce, Huxley, Rosamond Lehmann e Virginia Woolf. Lembro-me bem de que destaquei o papel quase heterodoxo de Érico Veríssimo no romance de 30: ao contrário da quase totalidade de seus companheiros de geração, ele se preocupava em assimilar modernas e sofisticadas técnicas de narrativa da ficção européia e norte-americana, notadamente as do contraponto e da simultaneidade, presentes em Huxley, John dos Passos e Rosamond Lehmann, e ainda se valia de estratégias da linguagem cinematográfica na montagem de suas histórias. Assim, enquanto o

romance nordestino daquela era prima pela sua fidelidade às velhas técnicas romanescas do século XIX e mesmo à vetusta arte de narrar dos criadores do gênero, o de Érico Veríssimo exibe o seu interesse pela modernização técnica. Nesse sentido, foi um romancista formalista. No plano da transplantação de tecnologias para a nossa ficção, procurou sempre marchar à frente de seus contemporâneos, numa decisão estética que só o equipara, entre nós, a José Geraldo Vieira, sendo de sublinhar que ambos são romancistas da cidade, aplicados em observar o comportamento de indivíduos e grupos em grandes centros urbanos.

Após a demorada conversa sobre a criação literária e a importância da atualização dos processos técnicos de produção intelectual, Érico me disse, no abraço de despedida: "Você é o mais sulista dos escritores nordestinos".

Teria sido exata a sua observação? Evidentemente, não me sinto pertencer à mesma família espiritual dos meus predecessores do Nordeste. Mas se enganam os que, num olhar abrangente à literatura de minha região, só sabem enxergar a torrencialidade, o instintivismo, as negligências afortunadas ou desastrosas, o aferro vago ao passado. A imagem de um Nordeste folclórico e letárgico, embora seja a dominante, não cinge uma totalidade. Há um outro Nordeste, mais esquivo, rendido à pesquisa intelectual e à reflexão da cultura, atento à evidência da incessante mudança das formas, e que, longe de se fechar em suas bisonhas certezas matutas, se abre para a interrogação estética e para a curiosidade universal. É neste Nordeste, que não desmente o outro, pois o guarda em suas raias, que julgo inserir-me, como homem e poeta nascido numa cidade que, todas as noites, sob a luz do seu farol, se tornava planetária.

XV

APARIÇÃO E RECOMPENSA

A menina passou segurando um sorvete. Teseu do Carmo voltou-se para certificar-se. Só lhe pôde ver as costas, abrigadas por um casaco de lã, e as ágeis pernas de meias compridas, como as das estudantes de balé. A que deus ficaria devendo a gentil aparição? Admirável mundo novo, que não fabrica apenas bombas atômicas e mísseis, mas também sorvetes azuis!

Numa rua de fachadas biliosas, casas de madeira e roupas penduradas nas janelas (numa parede, um aparelho de ar refrigerado, morto pelo tempo, transformara-se em incômodo olho vesgo que fitava os passantes), ele viu um gato. Era o primeiro, desde que chegara. Bom dia, gato. E o felpudo felino de Washington o fitou com olhos resplandentes como luas. Bom dia, pequeno sol. E os raios tépidos de outono dardejaram sobre a sua cabeça. No céu limpo, subia uma fumaça tênue. Talvez tivesse saído de um forno crematório e fosse a ofensa humana à alta perfeição. Ao anoitecer, manchas amarelas haveriam de abrir-se na imensidão incandescente. Mas ainda estava longe o instante do tempo que Teseu mais amava. Era dia nas casas cinzentas e nas águas do Potomac que fluíam entre cerejeiras nanicas. E Teseu não sabia o que fazer desse enorme espólio terrestre. Como gastar o dia, ou ser gasto por ele.

Entrou numa cafeteria. Dentes mastigavam sanduíches, bocas sugavam chocolates. Munido de uma bandeja, recolheu

um copo de leite, ervilhas, uma torta de maçã. Pediu galinha à garçonete negra.

— *Leg or breast?*

A pergunta, pondo-o à beira de uma opção, despertou-o do marasmo, da sensaboria da colheita automática. Belo mundo em que se pode escolher! E com o seu peito de galinha e a sua solidão, refugiou-se numa mesa do canto, defronte a um solitário rapaz louro que, enquanto comia creme de milho com lingüiça e feijão doce, lia um dos volumes de Física espalhados em sua mesa. Ler e comer ao mesmo tempo! Teseu do Carmo esforçou-se em guardar na memória o rosto atento e estudioso do jovem concentrado em matar os dois coelhos da vida com uma só cajada. Um dia, ele haveria de ganhar o Prêmio Nobel de Física, sem sequer imaginar que, muitos anos antes, numa cafeteria de Washington, Teseu do Carmo, num vaticínio de sobremesa, pressentira nele a glória inaudita.

Como lhe sobrasse tempo, Teseu do Carmo subiu as escadarias da Biblioteca do Congresso. Um guia imaginário, ou uma sobra qualquer dos guias alheios, assegurou-lhe que havia ali 41 milhões de livros, opúsculos, jornais, microfilmes. Um anjo irônico induziu-o a procurar o seu nome no catálogo geral. "Aceito o teu desafio, anjo sarcástico. Em nenhuma das 270 mil prateleiras desta livraria jaz qualquer obra minha. Quem sou eu, primo?" Abriu resolutamente a gavetinha com as iniciais do seu sobrenome. E, ó suprema decepção, ó malícia dos deuses, havia mais livros seus do que na Biblioteca de sua cidade natal, onde talvez não existisse nenhum. Dez obras suas, em prosa, em verso, e também aquelas em que prosa e verso se guerreavam, altivos, num campo de letras, ali estavam. Teseu do Carmo sacou da esferográfica, tomou nota da classificação esotérica: PQ 9697.

Quando deixou a biblioteca, era crepúsculo. As luzes se acendiam, as vitrinas se iluminavam, pardais e gralhas se sumiam dos enegrecidos jardins sem namorados. Ele ia transbordante de solidão (embora, como se fosse num sábado nativo, pequena mão invisível lhe aquecesse a ociosa e desolada mão cortada pelo frio de Washington). Como, na infância, ele percorria a

calçada do Palácio do Governo, passou pelas grades da Casa Branca. No jardim onde, fortuna do outono, folhas mortas se amontoavam, não havia mais esquilos. Cortinas baixadas, luzes, nenhum guarda visível. Longe, o Monumento a Washington. A noite possuía contundente nobreza e solenidade. A cúpula do Capitólio, os edifícios, os brancos palácios de mármore e granito, as colunas que imitavam templos gregos, a surda fervilhação do trânsito noturno, as riquezas das grandes lojas, proclamavam o poder e o desafio dessa galáxia que nenhuma noite apaga.

Sentado num banco de jardim, e sentindo o frio percorrer-lhe o corpo como uma aranha, Teseu do Carmo pronunciava, com a boca do espírito: PQ 9697. Ninguém em Washington subiria jamais os degraus da Biblioteca do Congresso e pediria um dos livros dessa classificação. Não conhecido e não lido por ninguém, os olhos fitos nas luzes de Washington, ele refletia sobre o mistério que se oculta atrás da comédia das letras. E refletia que o ofício literário, que se perde nos escaninhos e labirintos das bibliotecas, repousa sobre um nem sempre confessável egoísmo. Como todos os meninos, ele amava guardar pedras, calhaus, uma lívida e esponjosa estrela-do-mar. Mas também, desde a infância, ele quisera guardar consigo as chuvas que caíam sobre os sítios hipotecados, o farol na curva do bonde, os caranguejos que desapareciam no negro trapiche, o negro casco de um navio contra o azul, a lua que o seguia no caminho noturno quando voltava da escola. Escrever era, para ele, uma tentativa canhestra de recolher essas imagens e torná-las duráveis; guardá-las como o avarento guarda as suas moedas e a lágrima o seu sal. Quisera retê-las, no papel, para não esquecê-las e poder lembrá-las sempre. E como aceitar que esse relatório sobre si mesmo, perpétua batalha entre a memória e o esquecimento, incessante ir e vir num anfiteatro íntimo, pudesse interessar aos outros, comovê-los ou recreá-los? A Teseu do Carmo bastava a predisposição para poder reunir os destroços dispersos. E aquele instante, na praça adormecida, enchia-o de plenitude. Da noite, soprava o vento dessa praia literária que ele tão bem conhecia; eram as vozes tonitruantes

das ambições miúdas, a estratégia das vaidades contidas ou exorbitantes, a fanfarra dos triunfos, as crispações dos desapontamentos. E a longínqua comédia de erros e mal-entendidos se dissolvia sob a negra tinta da noite de Washington.

PQ 9697. A classificação, nascida de uma ordem e hierarquia ocasionais, ganhava na noite glacial um arremedo de fábula.

Voltou para o hotel, disse o nome ao porteiro (um nome que nada significava, nem mesmo uma língua ou país, falto de envoltórios humanos como o próprio PQ 9697) e, de chave na mão, subiu o elevador e entrou no quarto.

Dormiu e sonhou. E como os sonhos são a fumaça que sobe da fogueira da vida, sonhou que inaudita peripécia literária o fizera célebre, festejado, escoadouro de lisonjas e adesões. A façanha era celebrada num banquete e seu rosto se aquecia à luz gloriosa das câmaras de televisão — ou seriam as luzes de Washington, ou a luz dos olhos do gato visto pela manhã? Coroando a sua vitória, vinha-lhe ao encontro, vestido de garçom, o presidente de uma grande instituição literária que, destapando uma bandeja reluzente, lhe perguntava, respeitoso:

— *Leg or breast?*

E desta vez Teseu do Carmo escolhia uma perna da galinha, suprema e dourada recompensa que o consolava de todos os seus apagados tempos de engenho e labor, inclusive aquele em que, no banco de um parque, passara horas olhando os esquilos de Washington.

XVI

A ESCADA EM ESPIRAL

Ser inimitável — eis a grande ambição.

Deus é um esteta e não um moralista.

Devemos escrever como se o nosso verdadeiro público estivesse na posteridade. Isto é, o desejo de durabilidade deve guiar a nossa mão.

No teatro, o poeta Murilo Mendes se encontra com uma dama que, ciente de que ele faltara à representação da véspera, lhe diz: "O senhor não sabe o que perdeu!" Ao que o poeta retruca: "Minha senhora, se eu já perdi a crucificação de Nosso Senhor Jesus Cristo!"

O jovem poeta X. confia-me as suas mágoas de viver: desentendimentos domésticos ("minha mulher não é uma musa, é uma chata"), dívidas, um caso extraconjugal que lhe junca a alma de ciúmes e perplexidade, uma ameaça de despejo, temor crescente de ser dispensado do emprego. Tal conjuntura não lhe permite produzir poemas.

Ao deixá-lo, lembro-me do poema satírico de Robert Graves, "To a Poet in Trouble":

Cold wife and angry mistress
And debts: all three?
Though they combine to kill you
Be grateful to the Goddess,
(Our cruel patroness)
For this felicity:
Your poems now ring true.

As palavras são os espelhos das coisas.

D. tinha o maior desprezo pelo defunto, mas se apoderou de uma das alças do ataúde. Sabia que, num enterro, só os que carregam os mortos são vistos, e ele queria ser notado.

O vazio da vida, entre dois domingos, como uma frase ilegível entre parênteses.

As palavras são transparentes. Através delas, vêem-se os objetos.

Os oradores dos enterros são prolixos como a própria vida. A morte é lacônica.

Como são parcos os meus direitos autorais! Reconheço que há algo em mim, e transmissível à minha obra, que é invendável. Mas não considero isto uma derrota, e sim uma vitória diante do leitor.

O conteúdo é uma invenção da forma. Não é algo que se coloque dentro de uma fôrma (como o vinho no copo), mas o que a forma cria.

No dia enorme
nada se move
sob o calor.
O vento dorme.

Cidades, casas, criaturas, engendrações da noite absoluta, objetos e situações que nenhum vínculo têm com a vida real são a matéria habitual de meus sonhos. Ao despertar, pergunto-me de onde saíram essa topografia imaginária e contudo concreta e essa arquitetura ora barroca ora ultramoderna que não se inspira em nenhum dado da realidade. Que outro mundo é esse, sepultado e sedimentado dentro de mim, e que, quando durmo, reclama os seus direitos de cidade? Ao sonhar, percorro cidades que nunca vi e subo escadarias rococós com uma familiaridade que depois me espanta. É como se já as conhecesse de muito, ou de sempre.

Que ancestral meu subiu a escada em espiral deste farol sobre os abrolhos que agora me eleva, em sonho, ao céu lavado pelas constelações? Que futuro descendente de mim mesmo vai atravessar, um dia, esta ponte de ficção científica que se levanta sabiamente do abismo para que eu a cruze e alcance um edifício de vidro e metal?

Sonhando, sou o passado, o presente e o futuro. Minha memória é comum e hereditária. Alívio de despertar e voltar à minha incompleta integridade.

As cigarras cantam, os grilos cricrilam, os sapos saltam — o jardim é uma ópera.

O suor é o orvalho do homem.

À amada do poeta X. jamais interessaram os seus poemas. Ela timbrava em ficar do lado da vida.

Os homens são cães: lambem os ossos do dia.

A poesia é rigor e claridade.

Diante dos escritores sem dimensão estilística, passo sempre de largo. Começo onde começa a forma; e acabo onde ela se deforma ou se desintegra.

"Se um homem não marcha no passo de seus camaradas, é talvez porque ouve um outro tambor" (Thoreau).

Este grito é o da morte. Vem das docas
onde apodrecem peixes e sereias
e o vento rói os velhos automóveis
convertidos em ninhos de gaivotas.

É de uma puta a quem chamam de morte
este grito que ronda a noite inteira
o menino no berço e o velho insone
nos lençóis amarelos do hospital.

Este grito sinistro não me toca.
Minha aurora só rompe nas falésias
onde o anel da vida está guardado.

E minha noite é sol. E, entre os meus braços,
mudado em mar, o amor do mundo canta
e silencia a morte, quando grita.

Rascunhos, projetos, sonhos. As palavras saltam como enguias. As frases passam, e são ao mesmo tempo leves e pesadas como os navios.

— O que você quis dizer no seu último livro?
— Isto não é pergunta que um leitor faça a um autor. Ao leitor cabe a resposta.

Vende-se uma ilha — eis o anúncio que mais me seduz nos jornais. Mas mesmo que eu fosse um bilionário, não compraria nenhuma. Para mim, a única ilha habitável é uma daquelas que vi ou sonhei na infância.

Da sabedoria grega: "Não rejeite a dádiva dos deuses".

A posição de uma mulher na cama depende da posição das estrelas. Um gesto de amor não é um fato isolado, um acidente terrestre — é um acontecimento cosmológico.

Numa de suas dedicatórias, Guimarães Rosa chamou-me de "poeta das palavras lavadas". Dias depois, num encontro pessoal, justificou a expressão. Achava que eu só lidava com palavras limpas, como se as lavasse antes de usá-las, expungindo-as de tudo o que, nelas, fosse nódoa de uso ou insulto do tempo.

Como Saturno, as revoluções costumam devorar os seus filhos. Mas, graças a Deus, não tocam nos sobrinhos.

Certos escritores têm uma visão adulterina da literatura. Entregam-se com a maior facilidade à primeira moda que surge.

A arrogância dos subalternos é como a trapaça dos jogadores sem sorte.

O grande escritor não precisa ser muito inteligente nem muito culto. A inteligência e a cultura são contudo indispensáveis nos escritores menores.

Nem sempre os grandes escritores são *bons* escritores.

O importante, para um escritor, é que ele seja dádiva e mudança. Se minha obra não for alimento e serventia para outras vidas, de nada valerá.

Sou essencialmente um poeta. Minha prosa é o descanso do guerreiro.

Alívio dos mortos: eles descobrem que a morte não existe.

Meu excesso já é parcimônia, mas minha precisão jamais é penúria.

Esta peste literária chamada prolixidade. O adjetivo mais faustoso não passa de uma barata que devemos pisotear.

No alto mar, o navio sulcava o oceano escuro. Acima das nossas cabeças, era o céu, sem que a mais distante das estrelas fosse excluída por qualquer luz terrestre. Estávamos em plena cosmologia.

No Dia do Juízo Final, os mortos estarão de pé ou sentados?

A tempestade põe seus ovos no cume das montanhas.

Quais os escritores que o influenciaram?, pergunta-me D.

Há nesta pergunta o cacoete livresco que, através dos séculos, confunde e limita a atividade artística. Por que só livros e escritores influenciariam livros e escritores? A verdade é que as fontes, influências, refluências, exemplos, confluências, resíduos, afinidades, sugestões, diluições, paráfrases, instigações, empréstimos e contágios vêm de toda parte, de todo o ar que envolve o artista. Uma coruja numa estaca, uma onda no mar da infância ou uma palavra no dicionário aberto ao acaso podem influenciar um escritor tanto como Dostoievski ou Balzac. É a vida o grande palco das influências; não só os livros e as bibliotecas da vida como o que, nela, há de mais extralivresco. E muitas vezes não são os livros que nutrem a aptidão criadora do poeta ou romancista — são frases, palavras, até mesmo uma sílaba ou um acento circunflexo. Ou pode ocorrer que determinado clássico contagie um escritor com a sua visão do mundo, como se esta fosse o mote a ser glosado, a frase musical a ser transformada em sinfonia. Dá-lhe a maneira de ver o mundo, mas não lhe dá o mundo, que deve ser construído pessoalmente pelo ouvinte ou legatário.

Mas como explicar a um interlocutor sedento de títulos e nomes ilustres essas cambiâncias da vida literária, não como escorrem nas portas-de-livraria e nos suplementos, mas em sua autêntica proliferação íntima? Como elucidá-lo a respeito de que é realmente um escritor? E este não é apenas um automático devorador de livros, mas uma vida que vai dosando e equilibrando, no viver diário, as instigações de sua nutrição de leitor

com o ininterrupto fervilhar de operações de memória e invenção, vivência e convivência. E, além do mais, como convencer esse curioso simplista do fato de que o escritor geralmente transfigura e reinventa os seus ídolos e freqüentações, como quem ajusta a comida à sua fome?

Os navios que, menino, não vi no mar de minha infância, estão lá agora, à espera de meus olhos.

Em *Claire Lenoir*, de Villiers de l'Isle Adam: "Les coins de ma bouche pincée et pâle ont les plissements d'un linceul".

Essa terrível e tenaz luta contra a realidade que é a razão de ser dos poetas.

O sensato é o rascunho do louco. Vivemos todos num hospício sem grades e muros, e nossa pretensa lucidez se alimenta da insanidade alheia.

A cortesia não figura entre os meus defeitos.

O homem merece ou não a liberdade? É ele um animal demasiadamente perigoso para viver em liberdade, como proclamam tantos adeptos dos totalitarismos, ou nasceu para uma existência livre e harmoniosa? E quantas ilusões em seu caminho! Quase sempre, atrás da nova liberdade com que sonha, ou que ajuda a transformar-se numa evidência política, estão a esperá-lo o campo de concentração ou o muro de fuzilamento.

XVII

ANOITECE EM NOVA IORQUE

Desde criança aprendi que o meu mundo terminava em mim mesmo e, na fronteira inequívoca que me separava dos meus semelhantes, começava o mundo dos outros. Embora considerado um menino nervoso e vivaz, carregava comigo um núcleo indevassável, e aos demais oferecia apenas a casca de minha figura moral. O meu eu verdadeiro, guardava-o como se fosse um segredo, ou mesmo um tesouro. Não havia a mais remota sombra de dissimulação nessa postura, já que eu não me cansava de oferecer aos que me rodeavam tudo o que era passível de doação. Mas a zona íntima, o território que é, do nascimento à morte, a única e real propriedade privada do homem, como a transferir aos outros?

Esse sentimento de minha diferença ou singularidade me foi acompanhando pela vida inteira, convalescido cada vez mais pela minha inclinação às letras. Não que me julgue melhor ou pior do que os outros. Apenas, à medida que o tempo passa — ou nos faz passar, como se fôssemos os figurantes de um desfile do qual ele é o único espectador — mais preciso de mim para saber-me e sentir-me vivo e, assim, praticar o trânsito da existência pessoal.

Vivemos, por agora, um tempo de massificação, de desejos e idéias uniformes e produzidos sob medida para as multidões que se acumulam nos supermercados e nos estádios, nas praias

e nas rodovias. Mesmo nos aviões viajamos como um rebanho transbordante. Onde quer que estejamos, vem até nossas orelhas o silêncio iracundo ou o falar desconexo das multidões solitárias ou desvairadas — e os passos daqueles que mais diferem de nós ressoam com fragor nas calçadas do mundo. Em cada virada do dia, aumenta a anulação do indivíduo. Mas esse espetáculo soberbo de um mundo tornado excessivo não me atemoriza. Nele, não me esgoto como observador; sou um passante, o transeunte incansável; estimo-o e até tenho procurado celebrá-lo, marcado como fui pela rotina do metrô de Paris e por esse sentimento de solidão exclusivo daqueles que caminharam um dia pelas ruas de Chicago e Nova Iorque, Londres e São Paulo. A multidão de gente que pesa nas ruas do mundo — e tamanho é esse peso que abre fendas nas calçadas e rói os degraus das escadarias — não me dissolve, nem sequer me desorienta no mais aceso do crepúsculo, na hora da volta à casa. Dentro dela caminho como se me sentisse separado de todos os outros que passam. E, para mim, cada transeunte é também uma figura distinta, na eterna pantomima do universo.

Na hora da volta à casa me lembro daquela mulher que vi numa avenida de Nova Iorque. Um incrível chapéu vermelho protegia a sua cabeça do frio de dezembro. Era ao cair da noite, e ela vinha bêbeda. Tratava-se, decerto, de uma dessas mulheres que, morando sozinhas em pequenos apartamentos, passam a vida nas lanchonetes e escritórios — e, para elas, os fins de semana são os dias em que nada acontece e nada existe, a pia avariada que pinga na imensidão do Inferno. Pela sua maneira de vir e de estar, devia ser uma dessas mulheres sozinhas e abandonadas, para as quais a casa é apenas uma cama povoada de sonhos irritados, e que se embriagam logo que deixam o trabalho e a noite cosmológica de Nova Iorque as envolve como um sinistro véu estrelado. Ao vê-la passar junto a mim, num passo vacilante que não despertava a curiosidade nem o desprezo dos outros passantes evasivos, de pronto a reconheci, como se ela fosse uma velha amiga de infância, um desses seres que, furtivos ou mesmo invisíveis, sempre viveram ao nosso lado, e

dos quais conhecemos até a gota de suor que lhes resvala pela nuca. Reconheci-a e, na hora formigante dos que pensam estar voltando para casa, tive vontade de gritar-lhe, como no romance de Thomas Wolfe: "You can't go home again".

Desde a infância eu sabia que as criaturas humanas não voltam: ficam detidas em algum lugar. Vivem insensatamente em busca de si mesmas, da identidade sonegada, e chegam mesmo a alimentar a ilusão de que os outros têm poderes ou condições para lhes indicar a estrada perdida (como quem aponta a parada de um ônibus ou uma rua transversal) ou a palavra de redenção. Mas os que julgam andar pela vida com o passo mais firme e aprumado — e certos de suas certezas, amorosos de seus ódios e impiedades — não se diferenciam muito daquela mulher de chapéu vermelho que, no crepúsculo frigidíssimo de Nova Iorque, ia alheia mas cativa de si mesma, como a fera que se sonha na própria e fétida jaula.

XVIII

OS TRAPACEIROS

Como certos jogadores, os poetas trapaceiam. Suas confidências, que levam tantos leitores a se considerarem cúmplices privilegiados, quase nunca são as pedras grosseiras da vida, exceto quando a arte, matinal e canhestra, se contenta em ser a própria ganga, sonegando a beleza e o mistério do artefato, e calando a interpelação da vida, em benefício das vulgaridades pungentes e da gratuidade da informação original.

Estou num jardim, entre flores amarelas e cor-de-vinho que propalam a idéia do outono. Um cão andarengo aproxima-se de mim, para ser acariciado. Merecer a confiança de um animal perdido no jogo do universo enche todo o meu dia. Já não me sinto sozinho ou abandonado. Um cachorro acercou-se de mim, ofereceu-me o focinho como se dissesse: "Põe tua mão sobre mim. Convertamos nossas solidões em aliança e diálogo".

Entre Dover e Londres, naquela nevoenta manhã da Páscoa, vi uma pequena fumaça escura. Era um forno crematório que expedia para o céu todas as ambições e sonhos de um homem. E como a vida se dissolve depressa na paisagem!

O cortesão experimenta certa satisfação *espiritual* no momento em que se curva diante dos poderosos, sejam estes um

governante, um magnata ou uma influente dama encarquilhada. Sente-se *elevado* quando, nele, o homem se abaixa.

"Quero ser pago sempre à vista", diz-me o pintor X. Embora artista, não acredita na justiça dos julgamentos da posteridade e acha que eles, mesmo que o favoreçam, não beneficiarão o seu cadáver já desintegrado.

Pesadelo de um escritor: sonha que o seu nome não figura nos dicionários de literatura.

A filosofia é a poesia dos filósofos.

Depois que enriqueceu, J., que é filho de um barbeiro, passa os dias nos antiquários, comprando móveis, pratarias, quadros antigos e imagens religiosas das mais várias épocas e procedências. Orgulha-se de dormir numa cama do século XVII e de guardar as suas camisas numa cômoda que pertenceu a certo barão do Império. Durante as férias, viaja por Minas e Estado do Rio, comprando coisas vetustas.

Apesar de todo esse empenho em inventar uma antiguidade e de sua nostalgia pelo perempto, J. sente-se só. Não tem imaginação para integrar uma genealogia imaginária no mobiliário secular que o rodeia.

Somos uma invenção dos outros. Vivemos do conceito que fazem de nós precisamente os que não nos conhecem.

O sentimento da santidade do pão me acompanha desde a infância. Quando vejo um pedaço de pão jogado no chão ou mesmo numa lata de lixo, assalta-me certo mal-estar. E, muitas vezes, chego a apanhá-lo, embora sem saber onde o possa depositar.

O mais belo elogio à minha cidade natal encontra-se nas *Reminiscências de Viagem e Permanência no Brasil* do pastor metodista

norte-americano Daniel P. Kidder, que por lá passou nos meados do século passado: "Mesmo a mais bela das ilhas dos mares do Sul dificilmente apresentará aspecto mais pitoresco que o porto de Maceió".

Este registro ilumina uma das verdades de minha vida: sou um homem das ilhas dos mares do Sul. Quando, menino, lia Conrad, o *Robinson Crusoe*, e a Coleção Terramarear, não me arredava da mole terra nativa para fixar, do outro lado do oceano, aquele mundo salino e insubstituível que vinha colar-se às minhas retinas. O vento soprava páginas, mudava-as em velas. As ilhas, os galeões grávidos de ouro, os marujos praguejantes, o pirata magnânimo com um olho tapado de negro, a piroga providencial na praia pura, os naufrágios, os escaleres confiados às ondas sinistras — toda a parafernália forjada por Ballantine e Emilio Salgari, Mayne Reid e Stevenson, era visualizada sem que eu precisasse evadir-me. Bastava-me situá-la no meu litoral paludano, junto aos coqueirais que franjavam o mar azul a tirar para verde e às ilhas das lagoas. O povo miserável de desnutridos e aleijados ressaltava, ainda mais, a verdade da ficção aclimada. Os refugos humanos que escureciam a paisagem luminosa com os seus gestos doentes e palavras desdentadas destilavam a evidência de que aquelas alagoas e maceiós do peganhento e amarelo universo da miséria pertenciam à linhagem geográfica das indonésias e insulíndias disentéricas ou leprosas. E minha própria condição de leitor não me seqüestrava da insularidade que fundia, no chapinhar das ondas e no trânsito dos goiamuns e caranguejos, as duas realidades. Em minhas veias corria o sangue dos caetés que haviam comido o bispo Pero Fernandes Sardinha e outros dignitários da Santa Igreja Católica — e esta circunstância me faz rir dos pálidos antropófagos que animaram, com a sua mordente vivacidade, o modernismo brasileiro. Nutridos em fatias de Montaigne e nas migalhas teóricas das revistas surrealistas européias, eles confundem um insosso lanche estético com o canibalismo ancestral dos poetas ligados pelo sangue à raça perdida dos índios que comeram o Ocidente.

Sou, pois, um homem das ilhas dos mares do Sul. Isto explica o meu talvez incômodo ar de estrangeiro no cenário das letras brasileiras. A minha insularidade aborrece os confrades e desagrada os críticos aferrados às noções mediterrâneas de literatura.

Só gosto de escrever de manhã. A claridade me estimula. Na noite, acumulam-se as escórias do dia, a escuridão forja fantasmas, as sombras escamoteiam as minhas palavras.

Todos os homens são iguais, mas são membros desiguais da sociedade, salienta Julien Benda. O mesmo se pode dizer dos escritores. Iguais, são contudo membros desiguais da comunidade literária, que forja uma hierarquia decerto caprichosa ou arbitrária, ao sabor das conveniências mais díspares. Não esquecer que, atrás do romancista célebre e do poeta glorioso, está quase sempre o empresário (editor) que o vende como um produto comercial ou mitológico, ou o partido político que impõe seus arautos ou comparsas. A história da literatura é, de certo modo, a história da publicidade da literatura.

De todos os anos passados no grupo escolar, só ficou uma lembrança persistente: a do piolho na gaforinha da menina sentada à minha frente.

Os marcos descontínuos da vida acolhem o que ocorreu de mais minúsculo ou desprezível. Assim como das civilizações que duraram milênios sobram apenas um vaso, ou um dorso, dessa civilização íntima que é a nossa vida a memória só ama guardar o que parecia mesquinho ou acidental.

A posição do escritor é a sua composição.

Sonho que volto ao sítio de minha infância. Mas não posso entrar: o portão está fechado e ninguém vem abri-lo.

Até que idade a vida deve ser amada? Enquanto, no jardim do mundo, pudermos ouvir as fontes da alegria.

X. fala, fala, fala. Clama, denuncia, grita, sussurra, gorjeia, acusa, deblatera, perora. E tudo o que fica dessa impressionante catadupa verbal é uma franja de saliva na comissura dos lábios.

Ele vivia com a sensação de que sua vida inteira fora um dia passado (ou perdido) num bosque.

Reciprocidade: os homens sujam o dia e o dia suja os homens.

Às vezes, invade-me um sentimento de irrealidade total. Sinto que o universo inteiro, das galáxias aos mendigos, não tem uma existência real ou concreta. O mundo ainda não foi criado. É apenas, e ainda, um sonho ou um pesadelo de Deus, ou então o rascunho de uma futura criação divina.

Leitor: co-autor do texto.

Uma lembrança da infância: os cavalos tomam banho de mar.

Para Goethe, Deus é "Aquele que se criou a si mesmo". E para Rabelais, "Il est une sphère d'intelligence infinie, dont le centre est partout et la circonférence nulle part".

A teologia dos homens não é a teologia de Deus.

Uma sombra da vida além da morte,
uma constelação além do dia.
A palavra se faz chave e magia
e o baralho intocado guarda a sorte.

Lavra, palavra.

Em minha desolação, sou impermeável.

Uma das preocupações fundamentais de minha vida: o mistério da injustiça. *Por que* são punidos os inocentes.

Gosto desta expressão: *fazer amor*. O ato sexual encarado como uma arte, uma composição, uma construção da carne e da inteligência, algo que se faz. O amor como um ato, um artifício em que se empenham dois parceiros.

E a cópula é, na verdade, uma composição — isto é, uma posição composta pelo homem e pela mulher, em sua reunião fundamental.

XIX
A REVOLUÇÃO

A Revolução foi, a princípio, um ruído como o de um besouro, um zunir ilocalizável, que não estava na copa das árvores, na plantação de mandioca do fundo do sítio ou no jasmineiro insinuado junto ao portão. Logo os nossos ouvidos acompanharam o percurso do rumor que invadia o silêncio quebradiço da tarde. Meu pai, que por um motivo para mim inexplicável se encontrava em casa àquela hora, embora não fosse domingo, foi o primeiro a identificar o barulho. Era um pequeno avião em vôos circulares no céu alto e próspero de gordas nuvens brancas.

Um de nós o localizou, viu-o ringir na imensidão azul-pálida, a voar lento, sumindo nas bandas da lagoa para depois surgir de novo e proejar para os lados da cidade.

Já nos havíamos habituado à passagem de aviões pelo nosso sítio. Um pouco além, era a lagoa Mundaú, onde pousavam os hidro-aviões. (E um dia eu haveria de saber que alguns dos aparelhos da Aéropostale que roncavam sobre as nossas cabeças, preparando-se para a descida lacustre, eram pilotados por um homem chamado Antoine de Saint-Exupéry que, de sua carlinga, haveria de reconhecer, nas esparsas luzes de Maceió, os fiéis clarões do universo, a face virada da Terra. E um alagoano impaludado e comedor de barro representaria, para o aviador em busca de sinais verazes, o testemunho da grandeza ter-

restre.) Sim, já nos havíamos familiarizado com os aviões e até com o "Graf Zeppelin". Mas aquele pequeno aparelho zumbidor na tarde alta era diferente. E tanto que, de repente, começou a soltar pedacinhos de papel que se foram espalhando pelo céu, desintegrada chuva branca.

O avião sumiu, reapareceu, uma nuvem o tapou e não tornou a ser visto. Corremos pelo sítio, torcendo para que um daqueles papeizinhos caísse em terras nossas. O vento os levou para outros lugares. Contudo, meia hora depois, apareceu em nosso portão um dos moradores das palhoças da vizinhança. Um dos volantes caíra no Cavalo Morto, e ele viera trazê-lo ao *seu* doutor (meu pai ainda era guarda-livros, só naquele ano entrara para a Faculdade de Direito do Recife, mas os óculos, a pasta, o sítio e a gravata lhe faziam merecer o tratamento respeitável).

Lembro que meu pai gratificou o portador do volante e o induziu a trazer mais papéis, caso os encontrasse perdidos nas folhagens do Cavalo Morto. Após ler os dizeres impressos, voltou-se para nós e informou-nos:

— É a revolução.

Era a Revolução. Mas o que era a revolução? Só aos poucos fomos tomando contacto com esse complexo sistema de alteração da realidade. Tudo eram conceitos e imagens confusas: eleição, governo, revolução. Minha mãe se aproximou, também queria ouvir. E, como a capacidade de compreensão do auditório tivesse aumentado, meu pai falou nas eleições, na vitória de Júlio Prestes, na derrota de Vargas, em Washington Luís, na Aliança Liberal, em coisas, fatos e nomes que, abruptamente misturados em nossos espíritos, nos davam irisada e vaguíssima idéia de tantas celeumas adultas e longínquas, no cabo do mundo.

Na verdade, revolução, para nós, significava apenas um impertinente avião roncando no céu da tarde e soltando chuvas de papéis. Os demais pormenores terrestres confundiam-se em nossas cabeças, eram nomes vazios, situações enigmáticas.

Depois, meu pai confidenciou-nos que alguns carros tinham sido escondidos nos matos do Cavalo Morto; os seus proprietários temiam que eles fossem requisitados pelo Exército.

Entre os automóveis escondidos estava o do doutor Brandão, médico de nossa família.

Possivelmente deixamos de ir à escola durante alguns dias. Ou, então, não houve nada — a revolução não alcançava as nossas pequenas vidas, travava-se em cidades longínquas, em quartéis e palácios distantes. Sabíamos, vagamente, que gente vestida de soldado, e de lenço vermelho amarrado ao pescoço, movia-se tumultuosamente em muitos lugares.

Certo começo de tarde (ou talvez fosse mesmo antes do meio-dia, já que as rasgadas nesgas de luz na terra perto do portão do nosso sítio não se aparelhavam para dar-me, agora, a fúlgida certeza da hora), brincávamos com os filhos de *seu* Procópio, o vizinho, quando um soldado veio caminhando pela estrada. Acocorados junto ao viçor da folhagem, estávamos a jogar bola de chimbra, mas paramos o jogo, pois era a Revolução em pessoa que se aproximava de nós, aproveitando-se da sombra das cercas para evitar o sol na cara. O soldado passou por nós talvez sem nos olhar, ia decerto pensativo, rumo ao Cavalo Morto. Demonstrei grande coragem, seguindo-o por alguns momentos. Hélio, filho mais velho de *seu* Procópio, advertiu-me de minha temeridade. E eu deixei de seguir a própria revolução, voltei para as minhas bolas de chimbra.

As ocorrências de outubro de 1930 — tinha eu seis anos de idade — não ocupariam tanto espaço em minha memória se algumas semanas depois não tivesse havido um acontecimento extraordinário. Alguns soldados de lenço vermelho pararam uma tarde no portão do sítio, tocaram a sineta e foram entrando, ruidosos, familiares. Um deles era Ivinho, sobrinho de meu pai, e que viera de Garanhuns com as tropas da revolução. Vangloriava-se, juntamente com os seus amigos, de ter invadido Alagoas. Meu pai, pernambucano, luzia de orgulho, principalmente porque alguns parentes haviam participado da conquista da cidadezinha, onde ele viera viver e constituir família, sem abrir mão, porém, de sua pernambucanidade.

Como alagoano, senti-me um pouco incomodado diante dos invasores que, num apreço excessivo pelos meus conheci-

mentos de História do Brasil, teimavam em fazer-me lembrar que Alagoas já pertencera a Pernambuco. Mas, para compensar-me do vexame daquele assalto inaudito, havia a circunstância de que a família Ivo, de Garanhuns, estivera à frente dos acontecimentos. A rendição de Alagoas aos revolucionários de 30 tornava-se, assim, fagueiro arranjo de família, sem tripúdio aos vencidos.

XX

A TOCA INTOCÁVEL

Manuel Bandeira, que assegurava aos íntimos ter ciosamente guardado para os gloriosos dias da velhice uma energia sexual habitualmente incompatível com a idade preclara, não queria morrer sem ter ido para a cama com uma negra. A mim, que algumas confidências logrei recolher de suas aventuras amorosas e carnais, apesar de sua consabida reserva nessa área, mais de uma vez se queixou do tempo gasto com as "brancarronas azedas", quando desde a sua juventude de tuberculoso não se deitava com as negras, cujos corpos admiráveis tanto estimava, e enchiam a sua imaginação lírica (ou lúbrica), fiel à primeira nobreza da língua que cantou a "pretidão do amor".

Tendo transmitido esse desejo supremo a um amigo empresário, este se comprometeu a torná-lo realidade, com uma frase solene: "A Casa se encarrega de tudo". Um freqüentador da empresa, com alguns conhecimentos no teatro de rebolado, ofereceu os préstimos e terminou parlamentando com uma vedete negra. Esta pediu um preço respeitável, alegando os riscos da empreitada, pois o poeta já frisava pelos oitenta anos. X., irmão do empresário e seu gerente, chamado para fechar a transação, decidiu que o compromisso não abrangia a despesa — por ele considerada exorbitante, e verdadeiro assalto àquele ardor de pôr-do-sol do grande poeta — inclusive porque Bandeira estava auferindo, então, gordos direitos autorais. A fir-

ma, ajuntou, considerava encerrada a sua espinhosa missão ao conseguir-lhe a negra suspirada.

Estavam as coisas nesse pé quando o desapontamento de Manuel Bandeira atingiu o clímax. Aos ouvidos de seu médico chegaram os rumores dessa derradeira aspiração carnal. E ele a vetou implacavelmente, sob a alegação de que a idade avançada de Manuel Bandeira não autorizava cometimento amoroso tão ousado.

Teseu do Carmo não queria ser salvo como homem e sim como escritor.

Todo Poder é ilegítimo, mesmo o legítimo.

Uma lição de poesia: no corpo desnudo de sua bem-amada o poeta contempla os emblemas da ordem.

Meu universo é formal, e nele tudo é inscrição.

A ordem é filha da forma.

Converto o lazer em fazer, traduzindo o poema "Consolação", do poeta inglês Logan Pearsall Smith, uma das descobertas mais finas e sensíveis de Valéry Larbaud:

"Outro dia, oprimido no metrô, eu procurava um reconforto no pensamento das alegrias reservadas à nossa vida humana. Mas não havia nenhuma que me parecesse digna do menor interesse — nem o Vinho nem a Glória; nem a Amizade nem o Alimento; nem o Amor nem a Consciência da Virtude. Então valia a pena ficar até o fim naquele elevador e tornar a subir a um mundo que nada tinha de menos gasto para me oferecer?

Mas de súbito pensei na Leitura, na fina e sutil felicidade da Leitura. Era o bastante, essa alegria que os anos não podem embotar, esse vício refinado e impune, essa egoística, serena e duradoura embriaguez".

Caída em desuso, a palavra *voyagem*, da nossa língua arcaica, nem sequer figura em dicionários de primeira água. Mas como é bela, com o seu *Y* que, igual a um estandarte, parece ir indicando o caminho das longes terras e dos mares grossos!

"Verrá il tempo in cui l'uomo non temerá di morire" (Italo Svevo).

Andando sozinho pelas alamedas do Cemitério de São João Batista, lembro-me do epitáfio que João Cabral de Melo Neto criou para mim, quando, em 1945, a obscuridade começou a voltar-nos desdenhosamente as costas:

Aqui repousa
livre de todas as palavras
LÊDO IVO,
poeta,
na paz reencontrada
de antes de falar,
e em silêncio, o silêncio
de quando as hélices param
no ar.

Singrando o oceano de mortos anônimos, assalta-me de súbito a suspeita de que a minha posteridade será este epitáfio. Quando me libertar de todas as palavras (e muitas, como pesam!), *ficarei* na memória dos homens graças a estes versos aparentemente funéreos do grande poeta que, desde 1940, é meu companheiro na viagem da vida, por mais distanciados que estejamos, geográfica ou esteticamente.

Há uma certa espécie de crítica que, pelo seu altíssimo teor criador, só pode ser praticada pelos poetas, de tal modo ela funde a avaliação estética com a observação vital. Dela é exemplo esta linha de Laforgue sobre a poesia de Tristan Corbière: "strident comme le cri des mouettes et comme elles jamais las".

Nenhuma crítica professoral ou científica ousaria tanto, em clarividência e acerto. São algumas palavras, mas iluminam toda uma obra.

Estou onde estão os signos da partida.

Vivemos de nossa vida oculta e morremos de nossa vida ostensiva.

A morte cria defuntos imaginários.

É noite. Os navios de minha infância entram no meu quarto, cuja porta é, na realidade, um porto desgastado pela maresia, e perturbam meu sono.

No Brasil só há, realmente, uma aristocracia: a dos cães do Kennel Club.

Quando toco numa palavra, ela se ilumina como um navio à noite. Assim como o amante toca numa mulher e todas as suas luzes secretas se acendem, e a tornam mais bela.

À medida que um escritor envelhece, os seus anos, meses, semanas, dias, horas e minutos se tornam cada vez mais preciosos, exigindo-lhe habilidade ou mesmo sabedoria para dividi-los em obrigações, trabalho criador, leitura e ócio. Como explicar que certos escritores maduros ou velhos desperdicem esse tempo estreito em convivências indesejáveis e prodigalidades grotescas? Pelo que me disseram, X. passa horas inteiras em arrastadas conversações com o que a fauna literária tem de mais confundível e andrógino, abre as portas de sua casa ao primeiro adventício que tenha um espaço ou uma coluna num jornal.

A casa de um escritor deve ser, antes de tudo, a toca intocável, o lugar sagrado ao abrigo das curiosidades rasteiras e dos trânsitos da galfarragem literária.

Agrada-me imaginar o escritor como uma fera em seu covil.

O condenado à morte é a punição do carrasco.

Outono. Ao cair da noite, os sapos rodeiam a casa. De manhã, somem e não são encontrados em lugar nenhum, como se fossem uma invenção do crepúsculo.

Desagregação de Teseu: o labirinto de hoje é um supermercado.

O sentimento da existência de certa desordem no Paraíso me assaltou quando, visitando The Art Institute of Chicago, em novembro de 1963, me detive diante do famoso quadro de Hieronymus Bosch. N'*O Jardim do Paraíso*, figuras femininas ocultam pudicamente os sexos. Corvos, pássaros, anjos e frutos testemunham a diversidade de um mundo em que o terrestre se alia ao divino. Um misto de homem e bicho conduz criaturas nuas, enquanto o Senhor consola uma virgem. Mas algo horrendo envolve a atmosfera pulcra do Paraíso: certa expectativa, certa desordem, a ameaça do Pecado e do Mal que paira nas coisas e nos seres.

Fico diante dos quadros de Jacopo e Domenico Tintoretto, Bartolomeu Manfredi e outros pintores do século XVI — como eles sabiam pintar a nudez feminina, um dorso, um corpo castigado por querer ou saber amar! O mesmo ocorre com Degas ou Renoir. Deste, contemplo a moça gorda e nua, sentada: todo o mundo físico, a vida ao mesmo tempo secreta e ostensiva da carne, está ali.

Como são invejáveis esses pintores que parecem ter pintado com o próprio pênis, e não com as mãos! A nudez dos braços e colo, num Renoir. Ela está sentada sobre o seu próprio tesouro e segura um ramo de flores brancas. Os seios palpitam sob o vestido. Ocorre-me que Machado de Assis descreve as suas grandes figuras femininas (uma Sofia, uma Virgília, uma Capitu) como o impressionista Renoir pinta as suas mulheres. "Rubião admirou-lhe ainda uma vez a figura, o busto bem talhado, estreito em baixo, largo em cima, emergindo das cadeiras amplas, como uma

grande braçada de folhas de dentro de um vaso". Esta descrição de Sofia, sensual e sumária, insere Machado de Assis na mesma linhagem impressionista de um Renoir e um Degas, um Manet e um Monet. E o mesmo se pode dizer da deslumbrante descrição que Raul Pompéia faz de dona Ema, n'*O Ateneu*.

XXI

A NEVE OFENDIDA

Eu, Teseu do Carmo, estou em Washington.

— *Nice to meet you, Mr. Carmo.*

Estou em Filadélfia.

— *Nice to meet you, Mr. Carmo.*

Estou em Boston, em Ohio, em Chicago, em Portland, de novo em Washington, em San Francisco da Califórnia, em Albuquerque, em Nova Orleans (onde te ouvi tocar e cantar o jazz de minha infância imaginária, ó desdentada e doce Emma Barrett), em Nova Iorque. E as palavras são iguais, iguais os rostos e os corpos das aeromoças desses jatos que me fazem atravessar a América, de costa a costa, em apenas cinco horas. Tudo é igual, mesmo quando tudo é diferente. Perto das docas infinitas do Atlântico ou da gaivota que, na pertinaz pilhagem, bica a água do Pacífico, no lago Michigan ou junto à sombra do enigmático índio há milênios molhado pelo rio Grande, sei o lugar onde ficam os jornais e os livros, as paisagens e as provisões. E, se ergo os olhos para o céu, as mesmas nuvens estão à minha espera. Os quartos de hotel são iguais. Ao chegar a qualquer um deles, abro a gaveta do criado-mudo e encontro imediatamente, pronta para mudar os meus pecados em radiosa salvação, o exemplar da Bíblia ali posto pelos Gedeões. Às vezes, tenho medo de não encontrá-lo, o que me haveria de dar a impressão de que eu me perdera, como uma abelha entre duas

sequóias, e a América se evaporara atrás de uma porta. Mas isto jamais aconteceu.

Nos aeroportos, os homens carregam malas iguais, de um azul claro tirante a cinza. São talvez os mesmos homens, em Massachusetts, em Manhattan, em Columbus, em Los Angeles, em Dallas. Lêem os mesmos jornais, fumam os mesmos cigarros, compram os mesmos poquetebuques, conversam as mesmas conversas, usam as mesmas gravatas, têm igual número de filhos e marcas de automóveis, beijam as mesmas mulheres e comem as mesmas comidas enlatadas. E desde o nascimento até a morte, são assim.

Em Portland, a cadeia nacional de televisão repete o mesmo programa de Nova Iorque, Washington e Chicago. E, a poucos passos do aparelho, está o mesmo telespectador vendo a mesma imagem, sorrindo à mesma anedota, acompanhando o mover-se das estimáveis pernas compridas de Judy Garland. A garrafa de coca-cola aberta em Baltimore é bebida em Seattle; o defunto maquilado na agência funerária de Milwaukee é enterrado em Sausalito; a mamadeira de Houston acalma o bebê em prantos num sombrio quarto em Long Island.

Finalmente, estou sozinho em Nova Iorque. É noite, e as vertiginosas constelações da terra se apoderaram do céu que se esconde como um rosto de mulher atrás de uma máscara de beleza. E cai neve, a neve branca de outono, a alvíssima neve da solidão.

— *Nice to meet you, Mr. Carmo.*

Ninguém cumprimenta ninguém. Na rua, fria e monumental, tropeçam as solitárias mulheres bêbedas.

Noite, neve, silêncio e solidão — esta grinalda de palavras cinge a testa da impassível Nova Iorque. E, caminhando, ofendo a neve momentaneamente transformada em cicatrizes enegrecidas.

Sujando o chão da noite branca com os meus sapatos de passeante solitário, eu, Teseu do Carmo, beletrista juramentado, certifico e dou fé: é bela a América, o país das gaivotas.

E, de repente, começo a ver os velhos e as velhas de Nova Iorque. Um casal deles estava sentado no *lobby* do Waldorf-Astoria.

O marido fumava um charuto e a mulher olhava, como se relembrasse a juventude morta, os convidados de uma festa; diante de suas pálpebras encarquilhadas, moças desfilavam em tênues vestidos angelicais e rapazes não conseguiam disfarçar esse ar ao mesmo tempo hierático e desengonçado dos americanos de fraque.

Depois, vi um pobre velho arrastando-se no meio da rua, com a cabeça envolvida em celofane, única proteção contra o vento e a neve e a noite.

Numa cafeteria, uma velha gorda e plácida jantava: café com creme e uma torta de cerejas. Era uma velha sozinha, de óculos, que fitava apenas a xícara, como se o mundo em torno não lhe pertencesse mais.

Nos outros dias, atravessei uma cidade cheia de velhos que o tempo inclemente obrigava a andar nas ruas, para fazer compras de Natal nas lojas, dormitar nos *subways*, contemplar com olhos mortiços a vertigem outonal da cidade eternamente deslumbrante. À beira de uma calçada, um deles entrecerrava os olhos para ver se o sinal de trânsito era verde ou vermelho, vida ou morte.

Num bar imundo da Bowery, numa hora crepuscular que, mais que as outras, cheirava a miséria, solidão e embriaguez, alguns velhos se divertiam, bebendo e caindo de bêbedos. Amigos e inimigos reunidos em feroz isolamento, eles conversavam, dormitavam nas mesas, vociferavam. Um velho cuspiu no rosto de seu amigo de infância. Outro levantou os punhos macabros, ameaçando o dono do bar que assistia placidamente a uma partida de beisebol pela televisão.

As fachadas enegrecidas dos *homes*, asilos para velhos mantidos pela caridade pública e conveniência particular, escondiam alguns milhares deles. No verão os velhos colocam cadeiras nas calçadas e assistem rancorosa e taciturnamente ao desfile da vida — mas era outono, tempo de frio e neve, e eles deveriam estar enjaulados em seus quartos, confiantes em que mais uma vez a morte os esqueceria em sua exigente colheita hibernal.

Que fazer de tantos velhos, de tantos velhos desamados que ainda teimam em viver num mundo que só estima o trabalho e a juventude?

O vociferante ancião, há vinte anos aposentado, que mora sozinho num quarto de cortiço da Bowery, voltou a cuspir na cara do amigo de infância, indesejável e perpétua testemunha de seus sonhos irrealizados e ambições frustradas. E depois exigiu, aos brados, novo cálice de martini, com uma cebolinha dentro.

Então, estou mais uma vez no Brooklyn. A América negra enche as ruas, os carros, as lojas, o ar da tarde. No parque, um menino negro brinca com a neve. Mas já é neve maculada, enegrecida, viscosa pasta de lama.

Greenwich Village. As duas moças fitavam-se na mesa do bar, diante de xícaras vazias de café e amassados tocos de cigarro. Fitavam-se e amavam-se com os olhos. E ambas eram belas e jovens. Que coisa estranha é o amor!

No antiquário, o turista comprou a lanterna de uma carruagem e saiu orgulhoso, sobraçando a preciosidade que haveria de colocar no portal de sua casa em Connecticut.

No rádio do táxi, Dinah Washington, a cantora negra que se suicidara dias antes, ingerindo barbitúricos, estava cantando, com a sua voz cálida, crioula, enrouquecida como as vozes do amor. Lembrei-me de Hart Crane, Matthiessen, Marilyn Monroe, Hemingway. América, país dos suicidas.

Na grande loja babilônica, todos compravam um presente de Natal. O rapaz comprou uma camisola de náilon — cor de lagosta! — para a sua bem-amada. América, país do amor.

Entro no *subway* e faço uma viagem sufocante e subterrânea. Em cima de mim é dia — mas aqui é sempre uma turvada noite estacionária. Um negro cochila num banco. Um mulato lê as cotações da Bolsa, no *New York Times*. O senhor branco parece estar orgulhoso de seu novo sobretudo.

O trem atravessa as entranhas da cidade, pára em estações sujas e mal-iluminadas. Há no ar um bafio de pobreza e desolação. Sinto-me levemente nova-iorquino.

Tocando sinos, os soldados vermelhos do Exército da Salvação pediam aos transeuntes da Quinta Avenida que ajudassem o Natal dos pobres. Mas os pasmastes não se detinham.

Iam todos cheios de compras por fazer, e não podiam parar um segundo. América, país dos apressados.

Como um espião, levanto a cortina do quarto de hotel (é de madrugada) e contemplo Nova Iorque. Sozinha e aparentemente deserta nas alturas, ela cintila e vela, maravilhosa flor do trabalho, do orgulho e da ambição dos homens.

Solidão, teu nome é Nova Iorque.

XXII

O ENTERRO DE BRENO ACCIOLY

No instante em que deveríamos segurar as alças do caixão em que jazia o corpo de Breno Accioly, descobrimos, talvez com espanto, que éramos apenas quatro: João Condé, Valdemar Cavalcanti, Tadeu Rocha e eu. E seis mãos eram necessárias para carregar os despojos do autor de *João Urso*, até o *gavetão* que o esperava, no alto do cemitério. Dois coveiros se apresentaram, disfarçando em algumas palavras de gentileza funerária o constrangimento que se abatia sobre aquela cena de enterro, no quase meio-dia cheio de sol. As duas mãos anônimas se estenderam para as alças livres, e assim Breno Accioly pôde ser sepultado. Atrás de nós vinha uma gorda e humilde sombra feminina.

De todos nós, o mais tranqüilo era Tadeu Rocha, que, com a sua miopia convizinha da cegueira, sabia contudo andar com firmeza naquela terra de mortos e assimilar prontamente a ingratidão da realidade. Ele estava ali por acaso — um acaso em que a sua entranhada fé cristã via e posvia a intenção da Providência. Morando no Recife, fora a São Paulo participar de um congresso. Na volta, resolvera descer no Rio, pois era um domingo, e visitar o seu primo Breno Accioly. Ao chamamento telefônico, respondera uma voz feminina com a notícia terrível: "Ele acaba de morrer agora mesmo, e não sei o que fazer". A presença modesta que envolvia, em seus cuidados às vezes canhestros, os últimos anos da vida pessoal de Breno Accioly

ignorava como enfrentar certos ritos da morte. Coube assim a Tadeu Rocha, criatura de passagem, a intervenção providencial que terminava ali, na caminhada cansativa em que, entre sepulturas banhadas de sol, ascendíamos até o alto do morro. Onde estão os amigos de Breno Accioly?, parecia perguntar João Condé. Mas nós todos sabíamos que, além da mentira piedosa ("Ele morreu num domingo"/"Não saiu em jornal nenhum"/"Ninguém sabe ainda"), tropeçávamos na verdade incômoda: Breno Accioly não tinha amigos. E nós mesmos, ali presentes, éramos os sobreviventes de colisões inumeráveis. Tocado por uma loucura que não lhe permitia separar as águas da amizade e as torrentes da agressão, ele se fora despojando, através dos anos, de seus amigos e companheiros, reduzindo-se a uma solidão em que se sucediam, sempre torrenciais, seus textos em claro-escuro, fragmentos obscuros de uma luta, começada na sua infância de menino gordo, entre a realidade mais chã e a imaginação incontestável.

Éramos adolescentes quando nos conhecêramos. Praticamente, começamos juntos a escrever nos jornais de Maceió e do Recife. Assisti ao processo insólito em que sua paisagem nativa, que era também a minha, se converteu naquele condado de Green presente em tantas de suas histórias fantásticas — mas de um fantástico que não dispensa o repertório da miséria humana, acolhida em suas minúcias mais sórdidas. Muitas vezes, fui a muralha frágil em que se vinha esbater a maré raivosa de sua realidade transbordada. Chegamos quase juntos ao Rio. Nele, a necessidade de afirmação literária era mais desembaraçada e imperiosa. Deu para fumar charutos e, cheirando-os antes de acendê-los, costumava dizer-nos, a mim e a João Cabral de Melo Neto: "Vamos conquistar o Rio e expulsar a pontapés esse pessoal que está aí". Referia-se, especialmente, a alguns grupos literários anichados no semanário *Dom Casmurro* e nas revistas *Leitura* e *Vamos Ler*. Sua estréia, com *João Urso*, foi realmente um sucesso e uma consagração, colocando-o na primeira linha de nossos contistas. Os livros seguintes, como *Cataventos* e o romance *Dunas*, pagaram um tributo mais alto à sua desordem espiritual; mas neles permanece, viva e contundente, a qualidade de visão de um

homem que, pisando as areias negras da loucura, sabia ver e contar o que se oculta na rotina dos dias e nos hábitos do mundo.

Houve tempos em que passávamos silenciosos um pelo outro, separados pela exigência ética de agravos reais ou imaginários. Houve dias e noites em que, de repente, nos estendíamos as mãos, e abríamos os nossos braços para a reconciliação calorosa e efêmera. Ele continuava o seu caminho, cada vez mais solitário e carregando, no corpo desengonçado e na alma crispada, os sonhos e fantasias que tanto lhe pesavam e os fantasmas que o inclemente sol tropical não tinha o poder de afugentar.

A linhagem intelectual a que pertencia Breno Accioly era das mais altas e nobres, e mais de um leitor de seus contos e histórias haverá de lamentar que a aragem da insânia perturbe com tanta freqüência o território (o condado de Green) em que o seu fervor alucinatório se colava ao pormenor mais ínfimo da realidade e ao mais humilde testemunho regional. Para se realizar plenamente, faltou-lhe a arte literária que esplende em Lúcio Cardoso e Adonias Filho, narradores lúcidos do que ocorre nas zonas de sombra trilhadas pelos homens.

Antes que as pás dos coveiros cimentassem ainda mais a solidão de Breno Accioly, começamos a ouvir um murmúrio. Era Tadeu Rocha, recitando uma oração. De repente, não vimos mais Breno Accioly, ou o que dele restava, no ataúde sem flores. Na volta, sob o sol radioso, João Condé apontou para o branco oceano de mortos estendidos na paisagem, e enunciou alguns nomes queridos. "Lá está o nosso José Lins". Creio que Valdemar Cavalcanti aludiu ao enterro de Jorge de Lima. E de novo imperou entre nós o silêncio — esse silêncio que cala a boca dos náufragos devolvidos à terra dos homens.

XXIII

SEMPRE SONHO QUE SOU OUTRO

Sonho que, sendo outra pessoa, ando por um corredor infinito (ou um labirinto) à procura de alguém — e sou eu mesmo esse alguém procurado.

Cada porta aberta mostra-me a mim mesmo sentado diante de uma mesa, e à espera da visita desse outro que é o único, ao passo que sou dezenas.

Z. conta-me que, durante a sua lua-de-mel, imaginava ser o cálice de uma flor monumental. Escondia, porém, do marido esse pensamento que, a seu ver, tinha algo de licencioso.

Desabafo de um individualista: "Prefiro uma vagina a um comício".

Estava quase sepultado, na neve do Central Park, aquele pardal que o deus do frio matara.

Num parque, entre árvores, bichos, fontes e pedras. Todos os seres e coisas que me rodeiam, dotados de voz ou silêncio, imobilidade ou movimento, convertem-se em sinais de uma realidade mais profunda. O grilo imóvel na relva propõe uma analogia.

A aglomeração, esse jardim maculado onde colhemos a flor de nossa própria solidão.

Em Paris, um rio atravessava o meu quarto e os plátanos iluminavam o meu amor.

Sinto-me numa jaula — talvez a jaula que encerra todos os homens. Vem-me o desalento, a certeza de uma condenação à morte. Jamais a liberdade haverá de abrir para mim os seus portões radiosos.

Poesia, rosa da inteligência. Mas, quando escrevo um poema, sinto que as minhas palavras derrubam as barreiras da inteligência e avançam por um novo território.

Estamos aqui na Terra para viver, mas onde está a verdadeira vida? Somos todos máscaras, atores de uma peça interminável.

No racionalismo dos poetas, está sempre presente a nostalgia da loucura.

Sinto nostalgia de incorreções, desleixos, impropriedades sintáticas e estilísticas. Que o deus dos escritores me conceda hoje a graça de cometer um anacoluto! Chego a invejar X., que escreve em caçanje, o que não deixa de ser uma fòrma de transgressão.

Nossa vida verdadeira é um mistério, ao qual os outros não têm acesso. O silêncio com que a guardamos a protege como um escudo. Os outros nos aceitam ou nos julgam pelo que, na verdade, não somos. E a aceitação e o julgamento, nesses outros que se assemelham a nós pelo seu mistério também inabordável ou indecifrável, indicam que vivemos e nos comunicamos graças às nossas máscaras.

Esta confidência que me fez um dia G. F.: "Houve um tem-

po em que minha glória incomodava os meus inimigos. Agora, ela começa a incomodar os meus amigos".

Muitas vezes, o que digo está oculto no que digo. É um corpo que, escondido pela roupa da linguagem, só se entrega a quem o alcança.

Mar, esse monossílabo imenso que desde a infância ressoa em meus ouvidos. Mar, palavra longa — o *m* das ondas levantadas e incessantes, o a que contém todas as águas, o *r* final das rochas e recifes.

As palavras são figuras. Cada uma delas tem um rosto, tronco, membros. Centopéia, uma palavra dotada de cem pés.

O calangro belo como um pavão.

A noite negra das águas vivas e pútridas. Seres minúsculos e desassossegados — promessas de peixes? rãs?

XXIV

GAIVOTAS MORTAS

Teseu do Carmo estava em Chicago, e as duas velhas e encarniçadas inimigas do homem, a solidão e a fome, perseguiam-no naquele começo de tarde de sábado. Ele viera de Ohio, onde o céu era azul e branco. E no aeroporto de Dayton, durante a escala do jato, vira-se de repente sozinho. Ninguém em nenhum dos imensos corredores. Olhava os aviões pelas paredes de vidro: também ninguém neles, nenhum operário de macacão na relva. E talvez por um segundo Teseu do Carmo teve medo daquele esplêndido mundo desolado, em que as portas se abriam sozinhas e as malas andavam sozinhas em esteiras automáticas. Mas, para salvá-lo das pungentes angústias, apareceu, pioneiro, um menino, segurando um balão colorido que, minutos depois, lhe fugiria das mãos e voaria para o grande céu absoluto. Serenado, em humanas companhias, voltou ao avião e fez o resto da viagem. Em sábio vôo cego, desceu em Chicago, furando brancos despenhadeiros de nuvens. No aeroporto internacional de O'Hare — o mais belo e moderno do mundo! — caminhou nos corredores do futuro, embora fosse ruidoso presente juncado de pasmos e passos. A grandeza aniquilava-o, como uma categoria a serviço de tudo o que é insólito e desumano. Os *skyways* e grandes avenidas, com os seus postos de iluminações que pareciam criações de Calder, advertiam-no de que ele já começara a ser o contemporâneo

dos tempos vindouros, que brotavam além de suas pálpebras desfatigadas.

Alguns minutos passados no quarto do hotel devolveram-lhe a tranqüilidade, e o habilitaram a sair para a tarde. Grande Avenida; Chicago oferecia de súbito algumas amostras de seus cinco milhões de habitantes. Sob os anúncios a néon, escorriam milhares de brancos e milhares de negros, e as lojas abriam os seus whitmanianos catálogos de coisas. Tudo era excesso, pletora, rumor. E foi preciso que, na direção de Teseu do Carmo, viesse caminhando um cego tocador de harmônica, guiado por um cachorro, para que ele reconhecesse, naquele oceano de figuras, a velha e ofendida imagem humana. E o mais estranho ocorreu alguns passos depois: sob o portal de um edifício, uma mendiga, também cega, também com um cachorro, afagava com a ponta dos dedos finos, em inefável leitura, o rosto de uma moça tão parecida com ela que só poderia ser sua filha. Inesquecível Chicago...

A tarde cheirava a aço e vidro, a pizza, a doces, a tecidos, a flores, a fumo. A tarde cheirava a pipocas e a nada. E Teseu do Carmo ia ao acaso, vendo o povo, os vários poderes do mundo. Num dos arranha-céus, milhares de automóveis estavam vertiginosamente estacionados. Diante de uma vitrina, um casal contemplava *lingeries*. Ele murmurou algo ao ouvido dela, que sorriu, íntima, esquiva. Mas essas furtivas imagens comuns logo se evaporavam, eram migalhas e frações da tarde cada vez mais funda e mais fulgente, e Teseu do Carmo se via marcado contra riquezas, abundâncias, imensidades. Comprou um jornal. Era o *Chicago Tribune*, que se dizia "the world's greatest newspaper", e quis logo aliciar nosso amigo sem rumo: se você quiser ver-me rodar, basta um telefonema pedindo que lhe reservem um lugar para assistir a tão belo espetáculo. Ao norte do rio Chicago, no local de um antigo posto de comércio dos índios, estava "The Merchandise Mart", o primeiro e maior centro comercial do mundo e o mais largo edifício da terra. Civilização dos números: 33 elevadores, 303 telefonistas, 10 mil telefones, 30 mil trabalhadores, 30 mil fregueses e clientes diários, 1 milhão 209 mil qualidades diferentes de mercadorias, força policial própria — enfim, uma babilônia que comportaria, em

seus quartos, salas e corredores, todo o povo de Chicago. E havia ainda, naquele álbum de maravilhas, o Conrad Hilton, o maior hotel do mundo (alguém teria que morar nele trinta anos para conhecer todos os seus quartos). E, à beira do Michigan, a mais bela paisagem lacustre do mundo. E, excluída a paisagem, e isolada a água, restava o lago mais belo do universo. Chicago — o "lugar das cebolas silvestres" — não fazia por menos. Hospital, planetário, aeroporto, museu, centro de pesquisa, viaduto, usina de filtração de água, projeto de urbanização, tudo era o maior. E mesmo as ocorrências possuíam algo de desmesurado, como o caso das mil gaivotas encontradas mortas ou agonizando nas praias do lago Michigan, naquele dia. Uma dúzia de repartições federais e estaduais começara a procurar decifrar o mistério do morticínio, através de pesquisas e exames de laboratório. Além das gaivotas, outras aves comedoras de peixe, como patos e mergulhões, também surgiram mortas. Hipóteses, e várias, começaram a ganhar os ares como se fossem avoantes. Falava-se em botulismo, que ocorre em açudes e pequenos lagos durante o verão, ou veneno, proveniente de um irresponsável uso das águas. Mas as gaivotas preferem comer coisas mortas, ao passo que os mergulhões se nutrem habitualmente de coisas vivas. Mas... A esse ramo de proba-bilidades, juntavam-se hipóteses de doenças e a possibilidade da existência de algas tóxicas. Biologistas e universidades inteiras tinham sido mobilizados para quebrar o galho — o monstruoso e hitchcockiano galho funerário onde estavam empoleiradas dez mil gaivotas mortas. As investigações chegavam a cogitar se as criaturas humanas também não corriam perigo. Teseu do Carmo não experimentou nenhum espinho de temor. Estrangeiro, sentia que estava por fora daquele fabuloso processo limitado aos nativos.

E sozinho ia. Talvez em seu semblante estivesse homiziada a mancha de algum transtorno ou desorientação, pois alguém surgiu do caos fúlgido e perguntou-lhe:

— *Can I help you?*

Era a velha pergunta nacional. Mas como responder ao amável intruso? Já que a solidão é mal que nenhum chicagoano

consegue curar, Teseu do Carmo queixou-se de fome, tanto mais que a tarde ia se trocando em noite. O sanguíneo interlocutor recomendou-lhe um restaurante onde poderia devorar o melhor churrasco do mundo. Propôs-se a acompanhá-lo até a porta. E, enquanto caminhavam, Teseu do Carmo ouviu o discurso, muito embora não pudesse assegurar se o seu guia falava ou se mantinha calado:

— Estrangeiro, contempla Chicago, "the most american of all our cities". É uma cidade que jamais acabará de ser construída. Quando houver o fim do mundo, a última pessoa a parar de trabalhar, fulminada pelo fogo celeste, será um pedreiro de Chicago, no alto de um arranha-céu em construção. E o último negócio a ser fechado no mundo será aqui em Chicago. Torres de aço avançam cada semana para o céu. Estruturas revelam novas soluções de uma arquitetura industrial que é a mais arrojada do universo. Berço de numerosas idéias arquitetônicas hoje adotadas no mundo inteiro, Chicago produz qualquer modelo, do gótico ao bolo-de-noiva. Embora situada à beira de um lago, a cidade orgulha-se de ser hoje um porto marítimo. Sendo a metrópole dos *firsts*, dos *bests*, dos *biggests*, Chicago não se contenta, porém, com os seus grandes edifícios, ousados planos de urbanismo e altos preços dos produtos exibidos nas vitrinas das grandes lojas. Pretende estar criando um "new way of life", para substituir esse obsoleto "american way of life", arcaica invenção do século XIX, que esta época de mísseis e computadores eletrônicos repele. O chicagoano é antes de tudo um forte: realista, inovador, pioneiro, orgulhoso tanto de seu poderio industrial como dos seus sete mil acres de parques e jardins. Por isso, não temos nenhuma inveja de Nova Iorque, que aliás não é propriamente uma cidade, mas um produto da imaginação humana. Preferimos a vitalidade do meio-oeste, a ausência das tradições européias (embora o nosso Art Institute esteja coalhado de Bosch, Tintoretto, Renoir, Gauguin, Monet...), o realismo dos nossos homens de negócio à decadente Nova Iorque, com a vergonheira de sua Greenwich Village. Aqui, entre o aeroporto e

a cidade, os turistas não precisam atravessar as sórdidas favelas do Harlem e de Long Island. A Park Avenue não tem o encanto do nosso Magnificent Mile. Em homenagem ao nosso grande poeta, cantor das energias humanas, construímos o Carl Sandburg Village, esses conjuntos residenciais que são, antes, casamento da beleza com a funcionalidade. Nova Iorque ainda é maior do que Chicago, é verdade, mas está previsto que, dentro de vinte e cinco anos, a maior concentração de população dos Estados Unidos será na área dos Grandes Lagos, isto é, aqui e nos arredores. Assim, esta será a maior cidade da América e talvez do mundo. Ainda ontem, o *Chicago Tribune*, que é o maior jornal do mundo..."

Teseu do Carmo interrompeu-o com os olhos: e Al Capone? E Nick Carter? E Dillinger? Na minha infância equatorial, eu caminhava, todas as tardes, pelas perigosas ruas de Chicago. Por isso vim aqui: à cata de estilhaços de minha meninice perdida. Nesta minha viagem há um frêmito de peregrinação. Dize-me onde está Nick Carter, em que nuvem (de pólvora ou gás lacrimogêneo) ele se esconde. Da úmida janela sobrante da lívida fachada daquela casa enegrecida, último sobejo de uma favela arrasada pelo projeto urbanístico mais arrojado do mundo, um dia a namorada de Nick Carter contemplou, suspirosa, o afastar-se estrepitoso de um ford-de-bigode, rumo a um assalto. Nativo, fala-me da velha Chicago, que povoou de tiros a minha infância, fala-me da cidade barulhenta e cruel que eu ia ver no cinema Floriano, no minúsculo e obsoleto Chicago semi-rural que era a Maceió daquele tempo.

— Do antigo esplendor da época da Proibição, quase nada resta. Basta dizer que, atualmente, há apenas pouco mais de um assassínio por dia. Ontem, por exemplo, um bandido, da "gang" do De Stefano apareceu morto dentro da mala do seu próprio carro. Dou-lhe as estatísticas: em 1962, houve somente 385 homicídios em Chicago, e a polícia conseguiu desvendar 346 deles. Pelo que o amigo vê, aquela era de ouro dos *gangsters* não existe mais.

Teseu do Carmo estava à porta da churrascaria. E onde, em que porta do ar, postara-se o seu interlocutor ou guia? Evolara-se, sumira. Talvez algum invisível Dillinger, saído briosamente do nada, o tivesse raptado ou mesmo assassinado, para que o falastrão ufanista perdesse, de uma vez por todas, a mania de menosprezar o passado.

XXV

TASMÂNIA

Em nossa casa sempre houve muitos livros, mas raros tinham o dom de interessar-me. Meu pai costumava trazer da cidade grandes livros negros — diário, caixa, costaneira — e passava as noites e os domingos em silenciosos trabalhos de contabilidade. Eu ficava ao seu lado, na mesa da sala-de-jantar, e terminava por dormir, a cabeça apoiada no braço esquerdo em ângulo. À meia-noite, ele interrompia as contas e cálculos, fechava os livros, armava-se de um revólver e saía, sob as estrelas, para dar a volta de cadeado no portão do sítio. Nesse momento, costumava dar um tiro para o ar, advertência aos ladrões que, desafiando a vigilância dos cachorros Turco e Jack, de vez em quando vinham roubar galinhas.

Na estante paterna, eu não encontrava o que queria. Uma vez, no tempo em que papai se preparava para o vestibular na Faculdade de Direito do Recife, cheguei a descobrir uma cosmografia, mas a linguagem arrevesada e os termos técnicos não me atraíram. Havia muitos livros de inglês. Lembro a série *The English Class*, de P. Dessagnes, o *The Story of the Romans*, de H. A. Guerber (exemplar datado de Garanhuns, 4 de julho de 1913), *An English Method*, do padre Júlio Albino Ferreira, um *Rational Method following nature step by step to learn how to read, hear, speak and write French*, que me revelou, pela primeira vez, o enigma dos cotejos bilíngües. De minha mãe havia a *História do Brasil*, de

Borges dos Reis, livro árido que só possuía uma atração: um mapa colorido. Coleções de leis, livros de Direito e outros volumes graves nada significavam para mim, que vivia à cata de histórias de fadas, relatos de aventuras, mistérios. Às vezes, meu primo Benedito trazia folhetos de Nick Carter e exemplares do *Tico-Tico*. Eram histórias seriadas, e durante muito tempo não pude entender a advertência embaixo das páginas — "continua no próximo número". Julgava que esse número significasse a página seguinte, onde se contava uma história diferente. Em velhas revistas, como *Eu sei tudo*, encontradas na casa de tia Flora, mãe de Benedito, eu agarrava novos retalhos desse mundo encantado. Insulava-me, lia, e as fotografias em sépia, cor de cinema, ampliavam, ainda mais, o evanescente mistério.

Por esse tempo, o "Meus Oito Anos", de Casimiro de Abreu, produziu sua aparição, presumivelmente numa edição popular de *As Primaveras*. Lembro que, quando Lou, meu irmão mais velho, fez nove ou dez anos, trepou a uma das mangueiras do sítio e ficou, lá em cima, com o livro aberto, recitando o poema. Era um dia de sol claro e quente, que brilhava nas folhas verdes. Meu pai chegou para almoçar e perguntou pelo aniversariante. Disse-lhe que estava trepado na mangueira, a ler o "Meus oito anos". Ele objetou que, sendo um menino, Lou não podia ainda ter saudades da infância. O argumento, que não me ocorrera, iluminou-me, embora a vida, depois, me ensinasse a zombar do condicionamento histórico das nostalgias, e a ter saudades antecipadas do futuro.

Professor de inglês na Perseverança, meu pai assinava *The National Geographic Magazine*, de cujas ilustrações a cores me tornei assíduo contemplador. Postais do universo, luzes e figuras do texto indecifrável; e o sentimento da imensidão da Terra eternamente celebrada mais se avivou em mim diante dos retalhos de um atlas e de certas palavras descobertas em dicionários ou numa velha geografia, ou ouvidas em qualquer lugar. Passeando pelo sítio, ou sentado debaixo do pé de canito, eu repetia uma delas:

— Tasmânia.

Achava-lhe um sabor oceânico de distância, era como se ela fosse a casca acinzentada e veludosa de certa fruta — um sapoti, por exemplo. Não sabia o que havia dentro dessa palavra, ignorava o gosto, a consistência e a cor da polpa, ou a conformação do caroço oculto. Tasmânia. Pronunciava-a uma, duas, cinco vezes. Cansava-me dela, desistia de penetrar no cerne de seu mistério, agarrava-me a outras.

Uma constelação de palavras belíssimas fulgia em minha infância, além dos galhos floridos da paisagem, no claro céu azul, sob o sol grande. Guatemala! Flórida! Insulíndia! Eram palavras azuis como o anil das lavadeiras. Eram navios brancos, iguais às nuvens que boiavam acima dos negros anuns em revoada. E os nomes de lugares nativos, repetidos pelas bocas da vida ou imóveis nos letreiros dos bondes, vinham reunir-se a esses vocábulos preclaros. Jaraguá, Pajuçara, Bebedouro, Fernão Velho, Ponta da Terra, Trapiche da Barra. Nomes de lugares, nomes de nomes, duras palavras que, pronunciadas, se despojavam de toda a sua carga de figuras e acervo de passagens, fachadas, chuvas e pedras, e voltavam a possuir a nobreza das moedas jamais gastas, mudavam-se em efígies abstratas. As coisas tinham nomes, mas que nome poderia eu dar a certo momento odorante, ao minuto em que só havia salsugem e gaivotas no ar, à cantiga cantada por Ana, às notas de música furtadas ao piano de minha avó, ao grito dos meninos em torno do quebra-pote, na tarde de domingo?

Não, não havia nome para tudo. Um dia seria preciso, talvez, inventar palavras, seguir o mapa de um tesouro e desenterrá-lo, procurar no velho sótão o arcaz empoeirado e retirar dele, amorosamente, os velhos termos por outros considerados imprestáveis.

— Tasmânia.

Passara-se um minuto, um dia, talvez um ano, e eu já estava à mesa, na hora do jantar. Meu pai ouviu-me, perguntou-me surpreendido:

— O que foi que você disse?

— Tasmânia.

Velho leitor de *The National Geographic Magazine*, percebeu logo as conjuminâncias do achado. Quis saber onde eu o encontrara, e ficou logo decepcionado com a minha ignorância geográfica. Realmente, nada sabia do vocábulo, o que estava atrás dele, o eventual guerreiro desse escudo. Não se dando por satisfeito, e sem entender que alguém pronunciasse uma palavra cujo sentido lhe escapava, meu pai perguntou por que a enunciara.

Confessei-lhe que a achara muito bonita. E nosso desentendimento aumentou ainda mais. Como quem pega uma coisa, pesa-a na balança da vida, ele pronunciou: Tasmânia. E nada achou nela que o entusiasmasse. Era uma palavra como as outras, desmanchava-se depois de emitida.

— Tasmânia.

Olhou-me como a um estranho, como se houvesse em mim algo que lhe escapasse. E meu desejo, naquele momento, era abrir a boca e gritar bem alto as palavras belíssimas — Guatemala, Flórida, Insulíndia! — fazer com que todos à mesa partilhassem, comigo, daquele formidável banquete secreto que haveria de alimentar-me a vida inteira.

XXVI

INTERVALO

Lamento decepcionar os que me apontam ou me presumem em luta com a expressão, burilando verso e prosa, raturando aqui e ali e cinzelando acolá. Na verdade, o que escrevo *já vem* apurado e burilado, artifício tornado espontâneo. Decerto é numa camada inconsciente de minha inteligência (ou do meu instinto) que se processa a higiene estilística que estimula a observação ou o louvor de críticos e leitores habituados a enxergar insatisfação, esforço e querela num território de tranqüilidade e repouso.

Enganam-se os que julgam ser o estilo uma conquista. É um dom — é aquela dádiva que os deuses dão de graça. Por isso, os que não o possuem nada têm. Não passam de mendigos literários, figurantes não admitidos no único verdadeiro banquete da vida, que é o da linguagem.

As admirações literárias de Teseu do Carmo se encontravam todas no passado. Apesar de seu sentimento de modernidade, ele não conseguia admirar os contemporâneos — era como se faltasse o recuo necessário para as manifestações de fervor. Contudo, fingia admirar alguns que o tratavam muito bem, e aos quais não desejava desapontar.

Entre os arbustos, passou o coelho, pressuroso e espantado como um homem.

Dia de intenso trabalho: escrevo um poema. Hoje não estou para ninguém, nem para mim mesmo.

Paraíso dos seres rastejantes,
como as cobras, os lagartos e os amantes,
a noite desce e, contemplando os sonhos,
silencia de espanto.

Esta bela "Canção" do poeta chinês Tu Fu (712-770):

Quanto a Li Po, dai-lhe um vaso de vinho
e ele vos escreverá cem poemas.
Cabeceia numa taverna
da cidade de Ch'ang an.
Mesmo que o Imperador o chame,
recusa-se a descer à barca imperial.
Diz: "Por favor, Majestade!
Sou o rei do vinho".

O sonho: esse escorpião escondido dentro de nós e pronto para nos morder.

Era uma prostituta recatada, como se ainda possuísse virgindade.

Essa coleira invisível que roça o pescoço de todos os homens, como o sinal de um cativeiro ou de uma condenação.

Certos críticos literários são surdos: não ouvem a *nossa* melodia.

As mulheres que o amor torna momentaneamente belas, e que só o prazer e a afeição iluminam — elas nos ensinam que a beleza deve ser um resultado e um acontecimento, e não uma rotina.

Como poeta, quero que ouçam também o meu silêncio, e não apenas as minhas palavras.

A poesia é um sortilégio verbal que tanto pode ser produzido pelo rigor como pelo excesso.

Se só falo por mim
se só falo de mim
quem falará pelo homem
diferente de mim?

No início de minha vida literária, o acadêmico P. C., de quem fui aluno, assim me louvou, num encontro no corredor da Faculdade Nacional de Direito: "Menino, você tem muita forma". Mas, presumindo que o elogio não me contentava plenamente, completou: "Mas também tem muita substância".

Literatura brasileira — uma literatura ornamental, sem existencialidade. Uma literatura sem respostas, desprovida do poder de mudar o destino do leitor ou impor-lhe uma determinada ética.

"Era uma vez um teólogo que não acreditava em Deus" — assim começava o conto que eu estava escrevendo, num sonho, quando um galo me despertou ao cantar pela terceira vez.

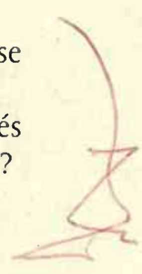
Como na primeira noite da criação do mundo, o céu está juncado de constelações.

Os homens são formigas à procura de Deus.

O sonho: esse poema incontrolável e por isso mesmo desprezível.

O homem ao seu algoz: Por que me prendes e torturas, se sou inocente?

O algoz: Por isso mesmo te prendo e torturo — porque és inocente. Como querias que eu te supliciasse, se fosses culpado?



Encontrar um sentido para a vida — mas onde, a não ser fora da vida?

O insignificante erigido pelo acaso à categoria do expressivo e perdurável: haverei de lembrar-me sempre daquele jumento que, na cidade de veraneio, zurrava lamentosamente ao ser conduzido, por um garoto, para um parque onde alugavam alimárias.

Nossa vida é, na verdade, a história de nossas dependências e servidões. Em que trama estamos enredados! Dependemos de tudo: da meteorologia à telefonista, do sinal de trânsito às cotações do câmbio, da física nuclear à culinária.

As pequenas (ou grandes) servidões humanas: o famoso poeta X. não ousa chegar atrasado a um encontro marcado por sua musa.

Detesto os submissos e precavidos, os fingidos e oportunistas. Minha simpatia ancora nos rebelados e arrogantes, nos que jamais se sentam nos seus lugares, e reclamam da vida mais do que ela está autorizada a dar.

Animais em liberdade, os homens têm a nostalgia da jaula.

Sonho, cloaca do espírito.

Estratégia estética: concentrar-se numa só coisa — numa palavra, numa cor, numa nota de música, *numa forma*, até o fim do mundo que é a morte pessoal.

Poesia da peste: um enorme rato cinzento atravessa a rua, vindo do cais cheio de navios, e corre para um dos armazéns portuários.

O pobre-diabo, capturado pela polícia, confessa o crime monstruoso. Conta, com impressionante riqueza de minú-

cias, como ele e seus asseclas seqüestraram a criança e terminaram por sacrificá-la, jogando o corpo, amarrado a uma pedra, nas águas pantanosas do fundo da baía. Tudo, nessa narração sinistra, traz o selo da lógica e da fidedignidade. Os dias e horas obedecem a uma seqüência rigorosa. Os episódios se unem como elos de uma corrente. Na descrição dos locais e cenas freme um horror que só a verdade humana é capaz de produzir.

Um psiquiatra, convocado para inserir o criminoso em alguma família perversa, fornece um diagnóstico espantoso: o pobre-diabo é um mitômano. O seu crime não passa de uma invenção do espírito, o produto de uma imaginação aberrante. E completa que, com uma oportunidade educacional, ele teria sido um grande romancista.

Sob a chuva, Bossuet caminhava lentamente. Sua justificação: "Um bispo não corre".

X. sente-se perseguido até nos sonhos. Logo que dorme, começa a percorrer labirintos burocráticos, à procura de balcões e rostos para poder valer os seus direitos ou se defender de acusações absurdas. Comparece perante tribunais e varas de justiça, cumprindo intimações. Envolve-se em complicações domésticas que o deixam perplexo. Percorre a cidade inteira, e até cidades imaginárias (dotadas dessa topografia rigorosa que só se encontra nos pesadelos e alucinações), em busca do carro sempre estacionado num lugar certo, ou de alguém capaz de ajudá-lo a escapar das tramas que o ameaçam.

Para X., o despertar significa a salvação, a realidade cinzenta de sua vida onde nada acontece.

Poesia: a celebração do universo pela linguagem.

D., ao morrer, leva pelo menos um consolo: a certeza de que o ministro da Agricultura irá ao seu enterro.

O poeta é filho da linguagem. Mais do que ninguém, pode chamar de materna a sua língua — o idioma de onde provém como o fruto de um ventre.

Onde estão aqueles bojudos frascos de farmácia, com inscrições latinas nos rótulos, e que às vezes guardavam, enrodilhadas, cobras verdes ou esbranquiçadas? Menino, eu me acercava do balcão e soletrava as palavras misteriosas. Era uma lição de poesia.

Mascarado, o arlequim passa pela avenida com a sua fantasia berrante, levando, como um tesouro, o segredo supremo de seu anonimato. Assim eu quereria atravessar o carnaval das letras: fantasiado, para que não me reconhecessem.

Os navios estão dançando no mar.

Aquele farol: quando subíamos à sua torre, o mar desaparecia, substituído por um deserto. Descíamos a escada em espiral e, ao atingir o chão, a manhã e a tarde se mudavam em noite, e no mar reingressado na paisagem as luzes dos navios fulgiam.

Na manhã radiosa, os tapumes cantam pela boca dos cartazes. Modernidade do mundo: o dia celebra os liquidificadores.

O poeta deve criar as suas próprias regras.

Aquela velha que almoçava sozinha num restaurante no centro da cidade — não foi a sua solidão que me impressionou. Foi a sua atitude desembaraçada, ou melhor, certa desenvoltura que exprimia segurança ou mesmo autonomia. Neste mundo que não estima os velhos — a não ser os que portam a aura do Poder ou da Consagração — ela, com o seu apetite, se mostrava segura. Talvez a vida, em vez de desaguarar as suas esperanças e desilusões, lhe tivesse confiado, junto com as

varizes, um segredo que a fazia destemerosa mesmo no isolamento próprio da idade.

As palavras são lavras. As palavras são lavas.

Adeus, nevoeiro.
Só a claridade
me faz ser inteiro.
A minha verdade
exige o fulgor
de sol e de sílex
além das falésias
e dos estaleiros.

"A Via Láctea, como um pálio aberto / cintila" — canta o poeta parnasiano. Com os seus 200 bilhões de sóis, a Via Láctea é apenas uma galáxia, *perdida* entre bilhões de outras naquele espaço infinito a que alude Pascal.

Interessante verificar a descuriosidade parnasiana de Bilac, contemplando e ouvindo estrelas, com o frêmito inquiridor e a inquietação planetária de Augusto dos Anjos, em sua escalada estelar:

Vestido de hidrogênio incandescente,
Vaguei um século, improficuamente,
Pelas monotonias siderais...

Subi talvez às máximas alturas,
Mas, se hoje volto assim, com a alma às escuras,
É necessário que ainda eu suba mais!

Nas gazetas, os teóricos de literatura proclamam a morte da poesia e a agonia do romance. Na verdade, eles ouvem cantar a galinha e pensam que é o galo. E, o mais grave, não consultam o principal interessado: o criador que, diante da página em branco, sente viver em seu espírito as metamorfoses, e deseja reunir numa nova estrutura ou totalidade — numa nova forma viva — os antigos departamentos da criação. Penso num livro agenérico

que seja ao mesmo tempo um poema, uma biografia, uma crônica, um romance, um diário, um ensaio — um texto onde os meus eus fragmentados se reúnam, como numa praça, e imponham ao transeunte eventual a verdade momentânea de sua coesão.

A gaivota sobrevoa o farol e o dia torna-se metafórico.

Bom dia! pareciam dizer os seios nus.

Em certos dias de sol, o antigo presidiário, obrigado a viver como escrevente de um cartório, experimenta a nostalgia do pátio de sua prisão — imenso quadrilátero de cimento inundado de luz, único lugar onde sentia a alegria de viver.

O que torna o cativeiro dos animais selvagens, enjaulados no Jardim Zoológico, mais absurdo do que o sofrimento dos homens é que não lhes foi prometido nenhum paraíso após a morte. Eles sofrem sem promessa de recompensa.

O sentimento do absoluto aquece os homens.

Invisível e exato como a quilha de um navio, o mito acompanha sempre os nossos passos.

O carcereiro da penitenciária de B. só consegue dormir após ler um conto de fadas.

Sonho que sonho. Estou sendo sonhado.
Quem me sonha e quem sonha quem me sonha?
Sou dois, quando acordado, mas sonhando
continuo eu e o outro, ou na verdade
torno a ser um e único, de volta
ao que fui e serei na realidade?

A miséria é, como a riqueza, uma invenção divina. Por isso jamais poderá ser extirpada do mundo.

Esta velha superstição de que todos os homens são iguais.

Minhas incoerências me iluminam. Minhas coerências me obscurecem.

Na verdade, o homem é imutável. Sua ferocidade é a mesma de quando, Caim, ele matou Abel.

E., poeta maldito e um dos arautos da vanguarda estética e política, freme de satisfação ao ser apresentado, casualmente, ao ministro do Exterior.

Nos cemitérios, estendem-se milhares de túmulos, lembrando aos homens que, mesmo depois de mortos, eles continuam sendo massas e sujeitos às aglomerações.

Ideal de um túmulo — como o de Chateaubriand, longe dos outros e junto ao mar. Ficar sozinho depois de morto é um privilégio incomparável.

O artista deve buscar-se a si mesmo no labirinto da obra, até encontrar-se e ser o seu único assunto. Mas, num artista, *eu* é o mais impessoal dos pronomes — mero esconderijo da mentira, metáfora, máscara, estilhaço de um mito.

As palavras guardam a sua glória futura como os bulbos secos e enrugados contêm o esplendor dos gladíolos.

Cada etapa de nossa existência corresponde a uma mudança substancial não apenas em nosso corpo como em nosso espírito.

Assim, qual é a face que nos representa, nesse elenco de metamorfoses? O menino, o moço, o homem maduro, o velho? Em qual desses estágios conseguimos ser mais fiéis ao que, em nós, é imutável e inalteravelmente idêntico?

As duas coisas mais admiráveis na criatura humana são a inocência e a santidade. A primeira, situada na raiz da vida, está

abaixo do homem, e a segunda é um cume que só raros alcançam.

Vejo um homem e um cão, num sobrado, olhando atentamente um pequeno incidente de rua — e comove-me essa silenciosa aliança de dois seres.

Era um mar seco e despojado, semelhante a um deserto.

Vejo o mormaço como se vê o mar ou um jardim.

Não guardo rancor de ninguém. Desconheço amarguras. É como se uma vidraça me separasse dos acontecimentos portadores de decepções.

Os outros, para mim, são quase sempre matéria de observação — quando não de descuriosidade. Dir-se-ia que a vida se apresenta diante de mim como um espetáculo incessante, com as suas raras grandezas e habituais misérias. Mesmo vivendo, e mergulhado na vida até nos sonhos, considero-me um espectador. E se me inclino, às vezes, a registrar a paixão alheia, faço-o com a imparcialidade e o rigor científico do entomologista que anota a cor ou a forma de um inseto.

O helicóptero pousa na relva como uma grande borboleta branca.

Entre os meus personagens prediletos está Elpenor, aquele marinheiro bêbado da *Odisséia*, que quebra o pescoço ao cair do teto do palácio de Circe.

A poesia é uma criação da cultura, mas esta deve permanecer invisível no poema.

Não posso jogar pedras em minha primeira formação literária, no Recife (1940/41), quando, sob a instigação e orientação de Willy Lewin, eu devorava Rimbaud, Baudelaire, Claudel,

Valéry, Virginia Woolf, Cocteau, Mauriac, Julien Green, Proust e tantos outros autores que, distanciando-me da realidade ambiente, me davam uma visão aristocrática da arte e da literatura.

Essa fase preciosa, em que eu e os meus primeiros companheiros de viagem colocávamos a Forma acima de tudo, em lugar de distanciar-me da vida, serviu-me para abordá-la quando, cumprido o longo período de assimilação, saí de mim mesmo em busca do universo dos meus semelhantes.

Eu teria sido um autor frustrado ou limitado se, no limiar de minha vida literária, essa constelação de nomes prestigiosos não tivesse iluminado o meu caminho. Eles abriram os meus horizontes, levaram-me desde cedo a preocupações formais que se concretizavam através da interrogação existencial e até, em certo tempo, de uma inquietação religiosa; e me nutriram de uma curiosidade intelectual que o passar dos anos não empalideceu. Muito pelo contrário, ela sempre se reaviva, tanto diante do autor preclaro e do clássico deleitável, como do nome novo ou desconhecido que resvala numa informação literária ou num balcão de livraria, e me devolve, intacto, esse prazer da leitura que às vezes tem algo de sexual.

XXVII

A MANHÃ DENTRO DA TARDE

Ao chegar ao Rio, em princípios de 1943, passei a freqüentar diariamente a Livraria José Olympio, então na rua do Ouvidor, numa casa baixa perto da avenida Rio Branco. Do outro lado era a Livraria Garnier, escura como uma gruta. Simbolizava o passado literário, um tempo que o modernismo abolira. Nas suas cadeiras vazias e vetustas, haviam-se sentado Machado de Assis e Ruy Barbosa, Nabuco e aqueles poetas parnasianos, de ouvidos amestrados, que o solene e malicioso Paul Claudel (que decerto os conheceu em sua temporada diplomática aqui no Rio) compara a "une petite collection de canaris mécaniques". A Garnier era o passado — nas suas vitrinas amareleciam velhos títulos que, na República Velha, haviam conhecido o aplauso e conduzido seus autores à glória das tribunas políticas e assentos acadêmicos. E a Livraria José Olympio era o presente, juncado de frêmitos e inquietudes.

Na minha segunda noite no Rio — então uma cidade quase provinciana, com os carros a gasogênio desfilando por uma avenida arborizada — fui visitar Graciliano Ramos. Um bonde me levou à Tijuca, ficamos conversando até tarde. Ele abriu uma gaveta e extraiu de uma pasta o recorte de um jornal em que eu, ainda menino, louvara o *Vidas Secas*. Lembro que alguém escrevera a lápis, num dos lados do recorte: 14 anos. Recordei-lhe que, quando ele era secretário de Educação, pouco antes do

início do seu ciclo carcerário, eu lhe fora apresentado numa festa no Grupo Escolar D. Pedro II, como um aluno exemplar, um dos primeiros da classe, e sua mão dura de sertanejo pousara canhestramente sobre a minha cabeça, num gesto quase de carinho e talvez de estímulo. Quase de madrugada, quando me despedi, cercado por algumas recomendações de Heloísa, sua mulher, Graciliano me disse: "Apareça na José Olympio. Você me encontra sempre lá".

Tornei-me freqüentador assíduo daquela loja de livros que era então a passarela das celebridades. Conheci José Lins do Rego — um José Lins jovem e glorioso, de pouco mais de quarenta anos, e que se preparava para publicar mais uma obra-prima, o *Fogo Morto*. Tendo morado em Maceió, José Lins do Rego reconheceu em mim o filho de um passante da província onde vivia quando a publicação de *Menino de Engenho* o tornou famoso. "É o filho do Floriano". Naquela referência estava a marca do memorialista incomparável — do contador de histórias que, fundeado sempre no mar vário da memória, guardava para sempre nomes e cenas. A menção ao nome do meu pai, pelo romancista glorioso que, muitos anos depois, haveria de converter-me num dos seus amigos e confidentes, me transtornava. Mas não eram só os grandes e célebres, as figuras apontadas a dedo pelos admiradores anônimos ou citadas com desapreço nas redações invejosas, que freqüentavam a Livraria José Olympio.

Ao lado desses grandes de Espanha da literatura brasileira que eram Graciliano Ramos e José Lins do Rego, Manuel Bandeira e Augusto Frederico Schmidt, Murilo Mendes e Álvaro Lins, Octávio Tarquínio de Souza e Rachel de Queiroz, serpejavam também figuras anônimas, umas satisfeitas de conviver com essas estrelas de primeira grandeza que iluminavam então o céu literário, outras silenciosas e ressentidas — e isto sem falar naqueles que, em sua familiaridade com os letrados de bom cunho ou de projeção buliçosa, eram por assim dizer os agregados da literatura, distinguidos por um José Lins do Rego com a honraria de pagar a sua conta na Light ou amaciar o caminho destinado à reforma de uma promissória. E havia mesmo aque-

les que, em seu convívio com os notáveis, valorizavam os seus conhecimentos ou relações no universo dos amores furtivos, sabiam o número de telefones misteriosos, subiam sobrados discretos para parlamentar com gordas matronas aparelhadas para todas as convivências.

Entre os freqüentadores da Livraria José Olympio, um havia que, nas horas vagas, costumava sentar-se no banco dos fundos, em princípio reservado às celebridades. Era um velho mirrado e calvo, um desses seres que a vida vai secando. Talvez a minha idade juvenil tivesse reaquecido as cinzas de sua curiosidade; talvez porque estivéssemos sentados no mesmo banco ilustre em que repousavam de suas andanças físicas e fainas criadoras os autores de *Menino de Engenho* e *São Bernardo*, ou aquele Otto Maria Carpeaux que acabava de publicar *A Cinza do Purgatório* e deslumbrava a intelectualidade aborígine com ensaios sobre Kafka e Saint-John Perse, o certo é que estávamos sozinhos os dois, na livraria apenas transitada por clientes anônimos, e uma luz de meia-tarde, vinda da rua bulhenta, não lograva alcançar-nos. De pequena palavra em pequena palavra, fomos edificando a nossa conversa. Contei-lhe os algos que suas perguntas reclamavam. Era de Alagoas — e, em vez de identificá-la como terra de Graciliano Ramos e Jorge de Lima, de acordo com a mais costumária praxe literária, o meu vetusto interlocutor exclamou, brevemente agitado por uma nostalgia: "Ah! a terra de Guimarães Passos". Disse-lhe ainda que morava numa pensão da rua dos Inválidos, perto da Lapa, ainda não arranjara emprego de jornal mas já começava a colaborar em suplementos literários. Mas quando lhe comuniquei que considerava a poesia a minha vocação fundamental, ele se tornou ainda mais velho e mirrado, e fez cair sobre mim — sobre as minhas esperanças e ilusões — uma torrente de palavras secas:

— Eu também, na sua idade, sonhei com a glória, quis ser poeta. Freqüentei a Garnier, aí do outro lado. Fui amigo de Bilac e do seu conterrâneo Guimarães Passos, que era uma bela figura, e também de Goulart de Andrade, outro alagoano hoje injustamente esquecido. Publiquei vários livros de versos. Há um

verso meu de que Bilac gostava muito. É este: "À tarde, ao pôr-do-sol, Copacabana é linda..."

Parou de falar, por um momento sua cara engelhada se resumiu aos olhos que se tornaram particularmente vivos, quase fulgentes, como se procurassem, entre os balcões dos livros, ou mesmo do outro lado da rua, na escura Garnier, o vulto glorioso e amigo capaz de repetir o elogio abolido pelo tempo. E de novo ressoou em meus ouvidos o verso que o Príncipe dos Poetas Parnasianos tinha como admirável. "À tarde, ao pôr-do-sol, Copacabana é linda". Os *o* e os *a* do alexandrino perdido, sobra formidável de um soneto espatifado pelo fluir da vida, ecoavam em meu espírito como pedras roladas de uma cascata invisível, e aquela aliteração aliciante, em lugar de conquistar-me com o seu sortilégio, parecia destinada a aniquilar-me também, a esmagar os meus sonhos.

Foi então que o velho poeta, náufrago anônimo de algum florido batel parnasiano, e munido pela experiência de uma vida longa e apurada pelas desilusões, que o tinha convertido em algo ósseo e mineral, deu a sentença final, que ainda hoje repercute nos meus ouvidos:

— Você não vai conseguir nada, meu filho.

Ainda hoje estou certo de que não o refutei, limitei-me a engolir as suas palavras. Ficamos ambos em silêncio, até que outros figurantes literários surgiram na livraria. Seria talvez João Condé, à cata de autógrafos daqueles que o acaso ou a fortuna cega haviam convertido em notoriedades, e cujos textos tinham altas cotações na bolsa do intelecto. Seria Breno Accioly, com o seu charuto e o seu desejo, em busca de alguma poetisa desprevenida. Ou não seria ninguém: continuávamos sozinhos, o velho náufrago do passado parnasiano e o jovem náufrago de um futuro ainda sem nome. De repente, vi-me caminhando pelas ruas, e o crepúsculo descia sobre as pessoas e as fachadas das casas. Não era a glória, o aplauso, a fanfarra o que eu queria — dizia o meu coração ferido, numa réplica tardia ao autor de "À tarde, ao pôr-do-sol, Copacabana é linda". Era a afirmação de minha singularidade: desejava converter numa realidade estéti-

ca um dom nativo ainda inexpressado e incomunicável. E contudo a voz experiente e desiludida viera alvejar-me com a sua descrença. Se a vida não confirmasse a minha escolha e não promulgasse a minha vocação, de que adiantaria viver? Mesmo matriculado numa Faculdade de Direito, e decidido a formar-me, eu não queria ser advogado — a profissão imaginária destinava-se a agradar a meu pai, antigo guarda-livros que fizera tantos sacrifícios para bacharelar-se, já cheio de filhos, pela Faculdade de Direito do Recife. Eu queria ser poeta. "Você não vai conseguir nada, meu filho". Vi passar junto a mim, na calçada crepuscular, o poeta Augusto Frederico Schmidt. Ia gordo, solene, e partilhava a sua imponência nativa com dois cidadãos também gordos, decerto negociantes. Schmidt não me viu, ou não me reconheceu, muito embora eu tivesse estado em sua casa dias antes, numa tarde de sábado. Nessa ocasião, o meu destino literário tinha sido examinado. Jorge de Lima, que me levara, era de parecer que eu daria um grande crítico. Mas Schmidt, após a leitura de alguns poemas meus (que eu trazia sempre no bolso, como uma espécie de carteira de identidade para os momentos nobres), repeliu o diagnóstico do seu confrade e, com a sua voz medida, juncada de sonoridades particulares, exclamou: "Mas ele é um poeta, Jorge!" Naquela exclamação, fremia ao mesmo tempo uma descoberta e uma advertência. Que o meio literário, com as suas grandezas e misérias, emalhamentos e choques de interesses, me deixasse seguir o meu caminho — eis o que se engastava na voz pausada e lúcida do poeta de *Canto da Noite*. Pouco importava, agora, que Schmidt não me enxergasse no crepúsculo fervilhante — e, ao longo dos anos, jamais haveríamos de engrenar-nos, até o dia em que fui vê-lo, morto, na Capela da Reitoria da Universidade do Brasil, e a morte o tornara ainda mais solene.

Paro de escrever estas evocações e procuro, nas estantes, alguns livros de Schmidt, certo de que ele costumava comunicar-se comigo através de dedicatórias. Com efeito, no exemplar de *Fonte Invisível* encontro documentada a opção decisiva: "Ao Lêdo Ivo, poeta de minha maior admiração, ao malicioso e

grave, que não quis ser crítico na adolescência, mas hoje será o que quiser, com um abraço do Schmidt". Em *As Florestas*, ele me chama de "demônio perfeito e acabado das letras brasileiras, meu amigo e meu inimigo, com as saudades do Schmidt". E, agora, que não poderei mais vê-lo atravessando, gordo e triunfal, a avenida Rio Branco, e apontado pelos barbeiros e basbaques como o poeta que tinha acesso aos presidentes da República e aos ministros, e entrava no Catete a qualquer hora, encontro nessa dedicatória uma pista até então não notada. Sim, Schmidt *tinha saudades* de mim. Mas de que mim? Talvez do adolescente que uma vez ele pusera no colo, num desajeitado gesto de afeto comum aos homens sem filhos, assegurando então a João Cabral de Melo Neto e Eros Martim Gonçalves: "É o Rimbaud brasileiro". Talvez ele sentisse saudades de uma amizade imaginária, que os anos não confirmaram, convertendo-a numa sucessão de desencontros e silêncios. Talvez ele fosse salteado pela convicção íntima de que tínhamos algo em comum, ou uma matéria comum a conversar (sobre a morte, o amor, o fluir do tempo, essa coisa abstrata e talvez inexistente chamada eternidade), e todavia esse encontro marcado não se realizou, frustrando-se misteriosamente. Procuro outros livros de Schmidt, já que ele jamais deixou de enviar-me cada obra que publicava. Na primeira edição de *O Galo Branco*, de 1948, está evocado um encontro matinal que tivemos, e terminou no escritório em que ele se encontrava a negociar as nossas areias monazíticas: "Ao meu caro Lêdo Ivo, com a crescente admiração, e esse inesperado começo de amizade / o Schmidt". Mas aquele súbito reencontro se esvaiu mal a porta do seu escritório se fechou e eu desci o elevador do edifício. A última vez que nos vimos, cruzamo-nos como dois desconhecidos — e na verdade o éramos. E no derradeiro livro que me mandou, *O Caminho do Frio*, ele alude a esse desencontro pertinaz: "A Lêdo Ivo, ao seu sorriso em que sopra a malícia de quem tudo compreende — à sua inteligência, à nossa longa desafinação — of. o velho poeta Schmidt".

Coisa curiosa, no capítulo dos encontros e desencontros literários, esse episódio em que uma afinidade ou afinação fun-

damental, após surgir como um lampejo e produzir os seus frutos na área das iluminações espirituais, logo se apaga e se transforma numa desafinidade ou desafinação capaz de desafiar e transtornar quaisquer esforços de diálogo e entendimento. Imagino o poeta Augusto Frederico Schmidt passando por mim sem me reconhecer, na avenida crepuscular. Ele não me reconhece porque seu pensamento está longe. Não pensa em negócios, em viagens, nem nas audiências com os grandes do mundo. Não pensa na morte, nem na glória, nem na riqueza. Ele marcha assim, grave e rotundo, discernível e separado como uma estrela solitária, porque, com o seu pensamento distanciado de tudo que o cerca, sente saudades de mim...

Que o leitor me permita continuar andando na avenida crepuscular, e o hoje e o sempre retornem às fontes que os geraram, no ontem esvaído. Era no tempo da guerra. Nas lojas e livrarias, nos restaurantes e confeitarias, ouvíamos as vozes estrangeiras de muitos daqueles que, tangidos pelas catástrofes, vinham refugiar-se sob o nosso sol tolerante e radioso. O consultório de Jorge de Lima, no último andar de um edifício da Cinelândia que, em seu pavimento térreo, abrigava o Amarelinho, o mais célebre café literário da época — o consultório de Jorge de Lima, que eu freqüentava com assiduidade, era transitado por essa fauna vinda de longes terras. Muitos deles, homens e mulheres, confiavam-se à medicina do grande poeta de *A Túnica Inconsútil*. Lembro-me de Jorge de Lima, num diálogo telefônico, estabelecendo a dieta de uma dessas criaturas de passagem: "Vous pouvez manger des mangas et des abacaxis..." Essa recomendação, incluindo frutas tropicais no regime alimentar de uma senhora francesa, não me sai da memória, mais de trinta anos depois. Também não me esquece que Murilo Mendes, com a sua solene e aristocrática sofisticação que tanto me seduzia, também era gravitado por essa fauna que os navios, convertidos em verdadeiras arcas de Noé, depositavam na alfândega. Todas as vezes em que Murilo Mendes me apresentava a uma dessas figuras, fosse uma falsa condessa ou um professor de um país que as tropas de Hitler haviam apagado

dos mapas, dizia sempre a mesma coisa: "C'est un jeune poète plein de talent". Recordo agora Murilo Mendes com especial carinho e não menor reconhecimento. Sua mão grande que mais parecia uma mão de obstetra se estendeu para mim na hora primeira, e chegou mesmo a escrever, no *Diário de Notícias,* um artigo, "Simples Apresentação", em que, por assim dizer, me introduzia no circuito poético. Eu costumava ir vê-lo no quarto em que morava, num velho casarão de Botafogo, alugado a duas velhas russas. De uma delas, contava Murilo uma história fantástica: Tolstoi gostava de caçar em sua propriedade familiar e, certa feita, escapara de morrer num acidente, pois a pena de seu chapéu fora confundida com a plumagem de um pássaro. Durante um tempo em que a tuberculose imobilizou o autor de *A Poesia em Pânico* em seu quarto cheio de quadros, livros e discos, as minhas visitas amiudaram. E muitas vezes me revejo, na crescente escuridão do quarto, ouvindo Scarlatti e Bach, enquanto, deitado ao comprido numa cama improvisada, Murilo Mendes era todo um silêncio religioso interrompido por uma tosse rouca.

O meu longo lazer permitia as sucessivas freqüentações literárias. Matriculado na Faculdade Nacional de Direito, pouco ia às aulas. Só muitos meses após minha chegada haveria de conseguir um emprego de jornal. Mas, por fortuna, algumas colaborações em suplementos literários tinham o dom de sustentar-me. Jorge de Lima me levara a Múcio Leão que, no matutino *A Manhã,* dirigido por Cassiano Ricardo, editava o suplemento *Autores & Livros,* onde logrei estampar alguma prosa e alguma poesia. Lá encontrei Ribeiro Couto, diretor de um suplemento voltado para a cultura latino-americana. Ao lhe ser apresentado por Jorge de Lima, surpreendi-me. "Lêdo Ivo? Como não o conheço?! Ele é do grupo de Willy Lewin e do Vicente do Rego Monteiro, do Recife". Subitamente interessado em meu porvir literário, Ribeiro Couto intimou-me: "Você tem que mudar de nome. Com esse nome, você não vai fazer carreira". Não era a primeira pessoa que, no meio literário e jornalístico, se insurgia contra a minha certidão de nascimento. No

Recife, Gilberto Freyre julgara tratar-se de um pseudônimo mal escolhido. Em algumas redações de jornais, aonde ia em busca de um emprego, meu nome causava estranheza. "Lêdo Ivo de quê?" Explicava que o Ivo era o sobrenome paterno, e meu nome inteiro se resumia a sete letras. Houve mesmo um jornalista que teceu, para gáudio de toda uma redação tresnoitada, comentários sobre aquele desapontado postulante a um emprego cujo nome curtíssimo equivalia, em seu juízo, a um não-nome. E exclamava, deslumbrado com a sua própria inteligência: "Lêdo Ivo! O nome acaba quando começa".

Por mais judiciosas que fossem as ponderações de Ribeiro Couto, não aceitei a sua sugestão de mudar de nome, ou encompridá-lo com a adoção dos sobrenomes maternos. À saída, ele me fez quase uma súplica, aludindo ao meu acento circunflexo, que contraria as ortografias mais preclaras: "Mas pelo menos tire o chapeuzinho!" Não tirei, considerando que isto é tarefa de revisor. E o singular é que também Manuel Bandeira era da teoria de que meu nome não haveria de *pegar.* Num cartão que me mandara quando eu, ainda em Maceió, ousara remeter-lhe alguns poemas, ele me perguntava, curioso: "Lêdo Ivo de quê?" E, em nossos primeiros encontros no Rio, a interrogação voltou, e chegou mesmo a escolher, para mim, e com base num dos sobrenomes maternos, um nome que, a seu ver, tinha todas as condições de abrir-me as portas da literatura brasileira. Eu deveria passar a chamar-me Lêdo Ivo de Araújo.

Mas houve os que me aceitaram ou acolheram sem perquirir do nome, e mesmo achando que era um autêntico nome de poeta, condensado e misterioso. As primeiras amizades se foram formando. Os meus amigos e companheiros do Recife também haviam decidido emigrar. Quando cheguei, já encontrei aqui João Cabral de Melo Neto, Breno Accioly e Eustáquio Duarte. Logo depois, viriam Antônio Rangel Bandeira, Benedito Coutinho e Eros Martim Gonçalves. E, em seguida, Willy Lewin, a quem considerávamos nosso mestre e orientador cultural, também se transferia para o Rio. Vieram tantos que, no Recife, só ficaram Vicente do Rego Monteiro, à espera do fim da guerra

para ser devolvido à sua Paris cubista; Mauro Mota, com os seus poemas escondidos, seu guarda-chuva premonitório nos dias de sol e suas aulas de geografia percorridas pela aragem dos cajueiros floridos; e Otávio de Freitas Júnior, dividido entre a loucura dos poetas e a lucidez dos loucos de sua clínica.

Costumávamos reunir-nos no Amarelinho — e numa das mesas próximas me habituei a ver Georges Bernanos escrevendo, com uma silenciosa paixão vizinha da ferocidade, artigos de jornal sobre as grandezas e as misérias da França. Algumas das admirações mais afervoradas da província tinham agora rosto e voz, e estavam ao alcance de nosso convívio. Em alguns casos, a convivência extrapolava as fronteiras afetivas, para se impor, ainda, no plano da orientação literária. Eu ainda não tinha vinte anos e, por mais devoradora que fosse a minha sede de leitura e formação intelectual, dia a dia novos nomes e livros ressoavam no meu quarto de pensão, trazidos pela voz segura e pela experiência comprovada.

Eu era um ocioso — e, afortunadamente, passei a fazer parte de um grupo, no Amarelinho, em que esplendiam dois grandes e gloriosos ociosos, Lúcio Cardoso e Octavio de Faria. Meses depois, um outro desempregado surgia, vindo da Bahia: era Adonias Filho. Conversávamos de tudo, naquelas tardes longas — de Jacob Wassermann, de Hardy, de Rilke, da queda iminente do Estado Novo, de fantasmas e aventuras boêmias, do romance de Cornélio Penna e dos casos amorosos de Vinicius de Moraes. Não sei se, atualmente, os jovens se reúnem em mesas de café (caso ainda as haja nestes indecorosos tempos de lanchonetes) e passam horas intermináveis conversando sobre os problemas do romance e da poesia, trocando impressões de leituras, confiando descobertas de livraria, discutindo filmes e futebol. Caso isto não ocorra, como os lamento!

Naqueles dias de 1943 e 1944 em que nos reuníamos no Amarelinho, o tecido literário e artístico só não era a matéria inarredável de nossas conversas e discussões porque Octavio de Faria não se limitava a ser um dos mestres do nosso romance — sua autoridade incontestável cobria o cinema e o futebol. Ao

cair da noite, o grupo se dissolvia. Habitualmente, era Octavio de Faria — que nós considerávamos respeitosamente um homem rico, filho de Alberto de Faria e pertencente a uma família aristocrática que lhe permitia, então, viver de rendas que alguns tinham por gordas — quem pagava a despesa. Então, cada um ia para o seu destino. Lúcio Cardoso, estimulado por muitos chopes, preparava-se para a escalada da noite, que o levaria a trilhar ruas misteriosas e a deter-se diante de um real ou fictício Hotel da Lanterna. Octavio de Faria tomava o bonde, retornava ao apartamento na rua Paissandu, em que dia e noite construía o seu monumental romance cíclico, *A Tragédia Burguesa*, só agora, neste começo de 1976, definitivamente terminado, e assim mesmo porque ele se decidiu afinal a resumir a longa história — essa história na verdade interminável, que me prendeu desde que a descobri ainda menino, e continua a atrair o qüinquagenário em que a vida insidiosamente me tornou. Adonias Filho batia a cinza do cigarro, profetizava o fim do Estado Novo, baseado na informação de estratégica fonte militar, e também sumia dentro de um bonde, ele e o anunciado *Os Servos da Morte*, à procura de um editor. E dizer que suas histórias, consideradas soturnas e herméticas e impublicáveis naquela época ditosa, são hoje ruidosos *best-sellers*, traduzidos até em alemão! Cada um seguia o seu destino, naquele anoitecer barulhento. Eu, como não tinha destino, ficava a vagar pelas ruas cada vez menos transitadas, até que o cansaço — que é também uma forma de solidão — me forçasse a refugiar-me no meu quarto de pensão. No silêncio da noite alta, abria ao acaso o meu poeta preferido: *O Reine des Bergers!/Porte aux travailleurs l'eau-de-vie,/ Pour que leurs forces soient en paix/En attendant le bain dans la mer, à midi*. E a noite continuava suspensa sobre mim, fúlgida como uma lâmpada, fragmento nítido da mesma noite de agora.



Eurídice Plácido de Araújo Ivo, mãe de Lêdo Ivo. Maceió, década de 70.



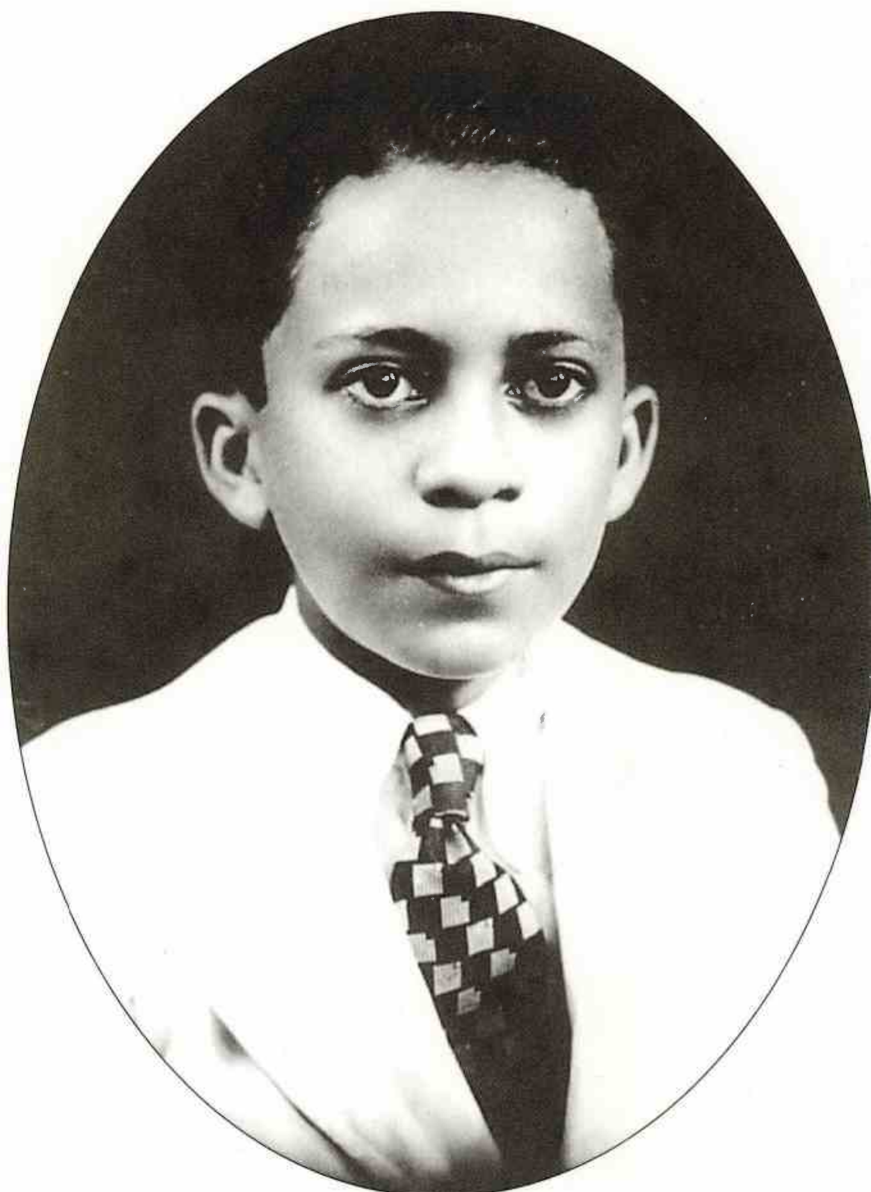
Floriano Ivo, pai do poeta.
Foto de formatura, Faculdade de Direito do Recife, 1935.



Lêdo Ivo aos quatro anos de idade.



Da esquerda para a direita,
Napoleão, Lêdo, Maria e Floriano Júnior.
Maceió, 1930. Foto Rogato.



Lêdo Ivo quando escreveu o primeiro poema. Maceió, 1938. Foto Cajueiro.



Foto de formatura na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, Rio, 1949.





Lêda em 1945, cabelos ao vento na praia de Ipanema (foto de Willy Lewin) e dois anos depois, com suas belas tranças.

Se Lêda se casou com Lêdo,
Não foi só atração dos sexos:
Os seus acentos circunflexos
Já se gostavam em segredo.

Beg. XI-61. Ribeiro

Poema de Ribeiro Couto onde se lê: "Se Lêda se casou com Lêdo / não foi só atração dos sexos: / os seus acentos circunflexos / já se gostavam em segredo". Novembro, 1961.



Lêdo Ivo e sua mulher Lêda. São Paulo, 1947.



Lêda e Lêdo Ivo em
Amsterdã, Holanda, 1953.
Abaixo, o casal em
Brasília, 1972.





Lêdo Ivo e Lúcio Cardoso no Rio de Janeiro, 1945.



Lêda, Lêdo e Sábato Magaldi no Bois de Vincennes, Paris, 1953.



Adalgisa Nery, Manuel Bandeira e Lêdo Ivo. Rio, 1954.



Geir Campos, João Cabral, Manuel Bandeira e Lêdo Ivo. Rio, 1954.

Ao Lêdo, com seu epitáfio:

Aqui repousa
livre de tôdas as palavras,
LEDO IVO,
poeta,
na paz re-encontrada
de antes de falar,
e em silêncio, o silêncio
de quando as hélices param
no ar.

João Cabral de Melo Neto

Junho de 1945

O ENGENHEIRO

Dedicatória de João Cabral de Melo Neto na primeira edição de *O Engenheiro*, publicado pela editora Amigos da Poesia em 1945.



Uma das últimas fotos de José Lins do Rego, com dedicatória para Lêdo Ivo. Hospital dos Servidores do Estado, Rio de Janeiro, setembro de 1957.



Lêdo Ivo com Manuel Bandeira, quando o poeta pernambucano fez 80 anos. Teresópolis, 1966.



O poeta italiano Giuseppe Ungaretti e Lêdo Ivo. Rio, 1966.



Lêdo Ivo com o acadêmico Ivan Junqueira na ABL, Rio, 2003.



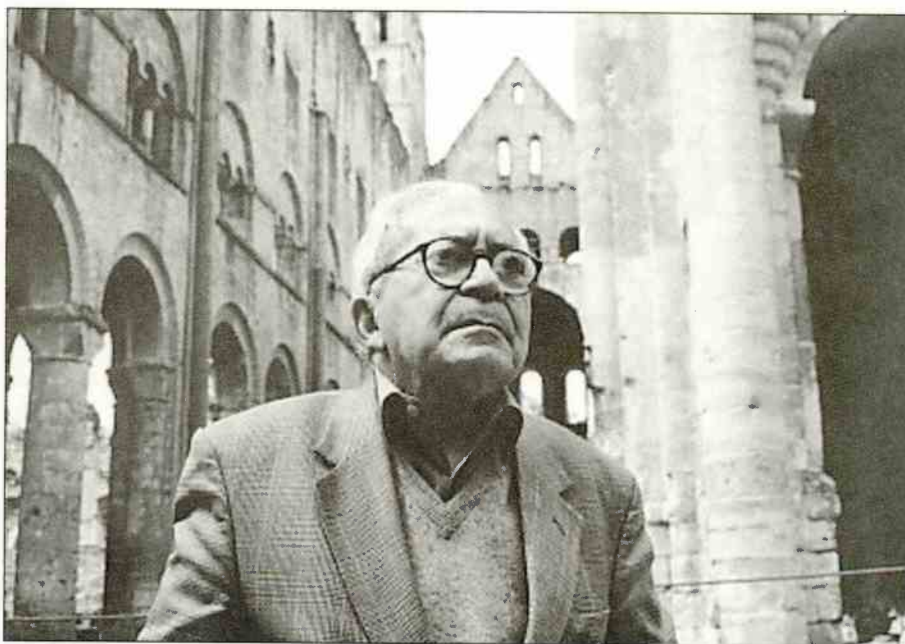
Os casais Lêdo Ivo e Lêda e Stella e João Cabral de Melo Neto. Petrópolis, década de 80.



Posse do poeta Lêdo Ivo na Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 1987.



O poeta e sua mulher em Paris, 1998.



Lêdo Ivo nas ruínas da Abadia de Jumièges, França, maio de 2001. Foto de Gonçalo Ivo.

XXVIII

QUEM PAGA A FESTA?

Perto do Cais Pharoux e respirando um ar que cheira a escama de peixe e marisco (um ar de pequenas viagens, apesar da passagem dos transatlânticos), observo dois mendigos. Vão juntos, mas de repente um deles, claudicante, começa a atrasar-se. O que vai na frente volta-se e reclama, irritado:

— Vamos, Fulano, estou com pressa.

Fabuloso país este, em que até os mendigos têm pressa!

O *eu* dos poetas e romancistas não é a primeira pessoa. É a segunda, ou a terceira, ou a primeira do plural.

Como os sonhos, os poemas têm um sentido oculto, que desafia os decifradores.

Minha sinceridade estética é feita de mentiras, despistamentos e dissimulações. O que há em minha obra de autobiográfico são meros enxertos numa árvore florescida no terreno da imaginação.

Os místicos escrevem mal, pois a clareza é um atributo terrestre.

A melhor definição crítica da *Comédia Humana* coube ao próprio Balzac: *As Mil e Uma Noites do Ocidente.*

Aliás, as duas maiores inteligências críticas da França, no século XIX, são Baudelaire (textos sobre poesia, música, literatura, pintura) e Flaubert (correspondência). Mas como não admitir uma tríade, com Victor Hugo, que obscurece Sainte-Beuve? E, em nosso século, outra tríade poética se impõe na crítica estética: Valéry, T. S. Eliot e Proust (uma vez que *À la Recherche du Temps Perdu* é também um grande tratado de estética em que a criação artística é permanentemente questionada).

Em certos poderosos do mundo, sinto um cheiro de calabouço, como se uma auréola carcerária os envolvesse sob a forma de vaticínio ou selo moral.

Quem paga esta festa deslumbrante não é o dono do palácio, mas as criaturas aturdidas que, atrás dos cordões de isolamento, assistem à chegada dos convidados. No mundo em que vivemos, são os que nada têm que sustentam os poderosos.

Escrevo uma língua antiga que guarda ainda a dureza das pedras dos castelos, a dicção da arraia-miúda nas feiras medievais e o fragor das tempestades. Mas não é uma língua que eu tenha ido buscar nos clássicos. Já a encontrei em mim, como uma dessas velhas silenciosas postadas nas janelas da infância.

O ofício da poesia é uma simulação da vida. Através do poema, fingimos viver — oferecemos ao leitor uma existência imaginária, feita de palavras.

Pertenço à linhagem daqueles que acham sem procurar.

Anseio por uma clareza que, como a do sol ao meio-dia, ofusque o leitor.

Advertência ao leitor: este livro começa em qualquer página. E nele se insinua ou busca ocultar-se a história de minhas vidas, já que, como todos os mortais, tenho várias, ora simultâneas,

ora sucessivas. O rosto real sucede à máscara; é a máscara, enquanto esta se torna a fisionomia verdadeira. O sol fulgura no centro de minha noite. Ao meio-dia, caminho sob as estrelas. Minhas vidas, reais e imaginárias (reais ou imaginárias), compõem o espetáculo total de que sou ao mesmo tempo o enredo, os vários figurantes e os incontáveis espectadores. Sonhando, acode-me a suspeita de que estou acordado, e meu sonho é apenas a parte escura de minha vigília. Desperto, e entre os outros homens, assalta-me a presunção de que estou sonhando, sem que me seja possível discernir se esse sonho é uma invenção pessoal minha (uma espécie de vegetação produzida pelos meus humores) ou se estou sendo sonhado por alguém.

De uma carta de Madame du Deffand a Voltaire (1759), a propósito desse *Candide* que, escrito aos 65 anos, tem o frescor e a graça das obras saídas de penas jovens: "Tous ceux qui disent qu'on peut être heureux et libre dans la pauvreté sont des menteurs, des fous et des sots".

Todas as noites, o meu sono é interrompido pelo canto desse galo pontual que, entre as estrelas, vem anunciar-me o romper da alvorada. Ó mundo cheio de signos! e que perturba os que dormem com a evidência de seus sinais gloriosos.

Poesia: encontro
do Ser e da palavra
numa melodia!

(As águas copiosas e solenes da represa.)

Desejo é nostalgia. Achei esta noite
a forma perdida.

Uma das grandes lições de Goethe: o dever que temos de alimentar o nosso eu carnal. O seu desapreço pelos castos e ascéticos, que não obedecem ao que D. H. Lawrence haveria de chamar de sabedoria da carne.

A falta de vida interior no Brasil — um país voltado para a paisagem e a geografia. Não interrogamos. Ausência de atenção e reflexão.

Os direitos do homem. Por que não incluir, entre eles, o direito à volúpia, tão essencial como o direito à informação ou à livre expressão artística?

Aquele rapaz, cego de nascença, que os amigos levavam semanalmente a um bordel — lembro-me dele, vestido de branco, subindo as escadas da pensão na noite atrelada às constelações. Ao chegar, recebiam-no os risos de mulheres alvoroçadas, as palmas dos estróinas e o olhar tolerante dos circunspectos para os quais um bordel, com os seus ritos, é algo tão respeitoso como um tribunal. O rapaz também ria, cumprimentava os presentes, talvez os conhecesse a todos pelo cheiro.

Algumas putas se esquivavam a levá-lo para o quarto, como se o ato sexual com um cego fosse algo de proibido ou sacrílego, violasse uma inocência. (E, alourado e todo de branco, ele parecia ter algo de angélico.) Outras, porém, chegavam a requisitá-lo. Uma ia ao ponto de proclamar, nas mesas de cerveja e baralho, que nenhum outro homem de Maceió lhe assegurava o prazer doado por aquele rapaz cego que a contemplava com as mãos, ou com o corpo inteiro, exceto os olhos.

As mulheres, habitualmente, gostam de apagar a luz, no momento de amor — querem ser amadas (ou querem amar, como rezam as feministas) sem ser vistas. Aquele moço trazia para as moradoras da pensão junto ao mar e às gaivotas estridentes a garantia de um amor selado pela noite absoluta de sua cegueira. Assim, elas não precisavam de escuridão. Amavam-no na claridade.

Minha intimidade: o meu combate diário com um anjo de papel.

Amanheci religioso. Mas hoje só creio nos deuses da alegria — nos deuses que indicaram aos homens o *reino deste mundo*, e

não naqueles que os ameaçam com a morte, a punição, a dor e o inferno.

Hoje só acredito nos deuses que celebram a beleza da vida aqui e agora; divindades do aquém e não do além, e que me prometeram a eternidade deste instante.

A verdade, não amo os deuses tristes e taciturnos. Um deus tem de dançar e beber vinho, para poder ser amado e identificado pelos homens.

O cheiro da madeira que o fogo vai lambendo — um fogo vivaz, de um amarelo que ora se avermelha, ora se esverdeia. Odor e crepitação de coisas primordiais. Uma paisagem reduzida a cinzas.

XXIX

O OURO NA BATEIA

Subindo as ladeiras de San Francisco da Califórnia, Teseu do Carmo refletia sobre a voracidade e azáfama dos homens que, em caravanas e engolindo as poeiras do Oeste, haviam atravessado os desertos, em busca do ouro. Tempos do Gold Rush: ambição, sede de riqueza, aventura, desilusão, rumores homicidas, a fortuna guardada em calhau e negror debaixo da terra ou à beira de um riacho. Figurava um aventureiro desapontado: nada encontrara na terra do tesouro, a promessa da distância convertera-se em poeira e lágrima invisível. E então, contemplando a cidade, o seu sol, luzes, cores, movimento — e até os ruídos que poderiam ser contemplados pelos olhos mudados em ouvidos e à escuta — ele reconhecia a sabedoria e exatidão das leis dos descaminhos.

O ouro que o pioneiro não achara, na terra caprichosa que julgava arbitrariamente dos merecimentos e impunha uma tenaz hierarquia de acasos, estava ali e era seu. Perambulando pela cidade que superficial e imprudente vício turístico convidava a admitir como uma mistura de Rio, Bahia e Nápoles, o nosso amigo não podia fugir à evidência de que, sob a crosta dos desinteresses e desambições, renascera dentro dele o ancestral impulso da procura do ouro, e só se dera conta dessa condição quando já o houvera achado. O ouro do ar, o ouro da vida, o ouro do nada cintilava tanto no seu íntimo como na paisagem. Desde a infân-

cia, o nome da cidade cantava em seus ouvidos: San Francisco da Califórnia! E como viver é percorrer, como turista, os lugares autênticos da meninice, ali estava ele, e às vezes temia que o filho do terremoto célebre se mexesse na terra pacífica, só de pura cortesia, para lhe dar a emoção dos instantes catastróficos.

Num bondezinho apinhado de gente, velharia intocável no tempo dos mísseis, subira e descera ladeiras, fora à enseada dos pescadores, onde pessoas e gaivotas caminhavam juntas como se pertencessem, todas ou nenhumas, ao caluniado gênero humano. Os transeuntes paravam diante de barracas de peixes, camarões, caranguejos, lagostas e outras coisas de um mar abscôndito que também tivesse o seu Brueghel ou o seu Bosch. Turistas, fatigados da neutra contemplação da cidade inteira no Telegraph Hill, tinham descido para a beira do retalho do Oceano Pacífico e tomavam pequenos vapores, para os clássicos (ou românticos, já que tudo são escolas literárias) passeios na baía. Naquele momento afortunado, tudo era oferta, entre ladeiras e colinas. Na maior cidade chinesa do mundo fora da Ásia, a gente cruzava pagodes e estacava à porta dos restaurantes onde os cardápios ideográficos, exata linguagem da coisa, deliciavam mais que a própria Ásia, resumida e bem temperada nos ingredientes indecifráveis do prato com os seus picantes condimentos de mormaço. A palavra é a coisa que está na palavra — pareciam advertir os jornais chineses pregados nas tabuletas. E, sem saber chinês, Teseu do Carmo parava e lia. Lia as coisas. Para os que gostavam de ópera havia a Ópera, a primeira construída no país, na cidade que também se orgulhava de ter sido a primeira a votar uma ajuda municipal a uma orquestra sinfônica. E o que dizer das grandes pontes inesquecíveis, arcos do triunfo humano, a Oakland Bay Bridge e principalmente a Golden Gate Bridge? Esta é a ponte do mundo em que há mais suicídios, sussurrava-lhe, por controle remoto, um guia ilocalizável; e os suicidas preferem jogar-se no mar do lado em que se vê a cidade, o que não deixa de ser uma gentileza sinistra para com San Francisco da Califórnia.

Havia de um tudo, na fria e fúlgura Frisco: uma Ilha do Tesouro construída pelos homens, um túnel tão comprido que

abolia momentaneamente a esperança da claridade, e mudava o topográfico em metafísico; um planetário onde a infinita noite do universo reduzia a insosso suspiro nas trevas a noite efêmera dos homens; a velha prisão de Alcatraz, na qual era tão oneroso manter os presidiários que o governo terminou convertendo-a numa fotografia da paisagem. Diante do Palácio de Belas-Artes, gaivotas, pombos, gansos e cisnes saíam do lago e se misturavam com os turistas e as crianças, como se ali fosse apenas um ponto de espera da condução que levaria povos e bichos à passada e por isso mesmo eternamente futura Arca de Noé. E um cisne negro, o único, movia-se arrogante entre os seus alvos pares, com a atrevida displicência de um poeta maldito entre versejadores acadêmicos. Com uma flor amarela na botoeira, o nativo da antiga cidade espanhola, sentindo entrar-lhe pelas narinas o vento apimentado da Ásia e de todas as ilhas da Oceania, entrava, como quem persegue o mesmo sonho secreto, na livraria onde a lei assegura ao cidadão, desde que seja de maioridade, o direito sagrado e inviolável de ver, compulsar e comprar revistas juncadas de mulheres nuas. Num cinema próximo, o cartaz também prometia esse ouro do mundo que é a mulher nua, num filme versante sobre uma colônia de nudistas na Flórida. E, roçando a palavra mágica, a coisa bela da linguagem, Teseu do Carmo voltou a vacilar, viajante, no velho barco bêbedo que atracara à masmorra equatorial de sua adolescência e o fizera iniciar a maior de todas as suas grandes viagens:

J'ai heurté, savez-vous, d'incroyables Florides
Mêlant aux fleurs des yeux de panthères à peaux
D'hommes! Des arcs-en-ciel tendus comme des brides
Sous l'horizon des mers, à de glauques troupeaux!

Ó Rimbaud, tu que foste o meu melhor amigo no tempo do colégio, e me ensinaste a suprema lição de que o melhor da vida é a evasão, e viver é revoltar-se contra a rotina e a permanência, todas as viagens conduzem a ti... — raciocinava Teseu, e a explosiva peroração, sendo silente e íntima, encolhia-se numa

confidência. E, por isso, nem notou o florista ambulante que, na calçada, tentava oferecer-lhe uma orquídea pela bagatela de um dólar.

Viajar: Teseu do Carmo estava agora na China, na Chinatown. Cativo de uma deformação profissional, comprou uma espátula para abrir esses cansativos livros ocidentais; mas o que o fascinava, naquelas lojas cheias de luminosas vestes celestiais, imarcescíveis quimonos, caprichosos marfins e evanescentes jades, era o que nenhum turista leva nunca, por mais gorda que seja a sua bolsa: a visão do Paraíso, o Extremo Oriente extremo. Retirado da China, o quimono azul-celeste, florido de branco, emurchece e morre tal o peixe fora da água... Teseu do Carmo atravessou a avenida e viu-se de repente na Itália, alegre, desprecavida, um pouco macarrônica. Almoçou num pequeno restaurante: pão, vinho, queijo, o que o mundo ocidental possuía de mais decente, em sua provida despensa, para um paladar como o seu.

Em busca do ouro da solidão, Teseu do Carmo esteve no Muir Woods National Monument. As sequóias, suas invisíveis amigas de infância, abriram alas para que ele passasse, no ar que a ausência de luz vedava aos insetos e pássaros. As folhas apodreciam no chão — era outono. Árvores de dois mil anos. O velho ouro do tempo esplendia nos musgos, habitava na metamorfose da estação que ensinava ao caminhante a filosofia do eterno retorno.

Sempre há ouro no Oeste, em qualquer oeste, no do mundo, no da existência, no inexplorado oeste que cada criatura possui em sua secreta geografia. Teseu do Carmo voltara a esse lugar onde nunca estivera e, bateeiro do seu próprio ouro, guardava a fortuna que fora e seria sempre sua, em todas as califórnias da vida.

XXX

O MAR ESTRONDEIA

Encontraram-se na esquina bulhenta — e o céu de um azul lívido, entre as estruturas de vidro e concreto, era talvez a primeira antecipação do crepúsculo. Teseu do Carmo ia sozinho. Ia ou vinha, não sabia ao certo, pois tudo quanto o cercava (pessoas, coisas, rumores, as inumeráveis tintas do dia) se deixava palidamente revestir de um envoltório de indecisão. Assim se encontraram na meia-luz universal. O outro segurava a mão de uma menina, e um pouco atrás estava a sua mulher. E foi precisamente ele que se aproximou de Teseu do Carmo e admitiu não estar sendo reconhecido. Não estava mesmo, mas a pausa desajeitada das contemplações mútuas durou um átimo, fagulhando no ar esbranquiçado da tarde madura. Ele disse que era um amigo de infância, garantiu que há muitos anos vinha seguindo a carreira de seu antigo companheiro de grupo escolar. Teseu do Carmo! repetiu o nome. Findas a adolescência e as ilusões, sentara praça no Exército, era agora um sargento quarentão; e, como o seu nome só circulava nos boletins militares, pensava que nome em jornal é sinônimo de glória. Teseu do Carmo! repetiu. E o nosso amigo sentiu que seu nome era como um besouro, e zoava na tarde amarela. Ia-se ver, não era ninguém...

O sinal abriu, mas nenhum dos dois atravessou a rua. O sargento à paisana falava de algumas coisas sumidas como um sol; dona Ermelinda, a professora que ambos haviam amado, as

tardes em que gazeteavam as aulas e iam tomar banho de mar, a morte de um colega de olhos verdes chamado Vilela. Lembrava-se de tudo, o amigo sabia de tudo, não deixara a infância deteriorar-se. E Teseu do Carmo se recordava de muita coisa, mas esquecera exatamente a existência do colega agora encontrado, o qual se misturava, na escada de sua memória, a outras figuras imóveis nos degraus, a outros rostos, a outros nomes, a outros banhos de mar.

Teseu do Carmo perguntou pelo nome da menina, achou-o bonito, esqueceu-o logo. O sargento apresentou-lhe a mulher, que se mantinha silenciosa ao seu lado, e cujo ar abrigava algo de inconfundivelmente suburbano como um cheiro de jasmim. Outro sinal abriu. O amigo de infância pediu-lhe um livro seu, autografado. Teseu do Carmo prontificou-se a enviá-lo. De súbito, os seus dedos apertavam o cartão de visitas com o nome, o posto e o endereço do amigo. Para simplificar, garantiu-lhe que, logo no dia seguinte, deixaria o volume na caixa de uma livraria do centro da cidade.

Deixou o livro lá, com o nome do sargento bem visível no pacote. Os dias, as semanas, os meses se passaram, novas tardes amarelas reverberaram nos vidros dos arranha-céus, e o amigo de infância não apareceu para levar o volume.

E o pacote foi amarelecendo, como a infância, e terminou sumindo debaixo de outros embrulhos, cartas e encomendas. Às vezes, o livreiro advertia Teseu do Carmo: "Há um pacote seu aí embaixo. O homem não veio buscar".

E fez bem. Não se deve perturbar a infância.

Sim, na esquina rumorosa, Teseu do Carmo deveria ter dito não, tornando impossível o reconhecimento, repelindo as identificações fantasiosas. Pois a vida não é uma evolução, mas um buquê de metamorfoses. E o Teseu do Carmo repentinamente descoberto pelo sargento não correspondia à visão perdida, que o vento da antiga praia diluíra. Assim, tudo se resumiria a uma coincidência de nomes, espetacularmente facilitada se ele se chamasse, por exemplo, João da Silva. E à medida que os dias passavam, o seu pequeno drama de consciência se fechava em

cicatriz. Pois o amigo sargento não viera buscar o livro, recusava o elo indesejável, decerto se desinteressara ou se arrependera da súbita curiosidade explodida naquela esquina do sim que devera ter sido a esquina do não.

O amigo da infância, falto de nome e de rosto, recusava, dos desdobrados longes de sua humildade, o Teseu do Carmo de agora, autor de obras, escrivão do nada. O seu amigo verdadeiro, o dos mergulhos vespertinos nas águas macias da meninice, não morava no espaço nem nessas desconfortáveis casas de papel talvez impropriamente chamadas de livros. Fora uma figura do tempo. Fora — e porque não dizê-lo, ante o céu ofuscante de qualquer tarde? — o próprio tempo, besouro sumido.

Como são singulares os episódios da história intestina de nossa vida literária, e que colhemos ao acaso das conversas! Contou-me M. K. R. que, encontrando-se com Guimarães Rosa no Itamarati, na tarde em que Cecília Meireles ia ser enterrada, lhe manifestou a sua surpresa, pois o julgava no sepultamento. E Guimarães Rosa, que era afeiçoado a matérias esotéricas e numerológicas, disse-lhe asperamente, saindo brusco de sua habitual mansidão e delicadeza de diplomata que conhecia como poucos a arte de agradar e envolver o interlocutor:

— Eu nunca iria ao enterro de dona Cecília Meireles. Essa senhora tinha uma *aura* péssima.

O curioso é que tanto Cecília Meireles como Guimarães Rosa tinham, pelo menos, duas coisas em comum: o interesse pelas teosofias do Oriente e a ambição da notoriedade internacional. Cada um deles pensava que seria o primeiro escritor brasileiro a ganhar o Prêmio Nobel.

De Guimarães Rosa lembro ainda que, dias após José Lins do Rego ter falecido, ele, candidato à sua vaga na Academia, me perguntou o que eu achava da morte, e se acreditava na imortalidade da alma. Respondi-lhe que esse problema, a meu ver, se colocava fora da pauta humana. Os que crêem em Deus vão para o céu. E os que não crêem se dissolvem no Nada.

A poesia é filha do ócio. Mas essa ociosidade, que assume as formas da indolência, da vagabundagem ou da contemplação, esconde um trabalho secreto. Assim, quando amo ou contemplo as ondas, estou trabalhando.

Explicação de tua existência: nasceste para que eu te amasse. Se não existisses, eu teria sentido a tua ausência.

Copio, deliciado, o poema "An Epilogue", de John Masefield:

I have seen flowers come in stony places
And kind things done by men with ugly faces,
And the gold cup won by worst horse at the races,
So I trust, too.

Regra, convite à transgressão.

Em arte só me interessam os transgressores — os que repelem as normas existentes e buscam uma nova ordem, um novo ritmo, uma nova licença; os que dormem à espera de um novo sonho.

Um estudante de Comunicação me procura. Deseja saber como escrevo. Respondo-lhe:

Não tenho originais de minha mão e letra. Só escrevo à máquina. Mesmo os meus sonetos nascem dessa maneira, inclusive porque o texto datilografado me dá a idéia justa de sua forma exterior. Admito, porém, que a aliança da criação poética ou literária com a máquina decorra de um hábito. Ainda menino, aprendi datilografia. Meu pai, advogado, precisava de alguém para ajudá-lo em seus longos arrazoados jurídicos. Mario de Andrade disse-me, uma vez, que preferia escrever à mão. Achava mais "voluptuoso". É possível... O meu trabalho, depois de retocado, volta a ser batido. Acredito numa certa higiene do texto, ou mesmo em sua relativa perfeição.

Quando nasce o poema? Às vezes explode de um jato. Mas, evidentemente, a sua forma de nascer tem pouca importância, pois o essencial, para mim, é que ele já venha total ou quase totalmente elaborado, como um texto ou uma estrutura. E isso só é possível através de longo e até misterioso processo de criação interna, que pode até durar anos. Um poema resulta de experiências ou vivências acumuladas, surgidas à tona por qualquer circunstância ou incitamento. É como um choque elétrico, que ilumina uma área obscura ou fulmina algo ou alguém.

Como não tenho originais, o texto válido é o impresso. Quando não dato a obra, forneço ao leitor os elementos para situá-la cronologicamente. (Ou para escamotear a sua cronologia.)

Em mim, coexistem o escritor e o jornalista. Mas são ofícios diferentes — cada um tem sua linguagem e retórica próprias, suas leis específicas de fabricação. No meu caso, o jornalista tem financiado o prosador literário e, principalmente, o poeta que passa às vezes anos escrevendo um simples poema.

Habitualmente, esqueço-me de minhas obras publicadas. Penso que elas deixaram de pertencer-me, colocadas ao dispor do leitor eventual.

O meu romance *O Caminho sem Aventura* tem duas versões. A segunda é a válida.

Atualmente, raro escrevo em jornais e revistas. Prefiro produzir textos extensos. Mas boa parte de minha obra nasceu de colaborações para a imprensa. *A Cidade e os Dias* é uma seleção de crônicas para o *Correio da Manhã*, na década de 40. *Paraísos de Papel, Ladrão de Flor, Use a Passagem Subterrânea, O Universo Poético de Raul Pompéia* e outros textos reunidos em *Poesia Observada* foram publicados anteriormente no suplemento literário de *O Estado de S. Paulo*.

As estrelas são levíssimas.

Há certas notoriedades conquistadas com tanto trabalho que os seus beneficiários ostentam sempre no rosto (e nas obras) o suor desse esforço amaldiçoado.

Só estimo as celebridades que são fruto dos dons naturais ou mesmo da indolência — isto é, aquelas que custaram aos seus beneficiários apenas o ato de apresentação no palco da vida.

O peixe no lago: airoso e atento.

Este acento circunflexo, pousado sobre o meu nome como uma borboleta.

O mar estrondeia. Imprecação das gaivotas. Vociferação dos rebocadores na névoa. Essas eternas cascas de laranjas e lascas de caixotes que as ondas oleosas lançam à terra, timbrando sempre que se trata de uma devolução. E o navio branco, que passa silenciosamente como uma aparição, só pode ir para a Austrália.

Somos surdos, não ouvimos nada e ninguém. Na verdade, nem sequer escutamos as batidas de nossos próprios corações que, na sombra de nossos seres, tentam em vão dizer-nos algo que não desejamos saber.

Meus poemas, reunidos, formam uma autobiografia. Compõem a história de minha vida secreta — uma existência transformada em sinais, que exige uma leitura atenciosa, como a dos códigos e semáforos.

Ao cair da noite, dou uma carona a Manuel Bandeira que, no centro da cidade, esperava um táxi inexistente. Deixo-o numa rua de Botafogo. O poeta quase octogenário, numa alusão a sua tão proclamada energia sexual, diz-me, à guisa de despedida:

— Vou-me à grande aventura.

Na praia. Os teus pés pisam a areia, roçam as espumas, avançam para as ondas. Os teus pés mais belos do que as tuas mãos...

O homem, esse animal sem memória, que esquece a existência dos campos de concentração, da miséria e da morte.

Uma das virtudes que mais aprecio nos animais, sejam racionais ou irracionais: a agressividade natural. Graças a esse dom, podemos manter, nos contatos com os nossos semelhantes (isto é, com aqueles que mais diferem de nós), o distanciamento imprescindível à nossa vida secreta. E esta não precisa apenas de um território ou horizonte para se expandir em solidão e silêncio; exige, também, certa profundidade íntima só conseguida por aqueles que são, de certo modo, agressivos e parcialmente inabordáveis.

Uma de minhas maiores ambições é ter leitores que sejam como formigas ou tartarugas — criaturas lentas, dotadas de atenção, próvidas ou ruminadoras.

Quero que seja lido vagarosamente mesmo o que escrevo depressa.

Todos os sonhos têm um sentido e uma interpretação. Em sua forma simbólica, eles abrigam não só o que a nossa vida tem de mais íntimo e secreto como as outras e inumeráveis vidas que os nossos ancestrais nos transmitiram. Por mais paradoxal que isso pareça, nos sonhos — isto é, no que temos de mais pessoal em nós mesmos — somos seres coletivos.

Sonho que, após ter sonhado, procuro um decifrador. Ele me ouve e proclama:

— Eis o sentido do teu sonho: não significa nada.

Um Deus inexistente me persegue desde a infância.

Um navio é o signo de *outro* navio.

Camões, uma das fontes de Melville — Adamastor e Moby Dick são monstros horrendos do mar, figuras míticas e demoníacas que provocam naufrágios e ostentam o emblema da fatalidade.

Naufrágios, perdições de toda sorte
que o menor mal de todos seja a morte.

O capitão do mar que o amor insensato converteu no Cabo Tormentário (ou da Boa Esperança) surge na rota de Vasco da Gama assim como a Baleia Branca aparece no endemoninhado mar melvilleano.

Permissão de viver — eis o que peço.

Nossos precursores não estão atrás de nós. Estão diante de nós, figuras erguidas no presente, sinais de hoje e do atual. E é por isso que, tendo-os descoberto ou os reconhecendo, nós nos encaminhamos ao encontro deles.

Ecrivons donc beaucoup... aconselhava Stendhal, que considerava a obra um bilhete de loteria, a ser sorteado ou não pelos contemporâneos e pósteros. E a posteridade, ao escolher, consagrar ou repelir, muitas vezes haveria de surpreender aquele que escreveu muito. Voltaire, que assentava a sua notoriedade, através dos séculos, em seus dramas hoje ilegíveis, como *Henriade*, fulge em *Candide* e outras histórias que ele presumia apenas divertidas e menores, e em suas cartas.

Não nos iludamos: num escritor, a fertilidade é meio caminho andado... Escrevamos poemas, romances, peças teatrais, memórias, ensaios, crônicas, notas de viagem, contos... Vamos criar desde já, para a posteridade, a infra-estrutura indispensável às escolhas e opções, preferências e repulsas. Sejamos fecundos como os formigueiros.

O que é escrever bem? Flaubert não compreendia o entusiasmo de Balzac por Stendhal, e achava *Le Rouge et le Noir* "mal écrit et incompréhensible, comme caractères et intentions". Quem é melhor escritor — Flaubert com seu estilo votado à perfeição ou Stendhal com o seu estilo seco e natural?

Lembro o julgamento de Faguet: "Stendhal, en effet, je ne dirai pas: écrit mal, mais n'écrit pas du tout. Il ne se soucie en aucune façon de la forme. Il rédige, il n'écrit point. Pourtant c'est un grand romancier et un excellent touriste".

Cocteau reprova o estilo baseado na riqueza vocabular, e do qual Flaubert permanece a grande figura típica, e proclama o seu amor pelo estilo daqueles escritores que não gastam muitas palavras, como Montaigne, Racine, Chateaubriand e Stendhal. Para ele, os professores deveriam chamar a atenção de seus alunos para este aspecto da criação literária, em vez de entoar louvores aos belos períodos. "Ils (os alunos) apprendraient vite combien la richesse réside en une certaine pénurie, que *Salammbô* est un bric à brac, *Le Rouge et le Noir* un trésor".

Aquela raposa que, certo amanhecer, foi morta a pauladas no sítio de minha infância. O episódio me levou a conhecer, desde cedo, o mistério da injustiça, e eu o relembro agora, ao ler o *Journal of a Tour to the Hebrides with Samuel Johnson*, de Boswell. Ao lhe ser perguntado, por Lady McLeod, "if no man was naturally good", o grave doutor Johnson responde: "No, madam, no more than a wolf".

Somos todos lobos. E à tarde, numa livraria, sinto-me rondado por um lobo literário que estimaria morder-me.

A beleza de certas mulheres é uma criação da noite.

Criação e imposição da forma e do estilo, a sinceridade estética se diferencia da sinceridade humana, e muitas vezes chega até a colidir com esta. Quem não compreender essa diferença, que promulga a existência de dois universos igualmente necessários, jamais será um verdadeiro escritor. Não se trata de plagiar a vida e transplantá-la para o papel — mas de criar uma vida paralela, feita de linguagem.

O que deixamos, quando morremos? Uma obra? Um verso adulterado pela sua própria ambigüidade, uma frase afortunada, ou seremos lembrados apenas por um sestro ou uma anedota? Mas tudo são maneiras de ficar, monumentos, resíduos, beiçoários, sinais de posteridade. E, por mais que manifestemos

nosso desapreço pelo anedótico, não será ele menos efêmero que o livro convertido em poeira.

X., que morreu ontem, deixou algumas anedotas, luminoso sucedâneo das obras completas.

Venho do que é mais vital, terrestre e elementar. O marulho de águas negras num estaleiro apodrecido me segue, e meus pés continuam afundando nas dunas cor de mel que protegiam a terra do oceano assíduo.

Antigamente, as sereias encantavam os homens, Agora, elas os assustam. Deixaram de ser bichos mitológicos que emergiam das profundezas marinhas e se transformaram numa peça fundamental de um mundo em perpétuo estado de medo e alarme, temor e opressão. Mas tudo são mitologias.

Perfeição! Perfeição!
Muda em eterno sim
meu passageiro não.

A falta do Demônio empobrece muitas vidas. O pecado é também uma forma de redenção.

Outono? inverno?
Dourada primavera?
Verão puro e branco?
As cigarras deblateram.
Cantante incisura!
O efêmero é eterno
e o sol do céu repousa
entre as folhas da terra.

XXXI

O DIA MANCHADO DE SANGUE

Já aludi à razão que levou meu pai a deixar Garanhuns. Na cidade do agreste pernambucano, berço dos Ivo, explodiu em 1917 uma convulsão política que estremeceu todo o Nordeste, pela sua brutalidade, e chegou até a ser celebrada pela literatura de cordel e cantada nas feiras, com o nome, ainda hoje mantido nos folhetos, de Hecatombe de Garanhuns.

O vendaval de rancores e ódios partidários e familiares deixou uma longa trilha de sangue. O irmão mais velho de meu pai, coronel Sátiro Ivo, comerciante abastado e fazendeiro, foi uma das vítimas. Apesar de homem rústico, parecia um fidalgo, com os seus olhos azuis (talvez herança de algum antepassado holandês, já que são comuns nos meus parentes pelo lado paterno) e pele muito fina, que também era a de meu pai. Fora uma vez à Europa, episódio que reverdecia, de vez em quando, a sua importância e singularidade na florescente cidade estendida num dos contrafortes da cordilheira de Borborema, e onde, em invernos rigorosos, chegava a nevar. Sua urbanidade não o poupou, porém, quando a paixão política, desencadeada sobre o burgo até então tranqüilo, e que sabia assimilar as suas contendas, foi cada vez mais escurecendo os horizontes. Ele e os seus correligionários acreditaram que, refugiando-se na cadeia local, estariam suficientemente protegidos. Engano trágico! Mais de trezentos cangaceiros invadiram a cidade. O terror fechou as

portas e as janelas das casas. Na cadeia foram todos assassinados, no massacre espantoso. Os jagunços cortaram os dedos das mãos de Sátiro Ivo, para roubar-lhe os anéis. E, num só dia, mais de dez cortejos fúnebres atravessaram a cidade estarrecida.

A violência inaudita induziu meu pai a abandonar a terra materna. E, interrogando mudamente o mistério daquele holocausto — uma tragédia que só encontrava equivalência em Shakespeare — transferiu-se para Maceió. Empregou-se no comércio, começou a ensinar inglês, tornou-se guarda-livros e advogado. O casamento e a família numerosa enraizaram-no para sempre na cidade escolhida em dias de desastres e amarguras, e de tanto viver nela, até que a morte viesse buscá-lo exatamente na véspera dos seus setenta anos, terminou por se converter num dos seus passantes mais típicos.

Meu pai jamais voltou a Garanhuns, hoje a mais populosa cidade pernambucana depois do Recife, e onde a avenida Sátiro Ivo talvez não evoque, aos mais novos, o horror de um morticínio. Na história humana, o esquecimento é preferível à memória. Piedoso ou indiferente, ele suprime o dia manchado de sangue.

XXXII

OS NAVIOS SOMEM

A poética é um caso pessoal.

Há um certo tipo de poesia que o tempo prosifica — água cantante que o inverno muda em gelo.

Esta anedota que João Cabral de Melo Neto me contou um dia: Num hospício, um louco se encontra com um companheiro e lhe diz:

— Estou lendo um romance formidável. Só tem personagem.

Era o catálogo telefônico.

Quando escrevo, esqueço que tenho um estilo. Sou só fluência e espontaneidade. As palavras correm como um rio sem pedras — um rio de águas finas.

Rumo a uma festa, tenho a sensação de ser o convidado do nada. Vou, deixando-me a mim mesmo em casa.

Diante dos meus olhos, passa o cortejo, com a sua retumbante fanfarra. Lembro-me de um poema do poeta uruguaio Mario Benedetti, com o seu final lapidar: "este/es un muerto de mierda".

Um sinal semafórico — um sinal de atenção ou aviso, um código, uma linguagem que transmite uma mensagem.

Como as serpentes, os poetas devem mudar de pele.

O luxo estilístico de certos poetas e escritores (Chateaubriand, Victor Hugo, Gautier, Flaubert, Baudelaire, Mallarmé, Melville, Raul Pompéia, Proust, Henry James, Thomas Wolfe, Giraudoux) é tão válido como o estilo despojado e natural (modelo Stendhal ou Balzac, Defoe ou Stevenson) que habitualmente se aponta como o ideal da escrita literária. Mesmo porque há certas composições que parecem exigir o estilo faustoso. São os dias de festa da literatura e da linguagem. Como no ritual festivo ou solene da vida, certas ocasiões da criação intelectual não dispensam os trajes a rigor.

No último degrau da escada, o dragão me espera e vomita em mim o fogo de sua redenção. Mas é um degrau invisível, acima de todas a escadarias, como uma laje no espaço azul do mundo.

Como os navios ao cair da noite, amo acender as minhas luzes.

Sonho que moro, sozinho, num porão. Uma mesa, uma cadeira, uma cama de ferro e uma estante cheia de livros são os únicos móveis da minha habitação. Na porta, uma placa: *Lêdo Ivo, poeta e prosador.*

A infância de um empresário: Z., quando menino, passava as férias na fazenda do avô, juntamente com alguns primos. Todos os dias, sumia do armário um doce ou uma fruta. A vigilância doméstica terminou descobrindo o culpado. Era Z. A avó quis surrá-lo. Mas o avô não o permitiu: "Deixe o menino seguir a sua vocação".

A pressa é inimiga da perfeição. Mas só quando não é a própria perfeição.

Visito X. que, desde o início de sua carreira, ainda na República Velha, começou a servir a todos os governos e, com a mais imperturbável tranqüilidade cívica, a aderir às revoluções que os derrubavam. Os seus pés infatigáveis, e que até há pouco sabiam de cor todos os caminhos do Poder, já não podem conduzir o velho cortesão aos palácios e ministérios: estão imobilizados. Mas no silêncio do quarto, que cheira a remédios, a voz cavernosa do homem marcado pela morte se ergue, para um elogio quase póstumo ao novo presidente da República.

Um estilo, por mais suntuoso que seja, deve ostentar o emblema coloquial — sinal de que foi produzido por um escritor, e deve dirigir-se a cada leitor em particular.

Muitos escritores são, na verdade, oradores. Possuem um estilo professoral empolado e perorante, de quem dita as suas palavras, em vez de escrevê-las em silêncio, e se dirige a todos os leitores ao mesmo tempo, transformando-os em ouvintes.

Meus textos impõem a condição prévia de um silêncio pessoal.

Cada vez sinto mais necessidade de abrir as portas de minha inteligência para o inconsciente. A parte acordada do meu ser é incompleta. Preciso do outro lado — da parte adormecida, a maior. O dia de minha criação poética quer também ser o abrigo da noite e das constelações.

Goethe: um dos raros que ensinam o homem a viver. A criação artística como uma lição de vida. Quando ele escreve num álbum a frase de Shaftesbury ("The most ingenious way of becoming foolish is by a system") proclama a superioridade da disponibilidade sobre a teoria.

Não são apenas (ou raramente) os laços do amor e da solidariedade que unem os homens. Estes também se acham ligados aos seus semelhantes pelos laços do ódio e da inveja, do egoísmo e do desinteresse — pesadas cadeias que unem e aproximam, em vez de afastar.

A propósito das perfídias de Maxime du Camp, ao evocar Flaubert em suas memórias, fala Guy de Maupassant do laço da inveja que une a confraria literária: "Hélas, s'il existe un lien entre les écrivains, c'est le lien de jalousie!"

Certos escritores são hiperbólicos às avessas. Intelectualmente menores, diminuem tudo quanto vêem.

Há algo de ignóbil no ofício literário, que se nutre de atenção e curiosidade, em qualquer circunstância.

Num enterro, observo os vivos, e leio em seus rostos a hipocrisia, o medo da morte e a indiferença pela dor alheia. Separado dos outros, como um intruso ou um transgressor, acompanho os gestos do coveiro que, como se fosse um mestre-de-cerimônias, se volta subitamente para os presentes e proclama: "Está encerrado!"

Esta opinião de R. sobre o ato sexual: "Depois dos 15 anos, já não é a mesma coisa".

Num giro pelas livrarias, verifico que seus balcões estão transbordantes de romances policiais. A literatura de consumo propala o crime, a violência, o mistério da irracionalidade, os enigmas sangrentos, a espionagem e a delação. O homem persegue o homem, para matá-lo ou puni-lo. Mas essa sinistra literatura digestiva baseia a sua surpreendente proliferação no próprio ar do tempo, numa realidade simultaneamente ostensiva e secreta. Não é uma literatura de alienação, como alguns poderiam supor. Colada ao real, à vida tornada um caso de polícia, é uma literatura de adesão e descoberta alegórica do mundo. "Voici le temps des assassins", como dizia Rimbaud.

Comentário da bela Z., que começou a envelhecer: "Os espelhos de hoje não são como os de antigamente".

O gordíssimo S. olhava os seres e as coisas com a atitude ao mesmo tempo desdenhosa e tolerante de quem está prestando um grande favor ao universo ao enchê-lo com a sua presença.

Desconfiai dos que tudo aceitam, explicam e compreendem. A incompreensão é um dos ingredientes da inteligência.

Naquela tarde em Massachusetts a nada invejei, senão ao pássaro migrador que passou sobre a minha cabeça, rumo à claridade.

Em cada união, os amantes procuram o êxtase do paraíso perdido.

No Ramalho Ortigão de *As Farpas*, encontro surpreendente exemplo de crítica estilística. A propósito de Alexandre Herculano, diz ele: "enobrece a língua com o seu estilo nítido e cortante em que a frase tem o lampejo e o golpe dos passes de espada".

A tristeza cinzenta e ferroviária dos subúrbios, sem o verde dos jardins e o azul do mar.

Como os navios de guerra, quero soçobrar com as luzes acesas.

Deus é o vento da noite que entra por uma porta mal fechada.

A minha eternidade cabe dentro de um dia.

A morte, esta lebre oculta no bosque da vida.

Quanto mais vivo, mais me sinto perto da vida, como se esta me estivesse levando ao seu encontro, e não me fazendo descer, dia após dia, a rampa da morte.

O poeta S. tinha verdadeira obsessão sexual pelos pés femininos, num de seus poemas comparados às mãos. Contou-me a atriz X. que, certa feita, tendo tido com ele um encontro amoroso, o poeta se concentrou em seus pés, deles extraindo o prazer que o levou às convulsões do orgasmo.

No dia 29 de setembro de 1662, Samuel Pepys foi ao King's Theatre, de Londres, ver *Midsummer's Night's Dream*, de Shakespeare, "which I had never seen before, nor shall ever again, for it is the most insipid ridiculous play that ever I saw in my life".

Esta anotação de seu diário alimenta duas hipóteses. Com o seu temperamento prático, plantado nas coisas banais e terrestres, atraído por tudo o que, no mundo, é disciplina e burocracia, Pepys *não viu* a peça de Shakespeare. O seu defeito visceral de espectador impediu-o de admirar o gênio do dramaturgo. Pela segunda hipótese, não foi levada ao palco do King's Theatre *O Sonho de uma Noite de Verão*, já que uma peça, por mais belo e grandioso que seja o seu texto, depende de uma totalidade que só a animação dramática pode criar.

Contudo, todas as vezes que releio esse trecho do jornal de Pepys, uma nota alucinatória contesta a severidade ou incompreensão do julgamento daquele espectador privilegiado que veio até nós com a ilustração de seus apontamentos.

Eu estava lá, naquela noite afortunada, e experimentei o deslumbramento insubstituível diante dessa peça poética e nupcial, iluminada pelos prestígios do sonho e da noite, palpitante de desejos e suspiros, e com a sua clareira de sortilégios e sua floresta povoada de sílfides, fadas e duendes. Eu estava lá, na fronteira da realidade com a irrealidade, bebendo na fonte das ilusões e metamorfoses. Era o poema ou a comédia da Noite que se desenrolava no palco com Oberon, Titânia, Puck, Hérmia, Lisandro e tantas outras figuras graciosas. E, ao meu lado, Samuel Pepys dormia, cansado dos rotineiros afazeres terrestres, e sonhava que assistia ao *most insipid ridiculous play that ever I saw in my life*...

Naquela urna funerária que vi na vitrina de uma loja em Londres eu caberia total e incinerado.

O fulgurante rebotalho literário.

Onde não pisei, surge
a marca dos meus passos.

Dia do Juízo Final: o último comício prometido aos homens.

Divagação de um otimista: os dias vindouros lambem-lhe os pés.

A noite desce sobre a baía. Os navios somem na escuridão. Deles ficam apenas as luzes — símbolos, constelações, sinaturas, luminescências.

Como definir a poesia? Ela nos proporciona o prazer poético, diferente de todos os outros e, decerto, só comparável ao prazer sexual.

Com os detritos e rebotalhos da vida acordada, todas as noites construo os meus sonhos. Até dormindo sou um arquiteto da linguagem.

À sua insanidade, o poeta dá o nome de realidade.

Encontrei uma metáfora adormecida no bosque.

O infinito é a jaula de Deus.

A irrealidade faz parte da realidade.

L. sonha que, morto, bate à porta do Paraíso, onde um funcionário não encontra o seu nome no Livro que, de acordo com a ordem divina, relaciona todas as almas, salvas ou não, por ordem alfabética.

É verão. As cigarras cantam, dia e noite — "as roucas cigarras" celebradas por Camões.

Que animal monstruoso estou perseguindo nesta vida que se assemelha a uma infindável temporada de caça? Num mundo de seres perseguidos e escorraçados, enjaulados e desintegrados, sinto-me como um caçador. Na verdade procuro algo oculto nas florestas da vida — algo que só a paciência, o silêncio, a solidão e o amor podem dar. Nesta perseguição incessante, peço aos deuses que me poupem de achar o que procuro. Desejo que toda a minha vida se concentre numa busca sem descoberta.

Viver é partilhar a claridade. Mas um dia não amanhecerá. A morte é a supressão do sol.

Menino, eu desejava ser um desses escritores que usam um pseudônimo (como é o caso de Marques Rebelo), e o tornam conhecido ou célebre, atravessando a vida e os tempos com um nome civil ignorado. Depois, como fui escritor, descobri que meu nome correspondia a um verdadeiro pseudônimo.

Alguém, encontrando-se com Agripino Grieco, pergunta-lhe:
— Mestre, o senhor não acha que o poeta X. está ficando gagá?
E o grande e temível crítico, agitando os braços:
— Por que esse gerúndio?

Despojado dos mitos, sentimo-nos como se estivéssemos nus no meio da rua. Somos peixes: precisamos dessas escamas imemoriais para atravessar as águas da vida.

Quanto mais me aproximo dos materiais e das técnicas, das evidências e da física das coisas, mais sou inclinado a crer na magia. Os jatos são casas mal-assombradas que voam entre as estrelas.

A prosa glacial de Machado de Assis no *Memorial de Aires*, livro de sua velhice. Mas a frase final ("Consolava-os a saudade

de si mesmos") é juncada de frêmitos e volúpias secretas. O sátiro senecto desperta na última linha.

Para onde ele fosse, seguiam-no os olhos do dia. E eram brancos, iguais aos dos cegos.

As sucatas resplandecem.

As palavras têm cascas ou roupas. Em cada uma delas, esconde-se a verdadeira palavra que a habita.

No jardim, entre flores e pássaros, calangros e formigas, e perto de limoeiros tão odorantes como se houvessem sido plantados junto ao mar, salteia-me o pensamento de que outros mundos existem dentro do nosso mundo cativo às horas triviais. São universos misteriosos. Neles, o rigor se dissolve em gratuidade, o excesso se muda em plenitude. A zínia, o trinca-ferro, a abelha e o marimbondo compõem, unidos, a pauta de uma música não apenas terrestre. Mundos de alegria, de cheiro de chuva e jasmim aliado ao estrume e à lenta fermentação das folhas caídas, de aromas que absorvem a miséria da vida, de sóis que apagam imundícies; mundos de sapos surpreendidos pelo sol e rútilos besouros sonoros, gordos e portentosos como bispos; galáxias onde pousam borboletas e se escondem aranhas e corujas; rumores de águas jamais degradadas.

Os poemas são os sonhos da realidade.

O universo dos que se curvam, para receber pequenas gorjetas ou grandes postos, caracteriza-se pela uniformidade. Nele, todos são iguais.

Não sei ao certo a que família espiritual pertenço. Sei, porém, com a maior precisão, a que famílias espirituais não pertenço.

Não ser uma cachoeira, mas uma hidrelétrica. Não desperdiçar os dons naturais, mas convertê-los em energia artística, tornando-os esteticamente produtivos.

Como a terra, a criação poética é redonda.

Jamais aprenderei a morrer. Mesmo no momento final haverei de estar ao lado da vida.

Como eu elogiasse certo romance nordestino, destacando a sua história pungente, Agripino Grieco me retrucou, numa condenação crítica:

— São coisas que a vida dá de graça.

E assim classificou alguns cronistas admiráveis, mestres da prosa curta e vivaz:

"Grandes nadadores de piscina".

José Lins do Rego costumava dizer-me, a título de conselho, que os escritores, como os bons jogadores de futebol, devem ter duas qualidades essenciais: fôlego e classe.

Nesse caso, sou como um bom jogador de futebol.

A falsa perfeição dos poetas parnasianos. As suas escadarias de jade e colunas de mármore são feitas de papelão pintado. Seus decassílabos são espartilhos que esmagam os seios das musas.

A palavra *vanguarda* me dá azia.

A hipocrisia, a semelhança e a fraternidade que ligam o autor e o leitor couberam em apenas um verso de Baudelaire:

— *Hypocrite lecteur, — mon semblable, — mon frère!*

Eis um belo título para um livro: *Ao Leitor Hipócrita*. Mas duvido que tivesse muitos compradores.

Eu também tenho direito a ser inacabado — a ser algo interrompido. Desejo escrever um livro que seja apenas um

fragmento, o meteoro caído de uma estrela, um rascunho, uma anotação. A perfeição dos livros acabados termina por se dissolver. E as obras imperfeitas renascem cada dia, grávidas de encanto.

As palavras são constelações pousadas nos dicionários.

Este admirável provérbio chinês: "Uma mulher feia é um tesouro na família".

Fórmula para a minha salvação: voltar aos lugares onde nunca estive.

À medida que avanço, a fronteira se distancia de mim. Quanto mais perto, mais regresso. Mais me afasto e mais me aproximo da fonte que busco.

Rotina, inferno dos homens. Fazer algo diferente, eis o paraíso.

Um dos momentos culminantes do processo de renovação estética do romance é aquela página prima de Stendhal *(Le Rouge et le Noir)* em que Madame Derville compara uma paisagem à música de Mozart.

O meu método só é válido nos domínios exclusivos de minha criação poética. Em outro poeta, essa regra íntima seria desordem ou caos.

O mais relapso aluno de alemão do mundo ocidental traduziu esta pequena história do *Tag und Nachtbücher* de Theodor Haecker: "O Diabo estava de bom humor, e disse a uma alma que desejava romper o seu pacto com ele: 'Conta-me uma boa história que me faça rir, e eu te devolverei a liberdade'. A alma respondeu: 'Se eu te contar uma boa história para te fazer rir, perderei minha salvação pela segunda vez', e foi libertada".

Desde a infância que eu aspirava a uma linguagem que pudesse exprimir-me ou testemunhar-me. Agora, chego à conclusão de que tudo o que nós exprimimos é uma criação da própria linguagem, já que a realidade não renuncia a si mesma para render-se à arte.

Os signos são os sucedâneos da realidade. E decerto o reconhecimento de que é impossível extirpar a realidade de seu domínio e cativá-la à criação artística explica o silêncio súbito ou final dos poetas e artistas.

Esse desquite entre a vida e a arte ilumina ou enobrece o drama poético de Rimbaud ("Je ne sais plus parler. La vraie vie est absente"), muito embora o poeta de *Illuminations* tenha conseguido exprimir nessa postulação o seu assombro diante do fato de a verdadeira vida não estar contida na existência cotidiana.

Os críticos tateiam no escuro, mesmo quando os poetas iluminam os seus caminhos.

No Reino da linguagem há muitas províncias.

"*Mentiroso (livro)*. O que tem muitos erros, que diziam mentiras" *(Elucidário* de Viterbo).

"Mentiroso, disse-se dos livros que tinham muitos erros, que diziam mentiras" *(Dicionário da Antiga Linguagem Portuguesa*, de Brunswick).

Nos dicionários mais recentes, tal acepção não é mais registrada. Mas eu a encontro no *Dicionário da Real Academia Espanhola: "Mentiroso, sa* adj. Que tiene costumbre de mentir. U.t.c.s. II Dicese del libro o escrito que tiene muchos errores o erratas. III Engañoso, fingido y falso. Bienes *mentirosos*".

Poetas e romancistas, escrevemos livros mentirosos. E os dicionários fecham os olhos às nossas patranhas!

Poesia: a arte de engolir o real.

Minha abundância é domada. Ela não me dispersa. Reúne-me.

Escrevo para ser e, mediante o uso reiterado de certa modulação íntima, tornar persistente em mim a sensação de que existo.

Quanto à duração e irradiação de minha obra, não sou otimista. Presumo que, amanhã como hoje, ela poderá viver da estima de alguns leitores atentos — alguns leitores semelhantes a mim, que, freqüentando diariamente as livrarias e sebos, vivem em busca de uma música perdida.

Como aquele personagem de Montherlant *(Le Maître de Santiago)*, "je ne tolère que la perfection".

Um crítico censura o meu virtuosismo. Outro, mais astuto, louva-o. O que ambos não sabem ou não descobrem: sou virtuoso à minha revelia.

O encantatório, em poesia, é uma criação da forma, um sortilégio estrutural. Veja-se este verso de Victor Hugo:

O souvenirs! ô forme horrible des collines!

A sucessão de vogais (o, e, i) e de certas consoantes (n, r, l), culminando no insólito casamento de *forme* com *horrible*, faz deste alexandrino um verdadeiro bloco poético, como uma coluna grega jogada na relva. E nele esplende a dor do poeta/pai na paisagem em que repousa uma morta bem-amada.

Não tenho nenhuma mensagem a transmitir ou tese a defender. Sou apenas a testemunha possivelmente incômoda do interminável processo da vida.

Em seu diário, Tolstoi conta que matou sete lebres, negociou um cavalo cego, bebeu cachaça, saiu a passear com os seus cachorros.

Como eu invejo essa lição de realidade, essa presença cotidiana da vida! Não sei caçar, não sei nadar, não sei pescar. Ignoro o nome de plantas e bichos, flores e insetos. Desconheço as pedras. Sei apenas ler, amar e caminhar, o que é pouco para um homem.

Mas quando saio a passear pelo sítio, os meus cachorros me acompanham, o que talvez seja o suficiente para que eu possa sentir a nobreza do mundo.

Poeta nascido e feito, que escreveu os seus primeiros versos ainda menino, sempre considerei a Poesia uma reflexão sobre a existência — uma reflexão poética da existência, já que ela só é possível através de um agenciamento de palavras dotadas de encanto.

Como poeta, quero dizer alguma coisa, confiar ao meu semelhante uma palavra de homem. Poesia: esta é a minha aventura rigorosa. As palavras do poeta vêem as coisas.

Há certos homens de letras que só brilham nos congressos e seminários. Longe desses sítios que requerem auditórios e convívios a um tiro de espingarda das promiscuidades, são como peixes fora da água.

Isto de cintilar em congressos de escritores — onde escorrem as reivindicações políticas e estéticas de tantos talentos verbais que se esquecem de tornar-se autores, embora sempre façam questão de falar em nome destes — me lembra uma observação de Oswald de Andrade. No início do governo Dutra, foi ele impiedosamente alijado, pelos comunistas, da representação paulista a um congresso nacional de escritores.

Vindo ao Rio, procurou-me, como costumava fazer, antes do nosso rompimento. E, comentando a sua derrota, argüiu, num desabafo que o consolava: "Você não pode imaginar um Nietzsche brilhando num congresso de escritores".

Para fugir a um congestionamento de tráfego, entro com o carro em sucessivas ruas desconhecidas e tortuosas. De repente, descubro que estou em pleno Mangue — ou no que resta dele. Quando atravesso uma dessas ruas, as mulheres, nas janelas e portas, começam a gritar: "Contra-mão! Contra-mão!"

Mesmo nas vidas mais marginalizadas e condenadas aos horrores e abjeções, há sempre uma nostalgia da ordem.

A modernidade de certos autores provectos, usuários de todas as vanguardas, tem algo de grotesco, como se estivéssemos diante de uma septuagenária de biquíni.

Em toda ordem autêntica deve existir a nostalgia da infração e da licença.

Bem-aventurados os apóstatas, que procuram um deus eternamente perdido.

B. vivia das letras. Tinha um pequeno emprego num jornal onde publicava crônicas sobre assuntos literários. Escabichava arquivos e bibliotecas, descobria raridades nos sebos, comentava coscuvilhices de porta-de-livraria, revelava pequenos fatos esquecidos, rapinava anedotas, concentrava a sua atenção no que a condição intelectual tem de mais miúdo e esvaído.

Ao lado dessa frutuosa existência de pesquisador e articulista de pequena cabotagem, levava outra, inconfessável e profunda: a dos seus desejos desaçaimados. À noite, rondava pela Lapa e outros lugares ambíguos, atrás de soldados e marinheiros.

Morava sozinho, num quarto cheio de livros, no centro da cidade. Uma noite, foi a testemunha imóvel e silenciosa de um crime ocorrido no quarto contíguo, onde um marinheiro, ali levado pelo seu vizinho, o estrangulou. B., que no momento produzia uma de suas crônicas, ouviu a chegada de ambos, a porta que se fechava, os rumores e cochichos, o rangir do colchão sob os dois corpos e, finalmente, os gemidos e estertores do comparsa que, com a garganta comprimida, entrava para a morte pela porta de um prazer maldito.

Para não afetar a sua honorabilidade literária, B. declarou à polícia que dormia à perna solta na hora do crime e nada vira ou ouvira naquela noite.

A vida de Graciliano Ramos era um pequeno inferno literário — esse pequeno inferno que é o privilégio dos ateus (e dos ateus preocupados com as regras da gramática).

Borboletas brancas, de asas diáfanas, quase imateriais, levantaram-se do chão, quando passei, e me rodearam, numa nuvem atônita. E uma delas pousou, confiante, no meu ombro esquerdo. Ela sabia que, embora de passagem, estava num lugar seguro.

O mar putrefato que se oculta nos mangues. A lama negra. Caranguejos. Arbustos aleijados. Neste universo nativo, de podridões e estagnações que inauguram o processo da vida, a Terra e a Água ainda não acabaram de ser separadas pelo Deus bíblico. Estão em atraso em relação ao ato da criação do mundo.

Noção de um mundo inacabado, que está sendo criado dia a dia, como um poema interminável, um futuro esplendor.

O mar vocifera
junto ao estaleiro.
Barcos são quimeras.
Nada é verdadeiro.

Submissão da linguagem ao poeta:

— As palavras me seguem como cães.

Não tenho influências. Tenho convivências.

Pergunto. Mas quem me responde? Só o vento, com a sua poeira.

Visita a Manuel Bandeira. Um buquê de flores se despetalava junto ao seu retrato por Cândido Portinari. O rumor da vida civil, que o poeta tanto amava, regia nossa conversa. De repente, um toque de campainha. Bandeira se levanta, abre a porta do apartamento, e protege, com o corpo, um vulto de mulher madura que se encaminha diretamente para o seu quarto. Quando ele volta à sala, já estou de pé, para a despedida. Então, com um riso dentuço, ele comenta:

— Minha tarde está minada.

Penso em mendigos — não nos mendigos reais, que nos humilham com os seus andrajos e feridas, mas em *mendigos imaginários*.

O dever do poeta é vomitar o acaso e não engoli-lo.

Sempre fui inclinado a admitir que a minha vida (e, por extensão, o que os meus queridos confrades de pena chamam de "a minha obra") é cheia de significados. Ou melhor, tudo nela tem uma dimensão significante. Mas talvez esta convicção íntima ou intelectual se nutra de alimentos ilusórios. Em minha vida, como na dos meus semelhantes, tudo é ficção — uma ficção despida de sentido ou analogia, como um sinal semafórico que jamais respondesse às interrogações da paisagem — e nada significa nada.

Na fauna do universo, o animal literário é o mais detestável.

Em todo martírio, há sempre uma pequena dose de simulação.

Estes provérbios islandeses, que encontro no *Letters from Iceland*, de Auden e MacNeice:
— Devemos cultivar o carvalho sob o qual temos de viver.
— Os homens combatem de dia, os demônios à noite.
— Ame seu vizinho mas deixe o seu portão em paz.
— O convidado mais humilde tem o olho mais perspicaz.

O silêncio do poeta faz muito barulho.

Itinerário de X.: de anacoluto em anacoluto até a consagração.

Verão. O mar canta como uma cigarra.

O absurdo é o sal da vida.

Morte de S. Notícias nas estações de rádio e televisão, retratos nos jornais, entrevistas, reportagens, necrológios. Era a banda-de-música da Morte.

XXXIII

OS OCIOSOS

Aprendi a vê-los desde a infância, quando descia a rua do Comércio. Vestidos quase todos de um branco que o tempo, velho pintor, foi tornando imaculado, eles estavam parados nas calçadas das lojas de ferragens e miudezas, dos bares e sapatarias. Sozinhos, pareciam estátuas pensativas, ocupadas por uma idéia grandiosa ou um tédio infinito. Aos grupos, conversavam, riam, gesticulavam, acendiam cigarros, acompanhavam com o olhar a aparição de um passante dotado do privilégio de atrair as suas atenções. Eram os ociosos. Não trabalhavam, ou porque não houvesse empregos para eles, na pequena cidade desprovida de mercado para tão grandes capacidades mentais, ou porque, desprezando o mundo suarento e negocioso, tivessem desde a meninice assumido o compromisso íntimo de jamais ser ultrajados pela aceitação de uma tarefa.

Em casa, eu recolhia algumas informações sobre essas criaturas colocadas, anos a fio, acima do horizonte morno da cidade entregue às fainas monótonas. Eram histórias de montepios maternos habilidosamente sugados; de irmãs que tinham ficado no caritó e levavam o dia trabalhando de costureiras; de velhas empregadas que se aplicavam em passar a ferro os ternos de linho condenados à perfeição dos vincos impecáveis. Alguns deles se haviam formado em Direito, no Recife, mas ninguém na cidade ousaria ofendê-los, propondo-lhes uma causa. Ou o diploma de

bacharel pertencia ao elenco das versões lendárias que os rodeavam. Como admitir que eles tivessem passado anos estudando, e viajando nos trens da Great Western, se o estudo e as viagens, e mesmo a moradia nas pensões recifenses, eram trabalhos? Também se dizia de alguns que possuíam empregos públicos, mas nenhuma revolução teria o poder de obrigá-los a permanecer nas repartições.

O certo é que, da manhã à noite, eles eram vistos na rua do Comércio. Misteriosos deslocamentos os transferiam da porta do Bar Elegante e das proximidades da relojoaria de Olívio Lordsleem para o Relógio Oficial ou o começo da rua do Livramento, em frente ao boteco onde o italiano Zanotti vendia uns refrescos misteriosos, feitos de licores escarlates, azuis e esverdeados, e gelo ralado. O que conversavam? O que diziam? O que sonhavam, através de gestos e palavras? eram as perguntas que eu fazia entre mim. E, muitas ocasiões, tentava aproximar-me do grupo, movido pela ambição assombrosa de captar alguma frase; mas, no momento preciso em que me acercava do grupo, eles silenciavam, como se não necessitassem mais de palavras para continuar no sonho aquecido pelo sol. Então um deles se descartava do conjunto e escalava a cadeira do Gonguila, o engraxate que era um dos expoentes do clube carnavalesco Os Cavaleiros do Monte. A retirada, provocando um desequilíbrio, suscitava a debandada geral, recomposta horas depois.

Desde a infância a minha vida tem sido só trabalho e atenção, interrogação e curiosidade. Às vezes, quando me suponho no umbral do descanso, vem uma palavra e me persegue, igual à matilha de cães porfiados em agarrar a caça astuta ou aterrorizada. Estou sempre ocupado, mesmo quando durmo (e o inconsciente gera o sonho do poema ou o pesadelo da prosa). Operário de mim mesmo, condenado a carregar pedras para o palácio imaginário que qualquer brisa destrói, ainda hoje recordo com inveja aqueles seres que nada faziam, aquelas criaturas em perpétua disponibilidade, cujos dedos langorosos jamais foram agravados pelo incômodo de um calo ou uma mancha de tinta. Talvez o tempo, que substitui as velhas casas

baixas e goteirentas por edifícios horrendos, e faz as pedras da rua desaparecerem sob camadas de asfalto, os tenha abolido. Mas estou certo de que, por maior que seja o seu poder, o fluir dos anos não terá forças para conspurcar o branco de seus imaculados ternos de linho e o vinco impecável de suas calças — talvez nem mesmo o brilho de seus sapatos diariamente engraxados. De novo menino, e forcejando ainda por me apropriar de uma das migalhas das frases daqueles mestres na difícil arte de viver, aprendo que o tempo nada pode contra a memória criadora.

Carregando a pasta gorda de processos, meu pai os apontava à minha execração infantil:

— Olhe estes vagabundos, que nunca trabalharam.

Eu fingia reprová-los. Mas, atrás do meu olhar de menino, tudo era radiosa admiração por aqueles homens que tinham feito da vida um deleite infindável. Para eles a morte, não significando a recompensa do descanso, nada significava. E talvez por isso eles cravavam um olhar desdenhoso nos enterros e se faziam de surdos quando um sino dobrava a defunto. Alguns deles, que usavam chapéu panamá, nem sequer se davam ao trabalho de tirá-los à passagem dos cortejos fúnebres.

XXXIV

BORBOLETA BRANCA

Hoje, que me sinto mudado finalmente pela vida e pelo tempo, e a salvo de tantas ilusões, penso na educação que me foi dada. E chego à conclusão de que ela pouco me serviu, uma vez que me sonegou elementos fundamentais de minha circunstância social e cívica. Coube a mim corrigir os dados falsos, encontrar a estrada real que se estendia longe de meus passos de menino ou adolescente.

No colégio dos irmãos maristas em que estudei, em Maceió, não havia negros. Ou melhor, talvez houvesse um que, vivaz, exprimia a tolerância da Ordem pela população de cor, na pequena cidade de mestiços e mulatos que, julgando-se brancos da melhor estirpe, nem sempre sabiam ocultar o seu preconceito racial. Também havia um menino judeu, pequena homenagem das batinas à diversidade das crenças, raças e religiões. (Essa proibição tácita de admitir estudantes negros também imperava no colégio de freiras em que estudava uma de minhas irmãs.) A Igreja, que cultuava os cristos e nossas-senhoras rosados e arianos, criados pelo Renascimento, não impunha apenas, nos estabelecimentos didáticos sob o seu controle ou jurisdição, o princípio da superioridade das raças. Baseada num item da riquíssima ficção bíblica, também procurava inocular nos alunos a noção de que os pobres e ricos sempre haveriam de existir, como decorrência da vontade divina. E esta, por sua vez, não

admitia as mudanças — os compartimentos eram estanques, e as ascensões eventuais haveriam de exprimir, sempre, uma espécie de merecimento pessoal ou familiar. Os alunos mais ricos, embora relapsos, ou tropeçantes nos estudos, eram os mais bem-tratados. Os irmãos maristas se esqueciam, numa amnésia alarmante, daquele outro item bíblico que nega aos ricos facilidades para passar por uma agulha e alcançar o reino dos céus.

Esse isolamento dos alunos diante dos negros e pobres numa cidade tão cheia deles, que eram a maioria imensa e anônima, também abrangia outras áreas. Nossos educadores nos impunham uma visão do Brasil que era, no mínimo, ufanista e até mirabolante, com as suas pedras preciosas e rios caudalosos. No ensino de português e literatura, imperava uma edição expurgada d'*Os Lusíadas*. Éramos todos intimados a descobrir a oração principal em certas estrofes camonianas — e de forma tão ameaçadora que, só muitos anos depois, tendo já publicado o meu primeiro livro de versos, foi que me atrevi a me aproximar do maior poema de nossa língua. Antes, ele era para mim mais temível que o próprio Adamastor... O desprezo solene pela literatura brasileira, presente nos livros adotados, da série FTD, caracterizava as aulas; e tanto assim que Machado de Assis foi para mim uma tardia descoberta pessoal. Os textos que nos ensinavam a visitar eram quase exclusivamente de portugueses; e, durante muitos anos, cheguei a abrigar a convicção de que a literatura brasileira não passava de um acidente colonial, algo epigonal e dispensável.

A religião ocupava um grande espaço no colégio. Havia aulas de catecismo, hinos religiosos, e um bom aluno deveria confessar-se e comungar semanalmente. Um fato curioso: os internos tinham permissão de comer carne durante a Semana Santa, na cidade marítimo-lacustre em que a carne era mais barata do que o pescado.

Outro característico singular desse colégio religioso era a subterrânea fervilhação política que o envolvia. Alguns dos irmãos maristas eram integralistas e chegavam mesmo a aliciar alunos e ensinar-lhes a levantar a mão nas ocasiões em que se

cantava o Hino Nacional. Também o eram alguns dos padres seculares que vinham confessar os estudantes e dizer missa. Esse entusiasmo pela missão salvadora de Plínio Salgado, defensor de Deus, da Pátria e da Família, ultrapassava as fronteiras nativas e ia alcançar, habitualmente, ídolos frenéticos no outro lado do mar. Assim, uma simpatia ostensiva por Hitler e Mussolini pairava nas aulas, nas conversas no pátio de oitiseiros e nos sermões. O comunismo era apresentado como a própria encarnação do Mal: uma ameaça satânica à virgindade das moças em flor e às divisas que separavam os latifúndios. Lembro-me de que, numa reunião semanal do Grêmio, um dos oradores, então um dos estudantes mais bem-dotados do Colégio (e que a vida converteu num cidadão apagado, triturando impiedosamente os seus sonhos políticos), proclamava, num fervor vociferante, que os comunistas poderiam fazer tudo no Brasil, "menos arrancar o Cruzeiro do Sul que, nos céus, simboliza a nossa fé cristã". Confesso que, naquela hora, achei a imagem bonita. Aos doze anos, não se pode ser muito exigente nos domínios da retórica.

O golpe totalitário de 37 foi bem recebido no colégio. E, em seguida, a marcha dos integralistas, que desfilaram diante de Vargas no Catete, assegurando-lhe solidariedade, ampliou a satisfação de muitas daquelas criaturas de batina incumbidas de abrir-nos o caminho da vida e impedir que trilhássemos as veredas chamejantes do Inferno.

Os que usavam camisas-verdes tiveram que guardá-las, embora não acreditassem que elas criassem mofo. Quanto a mim, confesso que a nova situação me tranqüilizou. E por uma razão muito simples. Durante algum tempo, meu pai recebera *A Ofensiva*, o jornal doutrinário de Plínio Salgado. Mas essa gratuita remessa semanal não abalava as suas convicções liberais de eleitor de Armando de Sales Oliveira; e de tal modo ele se esquivava ao contágio totalitário que um de seus colegas de foro, um dos mais fervorosos líderes integralistas do estado, o ameaçara de ser impedido de advogar quando o seu partido conquistasse o Poder. Sem advogar, como poderia meu pai (que jamais teve um emprego público) sustentar seus nove filhos?

Dando o golpe, Vargas contornara o perigo que ameaçava uma numerosa família alagoana. Meu pai me pôs numa escola de datilografia. Precisava de mim, para ajudá-lo na fatura de suas petições iniciais, arrazoados e recursos extraordinários. Passei a freqüentar cartórios, a ouvir conversas sobre demandas intermináveis, ia às vezes assistir às sessões do Tribunal do Júri e meus olhos se demoravam no rosto dos assassinos. O futuro romancista engatinhava, no ambiente tabelionáceo que realçava as misérias e querelas dos homens. O demônio da curiosidade me instigava, nas ruas de casas baixas e janelas insaciáveis. Assim, não perdia ocasião de contemplar e até de seguir aquela moça morena e pestanuda que, segundo as vozes que emergiam dos calores das ruas e das sombras das casas, fora tornada amante do próprio pai. Seria verdade? Ou era apenas mais um ruído calunioso a escorrer no coração do mormaço? O vento não respondia à minha busca de verdade — a esse empenho em encontrar a verdade das coisas e dos seres que me persegue desde a infância, irmão do barulho do mar, e fez de mim uma criatura interrogante, seja diante de uma palavra ou do monumento inteiro do mundo.

Mas, numa rua perto de minha casa, morava aquela jovem senhora que a cidade, uníssona, acusava de adultério. Recordo-me especialmente de seus olhos garços, que fulgiam entre esverdeados e azuis, uma cor volúvel e fronteiriça como a do mar. Toda vestida de branco (pelo menos assim ela ficou, pulcra, em minha lembrança que o tempo há de ter convertido na imaginação da realidade perdida), ela se aproximava da varanda do sobrado em que morava, e seus olhos seguiam o trajeto do amante que caminhava pela calçada fronteira, pausado, silencioso e insaciavelmente feliz. Quando ele passava defronte ao sobrado, ela lhe sorria, e nesse sorriso, que tornava ainda mais infixa a cor de seus olhos, fremia a alegria da carne à espera de ser gratificada pelo êxtase, a antecipação do encontro vespertino, numa alcova misteriosa. (E a cama, larga, haveria de ter travesseiros altos e rendados e castos lençóis de linho cheirando a alfazema. E poderia haver mesmo um mosquiteiro, para resguardar o idílio da investida de insetos vindos dos mangues e

sarjetas.) De chapéu chile, roupa de imaculado linho branco e sapatos de duas cores, o amante dobrava a esquina. Ela se retirava da janela, ia dedicar-se aos afazeres domésticos, cuidar do almoço do marido que, usufruindo também de sua beleza deslumbrante e mormacenta e do pestanejar de seus olhos garços, não ousava separar-se dela ou matá-la, apesar da tradição local que assegurava aos maridos enganados, mesmo quando cornos mansos, pronta absolvição pelo Tribunal do Júri.

Ela sumia no interior do sobrado cheio de vasos de flores e bibelôs sobre o piano. Mas, à noite, no momento vertiginoso antes do meu sono — e minha mão inquieta sustentava na escuridão o obelisco dos sonhos precários e desejos depressa saciados — eu ia buscá-la, onde estivesse, para que ela, como uma borboleta branca, pousasse por um momento entre os meus lençóis e depois partisse, esvoaçante, ao encontro do amante invisível nas trevas.

XXXV

ERA UMA ESTÁTUA EQÜESTRE

Agenciamento de sons e signos, sonoridade significante, a poesia é o mistério de uma forma única e intraduzível.

Ao longo da praia, os mendigos escutavam, espantados, o barulho do mar.

O desejo, essa flor que carregamos dentro de nós, e se entreabre quando tocada em pensamento.

Ao ver um elefante ou uma baleia, apodera-se de mim um profundo sentimento de piedade para com esses dois animais que representam o excesso e a violação da medida num universo que persegue ou ridiculariza o que é fora de série ou exorbitante.

Os elefantes e as baleias dão-me a impressão de que Deus os criou um por um, enquanto os animais medidos, como os cavalos, os tigres, e os homens, são produtos industriais divinos.

O guardador de automóveis, surdo, assegurava só ouvir a voz do Demônio.

O dia é campo — e o aramos, lavradores.

Na manhã do intelecto, o pássaro pousado em nenhum ramo.

Amor e realeza — todas as vezes que Teseu do Carmo a tomava nos braços, ela era uma rainha.

Calor terrível. O poeta se consola ouvindo, de olhos fechados, o rumor das chuvas futuras.

A função da linguagem é encantar o homem. Cada texto deve ser um Orfeu disfarçado em Verbo.

De um caderno de Teseu do Carmo — Para isto sou escritor: para lembrar que, na minha infância, uma lua redonda, de alvura virginal, seguia-me ao crepúsculo, quando eu voltava do grupo escolar, junto a meu pai e irmãos; para lembrar o farol de minha terra natal e o mar azul que me lambia os pés, mesmo quando estava dormindo; para sentir de novo o gosto do quebra-queixo comprado na esquina perdida; para evocar certo circo de cavalinhos; para ter eternamente presente diante dos olhos um ninho no ramo da árvore; para tornar a contemplar o sangue escuro da raposa que certa manhã apareceu morta no sítio.

Para amar sempre o que amei e amo, seja uma palavra, uma mulher ou uma paisagem, é que sou escritor. E nada quero como recompensa. Poder lembrar e poder amar já são recompensas incomparáveis.

Chama-se autor o personagem criado pela obra.

Era uma estátua eqüestre. As patas dianteiras do cavalo estavam levantadas entre o céu infinito e o campo abstrato, como se a vitória dependesse de apenas um salto. Ou talvez as quatro patas se fincavam no pedestal. De qualquer forma, a estátua dava a impressão de ter vindo das nuvens e pousado no pedestal, já que a sua altura contestava qualquer origem terrestre. Que engenho humano poderia tê-la colocado naquele

lugar majestoso? No cavalo de bronze, o velho guerreiro degustava uma posteridade semelhante a um invisível favo de mel. Ou não era um ancião coberto de medalhas, mas um jovem cavaleiro consagrado em sua primeira batalha e que um escultor preclaro conseguira isolar de uma paisagem fumegante.

Quando tornei a levantar os olhos para a estátua eqüestre, o guerreiro, velho ou jovem, já não montava a portentosa sela de bronze. Esvaíra-se no ar, igualado à sua posteridade dissolvida. Só restava o cavalo, com as patas cintilantes. Ou então o guerreiro estava de pé, impávido, sobre o pedestal. E o cavalo se fora, relinchando no ar que não costuma guardar as gotas de sangue vertidas pela História.

Mais uma vez os meus olhos deixaram a relva e procuraram a estátua. Mas não havia mais estátua, eqüestre ou não, nem pedestal. Não havia sequer praça. Eu estava numa rua tortuosa que se estendia entre tapumes dilacerados. Mas, como todas as ruas, ela terminava numa praça onde uma estátua eqüestre esperava que eu levantasse os olhos do chão pisado pelos homens.

Como os santos, os poetas devem atingir a perfeição e dissolver-se nela.

Tema para um romance policial de cunho poético: um homem roubava paisagens e as escondia nos bolsos, nas gavetas, sob o colchão de sua cama. Às vezes as paisagens e panoramas urbanos eram roubados nas horas de maior movimento.

Dignidade de um despertar: sou acordado pelo canto dos galos e não pelo ruído ensurdecedor do trânsito.

Arquitetura de um ninho. O pássaro escolhe os gravetos como o poeta seleciona as suas palavras.

Uns escrevem para salvar a humanidade ou incitar lutas de classes, outros para se perpetuar nos manuais de literatura ou

conquistar posições e honrarias. Os melhores são os que escrevem pelo prazer de escrever.

A mais bela passagem da vida de Cristo é aquela em que o Deus-Homem, pregado na cruz, garante ao Bom Ladrão: "Em verdade, em verdade vos digo que hoje mesmo estareis no Paraíso".

Só um deus tem o direito de prometer tanto a uma criatura humana, e dar-lhe *toda* a Esperança.

Dignidade de uma refeição: pão, queijo e vinho.

No enterro do carcereiro, os detentos choravam.

Por mais comunitário que seja o artista, ele esconderá, no fundo de seu espírito, um sagrado horror pelo que é tribal e coletivo.

As aglomerações, os comícios e todos os atos e espetáculos que documentam a supremacia da massa sobre o indivíduo, e da quantidade sobre a qualidade, possuem um caráter primitivo, e portanto inconsciente, que espanta o artista, homem da invenção, da lucidez e do isolamento.

Em toda amizade há um fundo de rancor.

Aos prosadores, a popularidade. Aos poetas, a glória.

Embora a felicidade seja o objetivo supremo da vida, poucas são as criaturas que a procuram ou se preocupam com ela. Quase todos vivem e agem como se ela não existisse ou fosse uma ficção.

O amor deve ser como no cinema mudo — apenas gestos. Não há necessidade de palavras. Um monossílabo é excesso.

Vou andando enquanto a noite cai. Por alguns momentos, sou um homem sozinho e estranho a si mesmo. O rumor do

dia findo se acumula nas ruas. Sinto-me um *égaré* — o mais moderno de todos os homens, aquele que se perdeu ou se extraviou, aquele que se desencaminhou da rota habitual e automática, aquele que se afastou de seu ambiente ou clima natural e seguiu por uma trilha diferente. Sinto-me ninguém: sem sombra e sem nome, sem uma voz que possa ser ouvida no rumor do mundo.

Enquanto as vitrinas e os anúncios luminosos clareiam as calçadas, e as primeiras constelações se inscrevem no céu, sou o homem sozinho e perdido que anda ao léu no turbilhão da grande cidade. É como se tivesse perdido algo: uma pátria, uma família, um amor, a memória.

O sentimento do desfalque íntimo enche-me, porém, de plenitude, como se eu fosse na verdade esse homem sem destino ao anoitecer, e o *outro,* atento aos deveres e horários, não passasse de uma caricatura de mim mesmo, agora que sou o foragido momentâneo de um universo detestável. Minha penúria é o meu tesouro.

Anoitecer. Os vagabundos, os loucos, as prostitutas devem amar essa hora incerta e fronteiriça em que a noite forja as novas e ilusórias promessas da vida. Como eu entendo agora esse apelo das trevas, o rouco apito de um navio fantástico que, no coração da noite, incita os homens ao que é marginal e hetorodoxo, ao que repele a norma e a forma!

Assim como o músico deve tocar todos os dias, cabe ao poeta ser fiel ao postulado do trabalho diário: *Nulla dies sine linea.* Mas nessa linha diária a luz da vida deve estar presente, iluminando uma tarefa.

O que há de melhor em mim é secreto, subterrâneo e invendável. Só os meus resíduos se transformam em mercadorias do espírito e possuem algum valor comercial.

A poesia é o horror da filosofia.

O escritor não deve viver de escrever. Deve viver de *não* escrever.

Ao longo do meu caminho, sucedem-se árvores azuis. E esta minha realidade pulveriza as palavras geladas dos filósofos, e me convence de que as filosofias não passam de ficções hieráticas.

Ando pela rua falando sozinho. Mesmo quando não há ninguém ao meu lado, sou conversação e diálogo.

Valéry: a poesia como uma ilusão da Razão.

Certa dose de desprezo pela espécie humana é indispensável a quem a estima, como é o meu caso.

O mesmo sonho, desde a infância até este começo de maturidade. O mesmo sonho, com as suas infinitas variações.

Quando menino, desejei possuir *Dom Quixote, Os Três Mosqueteiros* e uma capa de chuva. Embora os tivesse escolhido como recompensas devidas aos meus sucessos escolares, foram sempre promessas que se esvaíram no ambiente familiar. Assim, desde cedo aprendi que o homem é um animal de promessa e espera, pasto de expectativas e impossibilidades.

Hoje só aceitaria um presente ou recompensa: *A Moça de Turbante Azul*, de Vermeer, que vi no Museu de Haia, naquela manhã de um domingo cheio de vento e de flores.

O navio levanta a âncora e começa a sua viagem, afastando-se gradualmente da terra. Sou este navio e esta âncora — imagens de liberdade e afastamento. Sou o que não me prende às minhas amarras, o que se distancia de mim, levando-me.

O que os outros pensam que não sou — certo ser limitado ao seu próprio uso pessoal — eis o que ocupa mais espaço dentro de mim.

A poesia é um satélite da vida.

No poeta, a técnica deve ser um dom e não um processo.

Todo ato literário ou artístico, por mais nobre que seja, possui sempre algo de ignóbil e degradante. É uma eliminação espiritual, e não esconde sua semelhança com as exonerações físicas.

O que redime a desordem é a nostalgia da harmonia perdida.

Mesmo a bordo de um jato, ouço o canto de um mar só a mim prometido.

E, diante dos meus olhos aturdidos,
a barata mudou-se em monumento.

Poesia: erro e acaso convertidos em regra e verdade. A magia nasce da transgressão. A inteligência surge à luz do dia depois de percorrer o longo túnel da treva irracional e das paixões.

Na vida do artista, há uma satisfação que só a qualidade da obra dá.

Na cidade vibrante de luz, só havia uma verdade: a da cigarra ilocalizável que zunia ao sol.

Lembrança de O. Era um panfletário terrível, que atacava e satirizava a tudo e a todos. Não tinha olho para a beleza do dia ou o vôo de uma gaivota, nem orelha para o canto de um passarinho ou o barulho do mar. Tudo para ele era motivo de sátira, invectiva, até insulto. Nem sequer se casou. Era um solteirão rabugento. Para ele, todos os políticos eram corruptos e ladrões e quase todos os literatos não passavam de uns pobres-diabos semi-analfabetos.

Poucos dias antes de morrer, sua fisionomia lívida ainda traía sarcasmo e intolerância. Moribundo e estirado numa cama de hospital, catava nos jornais o ridículo alheio, iluminava-se ao descobrir um anacoluto num discurso parlamentar. Interessava-se por tudo o que é mesquinho e ilusório.

Era uma alma pequena, tão miúda que os anjos só poderiam enxergá-la usando um microscópio.

XXXVI

CÁUSTICO ARLEQUIM

Quando o conheci, Oswald de Andrade não era Oswald de Andrade. Desejo com isto dizer que o passante literário que se atravessou no meu caminho, com o seu interesse e simpatia, não ostentava os traços que ora atraem e instigam os jovens. Encartuchada na crítica criadora, a mudança do gosto estético não o transformara ainda num dos monstros sagrados de nossa literatura, mais clássico do que muitos dos clássicos insignes que o precederam ou ocuparam o mesmo espaço artístico em que ele se movimentou com um desembaraço de cáustico arlequim — ou de "palhaço da burguesia", como a si mesmo costumava estampilhar-se. A crítica também é uma ficção científica; e, no caso de Oswald de Andrade, os seus poderes de criação e imaginação tiveram um desempenho profuso que, longe de desmenti-la, na verdade a honra — pois se nós, poetas e romancistas, não formos inventados pelas leituras sucessivas e germinadoras, quem nos inventará?

Desde que nos conhecemos, nos começos de 1946, Oswald de Andrade não vinha ao Rio sem me procurar. Até hoje não sei explicar o motivo de tantas viagens — talvez seus continuados ócios de homem sem profissão; talvez tentativas de contatos políticos e financeiros; talvez a pressão do nomadismo físico e psicológico de quem não criara em vão viajantes do teor de João Miramar e Pinto Calçudo; talvez o simples desejo de ver e falar.

Com o estreitamento de nossas relações, oferecia-me almoços e jantares nos hotéis de Copacabana em que se hospedava, quase sempre acompanhado de Maria Antonieta de Alkmin; insistia em que fosse vê-lo num apartamento alugado. Essa necessidade de convívio provinha decerto de sua solidão — uma solidão ao mesmo tempo estética e moral. Para os seus companheiros de geração, ele não passava de uma espécie de Emílio de Menezes do modernismo, capaz de sacrificar uma amizade antiga pela anedota mais desabusada. No processo de consolidação da revolução modernista, predominavam o exemplo e a lição de Mario de Andrade, que vivia cercado do respeito de seus contemporâneos e da pantagruélica fome epistolar dos jovens. Oswald de Andrade curtia, pois, uma solidão quase de réprobo. Em sua ilha de radicalidade poucos se aventuravam. As conversas com os moços requestados pelas suas demonstrações de interesse e entusiasmos fugidios eram quase um falar sozinho, no qual se fundiam o ataque chalaçudo e o queixume pungente. Ele não se conformava com a falta de reconhecimento de sua obra, hoje identificada até pelos alunos mais relapsos de nossas faculdades de letras, graças à incontrolável diluição didática dos ensaios de Antonio Candido, Augusto e Haroldo de Campos, Décio Pignatari e Mário Chamie.

Seja-me permitido recordar que, embora agressivo e até impiedosamente injusto na manipulação do conceito literário e moral de seus inimigos (e, às vezes, de seus raros amigos), Oswald de Andrade era extremamente susceptível quando tornado alvo de alguma anedota. Um dia, contei em minha coluna dominical no *Correio da Manhã* que ele, após um lauto almoço, acendeu um imenso charuto e, embriagando-se a si mesmo nas olorosas volutas do fumo (decerto baiano, apesar de seus preconceitos geográficos), despediu o seu jovem convidado: "Agora vou escrever uma cena proletária do *Marco Zero*". Registrando o episódio, eu me revelara um oswaldiano de primeira água. Ele, porém, não soletrou assim o meu procedimento e, pelo que me confidenciou Álvaro Lins, queixou-se a Paulo Bittencourt, dono do jornal, em termos que transformavam o saltimbanco em Salomé.

Cercado por uma aura anedótica, originando reservas e suspeições, Oswald de Andrade se via praticamente excluído do processo editorial, tão generoso ou tolerante com alguns dos seus desafetos. Seus livros hoje clássicos, como *Pau-Brasil*, a *Trilogia do Exílio*, *Memórias Sentimentais de João Miramar* e *Serafim Ponte Grande*, de há muito esgotados, eram inencontráveis. *A Revolução Melancólica*, primeiro tomo do *Marco Zero*, não obtivera a recepção crítica por ele esperada. As peças de teatro eram marginalizadas pela vanguarda de então — e se alguém, estimulado pela fervilhação teatral daquela época que consagrara o *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues, propusesse a encenação de *O Rei da Vela*, a proposta seria, no mínimo, considerada uma piada oswaldiana. Aos seus novos conhecidos, ele costumava oferecer uma edição fora do comércio das *Poesias Reunidas*. O exemplar do *Pau-Brasil* que me autografou ostenta esse primor de generosidade: "Lêdo/Se o Graça Aranha não tivesse posto numa dedicatória a mim esta frase: 'Com a esperança', eu a botava aqui. E na minha pena ela seria séria/o Oswald/Universidade do Leblon, 21.4.46". Foi aliás na Universidade do Leblon — nas cadeiras dos hotéis e bares da zona sul carioca, diante do mar turisticamente azul e de banhistas que lhe suscitavam pensamentos dignos de Serafim Ponte Grande — que Oswald de Andrade produziu muitos dos quadros de seu interminável e interminado *Marco Zero* e uma apreciável quantidade de poemas, além dos *telefonemas* para o *Correio da Manhã*. Lembro-me de que escrevia os seus textos a lápis, dobrando a folha de papel em duas, ao comprido. Como os seus versos eram curtos, o pequeno espaço em branco se ajustava perfeitamente às suas expansões líricas, nas quais as imagens se justapõem em fulgurações elípticas. Sua prosa também era curta, mas nesse espaço cabia, comodamente, o seu furor de panfletário, diante do qual empalidece um Camilo Castelo Branco.

Uma manhã fui encontrar Oswald de Andrade, na varanda do seu hotel, lendo sisudamente uma tradução espanhola de Dilthey e tomando gim-tônica. Com uma certa gravidade, ele destacou para mim o papel da cultura na formação intelectual.

Mas como aceitar, em seguida, a sua recomendação para ler os romances de Ilya Ehrenburg, Gladkov e outros expoentes do realismo stalinista? Aliás, as leituras de Oswald provocavam anedotas entre os seus amigos e desafetos que, aferrados a uma visão acadêmica da cultura e da leitura, censuravam o autor de *Serafim Ponte Grande* por não possuir uma biblioteca à altura de sua condição de escritor. Um deles me confiou que, tendo ido um dia visitar Oswald de Andrade em sua nova casa (de vez em quando ele se mudava, como decorrência de sua "monogamia sucessiva"), verificara, com espanto, que sua biblioteca se limitava a uma fileira de livros de valor literário discutível, na qual se destacavam algumas espúrias traduções de obras marxistas. Naquela década de 40, Oswald engastara o marxismo entre as suas preocupações intelectuais e políticas, tanto assim que, após a redemocratização do país, pleiteara um lugar na chapa de deputados federais do PCB, por São Paulo. Seu nome fora vetado; e como alguns dos candidatos aceitos e vitoriosos tinham nascido na Bahia, ele, em represália, passou a chamar o PCB de Partido Comunista Baiano.

Por motivos estéticos e talvez pessoais, Oswald de Andrade não estimava os escritores nordestinos, que em sua opinião haviam transformado o Rio numa fortaleza a serviço de ambições e vaidades pessoais, e possuíam uma visão conservadora da literatura, limitando-se a assimilar as descobertas e invenções de outras terras, em lugar de gerá-las, como era o caso de São Paulo. Para ele, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e Jorge Amado eram "os búfalos do Nordeste" — haviam espezinhado a lição formal do modernismo, colocando os elementos sociais e humanos acima das preocupações técnicas. Entretanto, de vez em quando se contradizia e, relacionando a ficção nordestina com os realistas soviéticos, sustentava que a dignidade e a eficácia da literatura estavam exatamente numa criação capaz de falar pelos injustiçados e oprimidos. O inacabado romance-cíclico *Marco Zero*, em que procura conciliar as duas vertentes, a técnica e a conteudística — utilizando um modelo de fragmentação e simultaneidade

decerto haurido em *Manhattan Transfer* e na trilogia *USA*, de John dos Passos — constitui a sua resposta pessoal ao empenho de uma ficção capaz de abrigar, em sua estrutura, o humano e o moderno. E o propósito de muralizar a realidade (era a época de seu interesse pela pintura mural dos mexicanos Siqueiros e Rivera e de sua campanha contra a oficialização da arte de Portinari pelo Estado Novo) faz de *Marco Zero* um eco tardio do romance do Nordeste.

Nas opiniões contraditórias que varejavam as nossas conversas, Oswald se insurgia contra o espírito nordestino que, a seu ver, dominava a nossa literatura, com os seus componentes nítidos que eram a forma provecta ou arcaica de exprimir-se, o ruralismo, o psicologismo, a denúncia social crua, o tradicionalismo de origem escravocrata e latifundiária, a ausência de inventividade e de atualizada informação cultural. Enfim, o que ele considerava o seu indisfarçável cheiro de século XIX. E, vendo-me rondado por tantos perigos, já que eu provinha de uma das províncias desse Brasil velho e letárgico que Marinetti não colonizara, esforçava-se por incutir em mim os valores de uma literatura moderna e objetiva. Da minha produção, preferia as crônicas dominicais no *Correio da Manhã*, e durante algum tempo atiçou a minha vaidade, anunciando um *telefonema*, "de Rubem Braga a Lêdo Ivo", jamais concretizado. Não apreciara o subjetivismo de meu romance de estréia, *As Alianças*, nem as preocupações existenciais que, em sua opinião, perturbavam a minha poesia.

Liberto do intimismo contorcido dos *Romances do Exílio* — essa trilogia crepuscular, estilisticamente iluminada pelo impressionismo poético dos romances híbridos de D'Annunzio — Oswald de Andrade vivia ancorado numa teoria estética que excluía a sondagem psicológica e a análise dos sentimentos, substituídos por uma ótica empenhada em registrar apenas os movimentos exteriores dos indivíduos e das massas. Seu interesse artístico se voltava essencialmente para o comportamento humano, em todo o seu múltiplo e pungente dinamismo. No quadro do marasmento romance brasileiro, de personagens

imóveis e sentados, mastigando aflitamente a dor de viver, Oswald de Andrade gerava personagens que andavam e sabiam andar: transeuntes, andarilhos, viajantes. E no seu estilo, adequado a essa preocupação, o conteúdo era a própria superfície narrativa, a película verbal que, em *A Revolução Melancólica* e *Chão*, procura esmerar-se em fotografar a realidade, em documentar o documento.

Era o seu legado que Oswald de Andrade me oferecia — mas como eu poderia aceitá-lo? No quadro do modernismo já triunfante, o segmento do autor de *Marco Zero* representava a heterodoxia e a radicalidade. Os interesses do movimento ortodoxo estavam a cargo de seu detestado rival Mario de Andrade, a quem atacava e insultava em suas conversas e desabafos, valendo-se de muitas armas, especialmente a do preconceito racial, ao aludir às "beiçorras enormes" do autor de *Macunaíma* (identificando-o como o retinto Pai João de nossas letras), e até a de um fervoroso puritanismo. Embora vivesse sucessivas temporadas conjugais e pregasse em sua obra oral e escrita a libertação sexual e a sinceridade dos instintos, Oswald censurava em Mario de Andrade o viver duas vidas, e sublinhava que a segunda estava longe de possuir a austeridade da primeira.

A condição herética de Oswald de Andrade o privava até de estar presente nos instrumentos referenciais da literatura. Assim, em sua *Apresentação da Poesia Brasileira*, Manuel Bandeira não o incluiu, sob a alegação de que Oswald dera o melhor de si mesmo nos romances, e, se fazia poesia, era "menos por verdadeira inspiração do que para indicar novos caminhos". Uma nota singular: na terceira edição dessa antologia, a de 1947, Manuel Bandeira admitia vários poetas então jovens, como João Cabral, José Paulo Moreira da Fonseca e eu, e Oswald de Andrade continuava de fora. O sistema literário dominante lhe impusera as agruras de uma continuada quarentena — seu navio literário, com "peste a bordo", era obrigado a ficar longe do cais.

Detenho-me nesse pormenor de vida literária e editorial porque os tempos mudaram de tal modo que é bem possível, na eventual antologia de um jovem ou quase velho de hoje

alcançado pela indicação de novos caminhos de Oswald, a inversão dos papéis, com amplos espaços para a poesia "sem inspiração" do autor de *Pau-Brasil* e a exclusão do lirismo de Manuel Bandeira. Quem vive há mais de trinta anos numa comunidade literária, como é o meu caso, termina por não se espantar com as mudanças que nela se operam: preferências surpreendentes do público que privilegia o romance condenado pelas sumidades críticas; desvalorizações vertiginosas que relegam ao desprestígio e esquecimento o autor antes lido e reverenciado; descobertas insólitas que levam os jovens a ler e admirar textos antes considerados galimatias. Manuel Bandeira, numa de nossas últimas conversas, a propósito de uma crescente valorização crítica de Augusto dos Anjos (a quem admirava ou estimava pouco, contrapondo-lhe Alphonsus de Guimaraens), me dizia que a literatura brasileira não comportava mais redescobertas e revalorizações. Todos estavam nos seus lugares, fixados pelos críticos e leitores. Entretanto, numa evidência que o envolve, patenteia-se o engano redondo do poeta de *Estrela da Manhã*. Num encontro em que comentávamos a vertiginosa ascensão de Oswald de Andrade, objeto das leituras e monografias de incontáveis jovens medusados pela sua ideologia e componentes estéticos (a valorização do irracional, o prestígio da chacota, a prosa telegráfica de efeitos imagísticos e visuais, o poema-instantâneo, o discurso simultâneo e fragmentado, a condenação do burguesismo e do capitalismo, o estímulo ao anarquismo, a celebração do mundo material), Antonio Candido me disse de sua impossibilidade em obter que alguns dos seus alunos se detivessem na poesia de Manuel Bandeira. Eles preferiam ler, interrogar e analisar os textos oswaldianos — aquele poema "rachado e sentimental/como as bandas de música/ de meu país natal".

Com efeito, Oswald de Andrade sofreu, quando vivo, a agressão da leitura recusada, *l'injure d'obscurité* exarada por Mallarmé, e que o levou a observar: "Je préfère, devant l'agression, rétorquer que des contemporains ne savent pas lire". A música do seu poema não era ouvida em 1945. Alegra-me que o seja agora: mitologia e fanfarra.

XXXVII

A RODA-GIGANTE

Do alto da roda-gigante, o menino viu o mundo às avessas, o universo abismal de onde jorravam ilhas de luz, e não pôde conter-se. Todo ele medo e espanto, passou a gritar: "Pare, *seu* Zezinho! Pare, *seu* Zezinho!" Mas *seu* Zezinho, o proprietário da roda-gigante instalada no parque de diversões da festa de São Benedito, não o ouvia. Ou melhor, demorou a ouvi-lo, talvez porque não fosse fácil parar o engenho engalanado de luminárias que rodava na grande noite ruidosa. Assim, o vertiginoso terror durou algum tempo — no máximo alguns minutos que, ao guri estarrecido, pareceram séculos. E decerto seus gritos repetidos foram ouvidos por muita gente, freqüentadores do parque de diversões que terão parado por um momento para escutar a exclamação lancinante que dava a impressão de vir das estrelas.

Eu tinha oito anos. Desde que minha família se mudara para o centro da cidade, o meu sonho era andar na roda-gigante. O carrossel dos cavalinhos não aplacara a minha ânsia de aventura. Era um fingir, a meia-verdade de um galope redondo. E meus olhos se voltaram para a roda-gigante que haveria de assegurar-me a dádiva de mundos nunca vistos dos telhados luminosos onde as criaturas saíam de seus sigilos e paciências de aranha para as rotinas janeleiras. Desde os preparativos da festa de São Benedito que ela me atraíra, com as suas cadeiras penduradas no vazio, como uma sucessão de vertigi-

nosas varandas. Tendo travado conhecimento com o proprietário, um tal de *seu* Zezinho, muitas vezes eu me aproximara dos homens que a estavam instalando, ouvia as conversas.

Na noite inaugural, fora a primeira coisa que eu vira, ao acercar-me da praça — o luminoso inseto. Não me atrevera a comprar a entrada. Detivera-me olhando os seus corajosos passageiros. Eram namorados, soldados do 20 acompanhados de empregadas domésticas, uma ou outra pessoa provecta, alunos do Liceu e do Colégio Diocesano. De quando em quando, reparava num menino de minha idade que comprava o bilhete e ficava esperando a sua vez; e tal presença fazia a coragem acrescer-se ao desejo.

Nos intervalos em que a roda-gigante parava para receber passageiros, eu levantava a cabeça e via, no alto, os casais tranqüilos. E a ausência ou talvez indiferença ao perigo aumentava o meu estímulo.

Uma noite, resolvi andar na roda-gigante. A decisão se aproveitou do desejo manifestado pelos irmãos mais velhos, Lou e Napoleão, e limitou-se a um "também vou" que escondia o frêmito íntimo, a enormidade de uma coragem que se disfarçava no ato de apertar entre os dedos os tostões do ingresso. E fui — não me lembro mais quem ficou ao meu lado, se Lou ou Napoleão. O certo é que essa companhia de nada serviu para acalmar-me ou infundir-me confiança. Pois assim que a roda-gigante começou a girar, e o mundo apareceu às avessas, passei a gritar: "Pare, *seu* Zezinho! Pare, *seu* Zezinho!"

Eram segundos de vertigem; as barracas iluminadas, o toldo do carrossel, as músicas que se misturavam no ar, o mar de cabeças, as coloridas bandeirolas de papel, os homens munidos de espingardas que jogavam tiro-ao-alvo, tudo passava e voltava, numa sucessão de relâmpagos. Eu agarrava-me à cadeira, temia cair, sentia que estava caindo sobre a multidão, logo era de novo alçado à negra altura de onde jorravam estrelas, ou então empurrado em direção à torre da igreja onde monsenhor Capitolino rezava diante do altar iluminado, ou a uma grande árvore situada numa das esquinas da praça.

Às constelações, às nuvens, ao abafado rumor do mar arredio, a outros frontispícios do mundo, eu contrapunha, como

um emblema, tudo o que em mim havia de desamparo, medo e desolação. *Seu* Zezinho não me escutava, talvez não estivesse junto à roda-gigante. Ninguém me escutava. Possivelmente o meu irmão tentava acalmar-me, dissipar aquele medo que lhe roubara o direito de usufruir de todas as delícias do divertimento. Não era inadmissível que o meu terror tivesse contagiado algum dos passageiros da roda-gigante. Como era estranho o mundo visto de cima! Era como se um pesadelo e um sonho feliz lutassem, no mesmo horizonte noturno. A atmosfera de terror e desolação de um fundia-se ao encanto feérico do outro. E, nessa batalha, a porção de deslumbramento fora derrotada.

De repente, senti que o girar da roda-gigante ia ficando vagaroso. Toda aquela mutação de seres e luzes, vozes e músicas, tornava-se mais lenta e, portanto, infundia segurança. Afinal, a roda-gigante parou, e saí correndo, para fugir ao vexame das curiosidades ou indagações, fui esconder longe a minha vergonha, apagar sozinho os sinais do medo.

Meus irmãos passaram alguns dias zombando de mim, repetiram a frase lancinante, "Pare, *seu* Zezinho! Pare, *seu* Zezinho!" Depois esqueceram. O tempo desbotou as bandeirinhas triangulares da praça; as músicas silenciaram; calou-se o ranger da roda-gigante. Monsenhor Capitolino morreu, um dia, diante do altar, foi reunir-se no céu ao santo preto, a cuja glória servira, construindo-lhe uma igreja. E de tudo, das luzes e sombras, do perfume dos corpos das moças que tomavam banho ao entardecer e à noite desfilavam na praça, das beatas que não perdiam a novena, de tanto rumor vário nada restou, a não ser a frase do menino que encontrou o medo e o desamparo onde esperava achar apenas deslumbramento.

"Pare, *seu* Zezinho!", exclama de novo o menino. Mas a roda-gigante mudou-se na própria máquina da memória, gira agora ininterrupta como o tempo. E o mundo, visto sempre às avessas, é mais uma vez terror e sortilégio, tanto no pequeno largo iluminado que aumenta e diminui na terra negra como na escuridão onde as mesmas constelações são emblemas de um mistério perpétuo.

XXXVIII

ANDANDO NO NEVOEIRO

No congresso de escritores, sinto-me como um Robinson na ilha deserta. Em torno de mim, todos são professores. Sou, realmente, o único aluno num oceano de doutos e letrados que de seus bolsos e inteligências sacam fórmulas e teorias para tudo. E, no auditório, estão os meus companheiros propriamente ditos: os estudantes, uns atentos e procurando sobrenadar as avassaladoras marés teóricas, e outros, talvez mais práticos, enfastiados ou cochilando.

Enquanto os debates se acendem, e uma chuva de apostilas cai sobre as cabeças juvenis, uma interrogação me punge: serei, realmente, um escritor? Ao fazer o meu registro no hotel, preferi declarar-me advogado — como, em outras ocasiões, me proclamo jornalista. E, na raiz do procedimento, estava a convicção de que, como nos tempos coloniais, em que Gregório de Matos tangia a sua lírica sarcástica e Botelho de Oliveira celebrava as nossas frutas tropicais, o Brasil não dispõe de uma literatura profissional. Não a criou através dos séculos. Nem mesmo os maiores (Alencar, Machado de Assis, Euclides, Mario de Andrade, Graciliano, José Lins) se limitaram unicamente a escrever e a edificar suas vidas com base nos resultados comerciais da atuação literária.

Somos amadores — escritores e poetas de fim de semana. Nossos romances e poemas constituem as sobras de cansaços

burocráticos ou jornalísticos. E essa criação às vezes fatigada e fragmentada, sonegada ao ócio dos domingos, costuma enfrentar barreiras diversas. São poucos, entre nós, os que dispõem de um editor, fixo e fiel. A edição de um livro, mesmo de um romance, suscita quase sempre um desafio, um problema que se desdobra em peregrinações ou se anula na gaveta que o guarda.

Lembro-me de que Manuel Bandeira só após os 60 anos conseguiu editores; candidato à Academia, teve de pagar do bolso a impressão de suas *Poesias Completas*. Schmidt, rico, não apenas custeava generosamente a divulgação do seu lirismo, como até escolhia o melhor papel. Outros grandes poetas, como Jorge de Lima e Murilo Mendes, também pagaram tributos altos à ausência de um sistema literário profissional que constitui a maior doença, e não menor humilhação, da história da inteligência e da criação poética neste país em que, desde os tempos coloniais, os poetas e prosadores são servidores públicos, médicos, jornalistas, advogados, professores, políticos, e quase sempre têm no Estado tolerante ou envaidecido o seu único e fiel mecenas. Quantos livros de Jorge de Lima não saíram de seus ganhos de médico e professor, desde o tempo em que ele era um dos príncipes da poesia parnasiana até o festival barroco da *Invenção de Orfeu* e do *Livro de Sonetos* — e isto sem falar em sua maciça *Obra Poética!* Os editores se limitavam a emprestar-lhe o rótulo e a colocar os volumes nas livrarias. No caso de Murilo Mendes, grande poeta sem público e sem dinheiro, as dificuldades eram ainda maiores.

Os que surgiram depois enfrentaram os mesmos obstáculos. O livro de estréia de João Cabral de Melo Neto, *Pedra do Sono,* foi impresso no Recife por conta da generosidade paterna. Meu livro de estréia, *As Imaginações,* veio a lume graças à minha própria generosidade. Recordo-me de que Augusto Frederico Schmidt, interessado em nossos destinos literários, prontificou-se a custear a edição de *O Engenheiro,* de João Cabral, e de meu *Ode e Elegia.* Através de uma editora fictícia, Os Amigos da Poesia, saiu o primeiro; e Schmidt chegou mesmo a comentar, diante da poesia magra e mineral de seu editado: "Este livro vai

me fazer muito mal". Considerado então, até pelo próprio Manuel Bandeira, como *o* grande poeta brasileiro, o lírico de *Estrela Solitária* sentia, semaforicamente, que nos versos elípticos de *O Engenheiro* se ocultava uma energia que haveria de atingir, como um raio, a poesia nacional dos últimos decênios, afetando inclusive a sua triunfante posição na nossa hierarquia poética. Quanto a mim, preferi (não sei por que) pagar do meu bolso a edição de *Ode e Elegia* que, como o volume de estréia, saiu pela editora Pongetti. E ainda hoje me lembra que, ao dar a Ruggiero ou Rodolfo Pongetti uma nota de mil cruzeiros, por conta da edição — e era um dinheiro suado, haurido em plantões de redação e até em aulas de português num subúrbio carioca — ele exclamou, com a sua sanguínea exuberância: "Eis a inflação".

Assim, quando observo, hoje, jovens poetas queixosos, lamurientos e até rancorosos porque não dispõem de editor nem de público, e são desdenhados pelos olímpicos diretores dos segundos cadernos de nossos jornais, volta à minha lembrança o passado de recusas, decepções e dificuldades de quase todos nós, grandes ou pequenos, célebres ou obscuros. E talvez essas paliçadas de obstáculos, que se levantam diante do jovem poeta ou do prosador em semente, constituam a prova de fogo, para testar as vocações legítimas, a fidelidade a um sonho de infância ou à ambição da juventude. Apesar de tantas provações e cicatrizes, e da fanfarra eventual ou inevitável que saúda as rugas e os cabelos brancos desses soldados do Absoluto, muitos deles haverão de lembrar, com saudade e fervor, aqueles dias perdidos em que os seus poemas não logravam passagem na cidadela das letras e o concurso literário negava o prêmio almejado ao romance e aos contos inéditos.

Éramos, então, muitos ou inumeráveis. Vivíamos nos bares, nas livrarias, nas ruas; o frêmito interior da criação impaciente, que não escolhia dia ou hora, casava-se ao burburinho da vida literária, escachoante delta de ambições e surpresas. Acendendo o charuto que chegava a intimidar alguns confrades recatados, Breno Accioly nos confessava: "Eu gostaria de ser influenciado por Julien Green". Uma vez o garçom do Amarelinho veio confi-

denciar-nos que, na noite anterior, Lúcio Cardoso e seu bando tinham se retirado da mesa deixando atrás uma cordilheira de chopes não pagos. O fino e aristocrático João Cabral de Melo Neto, então servidor do DASP e já dando os primeiros passos para a carreira diplomática, tirou placidamente a carteira e disse: "Eu pago". E pagou. Sabedor do ocorrido, Lúcio Cardoso comentou: "O João Cabral é um diplomata perfeito". E, naquela tarde, entrou no bar com a segurança e a consciência tranqüila de quem nada deve a ninguém, apesar de, em Ipanema, o dono do restaurante localizado no pavimento térreo do edifício em que ele morava ter o hábito desagradável de chamá-lo de *meu sócio*, tamanhas eram as contas por ele acumuladas.

Agora, o rumor da consagração ou do reconhecimento não tem o poder de resgatar a fervilhação esvaída. E mais de um de nós haverá de sentir-se, hoje, solitário, andando no nevoeiro que cresce cada vez mais, embora, para outros, a paisagem de agora seja o lugar vasto e radioso onde nenhum rosto se esconde na treva.

XXXIX

A GAIVOTA SOBREVOA O FAROL

Os sonhos são escalas da viagem que todas as noites fazemos ao redor do que, em nós, jamais será nós mesmos.

Como os que viajam incógnitos, tudo tenho feito para não ser reconhecido na viagem da vida.

Barulho de uma descarga — o rumor da vida sob as estrelas.

Vi-o passar, curvado ao peso de uma erudição que não possuía.

A leitura como um acontecimento pessoal: na cidade de cinco milhões de habitantes, sou o único a ler *Tristram Shandy.*

Sentimento do Trópico. De repente, sinto que tudo o que me cerca são sinais de um universo equatorial, e mesmo as minhas lembranças mais longínquas se nimbam dessa cálida vibração tropical. A posição das estrelas no céu rasgado pelo verão, a cal das casas, o cheiro de jasmim, os turbilhões de insetos, as chuvas súbitas que, logo cessadas, se mudam em nostalgia, o calor que convida à sesta, o frêmito das bananeiras, mangueiras e outras árvores barrocas, o cheiro quase sexual do suor, o condimento das comidas, a estonteante claridade dos

dias fúlgidos junto às praias — tudo isto é o Trópico, não apenas fora de mim, mas também dentro e junto a mim.

Neste mundo que parece convidar sempre ao ócio e à sonolência, e neste universo em que o espírito se rende habitualmente ao império das forças primitivas e irracionais, podemos ainda encontrar fragmentos da grande paisagem perdida. A plumagem das araras e beija-flores, o canto das cigarras, o aroma das frutas, o silêncio da serpente enrodilhada entre lianas, junto aos cálices translúcidos de uma orquídea, são advertências de que vivemos numa espantosa prisão de cores e ritmos. Aqui estamos sob o signo da abundância, do desperdício e do excesso. As chuvas são grossas e até diluviais, as canículas desbastam os panoramas até torná-los sumários, as flores possuem esculturas fantásticas (como se a própria Forma delirasse), a fauna multifária insinua, em sua variedade, ainda estar à espera de que Noé a chame para a sua arca.

Com o seu aparato, a Natureza adverte o Espírito da inanidade de implantar, neste império novo e todavia imemorial, uma ordem velha, um ritmo que não seja irmão colaço do grande ritmo essencial de suas noites e de seus ventos. A paisagem repele o postiço, reclama uma forma nova de celebrá-la.

Para um escritor autêntico, mais de um leitor é exagero.

O dia é mal escrito.

Sonho que a ponte levadiça desce sobre o fosso. Atravesso-a e atinjo, finalmente, o castelo amarelo.

Na escuridão da noite, ele se deixava iluminar pela ambição como por um sol lúgubre.

As paixões honram a miséria do homem. Bem-aventurados os que pecam e se degradam, porque deles será o reino da Terra.

Mesmo que Deus não exista, o mundo tem um sentido.

A forma é o verdadeiro conteúdo da poesia.

Passeando pelo cais, rente aos navios, respirando um ar marinho que é uma luminosa antecipação de todos os climas, sou aquele que prometeu a si mesmo uma evasão impossível. O porto que desejo não está do outro lado do mundo, mas dentro de mim. Como poderia eu emigrar para mim mesmo?

Em cada migalha da realidade a vida esplende como um sol.

O poeta não deve crer nos anjos, mas nas palavras que os criam.

Uma fruta madura. Teu seio nu. O vento do mar. A beleza elíptica do mundo redime o dia maculado pela desordem.

O segredo de minha vida: estou onde não está a morte.

Tudo o que foi será. O que ocorreu se repetirá sempre. Eu mesmo me serei devolvido, como essa tábua dilacerada que o mar vomita na praia de onde partem os navios.

Esta observação de Proust: "On a tort de parler en amour de mauvais choix, puisque, dès qu'il y a un choix, il ne peut être que mauvais".

Os elogios fúnebres criam defuntos imaginários.

Sândalo salutífero e cheiroso

Neste verso de Camões (*Os Lusíadas,* canto X), já estão Góngora e Mallarmé.

A jovem e bela X., pertencente a uma das famílias mais poderosas da aristocracia monetária do Brasil, penetra, na viagem de lua-de-mel, no universo dos prazeres sexuais. Deslumbrada, pergunta ao marido se os pobres *também* gozam. Ante a resposta afirmativa, comenta:

— Isto deve ser muito bom para eles.

Quando sorri, ela me faz ver o seu rosto secreto — essa segunda fisionomia que trazemos em nós, e só é revelada quando somos promessa ou dádiva.

O espelho bebe a nudez da moça em flor.

A castidade da chuva — a pureza da água que vem do céu, doce e silenciosa como o sono.

Meu Deus, tende piedade dos que não partiram,
dos imóveis, dos burocratas, dos sedentários,
dos que ouvem sentados os apitos dos navios
e não levantam a cabeça na escuridão da noite
para ver as constelações velozes dos jatos,
dos que não guardaram na memória o desfile das
janelas iluminadas dos trens nas estações da infância
Meu Deus, tende piedade dos que não sonham com
os portalós dos navios e as escadas dos aviões,
dos que não regressaram porque não foram embora,
dos que não são acordados pelo cheiro de maresia
tende piedade de todos aqueles em cujos ombros a Viagem
não pousou como o pássaro de uma ilha,
porque, para eles, até a morte não será uma viagem
mas a imobilidade final na treva sem navios.

Dia sinistro, cheio de mentiras, máscaras, ilusões, ambigüidades. Cada palavra tem dois ou mais significados — ou, mallarmaico "aboli bibelot de inanité sonore", prescinde de significações. Cada mercadoria tem dois pesos e três medidas. Cada pessoa vista no ônibus, na rua, no guichê, no bar, tem duas faces; a externa a esconde como uma superfície de mármore ou cimento armado, não conduz à fisionomia profunda — ao rosto que, revelando a nossa verdadeira identidade, o nosso nome secreto, haverá de surgir no Dia do Juízo Final. Nos jornais, os comentários e notícias exibem sentidos duplos ou alusivos, abrem ao leitor um saldo de silêncio. Até as tragédias passionais ostentam o selo da ambigüidade. Os inocentes e sacrificados parecem perversos e culpados, e os carrascos portam a aura da

inocência. No corpo estirado do suicida, no olhar espantado da adúltera (que lembra um animal acuado), na cabeça baixa do bancário que deu um desfalque, onde estão os limites da inocência e da culpa?

Levamos a vida inteira girando em torno de uma única imagem, que nos nutre de suas inúmeras variações. Por mais que nos julguemos donos de incontáveis tesouros, na verdade só possuímos uma jazida. E por mais que pensemos estar em outras paragens, nunca nos afastamos de nosso lugar.

Somos imóveis: nós e o filão secreto que sustenta a nossa visão da vida.

Sonho que estou vivendo. Mesmo dormindo, persegue-me a nostalgia da vida.

O prazer é uma criação da forma.

A gaivota sobrevoa o farol — o dia torna-se metafórico.

O branco da página em que está o poema — praças e áreas verdes onde o leitor respira.

O visível, essa parte do invisível que nos é dado ver e tocar.

A plenitude é o primeiro sinal de decadência.

XL

PRECISO DE UM PSEUDÔNIMO

Habitualmente, dá-se o nome de vida literária àquela em que o escritor, saído de si mesmo, compactua com os confrades e freqüenta a corporação de seus amigos ou, no caso de não tê-los, a de seus inimigos. O tipo do escritor solitário ou invisível, que não figura nos locais consuetudinários de aparição, é louvado (ou escarnecido) pela circunstância de não praticar a "vida literária", havendo mesmo aqueles que, embora os corroa a nostalgia do suplemento, da porta de livraria ou da mesa de bar, sabem resistir a esses apelos e manter-se desaparecidos, o que os torna parcamente legendários.

Decerto, essas práticas dependem da psicologia própria de cada confrade, não devendo servir de pasto para desmerecer ou polir reputações. Todavia, não deixa de ser estranhável que a tradição cultural tenha dado a tais contatos permanentes ou eventuais o nome de vida literária.

A rigor, a vida literária é aquela que todo escritor exerce pelo simples fato de o ser, numa ilha, na mesa de trabalho, ou no desejado ou deplorado contato com os seus confrades. Vivendo entre letras, delas se utilizando para as suas composições, usuário de seu comércio, o escritor tem sua vida literária; e carrega e suporta essa cruz verbal.

Ainda não foram investigados os tabus da vida literária, as interdições vigentes nas corporações intelectuais. Mas, trans-

portado para a porta de livraria e a mesa de bar o critério científico de aferição dos tabus da linguagem, cedo se verificaria não serem raros, no ritual literário, os atos de obediência a certas fórmulas destinadas a conjurar o demônio e a respeitar o sagrado, numa postura ostensivamente mágica.

Com uma antífrase de incontestável teor conjuratório nomeia-se vida literária precisamente a que o escritor leva quando se evade de sua mesa de trabalho para espairecer, isto é, quando foge de seu demônio para as conversas inocentes ou ociosas. Um tabu qualquer impõe então se designe pelo seu antônimo o momento em que o escritor, demitido de si mesmo, usufrui as delícias de um domingo mental.

No mesmo plano tabuístico, é recomendável se julgue a atitude dos figurantes que se nomeiam escritores, nesse instante de convívio amável ou nos outros, quando vivem de esperar o primeiro. A etnolingüística nos fornece, a esse respeito, relações singulares, ao aludir ao comportamento dos negros Crus, da África Ocidental, que, nos contatos tribais, são chamados por pseudônimo. O apelo ao antropônimo é por eles considerado como uma forma de atrair o demônio que, identificando-os, não os deixará em paz. Só os parentes mais próximos têm o privilégio de chamá-los pelos nomes exatos; em relação ao resto da tribo, eles guardam sigilo, nesse particular, numa louvável precaução.

No bar e na livraria, e até nos suplementos, não são poucas as ocasiões em que o observador judicioso encontrará esses filhos espirituais dos negros Crus, que guardam para íntimos inabordáveis o segredo de sua exata denominação ou ofício mental, e se apresentam sob as espécies tabuísticas de pseudônimo, assim evitando os malefícios.

Outros selvagens, desta vez guaranis, ignoram os próprios nomes, já que seus pais morreram prematuramente e não lhes transmitiram o segredo. Os Jalofos, da Senegâmbia, não toleram que seus nomes sejam ditos em voz alta, e o tabu é explicável pela circunstância de o demônio ter bons ouvidos e, ciente dos antropônimos, valer-se disso para importuná-los à noite.

Rastejando o assunto, somos forçados a reconhecer que certas metáforas aparentemente criadas pelo senso estético têm origem tabuística.

Tal atitude criadora é idêntica aos sistemas verbais das sociedades primitivas: certas palavras ou um padrão facilmente inteligível de comunicação são tabus, reclamando portanto uma expressão figurada. Sulcando um rio metafórico, determinada linhagem intelectual e humana se compraz em sugerir o objeto sem citá-lo.

De Thibaut de Champagne aos nossos dias, o leitor mais familiar a certa área literária poderá observar esse fenômeno, que não terá nascido, porém, da tradição da poesia lírica e cortesã da Idade Média. Sua exacerbação, no século XIII, testemunha, evidentemente, a culminância de um lento processo criador.

A prática dos preciosos medievais se acentua, mais uma vez, com os simbolistas, inspirando um postulado mallarmeano. Contudo, quer como expressão de uma escola artística de cunho alexandrino, quer como uso de um livre atirador qualquer, esse comportamento lingüístico transcorre paralelo às manifestações tabuísticas dos agrupamentos primitivos, ao chamar as cadeiras de "comodidades de conversação" e os espelhos de "conselheiros das graças".

Assim, em sua atitude supercivilizada, no seu inaudito refinamento pessoal, a criatura dada a metáforas — e que faz das figurações, dos símbolos e das analogias sua rotina de denominação das coisas — está mais próxima do selvagem malaio-polinésio do que o pacato cidadão que chama as coisas pelos nomes que elas têm nos dicionários.

Uma em sua ilha da Polinésia e a outra em sua biblioteca da Alexandria ou no salão infestado de *high-brows*, ambas acreditam num demônio que se esconde atrás ou dentro da linguagem.

Entre a porta do apartamento e o elevador, no chão do corredor envidraçado onde todas as manhãs jaziam borboletas de cores florestais, que durante a noite haviam perdido o caminho da casa ou do acaso, Teseu do Carmo viu um louva-a-deus. Na

sua infância, aquela mancha verde, encontrada a qualquer hora, tinha outro nome. Chamava-se esperança, e era considerada uma espécie de embaixador pernalta de dias e acontecimentos afortunados. Louvor ou esperança, ambos ou tudo davam no mesmo. O melhor começar do dia estava ali: no chão mal encerado do cotidiano, país dos passos repetidos da vida, exibia-se o insólito, rico dos mudos serviços de gratuidade. Teseu do Carmo abaixou-se, apanhou-o. A presença da mão monumental do gigante desumano, que é, para todas as gafanhotarias do mundo, o bicho-homem, não o incomodou. Ele não se moveu do taco em que estava pousado, como um jato numa pista. Com a só idéia de tê-lo, guardá-lo e honrá-lo, Teseu do Carmo o agarrou meigamente pelas asas, com o polegar e o indicador. O bichinho debateu-se debilmente, não num gesto evasivo, mas no de quem se ajeita e se aprimora para ser melhor carregado sem qualquer dano à sua sensibilíssima fisiologia vegetalizada. Teseu do Carmo acabara de sair de casa. O nada das grandezas encontradas no curto caminho forçava-o a voltar como o pirata que, quase sem sair da enseada de refúgio, encontra a melhor presa.

De novo no apartamento, procurou, na escassa folhagem do canteiro da varanda, o lugar mais adequado para depositar seu novo amigo. Na mais abstrata de todas as folhas, colocou o louva-a-deus, que se limitou a um movimento quase imperceptível, como que para ratificar a sua presença em terra firme.

Um louva-a-deus. Na meninice de Teseu do Carmo, era algo da família das ilhas e dos domingos, um pressentimento de felicidades. Agora, frisava-se com o absurdo de tudo. Não era nada, a não ser si mesmo, o verde estar-no-mundo de um louva-a-deus. Teseu do Carmo ouvira, no dia anterior, um grande poeta — também colocado, como grandioso e sábio gafanhoto, no seu desprevenido e obscuro caminho — queixar-se de que, na sua Itália, por ele reduzida poeticamente a fulgurâncias e elipses, havia cada vez menos plantas, insetos e pássaros. E agora estava ali, vindo certamente do morro fronteiro onde verdecia espessamente uma das últimas florestas da cidade, um silen-

cioso e pernudo inseto. Na sua placidez, versava-lhe esse mundo que os homens mal conhecem e que, de tarifa, não são de sua boca mais que dano e importunação. Bom dia, louva-a-deus! Como dois alfinetes de um verde-claro rajante a amarelo-alaranjado, seus olhos não o olharam, e seus minúsculos ouvidos (todavia capazes de captar a música das galáxias) não o escutaram. Era o drama moderno da incomunicabilidade, a colheita dos frutos lampos dos desacertos e mal-entendidos. Mas mesmo assim, apesar da fabulosa diversidade dos figurantes, estabelecia-se algo entre ambos. Seria comunicação, frêmito, cumplicidade? Vindo de um universo musguento e resinoso, de bálsamos e bolores tutelares, o louva-a-deus publicava, na manhã, sua higiene e limpeza. Tudo nele era puro, noviço, impecável, como se de fato figurasse, na raiz de sua prosápia, a missão de fornecer esperança aos homens e louvar o deus que criou os insetos.

A perplexidade de Teseu do Carmo feria a superfície da fímbria de instante em que o louva-a-deus se engastava. Por que o trouxera? Para contemplá-lo, investir nele seu disponível capital de atenção. Subjacente em seu espírito, estava o temor de que uma das crianças do pavimento, descobrindo-o, o submetesse a brutidões e experimentos martirizadores. Para outras serventias instantâneas também o trouxera para o seu exíguo jardim suspenso. Sobre todas elas pairava, sol límpido e baixo, e desejoso de cegar em lágrimas de descoberta os seres iluminados, o propósito de, salvando o louva-a-deus de inevitáveis desfortunas, possibilitar-lhe a volta à casa — à sempre aérea casa onde ele deveria morar, bicho gráfico na página do espaço. O inseto, porém, sentia-se bem acomodado na folha meio côncava. Silencioso, sozinho, sumário, ele esperava, era uma esperança, um louvor, gratuito como uma prosa ou uma rosa. Vários instantes já se haviam fechado, outros vinham rasteando, e o louva-a-deus não ia embora. Usava a salvação e a liberdade para a permanência consociada à imobilidade. E a verdade é que Teseu do Carmo já se desabraçara do insólito, ensinado pela lição cândida do inseto. O dia mercante aguardava-o lá fora, com as suas sílabas e encargos, e seu largo linguarar. Contudo,

ele não se consentia em quebrar as regras da hospitalidade, constrangendo o louva-a-deus a voar. Naquele canteiro, ele teria, pelo tempo que quisesse, guarda e guarida, casa e comida. Mas, já que se estabelecera e se exaurira, tal um passe de médium, o intercâmbio entre homem e inseto — ambos da mesma louça ou farinha, criados pelo mesmo deus ou viventes da mesma absurda comunidade universal — por que aquele louva-a-deus não ia embora, encerrando o ciclo?

Possivelmente o inseto, que possuía a elegância singela e consentida dos músicos de orquestra (talvez porque a sua verde roupagem tivesse algo dos trajes a rigor usados compulsoriamente pelos pobres), já estava provocando a revulsão, em Teseu do Carmo, de uma zona magnética onde jaziam velhas e insolúveis nostalgias. Criatura industrial, domada pelos processamentos de dados e outros rituais das modernas magias desumanizadoras, Teseu do Carmo reconhecia a existência da dívida irresgatável. Em vão as libélulas lhe mostravam o caminho das árvores e das fontes, e o crisântemo fremia no vaso à sua apressada passagem, e o chão fuliginoso se juncava de cogumelos... Uma sebe invisível de palavras separava homem e natureza. Onde os dois tirantes de uma gramática divina para uni-los, como uniam, em estado de palavra, o louva-a-deus?

Como um saltimbanco que sabe para onde vai e por onde pisa, por mais que caminho e pisada sejam precárias epígrafes do acaso, o louva-a-deus saltou e, abrindo as asas e movendo as antenas, apropriou-se da manhã. E, voando, deu bom-dia ao universo.

Por cima do muro
a palavra púrpura
olha encabulada
o poeta impuro.

Minha história é a da minha linguagem. Minhas penas de amor se escondem entre as aliterações dos meus versos.

Poesia de minha adolescência: nos quartos invadidos pela maresia, as putas de minha terra cheiravam a jasmim.

Na vitrina da confeitaria, vejo o dia cristalizado.

Como esplende a rosa
entre o verso e a prosa!

Invenção de Orfeu, de Jorge de Lima: uma imensa enumeração caótica.

Poetas visuais (do olhar ou imagem), que fazem das palavras uma visão ou um objeto; e poetas musicais (ou do ouvido), que fazem das palavras uma melodia ou uma sensação.

Quero ser o poeta de um olhar que ouve e de um ouvido que vê.

Esta advertência da velha sabedoria chinesa: "Desconfie das religiões".

A glória anônima de estar vivo coloca-se acima de todas as outras. O importante é que estejas vivo. Ou melhor, que vivas vivo, numa insistente abolição da morte.

O mal-entendido literário começa nos balcões das livrarias, que apresentam como *novidades* certos objetos gráficos que nem sequer chegaram a ser *escritos* e, destinados ao consumo vasto e igualitário, compõem uma literatura digestiva, eliminada pelo leitor mais ocioso ou desatento.

O livro como um gênero perecível ou um produto industrial não-durável — eis uma das mais sinistras invenções da civilização do lixo em que vivemos, e na qual quase tudo termina nos cemitérios de sucata e nos caminhões da limpeza urbana.

O cortês é o rascunho do cortesão.

Notas de jornal, entrevistas, fotos, críticas, reportagens, toda a fanfarra do dia. Um repórter anuncia que estou plantando tomates. Outro diz que gasto dias ouvindo Vivaldi e Scarlatti. Para uns, sou muito amigo de estar só e não estimo o comércio humano; para outros, meu lugar é na rua e nos cortejos da vida. Fulano aponta-me numa cena de jardinagem, cuidando de camélias e roseiras. Beltrano assegura ter-me visto junto ao mar, procurando esses pedaços de madeira que são restos e emblemas de navios perdidos. Confrades deslinguados afirmam ter eu mais apreço pelos cães do que pelos homens, o que é, evidentemente, um exagero.

Que se calem as vozes perfidiosas das portas de livraria e bodegas literárias. Que todos esses maços de recortes apodreçam; e venha o dia em que, seqüestrado desses rumores insensatos, eu seja só texto — uma superfície coberta de signos ou sinais semafóricos.

Todo poeta precisa de um mito ou de um elenco mitológico para cantar. Mas ele já deve trazer esse mito consigo, entranhado em si mesmo como uma verdade prévia ou anterior ao seu canto. E, muitas vezes, esse mito está tão aderido à sua poesia que ele próprio não o percebe.

O meu leitor não é o que me lê. É o que me relê (caso exista). Um autor lido unicamente uma vez não tem leitores, por mais retumbante que seja o seu sucesso.

Sonho ou realidade? Acordo no meio da noite e, no escuro, vou ao banheiro. Ao voltar ao quarto, resolvo acender a luz, para ver as horas no relógio sobre a penteadeira. Mas, no momento em que alcanço o comutador, sinto uma mão fria sobre a minha. Sei que é a mão da morte, o que não me causa espanto ou medo. Sei também que ela me toca não para vir buscar-me, mas apenas para dizer que existe.

Encontro na rua X., que, com a sua pequena estatura, quase de anão, me inspirou a figura física de Hortêncio, do *Ninho de Cobras*. Enquanto conversamos, divirto-me em considerar que ele jamais haverá de ler o meu romance; e, se chegasse a lê-lo, nunca haveria de reconhecer-se na minha personagem, inclusive porque me servi apenas de sua aparência e dos suspensórios e roupas de linho branco que tanto aprecia.

De novo sozinho, reflito sobre a minha tendência — que é, de resto, a de todos os escritores e poetas — para apropriar-me do que me rodeia. Os que me cercam ignoram como me são úteis. Sou de tal modo utilitário, em minhas relações com o mundo ou os outros, que não sei se vivo por viver, como uma fruição gratuita e desinteressada, ou se todo o meu viver se destina apenas a captar o que vejo, ouço e sinto, e a transplantá-lo para a minha obra. Passo por um restaurante, e desde já sei que o cheiro nauseabundo que vem de sua cozinha haverá de pousar-se, igualmente fétido, num dos meus textos. A velha prostituta que vi ontem e que, embora desdentada, se oferecia aos passantes (embora nada mais tivesse para oferecer!) fustiga a minha imaginação. É como se eu tivesse guardado na memória o postal de uma calçada do inferno. O vento desatinado que hoje sopra sobre a cidade também quer ser lembrado. Sinto-me uma espécie de secretário do mundo. Meu ofício é registrar as ocorrências da vida: a sucessão de rostos e rumores, de pessoas e paisagens.

A solidão do Demônio: o inferno está vazio.

Quando chegamos a uma certa idade, já não acreditamos na vanguarda alheia. Para nós, vanguarda foi o que fizemos aos vinte anos, e se tornou clássico (pelo menos aos nossos olhos).

Sou o que a linguagem me deixa ser.

Vivemos duas vidas (ou inúmeras): uma vida visível e ostensiva, e outra secreta e invisível. Esta vida poética me salvará. Dentro dela me sinto protegido.

A fealdade do mundo reflete-se nos poemas.

De Mme. de Sévigné, numa de suas cartas: "Ce sont les petites pluies répétées qui gâtent bien les chemins".

Um pouco de insolência não é condenável nesse bosque (ou selva) em que transcorre a vida literária. Entre os arbustos, quantos passantes é preciso afastar com um gesto desabusado ou uma palavra cortante; ou quantas feras devem ser mantidas à distância, por medida de precaução ou imperativo de sobrevivência!

De tudo quanto sonhei, esta noite, só me restou ao acordar a palavra *artemísia*, com o seu verde sortilégio.

Numa roda literária, X., autor de romances que são *best-sellers*, empalidece quando alguém lembra a perfeição de Cornélio Penna, cujos leitores se contam pelos dedos.

A glória distingue-se do sucesso e o incomoda.

Era um velho livreiro aposentado. De há muito deixara de vender livros: limitava-se a olhá-los, todas as manhãs, quando aparecia obrigatoriamente na livraria freqüentada por Teseu do Carmo.

Alto, magro, vestido de casimira escura mesmo nos dias que pediam roupas mais leves, ele chegava com o ar descansado dos ociosos, que não sabem o que fazer da imensidão do dia, e vão deixando que as horas passem, marasmadas — ou melhor, que as horas os passem, a eles que o rigor da idade escorraçou do lugar onde teriam desejado morrer, enfrentam encabulados o dia sem faina e, por cálculo, pisam vagarosos a terra baldia do tempo. Assim era o velho livreiro. Vinha, sentava-se na cadeira eternamente vazia da loja de livros, pois os outros freqüentadores, inculcando pressa, ficavam sempre em pé.

Antes de sentar-se, dava uma espiada no balcão onde se exibiam os livros novos. Mas era um olhar amortiçado, sem eiva

nem leiva de adentrada curiosidade, e que a nostalgia nublava. O cheiro às vezes capitoso do volume que ainda retinha em sua costura o negro orvalho do prelo lembrava-lhe essa hora irreversível e longínqua em que editar um livro era coisa de aventura, transcorrida costumariamente num fundo de loja. Era, longemente, um tempo defunto, deixado de ser tempo e já tornado livro. O velho livreiro mirava, forasteiro, o volume de hoje, vistoso e deteriorável parto de uma estupenda indústria. E recordava-se da edição de ontem, de seus livros, que o tinham conduzido, a ele, ousado e amoroso editor de antanho, ao desapontamento de uma falência. Depois, procurava a cadeira vazia, sentava-se. O dono da livraria, que ele conhecera quase menino, nos tempos caixeirais, e por um triz não fora seu empregado na manhã em que descera do subúrbio e percorrera a rua da Assembléia atrás de um ganha-pão, convertia-lhe em notícias as miudagens do dia. Doseava-lhe obras, autores, políticas, tecendo e destecendo o entrapilhado proseio das horas. E o velho livreiro se inteirava de tudo: de quem atalaiava a glória literária, do prêmio de duzentos mil cruzeiros ao poeta inédito, da piscina que o editor X., marejado de prosperidade, mandara construir em sua casa de campo, de todas as espantosas felicidades de hoje, quando um biombo de maquiladas secretárias separa o editor de seus editados.

Ao rés de tantas evidências, o velho livreiro se recordava de seus antigos fortúnios e infortúnios. Agora, outros galos cantavam naquela freguesia de papel! A mocinha não comprava mais Delly, que ele gentilmente popularizara. Tudo eram licenças, cruezas, especializações. Desfilavam ante seus olhos os mais singulares naipes de leitor — o que quer aprender a dançar através dos compêndios, o que deseja saber amar recorrendo à letra de fôrma e não à redonda letra da vida, o aficionado de jazz e bridge, o consumidor inconsciente que procura nos textos o inventário do fundo mar. Para aprender, desaprender, viajar, ficar, evadir-se, militar, para o devaneio e a lucidez, para tudo e para nada, havia leitores, de todas as louças, desde os mais descuidados e erradios. E o velho livreiro os observava, a esses joviais retardatários que não ti-

nham passado pela sua esvaída loja de livros, lá no fim da rua, lá no fim do tempo, lá no começo da vida.

Uma hora depois, levantava-se e partia lá para casa. Mas, para Teseu do Carmo e outros que com ele trocavam alguns dedos de prosa (e por que não, também, alguns diáfanos dedos de poesia?), era como se ele se diluísse, fantomaticamente, no dobrar da esquina, e só na manhã seguinte voltasse de novo a ganhar corpo e alma, na rotineira peregrinação. A rua, o bonde, a imaginária janela suburbana, não bem-casavam com o seu halo de livreiro que a idade afastara dos balcões dos livros, e só como visitante poderia agora freqüentar a antiga atmosfera de vocação e fé de ofício. "Até amanhã!", dizia ele, ao sair. E era como se o dissesse também a si mesmo.

"Até amanhã", disse ele. Mas a morte, essa incorrigível antropófaga, não lhe permitiu voltar na manhã seguinte. E, no meio-dia quente, em que a luminosa alegria da vida vinha roçar os muros do cemitério, os amigos levaram-no para enterrar. Dentro do seu caixão, ele ia de casimira escura, como sempre, e não sentia calor lá, viajante sem matalotagem. E haveria de contentá-lo, em seu vai-mas-não-volta, a perspectiva de que o paraíso que o esperava era digno de um livreiro. Que o processo de seu julgamento lá nos altos começava com a abertura, por um anjo, do Livro anterior a todos os livros. (Quando menino, aprendera que Deus usava um livro, e nele anotava todos os atos dos mortais. No fundo de si mesmo, fora construindo a imagem de um Deus editor. E agora ia ao seu encontro: ele, o falido livreiro terrestre.)

Teseu do Carmo não foi ao enterro. Sepultou-o no seu cemitério particular, sentiu-se cada vez mais juncado de mortos. Dias depois ouviu, numa livraria, uma voz altear-se. "O velho..." E de novo recordou-se do livreiro exilado, na visita matinal, quase de intruso. E, no mais dentro de seu coração, ele sabia. Menino, vira um livro, como outras crianças vêem o mar, a arraia, o navio, o trem, o elefante do circo. E essa visão de infância lhe bastara para a vida inteira.

Os místicos virgulam mal. A pontuação é uma habilidade terrestre.

Confidência de Z., a quem fora, afinal, confiada a limpeza dos w.c. de um grande hotel. "Há anos eu sonhava com esse lugar".

Teoria do processo: todos são culpados, principalmente os inocentes.

Quase aos cinqüenta anos, A., criatura pacata, revela de repente um interesse apaixonante por problemas econômicos e de política externa, discute marxismo e planejamento, defende reformas de base. Ocorre a morte de sua mulher. Vou à capela funerária. No momento do abraço, A., o rosto lavado em lágrimas, sussurra-me, entre soluços: "Ela era muito autêntica".

O relógio parou. Meio-dia? Meia-noite? No mais cronométrico dos objetos, o tempo é uma ficção, uma ambigüidade.

Baile de máscaras. Quando todos resolveram tirar as máscaras, verificaram, com espanto, que os seus rostos haviam desaparecido.

Tudo é símbolo. O próprio símbolo é o símbolo de um símbolo.

Na fila do elevador, vejo D. sorrir. À noite, um amigo telefona-me: D. se suicidara, jogando-se do 15º andar do edifício. Fico intrigado — se D. pretendia matar-se, por que aquele sorriso?

Só à noite ela era realmente bela. O dia a despojava de sua beleza.

A impaciência do cavalo que relincha e bate os cascos. A impaciência dos amantes que, num quarto, avançam desordenadamente para o amor. Eis dois espetáculos que me seduzem.

Um bule. Uma maçã. Um vaso de flores. Os olhos de um cão. O exercício espiritual da visão é indispensável aos poetas, que só aprendem a ver desde que saibam fixar-se nas coisas mais banais e cotidianas.

Saber ver é um dever poético. E a vida exige muito olho para ser realmente vista.

A palavra formosura: a beleza nasce da forma.

Depois de ter lido todos os suplementos literários e não se ver citado em nenhum, B. chega, peremptoriamente, a uma conclusão: como decorrência da era tecnológica, os suplementos literários estão todos decadentes.

F. sonha que está caminhando pelas ruas de sua cidade natal, que deixou ainda adolescente, e aonde jamais voltou. É de manhã. Em cada esquina, há uma forca iluminada pelo sol e uma corda não usada antes pende de cada uma delas. As ruas estão desertas mas, ao dobrar uma esquina, F. encontra afinal o carrasco. Olha-o, atemorizado, e logo se tranqüiliza. O carrasco tem o seu rosto, é ele mesmo. Um sentimento de alívio o invade: está salvo.

Não sou *também* prosador. Exatamente porque sou poeta é que sou prosador. Sem a minha poesia, a minha prosa não existiria.

Sou o que os outros me deixam ser.

XLI

MEU NOME É NINGUÉM

Atravessando, naquela manhã de sábado, o turbilhão de Copacabana, com os olhos fixados no espetáculo de uma gente sem conta que, em aformigado vaivém, se comprimia diante dos balcões das lojas e dos caixotes dos camelôs, Teseu do Carmo avistou um dos seus mais eminentes confrades. Encostado à porta de uma galeria, cercava-o um halo de expectativa. Nas comissuras dos lábios, alguns indisfarçáveis farelos de pão traíam o lanche recente e ligeiro, decerto regado a refrigerante.

Teseu do Carmo não esperava encontrá-lo ali, e num trajo esportivo que descondizia com a sua semanal austeridade burocrática — usando desajeitadamente o suéter cor-de-cereja, o ilustre cidadão da República das Letras queria apenas manifestar aos familiares a satisfação proporcionada por algum presente de aniversário. Mas que motivo o trouxera até ali, afastando-o do gabinete de trabalho em que ele costumava castigar o estilo como certos domadores martirizam, nos circos, os animais indóceis ou relapsos?

A multidão passava, supermercante, carregando comidas enlatadas e cestas de plástico, gorjeando o murmúrio interminável do dia, talvez escondendo na pressa e nas padronizadas roupas estonteantes todo o desgosto da vida e do momento. Pois convém não esquecer que cada criatura, na vida, imita a arte, é apenas uma personagem sonegada a um romance, um tipo que

se esqueceu de registrar-se nos cartórios da ficção. O indivíduo que, em plena rua, segura e conta o dinheiro com as suas mãos ávidas que mais parecem garras não passará decerto de um rebento adulterino da linhagem dos Goriot. Nas pupilas iluminadas do kibonzeiro que se detém à porta de plexiglass da agência bancária, e contempla os seus guichês cerrados como uma criança diante de um aquário, como não reconhecer que se trata de uma versão moderna do nosso caro Cesar Biroteau? E a mulherzinha saída do salão de beleza, que transformou a sua cabeça num fulvo bolo-de-noiva, e cujas sandálias douradas exibem "os pés iguais às mãos" (como os cantou, certa vez, o poeta Schmidt), é, sem tirar nem pôr, a machadiana Sofia dos pobres... e só o futuro dirá se ela foi tão impassível como a sua belíssima irmã que não se atreveu a vingar a fronteira do amor culpado.

No desfile babilônico, os tipos emergiam na maré anônima, e bastava uma maneira de olhar ou de andar, um sorrir ou um silenciar, para permitir a assombrosa identificação. Naquele galalau que comprava cigarros ocultava-se o lobo-da-estepe das grandes cidades, o hessiano irmão de Harry Haller. E Teseu do Carmo estremecia, era como se estivesse não numa avenida movimentada, mas em seu próprio gabinete. Na calçada rumorosa, ele vinha encontrar Dickens, Dostoievski, Gogol. Mal a mauriaquiana Thérèse Desqueyroux se alongava de sua vista (e ele sabia, por uma certeza profissional, que o pequeno embrulho guardado em sua bolsa era o veneno destinado ao marido...), surgia-lhe, escondendo atrás dos óculos italianos os seus olhos de adultério, a sempre misteriosa Capitu. E não só as criaturas, com os seus exemplos e moralidades, desfilavam ao sol da manhã. Também os odores timbravam em despertar reminiscências literárias. O cheiro de iodofórmio, batatas fritas e medo, que Rainer Maria Rilke sentia ao atravessar as fachadas dos hospitais da rua Val-de-Grâce, em Paris, requeria, na hora, sua admissão na planta arbitrária. E isto só porque, de um boteco próximo, vinha um fumacear de batatas fritas que iriam acompanhar um chope bem tirado.

Tal descalabro de personagens de tinta fresca não impedia Teseu do Carmo de seguir os movimentos de impaciência do beletrista que, como ele, estava a salvo dos cotejos literários e ficcionais. Que fazia Fulano ali? Talvez observasse também a passagem da turbamulta para depois produzir uma página. Lembrava-se do anatoleano personagem de Proust que, de olho ferrado nos seres que se agitavam nos faustosos salões da metafrívola, dizia: "J'observe". Mas havia algo de errado ou simplório naquela suposição. De há muito se esgotara a época do naturalismo esfaimado que só se satisfazia com as colheitas ao vivo. Os atuais figurinos literários dispensam essa caça jornalística da realidade, e preferem a dádiva da vivência distanciada dos flagrantes crus. No seu gabinete, o afamado Sicrano estaria em melhores condições de narrar e viver a avenida Nossa Senhora de Copacabana do que dentro dela, catando os farelos do dia.

De um carro, que estacionou bruscamente frente à galeria, foram jogados na calçada alguns pacotes, que o dono da banca de jornais e revistas se apressou a recolher. Mistério explicado: Beltrano estava apenas à espera de um jornal. E um pouco de longe e um pouco de perto, Teseu do Carmo o foi acompanhando. Tendo certeiramente encontrado o que esperava e procurava — seu artigo no suplemento da gazeta — lá se ia ele, caminhando no meio da multidão como esses aviões que, sem visibilidade, voam por instrumentos. Indiferente a tudo, a todos, lia as suas letras. Uma imagem campestre e pecuária salteou Teseu do Carmo: a das vacas que lambem as crias. Sim, Fulano lambia a sua cria imaginária. A celebridade, a calvície e as reedições não lhe tinham adulterado o prazer matinal de ir esperar a si mesmo nas bancas de jornais. E era esse admirável si mesmo que ele levava para casa, como se fruto e bandeja fossem uma só coisa.

Seu púbis lembrava a primavera.

Minha posteridade começa e termina em mim.

A poesia sinistra de um ponto de estacionamento privativo: "Reservado a um carro funerário".

A polêmica é o cemitério dos frenéticos.

As paisagens também sonham.

Afastem-se das hélices — esta advertência dos navios ancorados, eu a escolheria para divisa de meu brasão literário.

Quem não atinge a perfeição, nada atinge.

O poeta deve ser visionário e artífice. A sua visão depende do seu artifício.

Sobre o heliporto
o astro absorto
do teu dia morto.

A alma das cidades está mais nas tabuletas das lojas e nas inscrições dos cemitérios do que nas estatísticas.

Todas as manhãs, o romancista senta-se à mesa e, através da memória, começa a limpar a sua cidade natal, recolhe as sujeiras e imundícies das casas e joga essas matérias putrecíveis e inconfessáveis no livro que está escrevendo.

Romancista, lixeiro de Deus.

A folha cor-de-vinho, caída no banco da praça, convencia o poeta da existência do outono.

X., romancista famoso, e cujos livros tinham o dom de agradar a todos, sente-se só e abandonado no leito de morte. As massas consumiam suas sucessivas edições, mas ocorre que elas não podem comparecer, compactas, diante de um moribundo, onde só há lugar para *um* visitante.

Infelizmente, em sua ruidosa existência literária, X. não conseguiu conquistar esse leitor particular e isolado, anônimo embaixador da Leitura. Agora, embora saiba de antemão que a notícia de sua morte sairá na primeira página dos jornais e na tevê, sente certa amargura: a de não ter recebido, naquele momento, a única visita que teria saciado a sua vaidade e lhe teria significado a garantia da perduração.

Meu nome é ninguém. Caminhando sozinho neste anoitecer na grande cidade, sou a formiga rumo ao formigueiro ou a rês impelida para o abatedouro? De qualquer forma, o sentimento de partilhar o anonimato de minha espécie me segue sem me desapontar. Continuarei caminhando, rumo à grande noite que me dissolverá.

A vaidade literária de Guimarães Rosa tinha algo de infantil. Costumava dizer-me: "Eu gostaria de que você tivesse por mim a admiração que tem pelo José Lins do Rego". Em almoços na Livraria José Olympio, insinuava: "Desconfio que qualquer dia o Lêdo escreve um ensaio a meu respeito". (Em sua fortuna crítica ele arrola um artigo meu, no qual é citado de raspão.)

Fazia-me elogios enormes. Hiperbólico, achava que a inteligência era a minha qualidade mestra. "Você podia montar uma loja e pôr um cartaz na entrada: *Vende-se inteligência*". Assegurava invejar, de todo o coração, um verso meu ("a muda matilha das águas", de *Um Brasileiro em Paris*). Juncava *Um Ladrão de Flor* de louvores desmedidos. Não acreditava — ou fingia não acreditar — que esse livro reunia artigos de jornal, escritos ao correr da máquina, quase sempre na redação. Presumia que eu passava dias inteiros castigando o estilo. E garantia que o meu conto "Use a Passagem Subterrânea" figurava na sua relação pessoal de "obras belas".

Algum tempo antes de morrer, Guimarães Rosa me telefonou. Tinha uma idéia formidável para uma de minhas reportagens literárias. Considerava que a pessoa real não existe — o que existe são as versões dessa pessoa pelos seus íntimos. Assim,

sugeria que eu fizesse uma grande reportagem sobre Guimarães Rosa, baseada em depoimentos de amigos seus, cujos nomes invocou então.

Esse cerco ao sonhado ensaio ou reportagem era um estorvilho a um comércio intelectual que muito me aprazia, e no qual ele falava de suas leituras e curiosidades. Confessava-me, por exemplo, sua grande admiração pelo romance *O Louco do Cati,* de Dionélio Machado, e pelo conto "Curiango", de Afonso Schmidt. Dizia do seu desapreço por nomes considerados de primeira água. Da janela do escritório da Livraria José Olympio (então na Praça 15), chamava a minha atenção para um róseo pôr-do-sol que eu já tinha descoberto, e estava guardando só para mim.

Os sonhos não têm forma, são só conteúdo.

A poesia é um sonho dotado de forma. Ou melhor, um sonho que as palavras convertem em forma.

Semi-acordado, semidormindo, na frágil plataforma de um sonho erodido, desconfio da realidade que se acumula diante de mim: uma areia movediça prestes a engolir-me.

A noite é bela
como um cogumelo.

O mundo é o pesadelo de Deus.

XLII

OS EMBLEMAS DO MAR

O cheiro de açúcar entrou-me pelas narinas, juntamente com o do mar perto, que os negros trapiches fincados sobre as águas escondiam.

Na manhã de domingo, tínhamos vindo marchando desde o Grupo Escolar D. Pedro II, na Praça Deodoro, até aquela rua quase tortuosa, calçada de paralelepípedos disformes. No ar, pairava um rumor festivo e aguerrido, e as fardas azuis e brancas da garotada das escolas públicas misturava-se aos uniformes amarelos dos soldados. Na praça, junto à ponte de desembarque, onde havia um coreto, estavam as tropas do 20º Batalhão de Caçadores (o chamado 20 BC) que iam combater na revolução de São Paulo.

Aquele ritual bélico pouco me interessava. Só um momento a minha atenção convergiu para ele. Foi quando uma moça, talvez professora, se aproximou de um tenente montado a cavalo e, em sinal de despedida, lhe ofereceu um buquê de rosas. Ou porque o fato me impressionasse pessoalmente, ou porque alguns comentários em torno me levassem a atentar para a singularidade do gesto, ainda hoje visualizo a cena, e vejo o tenente, no seu cavalo castanho, inclinando-se para receber a úmida dádiva matinal.

Era no tempo da revolução de 32. Menino de oito anos, com os pés cansados de tanto andar sobre os calçamentos ásperos

ou entre os trilhos dos bondes, tinha uma idéia confusa das guerras e revoluções e de outros desentendimentos humanos. Mas aquela parada se inculcara um acontecimento de alto porte para a minha vida. O mar que eu sempre via longe, quando o bonde dobrava a curva do farol, o mar que era a porta prometida do universo estava agora ali em Jaraguá, bem perto de mim. Gaivotas voavam sobre as espingardas e os quépis dos soldados. De vez em quando o mar estrondava e, chapinhante, vinha estirar-se entre os grossos caibros que sustentavam, palafiticamente, os trapiches onde estavam armazenados, à espera dos cargueiros, gordos e gosmentos sacos de açúcar.

As fachadas dos sobrados que abrigavam as escuras contabilidades dos homens eram sujas e enegrecidas, com a pintura das janelas descascada pela maresia e grandes chuvas que choviam. Desde que eu penetrara naquela rua que mutilara a minha visão do mar, ia recolhendo todos os emblemas do pequeno mundo alfandegário onde, nos dias úteis, criaturas trabalhavam em função das estivas e dos dinheiros do oceano. Talvez porque fosse um domingo diferente de todos os outros — um domingo em que o alagoano ia à guerra — havia um ou outro armazém aberto com pessoas atrás dos balcões, movendo-se entre réstias de cebolas e fardos de algodão, conversando e observando o desfile. Eu lia as tabuletas das casas: The Western Telegraph, Lloyd Brasileiro, agências de nomes ingleses, companhias de seguro, numerosas formas de cal no ar de sal. E, dominando o ambiente, não apenas com o seu cheiro inconfundível mas até como se fosse cor, luz, espessura, pairava um aroma que somava açúcar, vento, peixe e maresia.

Nos azulejos de um sobrado de desbotada platibanda que mesmo ao sol e à bulha não se libertara de sinistro ar de desolação, na carroça encostada a uma esquina, nas palmas de um ajuntamento que aplaudia as tropas, nas moscas que zumbiam atraídas pelo mel dos balofos sacos amontoados, nas alvarengas abandonadas na areia da praia, nos olhos tumefactos do mendigo que exibia ao sol a sua elefantíase monumental — em todos os elementos do panorama o oceano próximo colava um transparente selo azul.

Era a hora de cantar o hino da terra natal. A diretora da escola, dona Elisabete, e as professoras — dona Júlia, dona Carmelita Jucá, dona Ermelinda Fazio — iam de grupo em grupo de alunos, faziam recomendações. Abrimos todos a boca:

Alagoas
estrela radiosa,
que refulge
ao sorrir das manhãs,
da República
és filha donosa,
maga estrela
entre estrelas irmãs.

Nenhum de nós sabia o que fosse "filha donosa", e alguns, à guisa de correção, cantavam "magra estrela". Infiltrando-se no hino que a multiplicidade das vozes desafinava, o mar fremia.

E era para as ondas do mar que os meus olhos se voltavam. Jamais eu me aproximara tanto dele; não embargante, ainda estava longe, minhas mãos não tinham ainda mergulhado em suas águas, meus pés ignoravam a sua carícia. Os soldados estavam embarcando, no ar pesavam fanfarras e exclamações aguerridas de enrouquecidas gargantas paisanas, mãos femininas batiam palmas.

Mas os meus ouvidos tinham, em poucos instantes, aprendido a separar o quase imperceptível ruído do mar de todos esses levianos barulhos terrestres — como, numa festa, distinguimos o fino rumor dos cristais e a vibração dos lustres. Era o mar que eu queria; o mar que, naquela manhã de domingo, deixava cair em mim, salgada gota de orvalho, a semente da partida e da travessia; o mar numeroso e todavia sincopal que inscrevia no escudo invisível de minha vida o emblema da viagem e da aventura.

Pássaros marinhos gritavam, como se quisessem, guturais, imitar as belicosas arengas humanas. Um dos navios ancorados na enseada soltou longo apito semelhante a um mugido. Na multidão, mulheres de olhos avermelhados agitavam lenços brancos; outras, em lágrimas, publicavam a sua dor.

Eu não podia compreender a razão daquele choro, se nenhuma tinta funesta enegrecia o sucesso festivo, e tudo era um gorgolejante rumor de hinos, dobradas militares e aclamações entusiásticas. De qualquer modo, aquele sofrimento espalhafatoso incomodava-me; desde criança tenho horror aos frenéticos e passionais, e prefiro as dores secas sem lágrimas. Além disso, gostaria de saber se os impacientes cavalos dos oficiais (alguns tinham vergonhosamente sujado a rua e a praça) também embarcariam. Mas a quem fazer tal pergunta? Quando a parada terminasse, recorreria a meu pai que estava ali por perto, conversando com *seu* Ferreira ou *seu* Caparica, seus colegas do armazém Lima & Silva.

Creio que a parada se dissolveu após o embarque dos soldados que, em botes, partiram para o navio, pois voltamos de bonde. O mar, antes curvo como um leque aberto, foi ficando subitamente longe. Ajoelhei-me no banco e fiquei a contemplá-lo até que ele, depois de elevar-se diante de meus olhos como os luminosos degraus de uma escadaria azul, se sumiu no ar da manhã.

XLIII

QUE O LEITOR DÊ O PRIMEIRO PASSO

Há uma diferença nítida entre o poder verbal e a verbosidade. O primeiro honra a linguagem; o segundo a ofende.

Em literatura, nada mais ridículo do que o estilo pomposo. Nele, as palavras aparecem mortas. São as pompas fúnebres da linguagem.

A clareza das flores num vaso. A clareza do vinho num copo. Estes exemplos de exatidão e limpidez me ensinam mais do que as gramáticas e manuais de estilo.

Embora considerado um estilista, e louvado pelos seus contemporâneos mais atentos ou sensíveis ao encanto exato da sua prosa, Teseu do Carmo jamais lera uma gramática. Menino, já descobrira que os gramáticos escrevem mal.

As palavras dançam. A prosa é um balé do intelecto.

As chamadas influências ajudam o artista a fixar a sua originalidade íntima. São, na verdade, afinidades eletivas, descobertas de uma genealogia espiritual. Só nos influencia aquilo que já está em nós mesmos.

No amor, como na linguagem, é indispensável certa dose de secura.

A cópula é uma escrita. Quem escreve mal, geralmente copula mal. O prazer sexual também é um problema de estilo. Há quem, na cama, se exprima em caçanje.

No fundo, a vida literária é uma representação, e os autores não passam de atores, sempre necessitados de aplausos e de palavras de confirmação. E exatamente porque somos atores, disputamos ou representamos papéis pelos quais temos, no íntimo, indiferença ou mesmo desprezo.

A felicidade dos jovens é que eles ignoram que, após a juventude, vem a velhice.

Certos autores têm um estilo azedo como o dos vinhos deteriorados.

Os memorialistas esforçam-se, habitualmente, em testemunhar o perecível. Contudo, o importante é fixar o durável e sucessivo, e produzir não uma cronologia de fatos e figuras, mas uma biografia da inteligência.

Primeira regra do romancista: não ter medo do romanesco. Beber no inverossímil, fonte da realidade. A rotina é a máscara da aventura.

Nada me envaidece mais — e contudo nada me parece mais justo — do que as mais recentes observações críticas a respeito (Álvaro Lins, Wilson Martins, Franklin de Oliveira) de que, na minha geração, não sou a figura típica ou representativa, e sim o transgressor.

Apesar dos equívocos críticos e das vozes de gazeta literária que procuram envolver-me em compromissos abusivos, e que colidem com o timbre de solidão e independência de minha obra, sempre me considerei um escritor transgeracional — inclusive porque desde minhas primeiras tentativas em prosa e verso me guiou a ambição de durabilidade.

Há escritores que saciam a fome de leitura de determinada geração, que neles se reconhece, e através deles vai envelhecendo e sumindo no tempo. Não é o meu caso. Reconheço refletir parcamente o clima da época, o mutável espírito do tempo. É a minha singularidade humana e artística, são os meus dramas pessoais e estéticos, é uma realidade íntima convertida em longa metáfora — os elementos que exploro, e através dos quais me projeto e afirmo.

Talvez eu pertença, artisticamente, à linhagem dos egoístas, daqueles que resistem em dar-se ao leitor — e quantos, da linhagem contrária, chegam a oferecer-se impudicamente, numa prostituição deslumbrante! Realmente, prefiro que o leitor dê o primeiro passo em minha direção. Estimo que ele me reconheça antes que eu lhe estenda a mão.

O petrel, ave das tempestades.
Mas quem diz que ele anuncia as procelas?
Durante semanas, uma nuvem de petréis segue o meu navio
e disputa os restos de comida que lançamos no mar.

No sonho, aparece, finalmente, a PALAVRA que Teseu do Carmo andara buscando a vida inteira. É uma flor, é um sol — e esplende. Teseu acorda e verifica, decepcionado, que viu a palavra mas não conseguiu colhê-la para a vida real.

As flores autênticas estão sempre no outro lado do jardim.

Rascunho do epitáfio de Teseu do Carmo:

Simples mal-entendido entre dois nadas
foi minha vida. Que borracha o apaga?

Somos todos subterrâneos. Dentro e fora de nós, tudo é labirinto e profundeza.

Sejamos invisíveis.

A ambição, esse passatempo funesto criado pelo tédio de existir.

F. sonha que está sendo decapitado e olha impaciente a guilhotina que, no alto, brilha como um grande sol redentor.

No Jardim Botânico. As alamedas, úmidas, escuras e profundas, despertam no passante a lembrança confusa de seus dias pré-natais.

A quase totalidade das criaturas humanas — especialmente aquelas bem assentadas em seus hábitos, posições e vantagens que as põem a salvo de certos riscos ou amarguras — experimenta a vida inteira a nostalgia da clandestinidade. E, no segredo de suas existências rotineiras e bem comportadas, criam um universo de evasão, em que se realizam pelo devaneio.

No silêncio dos seres, os papéis da vida se invertem: o sonho do carrasco é ser o condenado à morte, e a dama aparentemente virtuosa inveja a pequena prostituta que à noite vaga pelas ruas.

Certas mulheres cheiram a crustáceos, como se guardassem resquícios de sua condição mitológica de ninfas e nereidas.

O sinistro oportunismo dos velhos: o poeta Z., de quase 80 anos, convidou o jovem T. para publicarem um livro em colaboração.

Os animais parecem ser mais reflexivos do que os homens. Enquanto estes são, de regra, rancorosos e impacientes, os bichos passam horas seguidas imóveis e silenciosos, entregues ao que, neles, é expectativa, pensamento ou tédio de existir.

A nossa vida é, na verdade, a história do dinheiro que conseguimos ganhar. Ou talvez a história de nossas dívidas.

A invectiva é a arma dos jovens, o aplauso é a abjeção dos velhos.

Na loja de curiosidades, a coruja empalhada, condenada a mirar um dia póstumo.

Para as corujas, como para os poetas e visionários, a noite é o verdadeiro dia.

Sou o pássaro predatório que nenhum espantalho assusta.

Minha pressa é a do sol.

As esculturas secretas do amor.

No cemitério de sucatas, freme uma ordem profunda, como a das galáxias. Mesmo o rebotalho, amontoado ao acaso, guarda a esperança da redenção da forma e do regresso à composição.

Ferrugem: o novo envoltório da forma que o tempo ofende.

Um estilo desnatado como o leite que bebo e me nutre — a isto almejo, com a primeira refeição da manhã.

Atravesso o arco-íris enquanto os meus semelhantes atravessam viadutos.

Na viagem da vida, não perdemos apenas os nossos dentes e cabelos. Também os nossos incontáveis e sucessivos eus vão caindo como penas.

Poeta, sou um profissional. Mas, para proteger o meu ofício, finjo-me de amador. Para mim, a criação artística é um trabalho, do qual decorre um resultado. Assim, desejo que, em meu poema, um ponto-e-vírgula tenha mais importância estética de que toda a obra completa de outro passante literário.

A grandiloqüência e a ênfase são como as caixas vazias. Abertas, dentro delas nada se encontra.

Numa conversa, uso o verbo comer em sua velha acepção de julgar ou presumir. Isto me faz lembrar que, há coisa de uns quinze anos, tendo encontrado certa escritora numa festa, lhe manifestei a minha surpresa, pois um jornal noticiara sua viagem à Europa:

— Você por aqui? Eu a comia em Paris.

E, diante do seu desagrado, não pude deixar de reconhecer que, na *literary gang*, minha solidão também é semântica, já que a quase totalidade dos meus confrades (e confreiras) só conhece a nossa língua de vista e chapéu.

Começamos escrevendo poemas. No fim, são os poemas que nos escrevem.

A poesia se faz com sílabas.

As escadas e corredores daquele palácio velho, que tantas vezes percorri durante a infância, tinham a dignidade de um labirinto.

Como descobrir o desenho secreto de minha vida? Para mim, ela tem sempre o ar de um esboço ou rascunho. Sinto que estou vivendo uma vida inacabada, um sonho que se repete toda vez que o sol nasce.

O estilo deve ter a beleza das mulheres nuas — ser dotado de dons naturais.

Toda arte, por mais apurada que seja, deve nutrir-se do elemento primário e vital que testemunha a sua procedência e a envolve com a sua espessura.

As estacas, roídas pelo mar, dos trapiches de minha infância sustentam o meu universo poético.

O infinito, essa ficção do homem, e que o espanta.

Céu constelado — o universo *também* tem a sua linguagem.

...e a noite nasce, poliédrica.

Na noite de autógrafos, a leitora bela e envolvente que jamais tornarei a ver reclama a significação da raposa que atravessa o meu romance. Confio-lhe o segredo:

— A raposa é o símbolo do que temos de mais valioso: o amor, a inocência, a liberdade.

Mas esta é a minha explicação, tão válida como qualquer outra engendrada pelo leitor atento ou erradio, pois qualquer um tem o direito de colher, na leitura, o fruto que procura ou deseja.

Junto ao mar, os olhos fixos na água luminosa ofendida pelos detritos, os ouvidos atentos ao vento multiplicado, as evasões me saciam.

A perfeição de teus seios nus.

Sou um esteta porque nunca li tratados de estética.

Reflito sobre a obra de arte como uma forma sempre mutável, que se renova e se transforma ao sabor dos tempos e gerações, reinventada e reinterpretada pelos leitores sucessivos, que nela encontram respostas para as suas perguntas, ou a revalorizam exatamente pela sua capacidade de não responder às suas interrogações e perplexidades.

É uma ilusão pensarmos na estabilidade de nossos poemas e romances. Se eles não possuírem uma capacidade de mudança e ajustamento, não serão aproveitados pelas clientelas futuras.

Há, dentro de mim, um poeta ou escritor clandestino, que se recusa a dizer o seu verdadeiro nome e procura passar des-

percebido. Uma parte de mim não quer ser notada pelos contemporâneos e, talvez, deseja ser uma reserva para a posteridade.

Não sou contra as bruxas — mas, também, não sou contra as fogueiras.

Aquele *outro homem* que o homem traz em si — como essa criatura secreta, esse ser misterioso e às vezes degradante — tem o dom de fascinar a minha imaginação (e eu mentiria se escondesse a minha simpatia de criador por ele). Lembro-me de X., um alto funcionário, bem instalado na vida, cercado pelo respeito social. Era uma figura comedida e cortês, quase silenciosa na rotina de sua vida aparentemente sem mistério. Um dia ele desaparece: abandona a respeitabilidade, o conforto da vida familiar e burguesa e, quase sessentão, foge com uma moça de vinte e poucos anos, deixando à mulher e aos filhos a mancha irreparável de um grande desfalque, que aliás provoca uma ação policial.

Não sei se a polícia o encontrou e se ele, sozinho e humilhado, voltou ao redil social e familiar, para carregar, pelo resto da vida, a decepção e vergonha de sua derrota ou catástrofe. Mas, como poeta e romancista, espero que ele tenha desaparecido para sempre, além de fronteiras que aprisionam os homens à detestável burocracia da vida; e que, dissolvido nas sombras do mundo, se tenha reencontrado a si mesmo, através do amor ou da miséria inevitável ao amor.

Os que sonham fugir, que fujam. Rompam as suas grilhetas os que se julgam acorrentados. Imagino X. em sua segunda vida: numa outra terra, e com um outro nome, ele encontrou ao mesmo tempo a pátria radiosa e a identidade perfeita.

Cópula é vivência.

É domingo. A urtiga
arde no campo azul.
A lebre salta a sebe
que esconde o caçador.

A lebre mais veloz
que o tempo vence a morte
e corre no horizonte
branca entre nuvens brancas.

Em certos dias, sentimo-nos de tal modo fatigados e insatisfeitos com a nossa condição terrestre que só o Paraíso poderia saciar a nossa sede de eternidade e absoluto.

Há certas mulheres que têm um *cheiro espiritual* de esperma.

Ninguém simboliza nada.

Eu mesmo ilumino o meu caminho, segurando a lanterna que me guia.

No rosto bem-amado, surgem rugas, os primeiros rabiscos dessa detestável caricaturista chamada Morte.

Uma Babel da Inteligência: cada artista fala e escreve a sua própria língua, cria sob normas estritamente pessoais.

XLIV

O BACHAREL FLORIANO IVO

Meu pai nunca teve um cargo público, nem jamais o desejou. Viveu dos salários de empregado no comércio e guarda-livros, e depois dos ganhos na advocacia. Por isso, jamais conhecemos as aflições e temores dominantes nas famílias que dependiam do serviço público — com os seus vencimentos quase sempre pagos com atraso, na província de burras deficitárias — e dos caprichos de uma política sujeita às injustiças e perseguições. A sucessão de interventores e governadores e as mudanças de autoridades não nos afetavam. Mesmo quando, já advogado de grande conceito regional, meu pai se tornou um dos expoentes da terra de sua eleição, continuou à margem das pequenas ou grandes agitações e intrigas provincianas. Talvez jamais tenha pisado os pés no Palácio do Governo. E só um episódio palaciano o envolveu. Certa ocasião, sua atividade de advogado feriu os interesses de um dos poderosos locais, latifundiário e membro eminente do Sindicato da Morte, o qual, vendo-se contrariado pela Justiça, começou a propalar que os dias do bacharel Floriano Ivo estavam contados, e ele já poderia ir fazendo as suas orações. A inconfidência chegou aos ouvidos do secretário do Interior. Era este um alagoano enérgico que, no Rio, se aprimorara em técnicas de combate ao crime; uma mudança de governo, nas Alagoas — ou *Alagóis*, como chamava o povo à terra gloriosa desde 1930 guiada de longe pelo general Góis Monteiro — o

devolveu ao berço nativo, com a missão estupenda de modernizar-lhe os costumes facinorosos. Ciente de um futuro assassinato, essa autoridade alumiada pelas luzes da metrópole mandou chamar o cidadão sangüinário e o advertiu: "O dr. Floriano Ivo é um homem de bem e pai de nove filhos. Se acontecer alguma coisa com ele, mando cortar-lhe a cabeça".

A punição anunciada não era de todo metafórica. O homicida deve ter sentido um frio que, da garganta, se lhe espalhou pela alma desaçucarada — e se o chamo assim, passando-o em julgado, é porque não desejo cometer a injustiça de desmerecer a sua sólida contribuição à obra de correção dos excessos demográficos das Alagoas.

O processo de urbanização, os núcleos industriais estrategicamente instalados em vários municípios, a expansão rodoviária, a civilização do automóvel, os poderes da polícia federal, a vigilância da imprensa, o rádio e a televisão, o fracionamento dos latifúndios improdutivos pela agroindústria açucareira foram, ao longo dos últimos vinte anos, diminuindo consideravelmente a ação sombria e impiedosa do Sindicato da Morte. Mas, nos dias de minha infância e adolescência, ele constituía uma organização de moldes semelhantes às máfias italianas, com o seu código de sangue, uma justiça acima da justiça e uma lei acima da lei. Não se sabia ao certo quem era o seu chefe ou presidente. Às vezes, nomes austeros ou intocáveis eram mencionados a medo. Sua atuação se fazia da maneira mais vária e surpreendente, para não dizer estarrecedora. Como se tivesse uma intenção de exemplaridade, o Sindicato da Morte substituía a clássica emboscada que deixava uma cruz na beira da estrada pelo homicídio às escâncaras, nos bares e restaurantes de Maceió, em plena e movimentada rua do Comércio, ou no próprio recinto das repartições judiciárias e policiais. Júris absolviam estranhamente os criminosos, no caso meros executores, a serviço de mandantes ostensivos ou suspeitados. Quando o assassino não era descoberto e preso, dizia-se que fora mandado passar uma temporada em Goiás, e se assegurava haver um sinistro convênio entre esse estado e

Alagoas, que também condescendia em abrigar, nos engenhos e fazendas, e mesmo em Maceió, facínoras e jagunços procedentes do Planalto Central.

Mal dividida desde que, nos fins do século XVI, o fidalgo alemão Cristóvão Lins iniciou a sua colonização, fundando cinco engenhos, dois dos quais, o *Buenos Aires* e o *Escurial*, vieram até o nosso tempo, a minha terra natal respirava um clima de ameaças e vinditas. O modelo fundiário transplantado da Hispânia medieval fazia de cada sesmeiro um senhor de braço e cutelo que, longe da Coroa e perto dos governadores gerais e donatários, só sabia obedecer à sua própria consciência — e esta, quase sempre, era nenhuma. Alagoas, filha dos engenhos! Em torno das casas-grandes, das senzalas, das capelas, dos canaviais, e junto aos rios, lagoas e mar, foram surgindo as vilas e burgos de nossa antigüidade: Porto Calvo, Camaragibe, Porto de Pedras, São Luís de Quitunde, Pilar, Santa Luzia do Norte, Maceió, Alagoas, São Miguel dos Campos. Do coito danado do mando político com as ambições de maior riqueza geravam-se os monstros das tribulações sangüinárias. Em pleno século XX, usineiros e senhores de engenhos, fazendeiros e criadores de gado ainda presumiam ter, em suas terras e mesmo fora delas, o poder de vida e morte. Uma invasão de terras, uma moça fugida, uma ata eleitoral falsificada (mesmo quando todas as atas eleitorais eram rigorosamente falsas), uma sentença judiciária que os diminuísse perante seus apaniguados e a arraia-miúda — qualquer pretexto nutria a reação pasmosa. A impunidade dos poderosos contagiava desafeições e rancores isolados. Jovens médicos e advogados eram assassinados porque, com as suas clientelas, ameaçavam ou obscureciam certos colegas e concorrentes. Uma operação considerada malfeita, e da qual resultasse aleijão ou morte, era punida com o sacrifício do cirurgião.

A ameaça a meu pai acabou sendo esquecida, e ele continuou vivendo e trabalhando. Mesmo aos domingos permanecia horas inteiras em seu escritório. Um oficial de justiça costumava ponderar-lhe que o trabalho aos domingos não rende nem afasta da pobreza os seus praticantes, por atentar contra a santidade

do dia de descanso. E meu pai morreu pobre, embora vendo o seu velho sonho realizado: a filhotada estava toda crescida e mais da metade já se formara. Dias antes de morrer, no hospital, vestiu-se como se fosse sair. Ele era um sedentário. Nascido no agreste pernambucano, quando jovem fora levado pelo irmão mais velho, Vicente Ivo, para uma temporada em Belém do Pará, e estudou no Instituto Pais de Carvalho. A cidade equatorial, onde seu irmão se expandia como um grande comerciante, lhe deixou várias lembranças. Destas, a que mais estimava lembrar era a crise de impaludismo que quase o matou. Fixado em Maceió, jamais teve a curiosidade de conhecer o Rio de Janeiro. Talvez considerasse o Recife a verdadeira capital do Brasil. Sua viagem maior, após o casamento, foi à Bahia, de onde trouxera algumas imagens de santos, zelosamente apreciadas por minha mãe, que lhes atribuía qualidades milagrosas. Fora uma vez a Natal, para defender um cliente. Essa viagem lhe dera certa notoriedade entre os causídicos potiguares. Apesar de "advogado de fora", conseguira ganhar a questão; e o mais curioso é que o defensor da parte contrária, advogado ilustre no Rio Grande do Norte, também ostentava o sobrenome Ivo, e era decerto seu parente, pertencendo a um ramo da família que, de Pernambuco, se lançara mais ao norte.

Ferido irremediavelmente pela morte, meu pai pensou em viajar, partir. Mas já era tarde. Apenas o barco de Caronte estava à sua espera no cais de onde ele via os navios. O seu universo fora o centro de Maceió: os cartórios, as varas cíveis e comerciais, o Tribunal de Apelação, a porta do Bar Colombo, a livraria jurídica do dr. Cândido, a calçada da Sapataria Lages. Por isso, antes de formar-se viera morar perto das instituições de sua vida. A princípio, na rua do Massena; após a morte de Éber, numa espaçosa casa da rua Nova, de onde ouvíamos os silvos dos trens na estação terminal da Great Western e o fragor do mar perto. Pressionado por minha mãe para ter uma casa própria, não o seduziu nenhuma localização aprazível, no alto do Farol ou nos bairros que, entre coqueirais, já iam avançando pelas praias. Preferiu uma velha casa na rua da Boa Vista, a

poucos passos dos tabeliães e das casas de comércio. Só cheguei a conhecer essa veneranda habitação em minha primeira visita a Maceió, quando, já morando no Rio e casado, fui apresentar Lêda à família curiosa. Era uma casa comprida e funda, de quartos sem janelas e um sótão vasto. Logo que vinha o anoitecer, os morcegos começavam a voar pelos quartos e corredores.

Creio ter retratado esse pequeno e último universo paterno no poema "Os Morcegos", de *Finisterra*. Evidentemente, ele poderia ter adquirido, para os seus dias finais, uma residência cercada pela natureza, aberta à luz do sol e ao vento do mar. Mas, na verdade, as casas em que habitamos se assemelham a nós — isto no caso de dispormos de meios que nos permitam delimitar, na ordem do mundo, o território pessoal e familiar de nossas vidas. Talvez, morando numa praia ou no tabuleiro do sítio de nossa infância, meu pai não se sentisse seguro da existência dos cartórios, juizados e tribunais que eram a motivação de sua vida. As fachadas velhas nas ruas tortas e negociosas o tranqüilizavam; e, decerto, mesmo dormindo, os sonhos tinham o poder de mantê-lo caminhando entre elas.

Embora só advogasse nos ramos cível e comercial, o rumor das contendas criminais chegava com freqüência à sua mesa de trabalho, através de inventários e questões de terras. Com a ressalva de ser um advogado que nunca advogou, e por isso distanciado daquele mundo que empolgou meu pai, creio que não se fez ainda, entre nós, o elogio do advogado de província, batendo às portas da justiça em terras onde as armas e a violência são consideradas mais convincentes que as letras dos códigos, e o fragor dos tiros se eleva mais alto que a voz dos magistrados. Num elogio dessa natureza aos que sempre confiaram e seguem confiando no poder e na ação de uma Justiça verdadeiramente justa e de uma Lei que seja a razão e a medida do homem e da vida, haveria lugar para aquele advogado provinciano que, às vezes ladeado por um menino que lhe carregava a pasta gorda de processos, passava o dia percorrendo os cartórios, juizados e tribunais. Confiava sempre na Justiça e na Lei — e as causas perdidas não lhe diminuíam a confiança.

Quando meu pai morreu, o Tribunal de Contas de Alagoas fez questão de comprar a sua biblioteca, decerto uma das melhores do Nordeste, um tesouro reunido pelo seu fervor de aprender e servir e que, a um historiador de nossas instituições jurídicas, haveria de cumular de informações copiosas sobre a formação cultural de um advogado representativo das nossas províncias. Apesar do juízo disseminado de que o bom advogado é aquele que sabe ler os códigos, ele se cercava de um volumoso aparato teórico, resultante de encomendas aos livreiros do Rio e do Recife; e os milhares de volumes de suas estantes espantavam ou infundiam maior confiança aos clientes, muitos deles rústicos e ignorantes de que o mundo tivesse condições de gerar tanta sabedoria. Na leitura de um Lafayette, de um Clóvis Bevilacqua, de um Teixeira de Freitas, de um Carvalho Santos, de um dos dois Carvalho de Mendonça — J. X. ou M. L., — de um Pontes de Miranda, ou ainda de alguns grandes juristas estrangeiros, pois conhecia bem o francês e o inglês, meu pai encontrava as alegrias e satisfações que um de seus filhos teve a fortuna de achar nos livros produzidos pela imaginação criadora dos homens. Clóvis Bevilacqua foi o seu Machado de Assis — um texto jamais árido, e eternamente fresco e vivo como o do criador da loucura de Quincas Borba e da dissimulação de Capitu.

Pensando agora na sua biblioteca salva da dispersão e tornada serventia pública, volto-me para os livros de minha vida. Muitos deles, de tão antigos, parecem guardar em suas páginas cor de duna o barulho do mar alagoano ou a noite recifense, com o seu porto universal visitado por um turbilhão de constelações oscilantes. Outros evocam os meus primeiros tempos no Rio, as peregrinações pelos sebos da rua São José e até de uma misteriosa rua Clapp que hoje só existe num romance de José Geraldo Vieira. Minha temporada em Paris fez-me acumular a parte mais substancial. Não preciso mencionar nenhum dos nomes. O amor a um livro é como o amor a uma mulher — faz parte do segredo de nossas vidas, e dispensa proclama e publicação. E, como na história dos nossos amores, cada livro tem uma história, a de sua leitura, a de sua descoberta. Centenas dos

volumes ora ao meu alcance foram por mim adquiridos em lugares ilustres, nos cais sombreados de plátanos junto ao Sena, em Londres, Bruxelas, Roma, Madri e Lisboa, Nova Iorque e Chicago. Um deles me devolve sempre o anoitecer em Nova Orleans, e a tristeza dos negros caminhando no frio. Tal poeta sarcástico e contestatário, fui buscá-lo na própria fonte: City Lights Books, 261 Columbus Avenue, em San Francisco da Califórnia. E nele estará sempre a lembrança da cidade tumultuosa e garrida que desejei conhecer desde a infância. Outro livro recorda os dias de navio, na viagem à Ilha da Trindade, e ainda o instante exato em que, na madrugada rompida na solidão atlântica, meus olhos contemplaram as montanhas fantásticas do Brasil mais puro e distante; e, viajante tresnoitado, eu não sabia mais se estava cercado por atenciosos oficiais de Marinha que haviam tornado realidade um sonho de minha meninice ou por uma chusma de piratas decididos a desenterrar um tesouro.

Todas as ilhas — saiba o leitor mais céptico e desencantado — são ilhas do Tesouro. Cada uma delas tem o seu Stevenson secreto, o seu Defoe irrevelado. Mas voltemos à ilha de papel em que ora estou. Que geografia a acolherá, após a viagem que a todos nós leva a ilha nenhuma? Em minhas peregrinações pelos sebos e antiquários, tenho recolhido os destroços de muitos naufrágios. Guardo-os com o mesmo fervor com que conservo perto de mim as pedras esponjosas e esbranquiçadas trazidas da Ilha da Trindade, as conchas apanhadas na valeryana praia de Sète, o búzio em que ressoa o mar de minha infância, o pedaço de madeira de navio encontrado naquela praia da Nova Inglaterra pisada por Melville e Hawthorne, Emerson e Thoreau. Minha biblioteca é como um baú de pirata: transbordante de dobrões de ouro. Desejo que, após a minha partida para o *undiscovered country*, a enterrem num lugar seguro, só acessível àqueles que fazem da busca e da descoberta a razão de ser de suas vidas.

XLV

POR QUE DEUS FEZ A ETERNIDADE?

Inanidade das autobiografias: a linguagem do homem velho ou maduro falseia a memória, e à infância esvaída falta a experiência da linguagem.

Sonho: hieróglifo de um Egito pessoal.

Presença do pecado original no ofício das letras: o poeta sente a nostalgia do Paraíso Formal.

A realidade só tem um sonho: o de sonhar eternamente a sua condição de realidade.

No dia do Juízo Final, Deus perdoará os que escrevem mal — os que, na Terra, ofenderam a linguagem.

Estrelas! estrelas! A noite é um dia clandestino.

Dentro do amor, que é fome e labirinto,
freme o seio desnudo do Poema.
E o meu desejo cinge o inextinto
palor da alba mudada num fonema.

Num dos últimos meses de sua vida, Álvaro Lins me dizia que, de todos os meus versos, os que mais *insistiam* em sua

memória de crítico e leitor eram estes, do poema "A eternidade premeditada" (*Linguagem*):

Deus, por que fizeste a eternidade?
Por que nos obrigas a subir tantas escadas?

As gerações parricidas (isto é, as que assassinam os seus pais espirituais) são as únicas que devem merecer a simpatia do criador maduro e por isso mesmo céptico a respeito da capacidade de invenção dos jovens.

Os moços devem ser apreciados não pela sua quase sempre nula capacidade inventiva (uma vez que a invenção pressupõe um lastro cultural e uma tradição quase nunca ao alcance dos iniciantes), mas pela sua cega e instintiva capacidade de rebeldia.

A rebelião é, portanto, a *invenção* inata da juventude. Quase sempre, não conduz a nada. É um valor em si, que desaparece ou se transforma com a idade, ou que o século assimila. Contudo, os jovens que não se levantam contra os seus pais e mestres, e atravessam o umbral da vida submissos e aceitando as lições e doutrinas dos antecessores, dão da juventude uma idéia lívida e detestável.

Tenho horror dos jovens que plagiam os velhos e começam a vida varrendo as suas próprias ilusões.

Obrigado a ir, num domingo à tarde, à repartição de que era diretor, F. experimenta todo o terror e solidão da burocracia. As mesas, cadeiras, máquinas e rumas de papéis jazem na semiobscuridade. O calor é insuportável. Baratas correm pelo chão.

F. tem a sensação de que um imenso carimbo invisível ameaça colar-se às suas costas.

Guimarães Rosa usava lentes de aumento para se contemplar a si mesmo e a sua obra. José Lins do Rego, também míope, não conseguia enxergar bem a sua imagem de criador.

Alucinatória deambulação da fera na jaula: a porta, fechada, serviu apenas para a entrada. Não há saída.

A maioria dos biógrafos empenha-se em explicar a obra a partir da vida, quando o correto é exatamente o contrário: trata-se de explicar a vida a partir da obra.

Desconfio dos que não têm bom apetite. Poucos prazeres se equiparam, no mundo, aos chamados "prazeres da mesa".

Para o poeta, cada palavra é um porto de escala onde ele, como um navio, recebe certa carga e depois levanta âncora.

Inteligência, disfarce do instinto.

A vida humana é tão curta que nela mal cabe um encontro de amor.

Nossos pares — isto é, aqueles que são os mais diferentes de nós.

Como os pássaros graveteiros, construo os meus ninhos nos lugares mais insólitos. E embora eles pareçam suspensos no ar, estão seguros como as lâmpadas.

Serei um otimista? Os meus insucessos não me abatem nem me amarguram. Considero-os felicidades adiadas.

Neste mundo de acusados e perseguidos, eu desde já me proclamo inocente.

Não vivo a minha vida. Na realidade, a vida *me* vive. É algo que me acontece.

Aos cinqüenta anos, presumo já ter vivido o bastante para assistir a um acontecimento que, apesar de minha formação

artística, não deixa de surpreender-me. Quero referir-me à mudança de gostos nos jovens. Eles adoram outros ídolos, e desconhecem ou desprezam aqueles que iluminaram a minha adolescência e juventude. Quantos nomes novos saem de seus lábios que às vezes se abrem num sorriso de ironia ou galhofa! O curioso é que essa diferença, que os separa dos homens maduros ou experimentados, nasce da própria continuidade estética. Os abismos são filhos das montanhas.

Há poucos dias, a morte de um romancista famoso, que tanto estimei nos dias de colégio, entristeceu-me — era como se um pouco de minha adolescência estivesse sendo sepultada com ele. Uma voz juvenil e próxima veio consolar-me, sob a alegação de que o morto, um romancista comercial, voltado industriosamente para o sucesso, e sismograficamente atento aos menores caprichos dos leitores, não cumprira o seu dever fundamental de artista.

Nessa intolerância em estabelecer um único cânone de comportamento humano e estético freme toda a impiedade da juventude, que exige dos outros uma promessa que ela decerto não vai cumprir através da vida.

Consolo-me imaginando os jovens de hoje reunidos numa melancólica festa de sobreviventes, cada um deles agarrado ao osso de uma nostalgia ou ao fiapo de uma desilusão.

Esta idéia de que Deus mata os homens como se eles fossem moscas — visão poética, que encontro em Shakespeare — é mais completa do que muitas teologias e filosofias acumuladas. A teoria de um Deus indiferente, que ignora o nome de suas almas, ou mesmo de um Deus lúdico (que vê no homem um brinquedo ou divertimento) não me parece carente de sedução.

Por que Deus haveria de *ter respeito* pelos homens?, pergunto-me. E, em torno de mim, zunem moscas importunas.

O provérbio chinês me ensina: "Deixe sempre um pequeno lugar para o erro".

Quando comecei a escrever *Ninho de Cobras* (e o escrevi em poucos dias, num ritmo convulsivo, e como se os seus capítulos fossem coágulos de alguma realidade), eu me sentia transformado numa raposa que percorre, de madrugada, uma cidade endemoninhada — a Maceió de minha infância e adolescência — e nela encontra a morte.

Somos todos os nossos personagens. Somos até o assoprar do vento, o rangido na escada ferida pela maresia, o sinal semafórico que anuncia a chegada do navio e o gemido da prostituta que apodrece no hospital de indigentes.

Uma obra viva será aquela que transforma em autobiografia e confissão até as pedras da rua.

O mundo é uma palavra.

Aquela rosa vermelha no meu caminho matinal era uma gentileza de Deus.

O poeta não é um pássaro que voa no céu azul. É um mineiro, que o trabalho obriga a descer sempre às suas jazidas.

Nos corredores subterrâneos estão os meus tesouros. E como me custa trazê-los à luz do sol!

Nós, escritores, somos só talento (quando o temos) e vaidade (sempre).

A redescoberta do Demônio, nesta era nuclear, é uma das provas de que o mundo *ainda* pode ser salvo. No fim, o homem encontra o início, volta às suas origens, ao seu repertório fundamental.

C. não fumava nem jogava buraco. Achava os pequenos vícios indignos da baixeza humana.

De martírio em martírio até a notoriedade.

No Jardim Botânico. A putrefação das folhas já traz em si a garantia da radiosa ressurreição. E não foi por acaso que a flor amarela caiu aos meus pés, quando penetrei na alameda. No reino vegetal tudo é lei e harmonia.

Famílias espirituais na selva: os caçadores de tigres são lógicos e os caçadores de borboletas são mágicos.

O que me salva é a minha disponibilidade. Na verdade, não acredito em nada. Vivo de minha curiosidade, que quebra o automatismo de meus dias. As incontáveis e sucessivas matérias da existência me abastecem. Minha descrença ocupa todo o espaço do mundo e da vida: religião, política, filosofia, moral. Talvez creia apenas em algumas leis da Estética.

Embora possa parecer, à primeira vista ou na rotina da aparência, um apaixonado ou um impaciente, sou um céptico que jamais adere ao que o circunda. Minhas poucas certezas são descaminhos ou erros lavrados. Mas é possível que esta teoria pessoal, que ora levanto, seja uma invenção momentânea, um rasgo fictício. Creio em tudo: nas religiões, nas políticas, nas mitologias espatifadas, nas cosmologias que guardam o segredo e o mistério das leis que regem desde os sistemas solares às aliterações do poema. Imperplexo, sou todo crença, fervor, paixão. E, quanto mais sou, mais me ignoro — de tal modo que só consigo ver-me através dos outros, e das versões que cada um me traz a meu respeito, embora sejam tantas e colisivas.

Leio, num bibliófilo, que todo o papel em que é impressa a literatura brasileira contemporânea apodrecerá dentro de alguns decênios. Os livros desaparecerão, como os autores, convertidos em pó e inexistência. Estou escrevendo n'água — observo sem melancolia.

A morte é o único embaraço à felicidade dos homens.

Um bom crítico não é obrigado a ser justo — e, sim, a ser inteligente.

Homero ensinou a Camões a beber no mar a água das tempestades.

Sou um poeta: as palavras me obedecem.

As mais belas dálias do mundo florescem em meu jardim. Não mereço tanto.

Em Ninho de Cobras, encontro um verso que o poeta Lêdo Ivo invejaria:

O tumulto das ondas hesitantes.

Meu universo é o do Mal. Como escritor, preciso observar a baixeza humana para *realizar-me.*

Um poeta está mais perto de um teólogo do que de um engenheiro.

Prece e cópula — cada vez me interesso mais pelos que rezam e pelos que fornicam. Esses extremos se tocam — e me tocam.

Para Giraudoux, os animais entraram na arca de Noé por ordem alfabética.

Mesmo que Deus não exista, nada é permitido.

Os que imitam servilmente os clássicos, presumindo que assim se tornarão eles mesmos clássicos, copiam apenas a roupagem, a forma exterior ou aparente que oculta a forma verdadeira. E, exatamente porque imitam o aparato ou o envoltório, não conseguem captar a forma profunda que, pela sua constante novidade, é inimitável.

O clássico é o sempre novo, esse novo que só os talentos inventivos, originais e contestatários têm condições de acrescentar à tradição artística. E, por sua vez, a tradição não é o velho ou vetusto, o monumento intocável, mas uma acumulação de originalidades assimiladas e institucionalizadas.

A morte, essa catástrofe pessoal.

Quando um crítico não é um artista literário (isto é, não exercita uma prosa dotada de dimensão estilística) na verdade nada é.

Do meu quarto no 13º andar do hotel, olho a grande cidade e seus arranha-céus. Manhã de sol. Desço o elevador. Embaixo, é noite. Subo novamente ao quarto e volto a contemplar a metrópole matinal, a passarela interminável dos humilhados e ofendidos.

O cheiro de fritura na rua arquiplena. O choque de duas bolas de bilhar, onde o tempo é espaço. O anúncio dilacerado na parede do edifício. Uma puta de sapatos brancos se oferece ao passante velho e atarefado. A fonte do jardim. A passagem do caminhão carregado de bebidas. Um rosto feminino a que uma operação plástica outorgou o ar entre inumano e burlesco dos saltimbancos. Tudo isto vejo e guardo, em apenas alguns minutos. E, dissolvendo-se em mim, o pequeno pecúlio do dia começa a mudar-se em forma e composição.

As leituras também fazem parte da nossa experiência vivida. Como os nossos amores e ódios, esperanças e sensações, elas são acontecimentos autobiográficos. O que lemos completa e nutre incessantemente a nossa realidade. Num artista legítimo, o lido e o vivido integram uma mesma estrutura criadora.

O inferno é o vazio absoluto. Como diz aquele abade, citado por Unamuno, "no hay nadie en él". Inferno, Terra de Ninguém!

Na curva do caminho, pergunto: cumpri a minha promessa? Falhei? Minha vida desviou-se de si mesma, do projeto sonhado ou desejado naquela hora matinal de chamamento invisível, curvou-se docilmente aos *enemies of Promise,* ou nas distorções, querelas e obstáculos acumulados encontrei a força para superá-los, e afirmar o que presumia ser a minha diferença ou originalidade? Se outra tivesse sido a dieta de minha vida, os frutos de minha criação poética teriam sido consideráveis?

Tudo em mim é interrogação. As minhas próprias respostas se interrogam a si mesmas, inquietas ou perplexas. A sombra daquela vida irrealizada ou sufocada avança entre os meus passos e os meus livros. Mas em breve a Noite descerá — e, ancorado no silêncio, como um navio, acenderei as minhas luzes entre as constelações.

XLVI

UM ABISMO FLORIDO E AZUL

Afinal de contas, que livro é este que, como uma cesta de papéis usada às avessas, se vai formando em minhas gavetas, construído de sobras e excrescências, divagações e transvagações, composto com o que não serve para os outros livros? Uma autobiografia espatifada, um diário íntimo, o romance de uma inteligência, o fragmento de um intelecto ou de um instinto, o livro de bordo do navio da vida, um poema em prosa alvejado pelas mutilações e interrupções incessantes e inevitáveis? Ou é o meu livro de razão — para usar aqui uma expressão mercantil — destinado à contabilidade de minha existência?

Tudo são perguntas, e eu mesmo me recuso, por uma questão de escrúpulo profissional e honestidade perante o leitor futuro e inevitável, a estabelecer as barreiras da veracidade de um texto que, em seu próprio drama vivencial, ignora ser prosa, poesia, ou proesia. Os poetas mentem, adverte Nietzsche. Estou mentindo? Estou falando a verdade? Mas que verdade? A verdade de minha mentira? Não sei em que sítio de meu espírito ou em que município de minhas palavras a realidade — ou os vários níveis de uma realidade variável e centopéica — se diferencia da patranha, ou com ela estabelece essa aliança tão comum entre os inimigos ideológicos.

Sempre acreditei que só sonhamos de dia, quando estamos acordados, entre o calor e a desolação, o cartaz e o labirinto. À

noite, quando dormimos, nossos sonhos são apenas repousos, logotipos, a água que sai pelos ladrões, as sobras das imagens e visões de nossa rotina diurna e tórrida.

Situado entre a mentira do dia e a querela da noite, não me sinto aventurado a definir o gênero de um artefato que me surge sob as tintas do agenérico, e dessa indefinição extrai sua força e razão de ser — a razão de sua desrazão — ou sua fraqueza.

O diapasão confessional ou memorialístico destas páginas me intimida, em vez de me aliviar. Às vezes, as palavras me levam pelas mãos (ou pelos pés) ao passado. Mas que passado? Que passado do passado, que areia de duna sempre escalada, que futuro interior, que mais que perfeito da conjugação imperfeita de minha vida? Compreendo então, em toda a sua fulgurância abissal, o grito de Rimbaud: *Je ne sais plus parler.* Não sei mais falar. As palavras mentem, são meretrizes que nos conduzem à rendição e ao silêncio, meteoros esfarelados a serviço da desordem da vida e do pensamento. As palavras são anônimas como os insetos.

Lembro-me daquele personagem de Thornton Wilder que fazia voto de silêncio. Não quero mais falar, não acredito mais no valor ou na confiabilidade das palavras.

Ariane, ma soeur! de quel amour blessée,
vous mourûtes aux bords où vous fûtes laissée?

As palavras são meras sonoridades, cheias de rumor e fúria, entoadas por um idiota.

La fille de Minos et de Pasiphaé

Mas enquanto reflito sobre a traição das palavras, que têm mil caras como os homens e caminham nos textos como as centopéias, lembro um colegial que, na Biblioteca Pública do Recife, experimentou de repente a vertigem de um abismo florido e azul. Era a descoberta de Rimbaud. Entretanto, no aqui e agora deste aqui e deste agora, que haverão de dissolver-se antes que se esvaia no ar o zumbido do jato, volto a pensar sobre a

inanidade das palavras. São, realmente, meretrizes, filhas da alegria. Rimbaud escreveu "Le Bateau Ivre" sem ter visto o mar, pilhando as palavras e imagens de Victor Hugo, rapinando Jules Verne, Figuier e *Le Journal des Voyages*. Com as palavras, um jovem turbulento que jamais contemplou o Ooceano pode proclamar ter visto arquipélagos siderais, e *les fientes d'oiseaux clabaudeurs aux yeux blonds*. A poesia é a mentira da vida.

Como confiar nas palavras, se elas se limitam a ser ou forjar uma realidade feita de palavras, um timbre acima do silêncio da vida, um universo exclusivamente verbal, e talvez nada reflitam, exprimam ou comuniquem a não ser elas próprias, suas sonoridades e significados de figuras luminosas ou glaciais, e as sonoridades de suas sonoridades e os significados de seus significados?

Les lions, de ma robe écartent l'indolence
Et regardent mes pieds qui calmeraient la mer.

Quando, em Paris, eu passava pela rue de Rome, compreendia o drama de Mallarmé que, exilado entre palavras e por elas alienado, em seu melancólico trajeto de professor de inglês pensava em jogar-se de uma ponte e ser estraçalhado por um trem.

Encerrado desde a infância numa jaula, abro uma porta de palavras para a evasão impossível.

XLVII

EVITO MATAR AS FORMIGAS

A noite branca dos maníacos, das prostitutas e dos invertidos, eis que a vejo, ao atravessar a cidade, num táxi, após uma viagem num jato que não me colocou perto das estrelas, e voava como se perfurasse um túnel abstrato.

Penso nos escritores e poetas que foram visitantes ou residentes da noite, e nela encontraram a abominação ou a morte, sob um luar de cal. Voltam à minha lembrança os primeiros tempos no Rio quando, trabalhando num jornal até horas tardias, eu avançava contra a noite como se fosse um viajante. As putas que vejo nas calçadas da Lapa e da Glória fazem-me regressar àquelas madrugadas dissolvidas. É como se o tempo não voasse, igual a um morcego latejante nos espaços desolados. O universo do desejo e do pecado o mantém imóvel, cego relógio sem ponteiros que marca, todavia, a hora imunda.

Ao chegar em casa, nutre-me a convicção de que a minha verdadeira viagem não foi a que me levou a passar uma semana em Brasília, entre aqueles *horribles hommes de lettres* que são os meus confrades. Foi a rápida travessia da noite, em que um mundo sórdido, cristalizado em sua fulguração, exibia aos meus olhos cansados os figurantes de uma peça interminável — aquela em que os atores, após esperar a noite com a maior ansiedade, saem de suas jaulas e, assumindo os seus papéis, são matéria de escândalo e piedade no palco escuro da vida.

Quando um confrade célebre, numa conversa, diz "de maneiras que", eu me crispo interiormente, como se tivesse recebido uma punhalada. Presumo que esse lado gramatical não pertence apenas à minha natureza artística ou estilística. Integra a minha natureza moral, que se sente ofendida pelos mais leves ou encontradiços deslizes do meio literário.

Desconfio que sou um *highbrow* cercado por uma legião de encarniçados *lowbrows*.

H. morre intranqüilo. Tem medo de não encontrar a sua bem-amada no dia do Juízo Final. Haverá tanta gente!

Andando pela trilha estreita, evito matar as formigas, minhas irmãs na comunidade universal. E uma voz me diz: "Só por isto serás salvo".

Nós, os homens, não passamos de *chiens écrasés* nas rodovias de Deus.

O sentimento da miséria humana que permeia a obra de Machado de Assis não procede de Pascal, Baudelaire ou Dostoievski. Suas raízes e afinidades estão, entre outros, em La Bruyère, La Rochefoucauld, Mérimée e Anatole France. Na leitura de *Les Caractères*, Machado de Assis se terá afeiçoado a uma certa visão do homem — com o seu cortejo de vaidades, dissimulações, ambições e interesses — que na verdade transplanta para a literatura brasileira o moralismo literário e filosófico da literatura francesa do século XVII, voltada para a análise das paixões. Em Anatole France o nosso clássico hauriu, decerto, a noção da indiferença dos deuses diante dos homens.

Em Pascal, Baudelaire e Dostoievski, freme a querela entre o homem e Deus. A criatura interroga, debate-se diante do mistério fundamental da existência, procura uma saída ou uma chave para a sua ignorância metafísica. Em Machado de Assis, como em seu mestre Anatole France, o homem ri de si mesmo e de seus semelhantes, exibe sarcasticamente uma sucessão de

chaves e saídas para acudir às perplexidades espirituais, e se nega a reconhecer um elo entre a sua condição humana e uma divindade habitualmente pluralizada, ou então encarnada na natureza e na cosmologia e simbolizada num Cruzeiro "assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens".

Para Machado de Assis, as religiões são meras invenções humanas — simples ficções geradas pelo homem em sua milenar travessia terrestre. Ou por que não considerá-las fruto da miséria humana, como o amor e o ódio, a inveja e a ambição? No leito de morte, Machado de Assis se recusa a atender ao apelo dos salvadores de almas alheias que queriam chamar um padre para vê-lo rendido e confessado, e reconciliado com a Igreja do sistema que ele retrata em suas ficções, e gagueja: "Seria uma hipocrisia".

Outros pontos de contato entre Machado e Anatole: a noção da obra literária como uma criação da forma, um objeto verbal; a pureza lingüística, reiterada na afeição pelos velhos clássicos; a compulsão para produzir pequenas obras-primas, ficções limitadas (contos, fábulas, apólogos, romances híbridos, de *forma livre)*, desprovidas da amplidão que caracteriza os gênios do romance como Balzac, Stendhal, Flaubert, Dostoievski, Zola, Dickens e Tolstoi (e entre nós seu antecessor, José de Alencar); a reflexão filosófica de teor pessimista ou zombeteiro; o sentimento da beleza do corpo feminino; a obsessão pela traição e adultério.

A descrição do corpo de Sofia, em *Quincas Borba*, dividindo sabiamente a mulher em busto, cintura e ancas, encontra poucos similares em nossa língua: "Rubião admirou-lhe ainda mais a figura, o busto bem talhado, estreito embaixo, largo em cima, emergindo as cadeiras amplas, como uma grande braçada de folhas sai de dentro de um vaso". Racionalista e antimístico, céptico e pessimista, Machado de Assis confirma nesse sumário, exato e apetitoso registro do encanto erótico de uma mulher o seu próprio reconhecimento de que "tudo são mistérios", e celebra a festa íntima e permanente daquele busto e daquelas cadeiras amplas que, inalcançáveis embora próximas, levaram o desventurado Rubião à loucura e à morte.

XLVIII

VOLTA A ANOITECER

Na rua do Ouvidor, identifico o sítio em que florescia, na década de 40, a Livraria José Olympio. É um banco: Mammon tomou o lugar de Ariel. À minha memória retorna, mais uma vez, o espetáculo perdido. Ao rapazinho vindo de uma província de seres escassos e às vezes façanhudos, como o impressionou a contínua festa de caracteres! Era uma variegada fauna literária, jornalística e política, que incluía desde os perus, passeando pomposamente entre os balcões dos livros e fingindo-se de pavões misteriosos, até os pequenos talentos dos marimbondos e abelhas sazonais que, no verão seguinte, estariam ancorados para sempre nas enseadas burocráticas que asseguram o ganha-pão obscuro às ambições silenciadas e nos subúrbios ferroviários que engolem os gênios impacientes.

Agora que o dia flui depressa, e não temos mais tempo para o tempo, evoco os dias longos, que tanto tardavam a devolver-me ao quarto de pensão em que os grandes livros seminais *(La Chartreuse de Parme, Les Illusions Perdues, Les Fleurs du Mal, Une Saison en Enfer)* me esperavam para a noite breve antes do sono. Curvo-me à evidência de que, de tanto rumor antigo, sobrou um silêncio largo e melancólico. Poucos foram os que se mantiveram fiéis — os que ficaram, segurando noite e dia o estandarte da solidão, e agora têm o direito de andar sozinhos na rua rumorosa. Aquele piauiense ou paraibano, que sonhava

reformar a poesia aborígine com a sua fanfarra épica, a vida — que escreve direito por linhas tortas — o converteu num magistrado austero, que condena com um rigor glacial os erros e negligências de seus estólidos semelhantes. O romancista e ensaísta florido e brilhante, que pontificava numa revista prestigiosa, e desestimava abertamente os talentos do Norte, também enveredou, solerte, pela trilha judiciária, transformado num advogado barrigudo e insigne, e talvez num jurista. O crítico comparado a Sainte-Beuve pelos seus colegas de turma também desapareceu num silêncio carregado de presságios afortunados, para ressurgir como economista, vendendo ou alugando as suas teorias (ou serão teorias alheias?) aos banqueiros e governantes. A jovem poetisa, que não trepidava em emprestar por um momento as suas graças núbeis aos confrades capazes de apregoá-la nos jornais e revistas, renunciou aos versos que celebravam os seus encantos mais recônditos, convertida numa gorda, grisalha, quase casta e atarefada dona-de-casa, medusada pelo burburinho dos supermercados. O talento indeterminado, que, dotado de todas as potencialidades intelectuais, vacilava entre o romance, a poesia e o estudo histórico (e como o seu nome era pronunciado com reverência pelas bocas então dispostas a pagar adiantados os ágios de um futuro fulgente!), é hoje um egrégio proctologista que, nos encontros com os antigos companheiros de livraria e botequim, não hesita em oferecer-lhes a sua ciência incômoda e certeira. E houve ainda os que morreram, deixando o romance inacabado, o soneto empacado na rima insólita e sem irmãs, o estudo carente de consultas nas bibliotecas.

Já estou longe da livraria perdida e reencontrada, do rebramir das ambições literárias. Meus passos erradios me depositaram numa calçada da Avenida. Vejo passar, quase irreconhecível a bordo de um galaxie, o jovem revolucionário de outrora que, numa vaga de uma pensão do Catete, cultuava Stalin, lia Marx e Engels em traduções escusas, e de quando em quando sumia de circulação — dizia-se que estava sendo procurado pela polícia política. A cada parada do austero bólido, ele fita, com o olhar taciturno dos viventes cumulados pelas

riquezas e por elas aguilhoados, a arraia-miúda comprimida nos pontos de ônibus; e, leitor contumaz de Gustavo Corção, que o intranqüiliza ao lhe pintar, todas as semanas, uma imagem aborrecida do mundo, não se sente protegido e seguro dentro do aquário ambulante que o passeia pelas ameaçadoras avenidas da vida. Os jornais afixados nas bancas relatam o discurso pronunciado no Congresso por aquele esteta pálido e de mãos suadas e escorregadias. Era um bicho-de-concha que sempre esbulhava os encontradiços de um cumprimento ou uma frase cordial. De repente, ganhou cores e desembaraço, tornou-se homem de agremiação e comício, sempre disposto a cortejar, com a palavra subalterna e os olhos arreganhados para a lágrima eventual, o vil populacho que ele tanto temia quando leitor de Flaubert e dos simbolistas franceses. Anos atrás, o incorrigível *bouquineur* que sou desde a infância comprou num sebo o naufrágio magnífico de suas fantasias e ambições de moço. E às vezes chego a considerar-me um pouco ele, já que mantenho e continuo suas predileções revogadas, releio anualmente *L'Éducation Sentimentale*, vou de longada pelas Rússias e Espanhas e Orientes na companhia estilística e visual de Théophile Gautier, vejo as ondas do mar que avançam, azuis e luminosas, e banham os pés da Hérodiade mallarmeana... Dir-se-ia que, quando morremos ou nos transformamos em vida, investidos de um novo eu, transmitimos aos outros o legado rejeitado. Alguém, no nevoeiro, recebe os sonhos que não queremos mais sonhar, ouve a palavra perdida, guarda o segredo esboroado, recolhe a carcaça do navio avariado que pede apenas a graça de um novo estaleiro para poder voltar, triunfante, ao mar que lhe foi sonegado.

Sou um sobrevivente, na passagem entre o dia e a noite. Onde estão as figuras de antigamente — em que estrelas, em que túmulos se esconderam? Gari implacável, a vida varre os sonhos dos homens e, na praça vazia, vagam os fantasmas dos fracassos dissimulados e dos gordos perjúrios. Sozinho na grande cidade que engole as promessas dos homens, vejo-me passar de repente no jovem poeta desconhecido que se atravessa no meu caminho. Deixo de ser eu mesmo para ser, por um

instante, o jovem poeta sem nome. Que ele seja fiel à sua promessa de agora, eis o que peço. Que ele seja uma dessas criaturas para as quais nada é perdido, segundo a lição de Henry James. Mas a quem dirigir esse pedido? Os deuses inexistentes não me ouvem. À vida cega e surda? Ao mar longínquo e mudo?

O jovem poeta Lêdo Ivo dilui-se na sombra da tarde.

E anoitece.

XLIX

TUDO SÃO CAMINHOS

Jovens poetas e prosadores me procuram ou me escrevem, pedindo-me conselhos e perturbando-me com os seus frêmitos de pássaros novos, ainda presos aos ninhos. Revejo-me nessas vozes ansiosas que acreditam em minha experiência, e torno a respirar os dias distantes em que buscava, no convívio e na orientação de algumas figuras prestigiosas, o caminho que na verdade só a mim sozinho competia descobrir, longe de quaisquer importunações, e que me conduziu até a esta fanfarra antes da poeira.

O caminho de cada um de nós é diferente — e aquele a quem procuramos, intimando-o com a interrogação decisiva, só pode indicar o seu próprio caminho. O que dizer a esses jovens desconhecidos e ardentes que, em seus versos canhestros e em suas prosas ainda estremunhadas, escondem o mistério de vidas ávidas e esperanças excessivas? Talvez o melhor conselho seja este: não perguntem nada a ninguém. Sejam como o turista que, perdido numa grande cidade, acerta por acaso, depois de incontáveis perambulações, o caminho do hotel. O que não encontramos, sozinhos, é indigno de nossa busca. Sejam diferentes. Façam da transgressão íntima um emblema, um valor pessoal, como esses colegiais relapsos que, desprezados e lamentados pelos seus colegas porque são os últimos da classe, guardam contudo em seus corações um tesouro invejável, uma riqueza que durará a vida inteira, algo irrestituível como o rumor da chuva caída na infância.

Que conselhos dar aos jovens poetas que, no simples ato de procurar-me e cumular-me com a honra desmedida de juiz de seus destinos, parecem reconhecer em mim a evidência de um caminho terminado e de um destino cumprido e, com os seus ares matinais, se tornam os emissários da minha tarde?

"Écartez tout système, écoutez votre vie profonde, vos secrets" — este conselho do Barrès glorioso ao jovem Mauriac estreante, e no qual vibra toda a sabedoria goetheana, é o mais belo que uma inteligência plena e amadurecida pode dar a um iniciante. Realmente, quem não escuta a sua vida profunda e os seus segredos, e se deixa agrilhoar pelas teorias e sistemas, nada é, artisticamente. A criação poética se inicia na fronteira misteriosa em que as teorias findam, e recomeça mais uma vez a batalha interminável entre o homem e a linguagem — essa colheita de amor e impostura, cólera e insolência, nostalgia e esplendor.

Que o jovem poeta, que ora me escreve, aprenda a interrogar-se a si mesmo — aprenda a errar hoje, para poder acertar amanhã. Dia virá em que, atento a um conselho agora escutado, ele haverá de ter saudades dos caminhos não seguidos, como os viajantes salteados pela nostalgia das paisagens que se esquivaram ao seu olhar curioso. Quando chegamos ao centro da vida — que é o centro de nós mesmos — e começamos a interrogar as nossas respostas e a fixar em nossa trajetória um olhar reflexivo, os conselhos recebidos sofrem uma nova avaliação. Então, responsabilizamos os conselheiros e mestres de antigamente pelos nossos desacertos e descaminhos. Verificamos que eles, quase sempre, não nos enxergavam, limitando-se a descer sobre nós um olhar generalizador, que escamoteava a nossa singularidade pessoal, como um etnólogo diante de uma tribo. Procuravam, esses guias instados, distribuir a torto e a direito o mesmo conselho, a mesma verdade absoluta, a medicina infalível e triunfante pronta a acalmar todas as febres, como se não fôssemos cada um diferente dos demais.

No meu caso pessoal, tive a fortuna de ser reconhecido imediatamente, quando de minha aparição. Entretanto, quando

uma conveniência editorial ou uma interpelação crítica me obrigam a remexer velhos e quase esfarinhados recortes de jornal, observo que muitas das vozes de aplausos não vinham desprovidas do empenho em evitar que eu trilhasse determinado caminho — e este era, precisamente, o caminho de minha singularidade, a estrada em que os meus passos certos haveriam de encontrar a confirmação de minha diversidade. Mais de um olhar experimentado e professoral não via com bom olho a flor que eu trazia na mão — preferia que esta viesse vazia, ou segurando aquela rosa conhecida de todos, e por todos aspirada.

Na década de 40, havia uma palavra tão habitual na boca dos críticos como a própria saliva: despojamento. Os jovens poetas eram intimados a despojar-se. A cidade das letras ameaçava não abrir as suas portas aos que ousassem entoar algum canto considerado excessivo. Quantos pavões, então, não se curvaram a essa imposição do terror literário, autodepenando-se e mudando-se em galinhas grotescas! Quantas fontes não se transformaram em torneiras homeopáticas!

Presumo ter o direito de proclamar que não me curvei às intimações e ditames dos rodapés e suplementos literários. Continuei seguindo o meu caminho, mesmo nos anos em que o simples ato de trilhar certa estrada constituía uma condenação ao silêncio, uma propiciação à zombaria e até o levantar-se, no costado de meu navio, de alguma vaga imunda.

Na comédia da vida, costumam ser aplaudidos os figurantes que se prestam a todos os papéis, a tudo aceitam e estimulam, apelintram-se para acolher todas as verdades e mentiras. A essas criaturas porosas como o barro, creio preferir aquelas que resistem em suas dúvidas como a pedra e o ferro. Isto significa que não entendo ser infinita a minha capacidade de aceitar e compreender, conviver e tolerar. Num mundo em que palavras como diálogo e compreensão vivem homiziadas nas comissuras de tantos lábios automáticos, não sou insensível às virtudes da incompreensão e desse caluniado monólogo que, dentro de nós, é o nosso diálogo íntimo de homem para homem. (E eu mentiria se não dissesse, aqui, a minha convicção de que há diálogos

impossíveis: entre o pobre e o rico, o fraco e o forte, o casto e o libertino, o crente e o ateu.)

Assim, na antologia de jovens poetas onde todos são desoladoramente iguais, até no plágio da imagem descabelada, procuro aquele que é desigual. Na fileira dos que tudo aceitam e compreendem, busco a mão pronta a levantar o estandarte da incompreensão ou de uma nova e radiosa insolência. No rebanho dos ortodoxos, meu olhar porfia em localizar o heterodoxo indesejável. Sei que se esconde sempre, no universo das rotinas e acertos, e fulge como uma estrela, a transgressão que redime — sinal semafórico que, na escuridão, está a serviço da vida e da esperança do homem.

L

TORNO A OUVIR O MARULHO DAS ÁGUAS NEGRAS

Somos as nossas imagens. Quem imagina um deserto, no dia irrestituível, se refugia em sua própria desolação. A planície se abre para quem deseja evadir-se, e perder-se no mundo como uma dessas formigas transviadas que a ambição desviou do carreiro. O marulho das águas negras de uma laguna, que eu ouvia durante a minha infância em Maceió, e tornei a escutar em Veneza, impõe em mim a dicção de um universo em que os elementos mais contrários reclamam adesão e conluio.

A presença de mundos apartados, de matérias situadas antes das partilhas, é como a respiração dos amantes após o amor: ainda enlaçados e aprofundados um no outro, e misturados em suas águas cúmplices, já se acham contudo afastados pela súbita supressão do êxtase. Na lama fétida da lagoa, escondem-se a água universal do oceano e a areia profanada pelos miasmas desagregadores. Na cronologia pulverizada em que sou, ao mesmo tempo, sumiço e aparição, o minuto que passa tem uma fervilhação de formigueiro aberto! e as imagens profundas mais uma vez disputam o reconhecimento solar de um dia ofuscante como o verão que ilumina os lagartos entre as pedras. O vento, passageiro como um deus, deixa intactos os ninhos.

As mangueiras que palpitavam sob as chuvas grossas das madrugadas antigas — quando o lençol do menino insone se

levantava como a brisa nas velas dos galeões pejados do ouro dos piratas — voltam a arfar na alameda mentirosa que franja meus sonhos devastados pelo martelar monótono das ondas. As estrelas mudam repentinamente de posição, como as luzes dos aviões na curva celeste que antecipa a proximidade do aeroporto. E eis-me de novo diante do dia, que é uma sucessão infindável de janelas abertas; e eis-me de novo diante da noite recendente aos laranjais em flor.

Mas todavia desabrimos a mão da massa confusa de seres e lembranças, sonhos e desconsolações, trabalhos e cóleras. E de todo o cadastro pessoal resta apenas, lumalha na escuridão, a imagem de um menino diante do Oceano, e que escuta, nas vagas e ventos acumulados ao redor do estaleiro apodrecido, a longa melodia da memória para sempre vitoriosa — essa música abafada, essa euforia das águas golfejantes e reunidas na foz do tempo, essa respiração do mundo que, importunando os vivos com a sua reiteração, já não tem prestígio sobre aqueles que, defuntos, estão além da desolação e da morte.

SOBRE O AUTOR

Lêdo Ivo nasceu em Maceió, Alagoas, em 1924. Fez a sua primeira formação literária no Recife e, em 1943, transferiu-se para o Rio, onde continuou a atividade jornalística iniciada na província. Formado pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, nunca advogou.

Estreou em 1944, com o livro de poemas As Imaginações. *No ano seguinte, publicou* Ode e Elegia, *distinguido com o Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras. Seguiram-se* Ode ao Crepúsculo, Acontecimento do Soneto, Cântico, Linguagem, Um Brasileiro em Paris, Magias, Estação Central, Finisterra *(Prêmio Jabuti, Prêmio Luísa Cláudio de Souza, do Pen Club, Prêmio Casimiro de Abreu, Prêmio de Poesia da Fundação Cultural do Distrito Federal),* O Soldado Raso, A Noite Misteriosa, Calabar, Mar Oceano, Curral de Peixe e O Rumor da Noite *(Prêmio Jabuti).*

Lêdo Ivo pratica também a ficção e o ensaio. Ao seu romance de estréia, As Alianças, *foi conferido o Prêmio Graça Aranha, e* Ninho de Cobras *conquistou o Prêmio Nacional Walmap. Os romances* O Caminho sem Aventura, O Sobrinho do General, A Morte do Brasil *e o livro de contos* Use a Passagem Subterrânea *completam a sua produção como ficcionista.*

Entre seus ensaios figuram Poesia Observada, O Universo Poético de Raul Pompéia, Teoria e Celebração, A Ética da Aventura *(Prêmio de Ensaio da Fundação Cultural do Distrito Federal) e* A República da Desilusão.

Ao seu livro A Cidade e os Dias *foi atribuído o Prêmio de Crônica da Academia Brasileira de Letras.*

Como memorialista, publicou Confissões de um Poeta, *que mereceu o Prêmio Memória da Fundação Cultural do Distrito Federal, e* O Aluno Relapso.

Na literatura inf nto-juvenil, publicou O Menino da Noite, O Canário Azul *e* O Rato da Sacristia.

Em 1982, foi distinguido com o Prêmio Mario de Andrade, conferido pela Academia Brasiliense de Letras ao seu conjunto de obra. Em 1986, recebeu o Prêmio Homenagem à Cultura, da Nestlé, por sua obra poética. Em 1990, foi eleito o Intelectual do Ano pela União Brasileira de Escritores (Troféu Juca Pato).

Antologias de sua obra poética têm sido publicadas na Holanda, Espanha, Itália, México, Estados Unidos, Peru, Venezuela e outros países. O romance Ninho de Cobras *foi traduzido para o inglês e o dinamarquês.*

Lêdo Ivo pertence à Academia Brasileira de Letras.

Este livro foi impresso em 2004
nas oficinas da ParkGraf Editora Ltda.
Rua General Rondon, 1500 (Térreo) - Petrópolis - RJ - Tel.: (24) 2249-2500

Em segundo lugar – e aqui, segundo cremos, é que estas *Confissões* alcançam o ápice de seu vôo reflexivo –, relevem-se a lucidez e a concisão encapsulada do pensamento aforismático do poeta, tal como o vemos nos *Cadernos de João*, de Aníbal Machado, do qual fazem parte o *ABC das catástrofes* e a *Topografia da insônia*. É nesses aforismos que o pensamento de Lêdo Ivo atinge sua extrema pulsação poética, quer pela instantaneidade da comunicação, quer pela concentração da linguagem metafórica. Tais fragmentos são como a cristalização verbal de um conceito, de uma idéia e, não raro, de uma aguda e fulgurante visão. São como "levíssimas" estrelas no firmamento da narrativa confessional, e que lhe conferem um ânimo e uma iluminação amiúde insólitos e de notável rentabilidade estilística. Os exemplos são incontáveis, e recorro aqui apenas a um para que o leitor me dê ouvidos: "Baile de máscaras. Quando todos resolveram tirar as máscaras, verificaram, com espanto, que os seus rostos haviam desaparecido".

As *Confissões de um poeta* são também – e acima de tudo – as confidências de um dos derradeiros e mais autênticos homens de letras da literatura brasileira, e esclareça-se logo que Lêdo Ivo não é apenas poeta, mas ainda ficcionista e ensaísta de méritos incontestáveis. Tudo nele respira a literatura e, mais do que isto, nele tudo sabe a leitura, aquela leitura que, iniciada na infância com as aventuras de piratas e tesouros escondidos de Emilio Salgari, se alimentou depois da dos clássicos em todas as línguas em que pôde o autor devorá-los e metabolizá-los. Assim, a grande lição de Lêdo Ivo é não apenas a de um fecundo escritor, mas sobretudo a do leitor faminto, opulento e insaciável que ele vem sendo ao longo de toda a sua existência. Em certo sentido, portanto, as *Confissões de um poeta* são, afinal, as desse leitor. Ou desse artista que cada vez sente mais que "é a minha obra que me cria".

Ivan Junqueira

Presidente da Academia Brasileira de Letras

Capa: *Adriana Moreno*
Na capa: *Rio do Zaire*, óleo sobre tela de Gonçalo Ivo, 1996, e fotos de Lêdo Ivo (acervo particular)
Na contracapa: o autor em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, 1987



Um dos três grandes da moderna poesia brasileira.
ÁLVARO LINS

O mais puro e o mais feiticeiro dos seus companheiros poetas.
ROGER BASTIDE

Louvo neste companheiro moço: sua imaginação, sua audácia, sua força de ataque, seu gosto pela violenta oposição do cotidiano ao sobrenatural. Ele traz a marca de fogo da vocação. Espero que um dia seja grande entre seus pares.
MURILO MENDES

Uma das mais puras melodias da nossa poesia moderna.
LÚCIO CARDOSO

Da minha geração, destaco Lêdo Ivo, que considero o maior de todos.
JOÃO CABRAL DE MELO NETO



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



TOPBOOKS



ISBN 85-7475-084-0